



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### 3.1. RELEVÂNCIA SOCIAL

A implantação do curso de História no Departamento de Ciências Humanas do *Campus VI* é o reflexo da demanda por profissionais com nível superior e qualificação em história para atuar em campos diversos, na cidade de Caetité e em municípios circunvizinhos, contribuindo diretamente nos processos sociais dos mesmos.

Desta forma, o curso tem demonstrado a sua importância para o Estado da Bahia, em especial para os municípios da região conhecida como Sertão Produtivo. Isso pode ser percebida, dentre outras formas, através da:

- Formação de profissionais para atuação com ensino de História nas escolas das redes públicas e privadas;
- Formação de profissionais para a atuação com pesquisa histórica, preservação do patrimônio histórico-cultural e memória junto a instituições como museus, centros de documentação, arquivos, entidades públicas e privadas, organizações da sociedade civil, associações, etc;
- Preparação dos discentes para seguir seus estudos em cursos de pós-graduação *lato e/ou strictu sensu*, bem como formação de quadros acadêmicos, técnico e docente que possam atuar no ensino superior;
- Atuação do corpo docente e discente com projetos de extensão que envolva a comunidade do Sertão Produtivo, contribuindo dessa maneira para democratizar o conhecimento produzido na universidade, bem como para estreitar as relações entre universidade e sociedade;
- Efetivação por parte do corpo docente e discente de eventos e cursos que contribuem para a formação continuada dos egressos do curso de História, e de profissionais de outras áreas de conhecimento.

O município de Caetité, juntamente com os municípios de Brumado, Caculé, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiu,



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, e Urandi, compõe o Território de Identidade Sertão Produtivo, composto por uma superfície total de 23.544,55 Km<sup>2</sup> e contando com uma população total de 439.455 habitantes (FAEB 2012).

Nesse contexto, com um território de 2.442,887 Km<sup>2</sup> e com uma população de 47.515 habitantes (IBGE 2010), destaca-se Caetité como um município caracterizado por ser um pólo da educação regional. Esse município, através da UNEB, vêm contribuindo na “formação” de profissionais capacitados para interferir positivamente na região, de modo a desenvolver, não somente os aspectos educacionais e suas demandas, mas, partindo deste, todos os demais setores que estão integrados ao cotidiano da comunidade da região.

O Sertão Produtivo, apesar de nos últimos anos apresentar sinais de melhora, ainda registra marcas de profundas desigualdades sociais. Essas desigualdades também se evidenciam quando analisamos o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal da Educação. A apreciação de tais índices reforça a necessidade do fortalecimento/continuidade das ações desenvolvidas pelo Colegiado de História do *Campus VI*, em Caetité e Região.

Na tentativa de contribuir para a melhoria do IDHM, entre o período de 2004 a 2013, foram elaborados e efetivados distintos projetos de ensino, pesquisa e extensão de autoria e supervisão dos docentes do Colegiado de História. Atualmente os professores do curso orientam e supervisionam três bolsistas de Iniciação Científica, dois bolsistas de extensão, três monitores de ensino e vinte bolsistas de iniciação à docência, além dos alunos que, voluntariamente, participam de projetos de pesquisa e extensão. A oferta de bolsas e monitorias remuneradas demonstra que, para além da preocupação com a integração do discente de História na produção e difusão do conhecimento, também existe a preocupação de criar mecanismos que viabilizem a permanência do aluno no curso.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

A presença dos professores formados em História, pelo DCH VI, no Sertão Produtivo, por ser uma região com um território extenso, permite a criação de uma nova cultura de pesquisa histórica, com bases na diversidade local e regional, com o firme propósito de promover a implantação de uma cultura científica nas Escolas da Educação Básica, bem como no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e nos segmentos da Educação de Jovens e Adultos, dentre outras modalidades. Essa postura permite romper com uma prática educacional que se preocupa, em demasia, com a transmissão de informações, sem relacioná-las com o contexto que os alunos estão inseridos, e demonstra, por sua vez, a preocupação de desenvolver os saberes necessários para a emancipação dos alunos e para a construção de uma prática de ensino alicerçada no respeito à diversidade.

Assim, a concepção de ensino e aprendizagem que orienta a práxis formadora do curso tem como perspectiva promover a compreensão, pelos graduandos das demandas sociais das comunidades que estarão inseridos enquanto sujeitos, capacitando-os para o entendimento do processo de construção/reconstrução do conhecimento. Nesse sentido, os componentes curriculares têm como princípio oferecer, aos educandos, a oportunidade de conhecer distintas concepções históricas, historiográficas e educacionais que, ao longo do tempo, vem orientando a práxis profissional do historiador. Dessa forma, a intenção é que o curso siga ampliando a sua atuação, evidenciando que o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, devem estar atreladas a construção de uma sociedade menos excludente.

Nos 30 anos de atuação na região, o Departamento de Ciências Humanas da UNEB tem cumprido seu papel social, oferecendo anualmente mais de duas centenas de vagas para o nível superior público e gratuito. Assim, essa instituição vem alcançando um de seus principais objetivos que é a interiorização e democratização do ensino superior na Bahia. Nesse processo, o Curso de Licenciatura em História tem se destacado como importante *lócus* da formação de profissionais para atuarem nos diferentes níveis da educação na região,



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetitê

Colegiado do Curso de História

contribuindo para a ampliação das possibilidades de transformação de seus quadros socioeconômicos, seja através da oferta de profissionais gabaritados para atuar no mercado, seja através da formação de cidadãos engajados na valorização e difusão do patrimônio histórico e cultural do Alto Sertão da Bahia.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.2. ATO DE AUTORIZAÇÃO**

As lutas empreendidas por diversos setores da sociedade, principalmente entre as décadas de 1970 e 1990, com o intuito de redemocratização das instituições brasileiras, foram responsáveis pelo fim do Curso de Estudo Sociais e o retorno, nas universidades, do Curso de História e Geografia. O Curso de Licenciatura em História, do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, também é fruto desse processo. Ele foi criado em 1992 e teve seu reconhecimento através do Decreto nº 7.406 de 13 de agosto de 1998 como pode ser constatado a seguir.

No ano de 2003, em função das Diretrizes Curriculares emanadas do Conselho Nacional de Educação, sobretudo as referentes aos cursos de formação de professores, a UNEB deu início a um processo de redimensionamento curricular, onde todos os cursos de licenciatura por ela oferecidos foram reformulados, originando novas matrizes curriculares e em alguns casos, novos cursos/habilitações. Nesse contexto, o Curso de Licenciatura em História assumiu uma nova configuração na sua organização curricular, cuja aprovação deu-se pelo CONSU através da Resolução nº 270/2004. O currículo anterior entrou em um processo gradativo de extinção e o novo currículo passou a ser oferecido regularmente a partir de 2004.1.

Após a implementação do currículo redimensionado, a PROGRAD, em atendimento aos Colegiados de Curso, propôs alterações no projeto de redimensionamento, o que foi aprovado pelo CONSU através da Resolução nº 339/2005, sem prejuízo da matriz curricular em que os alunos ingressantes em 2004 foram inseridos. Tais alterações eram referentes a pequenas correções no texto original, ao número de vagas e à modificação da nomenclatura dos eixos. Estes eixos eram denominados de eixos temáticos, a partir das alterações passaram a denominar-se eixos de conhecimento.

Para uma melhor visualização das informações acima descritas, apresenta-se o quadro a seguir.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## Quadro 7 - Demonstrativo dos currículos do curso

Curso	Ano de Implantação	Situação Legal	Alunos que dele fizeram/fazem parte	Observação
História	1991	Reconhecido Dec. Est. nº 7.406/1998	Ingressantes de 1992 a 2003	Currículo Extinto
	2004	Currículo redimensionado, aprovado pelo CONSU-Resolução 270/2004	Ingressantes a partir de 2004	Oferta regular em processo seletivo desde 2004. Objeto da renovação de reconhecimento pleiteado através deste projeto.
	2005	Currículo redimensionado com pequenas alterações, aprovado pelo CONSU-Resolução nº 339/2005	Ingressantes a partir de 2004	As alterações aprovadas não comprometeram os alunos que já se encontravam em curso.
	2013	Inclusão do componente curricular LIBRAS (Res. CONSEPE nº 1.583/2013) e Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a oferta da Língua Brasileira de Sinais - Libras	Ingressantes a partir de 2010	As alterações aprovadas não comprometeram os alunos que já se encontravam em curso.

Fonte: Colegiado do Curso de História – Campus VI



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

A seguir, apresenta-se o Decreto Estadual nº 7.406/1998, as Resoluções CONSU 270/2004, 339/2005 e Resolução CONSEPE nº 1.583/2013.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

**DIÁRIO OFICIAL**

República Federativa do Brasil • Estado da Bahia

**1**

Salvador • Sexta-feira  
14 de agosto de 1998  
Ano LXXXII • Nº 16.887

## ATOS DO PODER EXECUTIVO

### DECRETOS NUMERADOS

#### DECRETO Nº 7.406 DE 13 DE AGOSTO DE 1998

Reconhece o curso que indica, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto no inciso IV, do art. 10, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,

#### DECRETA

Art. 1º - Fica reconhecido o curso de Licenciatura Plena em História, no Departamento de Ciências Humanas dos Campus IV - Jacobina, V - Santo Antônio de Jesus e VI - Caetité, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na forma do Parecer CEE - 027/98, do Conselho Estadual de Educação, publicado no D.O.E. de 30 de julho de 1998.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, em 13 de agosto de 1998.

**CÉSAR BORGES**  
Governador

Pedro Henrique Lino de Souza  
Secretário de Governo

Edilson Souto Freire  
Secretário da Educação





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## RESOLUÇÃO nº 270/2004

Aprova e autoriza a implantação do redimensionamento do Currículo do Curso de Formação de Professores – Licenciatura Plena em **História** no âmbito dos **Campi** abaixo relacionados e dá outras providências:

- Campus II (DEDC) – Alagoinhas
- Campus IV – Jacobina
- Campus V – Santo Antônio de Jesus
- Campus VI – Caetité

A Presidente do Conselho Universitário – CONSU, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no uso de suas atribuições estatutárias, conferidas pelo art. 12, inciso VI do Regimento da UNEB, “ad referendum” do Conselho Pleno, considerando o constante no Processo nº 0603040041342,

Resolve:

Art. 1º - Aprovar e autorizar a implantação do redimensionamento do Currículo do Curso de Formação de Professores – Licenciatura Plena em **História**, nos **Campi II, IV, V e VI** de acordo com o disposto nos artigos 44, inciso II e 53 da Lei nº 9.394/96-LDBEN, combinado com o que estabelecem as demais normas pertinentes, em especial as Resoluções CP 01 e 02 do Conselho Nacional de Educação – CNE/2002, publicadas no DOU de 04.03.2002.

Art. 2º - Determinar que o redimensionamento de que trata o artigo precedente passe a vigorar a partir do semestre letivo 2004.1, de acordo com o que estabelece o art. 15 da Resolução CNE/CP 01, de 18 de fevereiro de 2002, publicada no DOU de 04.03.2002.

Parágrafo Único - A implantação Curricular obedecerá ao que consta do Projeto de Redimensionamento do Curso.

Art. 3º - Caberá aos respectivos Colegiados de Curso a fiel observância dos princípios norteadores do redimensionamento referenciado, ficando a Assessoria Técnica para Assuntos de Implantação e Reconhecimento de Cursos de Graduação – ASTEP e a Gerência de Desenvolvimento de Ensino – GERDE, da PROGRAD, responsáveis pela prestação de assessoria, assistência na implantação, acompanhamento permanente e controle do redimensionamento curricular.

Art. 4º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, com vigência dos seus efeitos a partir do semestre letivo 2004.1.

Gabinete da Presidência do CONSU, 31 de maio de 2004.

Ivete Alves do Sacramento  
Presidente do CONSU



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB**  
**CONSELHO UNIVERSITÁRIO - CONSU**

**RESOLUÇÃO Nº 339 /2005**

**Aprova as alterações curriculares do Curso de Licenciatura Plena em História autorizado pela Resolução nº 270/2004 no âmbito dos *Campi* que indica.**

**A PRESIDENTE DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO – CONSU** da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no uso de suas atribuições legais e estatutárias conferidas pelo art. 12, inciso VI do Estatuto da UNEB, *ad referendum* do Conselho Pleno, considerando o constante no Processo nº 0603040041342,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** - Aprovar as alterações curriculares do Curso de Licenciatura Plena em História implantado em 2004.1 no âmbito dos *Campi*: DEDC/*Campus* II, DCH/*Campus* IV, DCH/*Campus* V e DCH/*Campus* VI, apresentadas neste processo.

**Art. 2º** - Determinar que as alterações curriculares de que trata o artigo precedente passem a vigorar a partir do semestre letivo de 2005.1.

**Art. 3º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Gabinete da Presidência do CONSU, 28 de julho de 2005.

*Ivete Alves do Sacramento*  
Presidente do CONSU



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

# DIÁRIO OFICIAL

Salvador, Bahia · Quinta-feira  
21 de Fevereiro de 2013  
Ano · XCVII · Nº 21.071

Resolução n.º 1.583/2013  
Publicada no D.O.E. de 21-02-2013, p. 13

Regulamenta a oferta do Componente Curricular Libras nos cursos de Graduação da UNEB criada pela Resolução CONSEPE n.º 1233/2010 e dá outras providências.

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CONSEPE) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no uso de suas atribuições legais e estatutárias conferidas pelo artigo 15, inciso VII, combinado com o artigo 13 § 4º do Regimento Geral da UNEB, ad referendum da Plenária do Conselho, com fundamento na Lei n.º 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto n.º 5.626/2005, e, considerando o constante do Processo n.º. 0603130056373, após parecer favorável do relator designado, RESOLVE:

Art. 1º. Determinar que o Componente Curricular LIBRAS, de caráter obrigatório, com a carga horária mínima de 60 horas seja ofertado nos Cursos de Licenciatura e no Curso de Fonoaudiologia – Bacharelado da UNEB, para as turmas com ingresso a partir de 2010.1.

Art. 2º. Determinar que o Componente Curricular LIBRAS, de caráter obrigatório, opcional e/ou de livre escolha seja ofertado para os demais Cursos de Bacharelado da UNEB.

Art. 3º. Compete aos Colegiados dos Cursos procederem às providências necessárias com vistas à oferta do referido componente.

Art. 4º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Gabinete da Presidência do CONSEPE, 20 de fevereiro de 2013.

Lourivaldo Valentim da Silva  
Presidente do CONSEPE



### **3.3. BASE LEGAL**

O currículo do Curso de Licenciatura em História, do *Campus VI*, está referenciado na atual legislação educacional brasileira. Ele evidencia as mudanças ocorridas no âmbito jurídico-institucional, epistemológico e pedagógico do sistema de ensino superior e da área de conhecimento de História, no qual foi elaborado de acordo com a legislação abaixo especificada:

- Parecer CNE/CES nº 492/2001;
- Parecer CNE/CES nº 1.363/2001;
- Parecer CNE/CP 28/2001;
- Resolução CNE/CP nº 01 de 18.02.2002 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura de graduação plena;
- Resolução CNE/CP nº 02 de 19.02.2002 que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de Professores da Educação Básica em nível superior;
- Resolução CNE/CES nº 13 de 13 de março de 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de História.
- Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.
- Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.
- Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.
- Decreto nº 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000

O curso de Licenciatura em História é alicerçado em resoluções do Conselho Nacional de Educação e pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB – Lei nº 9394/1996), que estabeleceram as políticas curriculares para os cursos de licenciatura em História, sobretudo das leis que sugerem ou tornaram obrigatório



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetitê

Colegiado do Curso de História

o ensino de Libras, de História e de Cultura Afro-brasileira e Indígena na educação básica. A seguir apresentaremos alguns dos instrumentos legais que nortearam a organização e elaboração do presente projeto de reconhecimento de curso.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO

### RESOLUÇÃO CNE/CP 1, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2002.<sup>(1)</sup>

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

O Presidente do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto no Art. 9º, § 2º, alínea "c" da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e com fundamento nos Pareceres CNE/CP 9/2001 e 27/2001, peças indispensáveis do conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologados pelo Senhor Ministro da Educação em 17 de janeiro de 2002, resolve:

Art. 1º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, constituem-se de um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica.

Art. 2º A organização curricular de cada instituição observará, além do disposto nos artigos 12 e 13 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, outras formas de orientação inerentes à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para:

- I - o ensino visando à aprendizagem do aluno;
- II - o acolhimento e o trato da diversidade;
- III - o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
- IV - o aprimoramento em práticas investigativas;
- V - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
- VII - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

Art. 3º A formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica observará princípios norteadores desse preparo para o exercício profissional específico, que considerem:

- I - a competência como concepção nuclear na orientação do curso;
- II - a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor, tendo em vista:
  - a) a simetria invertida, onde o preparo do professor, por ocorrer em lugar similar àquele em que vai atuar, demanda consistência entre o que faz na formação e o que dele se espera;
  - b) a aprendizagem como processo de construção de conhecimentos, habilidades e valores em interação com a realidade e com os demais indivíduos, no qual são colocados em uso capacidades pessoais;
  - c) os conteúdos, como meio e suporte para a constituição das competências;

<sup>(1)</sup> CNE. Resolução CNE/CP 1/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 8.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

d) a avaliação como parte integrante do processo de formação, que possibilita o diagnóstico de lacunas e a aferição dos resultados alcançados, consideradas as competências a serem constituídas e a identificação das mudanças de percurso eventualmente necessárias.

III - a pesquisa, com foco no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que ensinar requer, tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento.

Art. 4º Na concepção, no desenvolvimento e na abrangência dos cursos de formação é fundamental que se busque:

I - considerar o conjunto das competências necessárias à atuação profissional;

II - adotar essas competências como norteadoras, tanto da proposta pedagógica, em especial do currículo e da avaliação, quanto da organização institucional e da gestão da escola de formação.

Art. 5º O projeto pedagógico de cada curso, considerado o artigo anterior, levará em conta que:

I - a formação deverá garantir a constituição das competências objetivadas na educação básica;

II - o desenvolvimento das competências exige que a formação contemple diferentes âmbitos do conhecimento profissional do professor;

III - a seleção dos conteúdos das áreas de ensino da educação básica deve orientar-se por ir além daquilo que os professores irão ensinar nas diferentes etapas da escolaridade;

IV - os conteúdos a serem ensinados na escolaridade básica devem ser tratados de modo articulado com suas didáticas específicas;

V - a avaliação deve ter como finalidade a orientação do trabalho dos formadores, a autonomia dos futuros professores em relação ao seu processo de aprendizagem e a qualificação dos profissionais com condições de iniciar a carreira.

Parágrafo único. A aprendizagem deverá ser orientada pelo princípio metodológico geral, que pode ser traduzido pela ação-reflexão-ação e que aponta a resolução de situações-problema como uma das estratégias didáticas privilegiadas.

Art. 6º Na construção do projeto pedagógico dos cursos de formação dos docentes, serão consideradas:

I - as competências referentes ao comprometimento com os valores inspiradores da sociedade democrática;

II - as competências referentes à compreensão do papel social da escola;

III - as competências referentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, aos seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar;

IV - as competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico;

V - as competências referentes ao conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica;

VI - as competências referentes ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional.

§ 1º O conjunto das competências enumeradas neste artigo não esgota tudo que uma escola de formação possa oferecer aos seus alunos, mas pontua demandas importantes oriundas da análise da atuação profissional e assenta-se na legislação vigente e nas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

§ 2º As referidas competências deverão ser contextualizadas e complementadas pelas competências específicas próprias de cada etapa e modalidade da educação básica e de cada área do conhecimento a ser contemplada na formação.

§ 3º A definição dos conhecimentos exigidos para a constituição de competências deverá, além da formação específica relacionada às diferentes etapas da educação básica, propiciar a inserção no debate contemporâneo mais amplo, envolvendo questões culturais, sociais, econômicas e o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a própria docência, contemplando:

I - cultura geral e profissional;

II - conhecimentos sobre crianças, adolescentes, jovens e adultos, aí incluídas as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais e as das comunidades indígenas;

III - conhecimento sobre dimensão cultural, social, política e econômica da educação;

IV - conteúdos das áreas de conhecimento que serão objeto de ensino;

V - conhecimento pedagógico;

VI - conhecimento advindo da experiência.

Art. 7º A organização institucional da formação dos professores, a serviço do desenvolvimento de competências, levará em conta que:

I - a formação deverá ser realizada em processo autônomo, em curso de licenciatura plena, numa estrutura com identidade própria;

II - será mantida, quando couber, estreita articulação com institutos, departamentos e cursos de áreas específicas;

III - as instituições constituirão direção e colegiados próprios, que formulem seus próprios projetos pedagógicos, articulem as unidades acadêmicas envolvidas e, a partir do projeto, tomem as decisões sobre organização institucional e sobre as questões administrativas no âmbito de suas competências;

IV - as instituições de formação trabalharão em interação sistemática com as escolas de educação básica, desenvolvendo projetos de formação compartilhados;

V - a organização institucional preverá a formação dos formadores, incluindo na sua jornada de trabalho tempo e espaço para as atividades coletivas dos docentes do curso, estudos e investigações sobre as questões referentes ao aprendizado dos professores em formação;

VI - as escolas de formação garantirão, com qualidade e quantidade, recursos pedagógicos como biblioteca, laboratórios, videoteca, entre outros, além de recursos de tecnologias da informação e da comunicação;

VII - serão adotadas iniciativas que garantam parcerias para a promoção de atividades culturais destinadas aos formadores e futuros professores;

VIII - nas instituições de ensino superior não detentoras de autonomia universitária serão criados Institutos Superiores de Educação, para congregar os cursos de formação de professores que ofereçam licenciaturas em curso Normal Superior para docência multidisciplinar na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental ou licenciaturas para docência nas etapas subsequentes da educação básica.

Art. 8º As competências profissionais a serem constituídas pelos professores em formação, de acordo com as presentes Diretrizes, devem ser a referência para todas as formas de avaliação dos cursos, sendo estas:





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

I - periódicas e sistemáticas, com procedimentos e processos diversificados, incluindo conteúdos trabalhados, modelo de organização, desempenho do quadro de formadores e qualidade da vinculação com escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, conforme o caso;

II - feitas por procedimentos internos e externos, que permitam a identificação das diferentes dimensões daquilo que for avaliado;

III - incidentes sobre processos e resultados.

Art. 9º A autorização de funcionamento e o reconhecimento de cursos de formação e o credenciamento da instituição decorrerão de avaliação externa realizada no *locus* institucional, por corpo de especialistas direta ou indiretamente ligados à formação ou ao exercício profissional de professores para a educação básica, tomando como referência as competências profissionais de que trata esta Resolução e as normas aplicáveis à matéria.

Art. 10. A seleção e o ordenamento dos conteúdos dos diferentes âmbitos de conhecimento que comporão a matriz curricular para a formação de professores, de que trata esta Resolução, serão de competência da instituição de ensino, sendo o seu planejamento o primeiro passo para a transposição didática, que visa a transformar os conteúdos selecionados em objeto de ensino dos futuros professores.

Art. 11. Os critérios de organização da matriz curricular, bem como a alocação de tempos e espaços curriculares se expressam em eixos em torno dos quais se articulam dimensões a serem contempladas, na forma a seguir indicada:

I - eixo articulador dos diferentes âmbitos de conhecimento profissional;

II - eixo articulador da interação e da comunicação, bem como do desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional;

III - eixo articulador entre disciplinaridade e interdisciplinaridade;

IV - eixo articulador da formação comum com a formação específica;

V - eixo articulador dos conhecimentos a serem ensinados e dos conhecimentos filosóficos, educacionais e pedagógicos que fundamentam a ação educativa;

VI - eixo articulador das dimensões teóricas e práticas.

Parágrafo único. Nas licenciaturas em educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental deverão preponderar os tempos dedicados à constituição de conhecimento sobre os objetos de ensino e nas demais licenciaturas o tempo dedicado às dimensões pedagógicas não será inferior à quinta parte da carga horária total.

Art. 12. Os cursos de formação de professores em nível superior terão a sua duração definida pelo Conselho Pleno, em parecer e resolução específica sobre sua carga horária.

§ 1º A prática, na matriz curricular, não poderá ficar reduzida a um espaço isolado, que a restrinja ao estágio, desarticulado do restante do curso.

§ 2º A prática deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor.

§ 3º No interior das áreas ou das disciplinas que constituírem os componentes curriculares de formação, e não apenas nas disciplinas pedagógicas, todas terão a sua dimensão prática.

Art. 13. Em tempo e espaço curricular específico, a coordenação da dimensão prática transcenderá o estágio e terá como finalidade promover a articulação das diferentes práticas, numa perspectiva interdisciplinar.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

§ 1º A prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema.

§ 2º A presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudo de casos.

§ 3º O estágio obrigatório, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitado o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ter início desde o primeiro ano e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio.

Art. 14. Nestas Diretrizes, é enfatizada a flexibilidade necessária, de modo que cada instituição formadora construa projetos inovadores e próprios, integrando os eixos articuladores nelas mencionados.

§ 1º A flexibilidade abrangerá as dimensões teóricas e práticas, de interdisciplinaridade, dos conhecimentos a serem ensinados, dos que fundamentam a ação pedagógica, da formação comum e específica, bem como dos diferentes âmbitos do conhecimento e da autonomia intelectual e profissional.

§ 2º Na definição da estrutura institucional e curricular do curso, caberá a concepção de um sistema de oferta de formação continuada, que propicie oportunidade de retorno planejado e sistemático dos professores às agências formadoras.

Art. 15. Os cursos de formação de professores para a educação básica que se encontrarem em funcionamento deverão se adaptar a esta Resolução, no prazo de dois anos.

§ 1º Nenhum novo curso será autorizado, a partir da vigência destas normas, sem que o seu projeto seja organizado nos termos das mesmas.

§ 2º Os projetos em tramitação deverão ser restituídos aos requerentes para a devida adequação.

Art. 16. O Ministério da Educação, em conformidade com § 1º Art. 8º da Lei 9.394, coordenará e articulará em regime de colaboração com o Conselho Nacional de Educação, o Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação, o Fórum Nacional de Conselhos Estaduais de Educação, a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação e representantes de Conselhos Municipais de Educação e das associações profissionais e científicas, a formulação de proposta de diretrizes para a organização de um sistema federativo de certificação de competência dos professores de educação básica.

Art. 17. As dúvidas eventualmente surgidas, quanto a estas disposições, serão dirimidas pelo Conselho Nacional de Educação, nos termos do Art. 90 da Lei 9.394.

Art. 18. O parecer e a resolução referentes à carga horária, previstos no Artigo 12 desta resolução, serão elaborados por comissão bicameral, a qual terá cinquenta dias de prazo para submeter suas propostas ao Conselho Pleno.

Art. 19. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ULYSSES DE OLIVEIRA PANISSET  
Presidente do Conselho Nacional de Educação



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

### CONSELHO PLENO

#### RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002.<sup>(\*)</sup>

Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

O Presidente do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto no Art. 7º § 1º, alínea “f”, da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, com fundamento no Art. 12 da Resolução CNE/CP 1/2002, e no Parecer CNE/CP 28/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 17 de janeiro de 2002, resolve:

Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;

II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;

III - 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural;

IV - 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

Parágrafo único. Os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas.

Art. 2º A duração da carga horária prevista no Art. 1º desta Resolução, obedecidos os 200 (duzentos) dias letivos/ano dispostos na LDB, será integralizada em, no mínimo, 3 (três) anos letivos.

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se o § 2º e o § 5º do Art. 6º, o § 2º do Art. 7º e o §2º do Art. 9º da Resolução CNE/CP 1/99.

ULYSSES DE OLIVEIRA PANISSET

Presidente do Conselho Nacional de Educação

<sup>(\*)</sup> CNE. Resolução CNE/CP 2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

PARECER CNE/CES 492/2001 - HOMOLOGADO

Despacho do Ministro em 04/7//2001, publicado no Diário Oficial da União de 09/7/2001, Seção 1, p. 50.



## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<b>INTERESSADO:</b> Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação		<b>UF:</b> DF
<b>ASSUNTO:</b> Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia		
<b>RELATOR(A):</b> Eunice Ribeiro Durham, Silke Weber e Vilma de Mendonça Figueiredo		
<b>PROCESSO(S) N.º(S):</b> 23001.000126/2001-69		
<b>PARECER N.º:</b> CNE/CES 492/2001	<b>COLEGIADO:</b> CES	<b>APROVADO EM:</b> 03/04/2001

### I – RELATÓRIO

Trata o presente de diversos processos acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia remetidas pela SESu/MEC para apreciação da CES/CNE.

A Comissão constituída pelas Conselheiras Eunice Ribeiro Durham, Vilma de Mendonça Figueiredo e Silke Weber analisou as propostas provindas da SESu referentes aos cursos mencionados e procedeu a algumas alterações com o objetivo de adequá-las ao Parecer 776/97 da Câmara de Educação Superior, respeitando, no entanto, o formato adotado pelas respectivas Comissões de Especialistas que as elaboraram. A Comissão retirou, apenas de cada uma das propostas, o item relativo à duração do curso, considerando o entendimento de que o mesmo não constitui propriamente uma diretriz e será objeto de uma Resolução específica da Câmara de Educação Superior, o que foi objeto do Parecer CNE/CES 583/2001.

### II – VOTO DO(A) RELATOR(A)

A Comissão recomenda a aprovação das propostas de diretrizes dos cursos mencionados na forma ora apresentada.

Brasília(DF), 03 de abril de 2001.

Conselheiro(a) Silke Weber – Relator(a)

Conselheiro(a) Eunice Ribeiro Durham

Conselheiro(a) Vilma de Mendonça Figueiredo

### III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova por unanimidade o voto do(a) Relator(a).

Sala das Sessões, em 03 de abril de 2001.

Conselheiro Arthur Roquete de Macedo – Presidente

Conselheiro Jose Carlos Almeida da Silva – Vice-Presidente



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## DIRETRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE HISTÓRIA

### Introdução

Este texto apresenta-se como proposta cuja finalidade é substituir o currículo mínimo dos cursos de Graduação em História, que fornecia os parâmetros básicos a sua organização curricular no contexto da antiga Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional.

Para os profissionais que integram a área de conhecimento da História, a substituição do currículo mínimo por instrumento diferente não é necessidade que decorra unicamente da aprovação de nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: ela se impunha, há já bastante tempo, pelas transformações ocorridas desde a década de 1960 na mencionada área de conhecimento, como configurada no Brasil. Com efeito, quando do estabelecimento do antigo currículo mínimo, na década de 1960, os cursos de Graduação em História apresentavam quase todos, neste país, baixo grau de profissionalização e uma presença muito limitada (quando não a simples ausência) de atividades de pesquisa desenvolvidas por docentes e, com maior razão, por estudantes. Os professores universitários trabalhavam em condições difíceis, marcadas quase sempre pela ausência do regime de dedicação exclusiva; inexistia um sistema de bolsas de pesquisa para docentes e discentes. A época inaugurada pela década seguinte, entretanto, em função de mudanças que se davam no seio da área de conhecimento e de transformações institucionais importantes - surgimento e expansão do regime de dedicação exclusiva, implantação progressiva de um sistema nacional de Pós-Graduação em História, aparecimento de um sistema consistente e permanente de bolsas de pesquisa para professores e alunos, mais tardiamente uma proliferação das revistas e outras publicações especializadas -, foi marcada por passos muito importantes no sentido da profissionalização dos historiadores e da consciência da necessária indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão na Universidade, ponto posteriormente transformado em preceito constitucional. Eis aí algumas das razões que explicam ter-se transformado o antigo currículo mínimo em instrumento arcaico, acanhado e em descompasso com os progressos do setor.

Outrossim, as mudanças foram ainda mais gerais, no campo da História e para os historiadores. Com efeito, nos anos que vão de 1968 a 1980 apareceram, em diferentes cronologias segundo os países (por exemplo já claramente em 1974 no caso da França, em 1980 nos Estados Unidos, bem mais tarde entre nós, pelo menos como consciência de rupturas radicais), questões que levavam à nova e mais complexa configuração do quadro em que se desenvolviam os estudos históricos. Se houve querelas epistemológicas e teóricas às vezes acirradas, o que mais interessa a nosso assunto é a formidável ampliação ocorrida nos objetos e enfoques disponíveis para os historiadores. Diante dela, o currículo mínimo passou a ser mais do que nunca uma camisa de força; e a solução não seria a simples inclusão de novas áreas de conhecimento histórico e disciplinas afins em sua lista, já que a mencionada ampliação foi de tal ordem que, de fato, impunha a introdução de escolhas: não seria possível, obviamente, tentar esgotar a totalidade do campo percebido para os estudos da História no âmbito de um curso de Graduação, cuja duração deve obedecer a limites de ordem prática e relativos aos custos aceitáveis na formação de especialistas.

A mesma ampliação se dava quanto às ocupações funcionais dos profissionais formados em História no Brasil. Se a tradicional dicotomia entre Bacharelado e Licenciatura parecia bastar no começo da década de 1960, ela parece cada vez mais limitada ou acanhada numa época como a nossa, quando, além das tradicionais destinações (ensino de primeiro e segundo grau, por um lado; ensino universitário ao qual se vinculava a pesquisa, por outro), pessoas formadas em História atuam, crescentemente (e a lista a seguir é seletiva, incompleta): em institutos de pesquisa que não desenvolvem atividades de ensino; realizando pesquisas ligadas a questões vinculadas ao patrimônio artístico e cultural, à cultura material (associação Arqueologia/História, atuação em museus) ou a serviço dos meios de comunicação de massa (imprensa, televisão etc.); funcionando em assessorias culturais e políticas também; trabalhando na constituição e gestão de bancos de dados, na organização de arquivos e em outras áreas de um modo geral ligadas à reunião e preservação da informação.

Note-se que a esta ampliação das áreas de atuação corresponde outra, relativa às linguagens cujo manejo pelos profissionais formados em História tornou-se corrente. Se a forma discursiva continua sendo o meio mais usual de expressão entre historiadores, o domínio de técnicas de análise semântica ou semiótica aplicadas a diferentes linguagens (textual, iconográfica, audiovisual etc.), a



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

possibilidade de elaborar vídeos e CD-ROMs ao lado dos textos tradicionais, em certos casos (como por exemplo em História Econômica e em Demografia Histórica) o manejo da estatística e de simulações complexas utilizando o computador, vieram a ser corriqueiros. Tornava-se cada vez mais urgente, portanto, um agendamento na formação de Graduação em História.

Observe-se que, com todas estas novidades e em especial com sua busca de contatos interdisciplinares e transdisciplinares em proporções nunca vistas, a História sempre manteve a sua especificidade como área do conhecimento. Especificidade esta que não tem a ver tanto com o objeto - em termos gerais, comum a todas as ciências humanas e sociais - mas, sim, com uma forma particular de lidar com as temporalidades e com a exigência de uma formação específica que habilite o profissional de História a um trabalho com variadas fontes documentais, respeitando em cada caso os parâmetros sociais e culturais de seu contexto de formação época a época.

Ao mesmo tempo, não é possível deixar de considerar a enorme diversidade, sob vários pontos de vista, das regiões do Brasil e, mais especificamente, nelas (ou mesmo no interior de cada região), dos programas de História existentes. Se nos limitarmos exclusivamente ao que é específico, uma grande diferença existe, por exemplo, entre os programas de História que oferecem exclusivamente formação na Graduação e aqueles - em número muito minoritário ainda - que possuem a Pós-Graduação stricto sensu.

De início, nos tempos pioneiros da expansão do ensino de Pós-Graduação, mais de um quarto de século atrás, notava-se certa hostilidade, muitas vezes não de todo aberta ou explícita, entre uma Pós-Graduação ainda e docentes ainda não titulados como doutores (e que portanto não desempenhavam tarefas de ensino e orientação na Pós-Graduação) cujo trabalho se desenvolvia numa Graduação eivada de problemas, a começar pela matrícula de alunos cada vez mais numerosos. Com o tempo, entretanto, bem como com os progressos consideráveis ocorridos na titulação dos profissionais e a ampliação das atividades de pesquisa mesmo entre os estudantes da Graduação, tendeu-se, pelo contrário, a uma crescente integração entre Graduação e Pós-Graduação nos programas de História: a qual, não achando, nas estruturas derivadas do antigo currículo mínimo de Graduação e da legislação específica (pensamos nas leis nacionais mas também nas regras de organização interna das universidades) relativa à Pós-Graduação, bases institucionais suficientes, buscou soluções diversas, a exemplo dos laboratórios que integravam docentes e discentes do programa na sua totalidade (Graduação e Pós-Graduação). Tais soluções tinham a desvantagem de uma falta de sanção suficiente às suas atividades: em muitos casos, as atividades dos laboratórios ou das outras formas pensadas para promover a integração Graduação/Pós-Graduação não podiam, por exemplo, ser computadas no regime de horas de trabalho semanais dos docentes, ou como créditos para os discentes. Aos poucos surgiram tentativas mais ambiciosas no sentido da integração - o programa PROIN/CAPES, por exemplo, tem resultado por vezes em práticas e produtos de grande interesse - mas sem dúvida é necessário que a própria organização curricular contribua para tal integração e a favoreça.

É preciso reconhecer, entretanto, que numerosos programas de História no país, além de não disporem ainda de uma pós-graduação stricto sensu, estão longe de estabelecê-la. Por mais que tais programas, por vezes, criem cursos de Pós-Graduação lato sensu de enorme interesse e da maior importância, por exemplo, na formação continuada dos profissionais que atuam no ensino fundamental e no ensino médio e nas necessárias atividades de extensão que inserem as instituições de ensino superior em suas respectivas regiões e contextos sociais, continua sendo verdadeiro que grandes diferenças constata-se segundo esteja ausente ou presente a formação pós-graduada stricto sensu num dado programa.

Razões diversas podem, também, levar alguns programas a reforçar setores que, em outras instituições de ensino superior, encontram-se muito menos desenvolvidos. Assim, a História da África Negra, por exemplo, que sem dúvida deveria estar mais presente entre nós, em alguns casos de fato está, enquanto em outros não conseguiu ainda estabelecer-se minimamente por falta de meios suficientes para tal. Setores como a História Antiga e Medieval, de difícil desenvolvimento devido à necessidade de aprendizagem de línguas ditas "mortas" ou da associação Arqueologia/História, assumem dimensões e importância relativamente grandes em alguns programas, em que abrem opções específicas para os alunos já na Graduação, mas não em outros, onde existem só minimamente.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Muitos programas de formação em História manifestam preocupação especial com a História Regional, por exemplo em áreas do país em que a produção de obras históricas a elas relativa é ainda pequena, sendo desejável reforçar desde a Graduação o interesse pelos assuntos regionais numa perspectiva histórica. Por razões que são extremamente variáveis, certas especialidades em História do Brasil estão muito mais presentes em alguns programas de Graduação (e Pós-Graduação) do que em outros. E estes são somente uns poucos exemplos tomados ao acaso.

Estes e outros fatores de diversidade, bem como a vontade de abrir escolhas flexíveis numa época em que o campo possível de atuação dos profissionais formados em história se ampliou muito, conduzem à necessidade de diretrizes curriculares bem mais abertas do que as do antigo currículo mínimo.

## Diretrizes Curriculares

### 1. Perfil dos Formandos

O graduado deverá estar capacitado ao exercício do trabalho de Historiador, em todas as suas dimensões, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção e difusão. Atendidas estas exigências básicas e conforme as possibilidades, necessidades e interesses das IES, com formação complementar e interdisciplinar, o profissional estará em condições de suprir demandas sociais específicas relativas ao seu campo de conhecimento (magistério em todos os graus, preservação do patrimônio, assessorias a entidades públicas e privadas nos setores culturais, artísticos, turísticos etc.

### 2. Competências e Habilidades

#### A) Gerais

- a. Dominar as diferentes concepções metodológicas que referenciam a construção de categorias para a investigação e a análise das relações sócio-históricas;
- b. Problematizar, nas múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço;
- c. Conhecer as informações básicas referentes às diferentes épocas históricas nas várias tradições civilizatórias assim como sua interrelação;
- d. Transitar pelas fronteiras entre a História e outras áreas do conhecimento;
- e. Desenvolver a pesquisa, a produção do conhecimento e sua difusão não só no âmbito acadêmico, mas também em instituições de ensino, museus, em órgãos de preservação de documentos e no desenvolvimento de políticas e projetos de gestão do patrimônio cultural.
- f. competência na utilização da informática.

#### B) Específicas para licenciatura

- a. Domínio dos conteúdos básicos que são objeto de ensino – aprendizagem no ensino fundamental e médio;
- b. domínio dos métodos e técnicas pedagógicos que permitem a transmissão do conhecimento para os diferentes níveis de ensino.

### 3. Estruturação dos Cursos

Os colegiados das instituições deverão estruturar seus cursos, programas, disciplinas, áreas, setores ou outras modalidades, de acordo com seus objetivos específicos, assegurada a plena formação do historiador. Deverão incluir no seu projeto pedagógico os critérios para o estabelecimento das disciplinas obrigatórias e optativas, das atividades acadêmicas do bacharelado e da licenciatura, e a sua forma de organização: modular, por crédito ou seriado.

O curso de licenciatura deverá ser orientado também pelas Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em cursos de nível superior.

### 4. Conteúdos Curriculares

Os conteúdos básicos e complementares da área de História se organizam em torno de:



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

1. Conteúdos histórico/históriográficos e práticas de pesquisa que, sob diferentes matizes e concepções teórico-metodológicas, definem e problematizam os grandes recortes espaço-temporais.

2. Conteúdos que permitam tratamento especializado e maior verticalidade na abordagem dos temas, resguardadas as especificidades de cada instituição e dos profissionais que nelas atuam. As instituições devem assegurar que o graduando possa realizar atividades acadêmicas optativas em áreas correlatas de modo a consolidar a interlocução com outras áreas de conhecimento.

3. Conteúdos complementares que forneçam instrumentação mínima, permitindo a diferenciação de profissionais da área, tais como: atividades pedagógicas, fundamentos de arquivologia, de museologia, gerenciamento de patrimônio histórico, necessariamente acompanhadas de estágio. No caso da licenciatura deverão ser incluídos os conteúdos definidos para a educação básica, as didáticas próprias de cada conteúdo e as pesquisas que as embasam.

### *5. Estágios e Atividades Complementares*

1. As atividades de prática de ensino deverão ser desenvolvidas no interior dos cursos de História, e sob sua responsabilidade, tendo em vista a necessidade de associar prática pedagógica e conteúdo de forma sistemática e permanente.

2. As atividades acadêmicas complementares (estágios, iniciação científica, projetos de extensão, seminários extra-classe, participação em eventos científicos) poderão ocorrer fora do ambiente escolar, em várias modalidades que deverão ser reconhecidas, supervisionadas e homologadas pelos Colegiados/Coordenações dos Cursos.

### *6. Conexão com a Avaliação Institucional*

Os cursos deverão criar seus próprios critérios para avaliação periódica, em consonância com os critérios definidos pela IES à qual pertencem.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## PARECER HOMOLOGADO(\*)

(\*) Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 29/1/2002



### MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<b>INTERESSADO:</b> Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação		<b>UF:</b> DF
<b>ASSUNTO:</b> Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.		
<b>RELATOR(A):</b> Silke Weber		
<b>PROCESSO(S) N.º(S):</b> 23001.000126/2001-69		
<b>PARECER N.º:</b> CNE/CES 1363/2001	<b>COLEGIADO:</b> CES	<b>APROVADO EM:</b> 12/12/2001

#### I – RELATÓRIO E VOTO DO(A) RELATOR(A)

Com objetivo de cumprir o disposto no Inciso III do Art. 18 do Regimento Interno do Conselho Nacional de Educação, que estabelece ser a Resolução ato decorrente de Parecer, destinado a estabelecer normas a serem observadas pelos sistemas de ensino, a Câmara de Educação Superior formulou projeto de Resolução específico para as Diretrizes Curriculares de cada um dos cursos de graduação a serem por elas regidas.

Brasília(DF), 12 de dezembro de 2001.

Conselheiro(a) Silke Weber – Relator(a)

#### III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova por unanimidade o voto do(a) Relator(a).

Sala das Sessões, em 12 de dezembro de 2001.

Conselheiro Arthur Roquete de Macedo – Presidente

Conselheiro José Carlos Almeida da Silva – Vice-Presidente



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

### RESOLUÇÃO CNE/CES 13, DE 13 DE MARÇO DE 2002.<sup>(\*)</sup>

Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de História.

O Presidente Câmara de Educação Superior, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e ainda o Parecer CNE/CES 492/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 9 de julho de 2001, e o Parecer CNE/CES 1.363/2001, homologado em 25 de janeiro de 2002, resolve:

Art. 1º As Diretrizes Curriculares para os cursos de História, integrantes dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001, deverão orientar a formulação do projeto pedagógico do referido curso.

Art. 2º O projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecido pelo curso de História deverá explicitar:

- a) o perfil dos formandos nas modalidades bacharelado e licenciatura;
- b) as competências e habilidades – gerais e específicas a serem desenvolvidas;
- c) as competências e habilidades específicas a serem desenvolvidas na licenciatura
- d) a estrutura do curso, bem como os critérios para o estabelecimento de disciplinas obrigatórias e optativas do bacharelado e da licenciatura;
- e) os conteúdos curriculares básicos e conteúdos complementares;
- f) o formato dos estágios;
- g) as características das atividades complementares;
- h) as formas de avaliação.

Art. 3º A carga horária do curso de História, bacharelado, deverá obedecer ao disposto em Resolução própria que normatiza a oferta de cursos de bacharelado e a carga horária da licenciatura deverá cumprir o determinado pela Resolução CNE/CP 2/2002, integrante do Parecer CNE/CP 28/2001.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ARTHUR ROQUETE DE MACEDO  
Presidente da Câmara de Educação Superior

<sup>(\*)</sup> CNE. Resolução CNE/CES 13/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 33.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Campus VI – Caetité  
Colegiado do Curso de História



**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.**

**Mensagem de veto**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

**"Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

**"Art. 79-A.** (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque*



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Campus VI – Caetité  
Colegiado do Curso de História



**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Fernando Haddad*



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Campus VI – Caetité  
Colegiado do Curso de História



**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.**

Regulamento

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO  
*Paulo Renato Souza*



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## **Presidência da República**

### **Casa Civil**

#### **Subchefia para Assuntos Jurídicos**

#### **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.**

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000,

#### **DECRETA:**

#### **CAPÍTULO I**

#### **DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

Art. 1º Este Decreto regulamenta a [Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002](#), e o [art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000](#).

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

#### **CAPÍTULO II**

#### **DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR**

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

#### **CAPÍTULO III**

#### **DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS**

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no **caput**.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis:

I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação;

II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação;

III - professor ouvinte bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação.

§ 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras.

§ 2º A partir de um ano da publicação deste Decreto, os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior devem incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério.

Art. 8º O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua.

§ 1º O exame de proficiência em Libras deve ser promovido, anualmente, pelo Ministério da Educação e instituições de educação superior por ele credenciadas para essa finalidade.

§ 2º A certificação de proficiência em Libras habilitará o instrutor ou o professor para a função docente.

§ 3º O exame de proficiência em Libras deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento em Libras, constituída por docentes surdos e lingüistas de instituições de educação superior.

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição;

II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição;

III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e

IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Parágrafo único. O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;

II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;

III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O tema sobre a modalidade escrita da língua portuguesa para surdos deve ser incluído como conteúdo nos cursos de Fonoaudiologia.

### CAPÍTULO IV

#### DO USO E DA DIFUSÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no **caput**, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para:

a) o ensino e uso da Libras;

b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e

c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

a) professor de Libras ou instrutor de Libras;

b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;

c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e

d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos;

IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;





## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

§ 2º O professor da educação básica, bilíngüe, aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, pode exercer a função de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, cuja função é distinta da função de professor docente.

§ 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Art. 15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I - atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior.

Art. 16. A modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade.

Parágrafo único. A definição de espaço para o desenvolvimento da modalidade oral da Língua Portuguesa e a definição dos profissionais de Fonoaudiologia para atuação com alunos da educação básica são de competência dos órgãos que possuam estas atribuições nas unidades federadas.

### CAPÍTULO V

#### DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, lingüistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o **caput** atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

### CAPÍTULO VI

#### DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade lingüística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtítuloção por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

### **CAPÍTULO VII**

#### **DA GARANTIA DO DIREITO À SAÚDE DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

Art. 25. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Sistema Único de Saúde - SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, na perspectiva da inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva em todas as esferas da vida social, devem garantir, prioritariamente aos alunos matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas, efetivando:

I - ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva;

II - tratamento clínico e atendimento especializado, respeitando as especificidades de cada caso;

III - realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação;

IV - seleção, adaptação e fornecimento de prótese auditiva ou aparelho de amplificação sonora, quando indicado;

V - acompanhamento médico e fonoaudiológico e terapia fonoaudiológica;

VI - atendimento em reabilitação por equipe multiprofissional;

VII - atendimento fonoaudiológico às crianças, adolescentes e jovens matriculados na educação básica, por meio de ações integradas com a área da educação, de acordo com as necessidades terapêuticas do aluno;

VIII - orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa;

IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação; e

X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

§ 1º O disposto neste artigo deve ser garantido também para os alunos surdos ou com deficiência auditiva não usuários da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal, do Distrito Federal e as empresas privadas que detêm autorização, concessão ou permissão de serviços públicos de



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

assistência à saúde buscarão implementar as medidas referidas no art. 3º da Lei nº 10.436, de 2002, como meio de assegurar, prioritariamente, aos alunos surdos ou com deficiência auditiva matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas.

### CAPÍTULO VIII

#### DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o [Decreto nº 5.296, de 2004](#).

§ 1º As instituições de que trata o **caput** devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, e as empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o tratamento diferenciado, previsto no **caput**.

Art. 27. No âmbito da administração pública federal, direta e indireta, bem como das empresas que detêm concessão e permissão de serviços públicos federais, os serviços prestados por servidores e empregados capacitados para utilizar a Libras e realizar a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa estão sujeitos a padrões de controle de atendimento e a avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, sob a coordenação da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, em conformidade com o [Decreto nº 3.507, de 13 de junho de 2000](#).

Parágrafo único. Caberá à administração pública no âmbito estadual, municipal e do Distrito Federal disciplinar, em regulamento próprio, os padrões de controle do atendimento e avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, referido no **caput**.

### CAPÍTULO IX DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 28. Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem incluir em seus orçamentos anuais e plurianuais dotações destinadas a viabilizar ações previstas neste Decreto, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 29. O Distrito Federal, os Estados e os Municípios, no âmbito de suas competências, definirão os instrumentos para a efetiva implantação e o controle do uso e difusão de Libras e de sua tradução e interpretação, referidos nos dispositivos deste Decreto.

Art. 30. Os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, direta e indireta, viabilizarão as ações previstas neste Decreto com dotações específicas em seus orçamentos anuais e plurianuais, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 31. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Fernando Haddad*



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.4. CONDIÇÕES OBJETIVAS DE OFERTA DO CURSO**

O Curso de História – Licenciatura é ofertado na modalidade de cursos de oferta contínua da UNEB, cujo acesso é possibilitado por meio de processo seletivo aberto ao público por vestibular ou categorias especiais de matrícula conforme estabelecido no Regimento Geral da UNEB e pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) gerenciado pelo MEC.

O Curso funciona em regime semestral de matrícula por componente curricular, com integralização em um tempo mínimo de 08 semestres e máximo de 14 semestres, sendo o seu período de funcionamento no turno noturno.

No ano de 2003, a UNEB implantou o Programa Permanente de Ações Afirmativas que define o sistema de cotas para a população afro-descendente e, posteriormente, para a população indígena, devidamente regulamentado pela Resolução do CONSU nº 468/2007. Por esta Resolução, as vagas para estas populações ficam assim distribuídas:

- 40% de vagas reservadas aos candidatos negros optantes;
- 5% de vagas reservadas aos candidatos indígenas optantes;
- 55% de vagas reservadas aos demais candidatos não optantes.

Com a implantação do SISU das 40 (quarenta) vagas ofertadas para o Curso, 10 (dez) são ofertadas para os estudantes que ingressam através deste sistema, conforme Resolução do CONSEPE nº 1.527/2012.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)**

**CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CONSEPE)**

**RESOLUÇÃO Nº. 1527/2012**

REPUBLICADA POR TER SAÍDO COM INCORREÇÕES

(Republicada no D.O.E. de 02-10-2012, p. 34)

**Aprova o Quadro Demonstrativo de Cursos/Vagas para o acesso aos Cursos de Graduação, na modalidade presencial, por meio do Processo Seletivo Vestibular e do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), para 2013, e dá outras providências.**

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (CONSEPE) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, ad referendum do Conselho Pleno, com fundamento no artigo 12, § 5º, combinado com o Artigo 14, incisos V e VI do Regimento Geral da UNEB e tendo em vista o que consta do Processo n.º 0603120230197, após parecer favorável do relator designado,

**RESOLVE:**

**Art. 1º.** Aprovar o Quadro Demonstrativo de Cursos/Vagas para o acesso aos Cursos de Graduação, na modalidade presencial, por meio do Processo Seletivo Vestibular e do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), para 2013, de acordo com o Anexo Único desta Resolução.

**Art. 2º.** Das vagas oferecidas por Curso, 40% (quarenta por cento) serão reservadas para candidatos negros oriundos única e exclusivamente de Escola Pública, nos termos das Resoluções CONSU n.º 468/2007, 710/2009 e 711/2009.

**Art. 3º.** Sobre o quantitativo de vagas ofertadas por cada curso, em ambos os processos seletivos, incidirá, nos termos da Resolução CONSU n.º 847/2011, um percentual de 5% de sobrevagas, que serão reservadas a candidatos indígenas oriundos única e exclusivamente de Escola Pública, com vinculação étnica comprovada e que atendam ao disposto nas Resoluções CONSU n.os 468/2007, 710/2009 e 711/2009.

**Parágrafo Único** – As sobrevagas a que se refere o caput deste artigo serão destinadas exclusivamente aos candidatos indígenas e aquelas eventualmente não preenchidas não poderão ser destinadas aos demais candidatos.

**Art. 4º.** Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Presidência do CONSEPE, 27 de setembro de 2012.

*Lourivaldo Valentim da Silva*  
Presidente do CONSEPE



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## ANEXO ÚNICO DA RESOLUÇÃO CONSEPE Nº 1527/2012

(Republicada no D.O.E. de 02-10-2012, p. 35 a 37)

### NÚMERO DE VAGAS POR MÓDULO E PROCESSO SELETIVO COM INGRESSO NO 1º E 2º SEMESTRES DE 2013

#### CAMPUS I – Salvador

Departamento de Ciências Humanas	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Ciências Contábeis	Matutino	45	5	50			
Ciências Contábeis	Noturno				45	5	50
Com. Social / Relações Públicas	Vespertino	45	5	50			
Administração	Matutino	45	5	50			
Administração	Noturno				45	5	50
Turismo e Hotelaria	Vespertino	45	5	50			
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	27	3	30			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Noturno	22	3	25			
Letras/Ling. Espanhola (Licenciatura)	Matutino				22	3	25
Direito	Matutino				45	5	50
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>229</b>	<b>26</b>	<b>255</b>	<b>157</b>	<b>18</b>	<b>175</b>
Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Matutino	44	6	50			
Pedagogia (Licenciatura)	Vespertino				44	6	50
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	44	6	50			
Pedagogia (Licenciatura) – Lauro de Freitas	Vespertino	44	6	50			
Psicologia	Diurno	44	6	50			
Ciências Sociais (Licenciatura)	Matutino	22	3	25			
Ciências Sociais (Bacharelado)	Matutino	22	3	25			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>220</b>	<b>30</b>	<b>250</b>	<b>44</b>	<b>6</b>	<b>50</b>
Departamento de Ciências Exatas e da Terra	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Design	Matutino	40		40			
Urbanismo	Diurno	40	10	50			
Sistemas de Informação	Matutino	40	10	50			
Química (Licenciatura)	Diurno	40	10	50			
Engenharia de Produção Civil	Vesp/Not	40	10	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>200</b>	<b>40</b>	<b>240</b>			
Departamento de Ciências da Vida	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Nutrição	Diurno	24	6	30			
Nutrição	Diurno				24	6	30
Enfermagem	Diurno	24	6	30			
Enfermagem	Diurno				24	6	30
Fonoaudiologia	Diurno	20	10	30			
Fonoaudiologia	Diurno				20	10	30
Fisioterapia	Diurno	24	6	30			
Fisioterapia	Diurno				24	6	30
Farmácia	Diurno	24	6	30			
Farmácia	Diurno				24	6	30
Medicina	Diurno	30		30			
Medicina	Diurno				30		30
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>146</b>	<b>34</b>	<b>180</b>	<b>146</b>	<b>34</b>	<b>180</b>



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CAMPUS II – ALAGOINHAS

Departamento de Ciências Exatas e da Terra	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Ciências Biológicas (Licenciatura)	Matutino	25	15	40			
Matemática (Licenciatura)	Matutino	25	15	40			
Sistemas de Informação	Matutino	30	10	40			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>80</b>	<b>40</b>	<b>120</b>			
Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	24	16	40			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Vespertino	18	12	30			
Letras/Ling. Francesa (Licenciatura)	Vespertino		30	30			
História (Licenciatura)	Noturno	20	20	40			
Educação Física (Licenciatura)	Matutino				40		40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>62</b>	<b>78</b>	<b>140</b>	<b>40</b>		<b>40</b>

## CAMPUS III – JUAZEIRO

Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Agronomia	Diurno	29	6	35			
Agronomia	Diurno				29	6	35
Direito	Vespertino	45	5	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>74</b>	<b>11</b>	<b>85</b>	<b>29</b>	<b>6</b>	<b>35</b>
Departamento de Ciências Humanas	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Vespertino	32	8	40			
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	32	8	40			
Comunicação Social/Jornalismo em Múltiplos Meios	Vespertino				32	8	40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>64</b>	<b>16</b>	<b>80</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>40</b>

## CAMPUS IV – JACOBINA

Departamento de Ciências Humanas	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	22	8	30			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Noturno	25		25			
História (Licenciatura)	Vesp/Not	30	10	40			
Geografia (Licenciatura)	Noturno	30	10	40			
Educação Física (Licenciatura)	Matutino	35	5	40			
Direito	Matutino				40		40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>142</b>	<b>33</b>	<b>175</b>	<b>40</b>		<b>40</b>

## CAMPUS V- SANTO ANTONIO DE JESUS

Departamento de Ciências Humanas	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	25	5	30			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Vespertino	25	5	30			
Letras/Ling. Espanhola (Licenciatura)	Noturno	20	5	25			
História (Licenciatura)	Vespertino	35	5	40			
Geografia (Licenciatura)	Matutino	35	5	40			
Administração	Noturno	44	6	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>184</b>	<b>31</b>	<b>215</b>			





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CAMPUS VI – CAETITÉ

Departamento de Ciências Humanas	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	20	10	30			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Noturno	15	10	25			
História (Licenciatura)	Noturno	30	10	40			
Geografia (Licenciatura)	Vespertino	30	10	40			
Matemática (Licenciatura)	Noturno	30	10	40			
Ciências Biológicas (Licenciatura)	Matutino	30	10	40			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>155</b>	<b>60</b>	<b>215</b>			

## CAMPUS VII – SENHOR DO BONFIM

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Matemática (Licenciatura)	Matutino	32	8	40			
Ciências Biológicas (Licenciatura)	Vespertino	24	6	30			
Pedagogia (Licenciatura)	Vespertino	40	10	50			
Ciências Contábeis	Noturno				40	10	50
Enfermagem	Diurno				24	6	30
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>96</b>	<b>24</b>	<b>120</b>	<b>64</b>	<b>16</b>	<b>80</b>

## CAMPUS VIII – PAULO AFONSO

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	40	10	50			
Matemática (Licenciatura)	Noturno	35	10	45			
Ciências Biológicas (Licenciatura)	Diurno	30	10	40			
Engenharia de Pesca	Vespertino	30	10	40			
Direito	Noturno				35	5	40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>135</b>	<b>40</b>	<b>175</b>	<b>35</b>	<b>5</b>	<b>40</b>

## CAMPUS IX – BARREIRAS

Departamento de Ciências Humanas	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Engenharia Agrônômica	Diurno	50		50			
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	25	25	50			
Ciências Contábeis	Noturno	50		50			
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	30	10	40			
Ciências Biológicas (Licenciatura)	Matutino	30	10	40			
Matemática (Licenciatura)	Matutino	20	20	40			
Pedagogia (Licenciatura)	Vespertino	25	25	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>230</b>	<b>90</b>	<b>320</b>			

## CAMPUS X – TEIXEIRA DE FREITAS

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	40	10	50			
História (Licenciatura)	Noturno	40	10	50			
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	20	10	30			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Matutino	15	10	25			
Ciências Biológicas (Licenciatura)	Vespertino	30	10	40			
Matemática (Licenciatura)	Noturno	30	10	40			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>175</b>	<b>60</b>	<b>235</b>			



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CAMPUS XI – SERRINHA

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Vespertino	40		40			
Pedagogia (Licenciatura)	Matutino				30	10	40
Administração	Noturno	45	5	50			
Geografia (Licenciatura)	Vespertino				32	8	40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>85</b>	<b>5</b>	<b>90</b>	<b>62</b>	<b>18</b>	<b>80</b>

## CAMPUS XII – GUANAMBI

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Matutino	33	7	40			
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	33	7	40			
Administração	Noturno	40	10	50			
Enfermagem	Diurno	20	10	30			
Educação Física (Licenciatura)	Diurno	40	10	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>166</b>	<b>44</b>	<b>210</b>			

## CAMPUS XIII – ITABERABA

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	45	5	50			
História (Licenciatura)	Vespertino				45	5	50
Ciências Contábeis	Noturno				50		50
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>45</b>	<b>5</b>	<b>50</b>	<b>95</b>	<b>5</b>	<b>100</b>

## CAMPUS XIV – CONCEIÇÃO DO COITÉ

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Comunicação Social/Radialismo	Matutino	24	16	40			
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	25	15	40			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Vespertino	20	5	25			
História (Licenciatura)	Vespertino				30	10	40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>69</b>	<b>36</b>	<b>105</b>	<b>30</b>	<b>10</b>	<b>40</b>

## CAMPUS XV – VALENÇA

Departamento de Educação	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	40	10	50			
Direito	Noturno				40	10	50
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>40</b>	<b>10</b>	<b>50</b>	<b>40</b>	<b>10</b>	<b>50</b>

## CAMPUS XVI – IRECE

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Noturno				35	5	40
Pedagogia (Licenciatura)	Matutino	35	5	40			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>35</b>	<b>5</b>	<b>40</b>	<b>35</b>	<b>5</b>	<b>40</b>



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CAMPUS XVII – BOM JESUS DA LAPA

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Pedagogia (Licenciatura)	Noturno	40	10	50			
Administração	Noturno				40	10	50
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>40</b>	<b>10</b>	<b>50</b>	<b>40</b>	<b>10</b>	<b>50</b>

## CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Noturno	30	10	40			
História (Licenciatura)	Matutino	30	20	50			
Turismo	Noturno	20	30	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>80</b>	<b>60</b>	<b>140</b>			

## CAMPUS XIX – CAMAÇARI

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Ciências Contábeis	Noturno	35	15	50			
Ciências Contábeis	Noturno				35	15	50
Ciências Contábeis - Lauro de Freitas	Matutino	35	15	50			
Direito	Matutino				40	10	50
Direito	Vespertino	40	10	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>110</b>	<b>40</b>	<b>150</b>	<b>75</b>	<b>25</b>	<b>100</b>

## CAMPUS XX – BRUMADO

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Noturno	30	10	40			
Direito	Vespertino	35	15	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>65</b>	<b>25</b>	<b>90</b>			

## CAMPUS XXI – IPIAÚ

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	36	4	40			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>36</b>	<b>4</b>	<b>40</b>			

## CAMPUS XXII – EUCLIDES DA CUNHA

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Noturno	32	8	40			
Engenharia Agrônômica	Diurno	25	5	30			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>57</b>	<b>13</b>	<b>70</b>			

## CAMPUS XXIII – SEABRA

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Letras/Ling. Portuguesa (Licenciatura)	Vespertino	30	10	40			
Letras/Ling. Inglesa (Licenciatura)	Noturno				30	10	40
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>30</b>	<b>10</b>	<b>40</b>	<b>30</b>	<b>10</b>	<b>40</b>

## CAMPUS XXIV – XIQUE-XIQUE

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias	Turno	1º Semestre			2º Semestre		
		Vestibular	SiSU	Total	Vestibular	SiSU	Total
Engenharia de Pesca	Diurno	40	10	50			
<b>Total de Vagas do Departamento</b>		<b>40</b>	<b>10</b>	<b>50</b>			

### TOTAL DE VAGAS POR FORMA DE INGRESSO

Vestibular	4084
SiSU	1076
<b>Total de Vagas</b>	<b>5160</b>



### **3.5. ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA DO CURSO**

A administração acadêmica do curso de História é realizada pelo colegiado do Curso. O Regimento Geral da UNEB no seu artigo 65 diz que “O Colegiado de Curso é o órgão da Administração Setorial, responsável pela coordenação didático-pedagógica de cada curso de graduação [...]”. Além disso, ele é responsável pela articulação entre a graduação e as demais instâncias político-administrativas da UNEB, como o Departamento, o CONSEPE, a Secretaria Acadêmica e as Pró-Reitorias de Ensino, Pesquisa e Extensão.

A Coordenação do colegiado – professor (a) ministrante de componentes curriculares do curso de História, eleito para um mandato de dois anos, podendo ser reconduzido por igual período – cabe administrar o colegiado, sempre referendado por sua plenária, de maneira a garantir, como prevê o Regimento Geral da UNEB, as seguintes ações:

“Art.68 [...]”

I – elaborar o Plano de Trabalho Anual do Colegiado;

I – elaborar o projeto pedagógico do curso;

III – orientar, coordenar e supervisionar as atividades didático-pedagógicas, bem como, propor e recomendar modificações nas diretrizes gerais dos programas didáticos do curso;

IV – propor ao CONSEPE, através da PROGRAD, reformulações curriculares;

V – acompanhar e avaliar a execução do currículo do curso;

VI – estimular atividades docentes e discentes, de interesse do curso;

VII – identificar e aplicar estratégias de melhoria da qualidade do curso;

VIII – otimizar o fluxo curricular com vistas a uma orientação adequada do corpo discente;

IX – estabelecer a política de oferta de disciplinas adequada à realização do estágio, em comum acordo com a coordenação setorial de estágio;



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- X – indicar os docentes para compor Bancas de Concurso e Seleção Docente, na forma prevista na Lei e nas normas da Universidade;
- XI – propor intercâmbio, substituição ou treinamento de professores ou providências de outra natureza, necessárias à melhoria da qualidade do ensino ministrado;
- XII – organizar e divulgar a relação da oferta de matérias/disciplinas ou componentes curriculares do curso, correspondente a cada semestre letivo;
- XIII – acompanhar e avaliar a execução do Plano de Trabalho Anual do Colegiado;
- XIV – acompanhar o cumprimento do tempo de integralização do curso por parte do estudante;
- XV – propor a oferta de matérias/disciplinas ou componentes curriculares em situações especiais, desde que haja demanda justificável, disponibilidade docente e tempo hábil para oferecimento dentro do Calendário Acadêmico.”

É importante destacar que as reuniões ordinárias do Colegiado, convocadas com antecedência de no mínimo três dias, ocorrem uma vez por mês. No início de cada semestre é elaborado um calendário das reuniões ordinárias, distribuídas de forma alternada nos dias da semana. Por outro lado, as reuniões extraordinárias acontecem a qualquer momento, a depender da urgência das demandas.

O coordenador do colegiado tem a carga horária semanal de 20 horas dedicadas às atividades de coordenação do Curso de História, gerenciando o curso, promovendo o atendimento e acompanhamento do corpo docente e discente, planejamento das atividades extra-curriculares, participação nas instâncias diretivas da instituição, dentre outras. O colegiado de História conta com o auxílio de um técnico-administrativo que trabalha em regime de oito horas/dia, em períodos previamente estabelecidos. Esse profissional auxilia professores e alunos em suas demandas, elabora as atas de reunião e organiza os documentos pertinentes ao Colegiado.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

A Coordenação do Curso atua como órgão executivo e de gestão acadêmica sendo apoiada pelos pares que compõem o Colegiado do Curso nas questões relativas à organização didático-pedagógica e à avaliação constante da adequação da proposta de formação aos objetivos do Projeto Pedagógico.

O currículo *Lattes* do Coordenador do Curso, encontra-se no anexo I do projeto.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.6. CONCEPÇÃO E FINALIDADE**

A organização do curso de História, do *Campus VI*, tem como principal objetivo contemplar a flexibilidade no currículo, possibilitando adequações permanentes, com vistas à atualização, incorporando as novas tendências e abordagens na produção do conhecimento histórico. Este formato de organização curricular não prevê a existência de pré-requisitos, por ter uma concepção de conhecimento não linear, permitindo que o aluno verticalize seus estudos para a área e temas que orientarão seu Trabalho de Conclusão de Curso.

O pressuposto que orienta a prática pedagógica é a sua constante relação com a teoria, sendo a prática de caráter interdisciplinar e constante durante todo o curso, atendendo a uma formação que permita, ao licenciando, uma melhor inserção e problematização da realidade em que irá atuar. A prática, em todos os eixos, acontecerá desde o 1º semestre. Concomitante a esta perspectiva e acreditando na inter-relação entre ensino e pesquisa, a organização curricular privilegia a formação do professor-pesquisador como um caminho para a permanente construção do conhecimento e ressignificação de conteúdos a serem trabalhados nos currículos escolares.

O curso está organizado a partir de três eixos temáticos: 1) Conhecimentos Científico-culturais, 2) Formação Docente, 3) Atividades Complementares. Estes eixos norteiam a organização dos componentes curriculares, tendo como base um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos graduandos.

Os componentes buscam atender aos tempos e temporalidades, nomear alguns temas de relevância, estabelecer diálogo permanente com outras áreas do conhecimento das ciências humanas e a interação com a dimensão prática da formação profissional, podendo ser trabalhado em diferentes modalidades, como: disciplinas, oficinas, seminários temáticos, grupos de estudos, orientação de TCC, grupos de pesquisa, estágio, monitorias de ensino e extensão, dentre outros.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Ao tratar da formação de profissionais que atuarão na área de educação, a proposta curricular baseia-se em princípios éticos e democráticos e, necessariamente, inclui a Pluralidade Cultural como um dos pressupostos imperativos a nortear a sua concepção geral. Dessa forma, toda e qualquer atividade, configurada neste projeto educacional, terá por base o respeito e a valorização das características próprias de cada grupo social e étnico que compõe a sociedade brasileira, bem como deve empenhar-se, no que lhe competir, para a promoção da igualdade de tratamento, oportunidade e representação entre as diferenças raciais, de gênero, etárias, de orientação sexual e de confissões religiosas.

Neste sentido, os componentes propostos vão além das antigas disciplinas do currículo mínimo, estabelecendo uma maior autonomia, tanto para o professor quanto para o aluno, na construção dos conteúdos curriculares indispensáveis à sua formação. Dada à impossibilidade de se abarcar “a história de todos os tempos e sociedades” e a inconsistência científica desta suposta “história geral”, defendida por algumas correntes historiográficas, o exercício consciente da escolha de conteúdos deve contemplar, na educação básica, a discussão sobre os problemas locais, nacionais e mundiais, consolidando o exercício da cidadania.

Desta maneira, em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o projeto do curso tem enfatizado a necessidade de direcionar a formação dos professores para o exercício pleno da cidadania. No âmbito do ensino, os componentes curriculares permitem o levantamento de temas e questões de cunho político-social, enviesado com a perspectiva temporal e espacial que possibilitam a discussão e a reflexão sobre o lugar dos sujeitos históricos na construção de uma sociedade mais digna e igualitária. No âmbito da extensão, os inúmeros eventos que compõem o calendário regular do curso trazem à tona temáticas que refletem as contradições da sociedade brasileira na atualidade, como o preconceito, a intolerância e a pobreza.





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.7. PERFIL DO EGRESSO**

O curso de História - Licenciatura do Departamento de Ciências Humanas, *Campus VI*, tem por objetivo formar profissionais capacitados para atuar no ensino fundamental, ensino médio, em espaços educacionais não formais e em associações, sindicatos, museus, órgãos públicos, dentre outros. Os licenciados em História, pelo *Campus VI*, são preparados para atuarem profissionalmente, além do ensino, com pesquisa, inovação, extensão e preservação no campo de conhecimento da História.

O curso também visa habilitar profissionais para trabalhar na preservação do patrimônio histórico em suas diversas modalidades, na gestão, conservação e desenvolvimento de acervos documentais (arquivos, museus e memoriais), bem como na elaboração, monitoramento e desenvolvimento de projetos culturais, técnico-científicos e sociais.

### **3.8. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES**

A proposta de formação do curso de História do DCH VI visa propiciar, aos egressos, o domínio das seguintes habilidades e competências:

- Dominar as distintas concepções históricas, teóricas, metodológicas, epistemológicas e pedagógicas do conhecimento histórico em todos os níveis e modalidades e para os distintos espaços de produção e difusão do conhecimento histórico;
- Dominar as distintas concepções historiográficas e didático-pedagógicas que orientam a práxis da educação histórica;
- Evidenciar, nas distintas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço;



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- Discutir e evidenciar as problemáticas atuais, refletindo criticamente sobre a inserção dos indivíduos nos diferentes grupos sociais;
- Estabelecer o diálogo entre a História e as outras áreas do conhecimento, identificando a construção de distâncias e a aproximação entre as mesmas;
- Desenvolver a pesquisa, a produção do conhecimento e a sua difusão no âmbito acadêmico e na prática docente nos múltiplos espaços de atuação do historiador;
- Conhecer e saber analisar e/ou utilizar distintas fontes de pesquisa, linguagens, recursos tecnológicos nas diferentes dimensões da sua atuação profissional;
- Dominar conteúdos básicos do ensino-aprendizagem de História, bem como noções de didática geral e específica da História, Políticas educacionais, Psicologia/ Sociologia/Filosofia e História da Educação e conhecimentos pedagógicos para a atuação no ensino de História em todos os níveis e modalidades de ensino;
- Comprometer-se coletiva e cooperativamente com a elaboração, gestão, desenvolvimento e avaliação do projeto educativo e curricular das instituições de ensino, atuando em diferentes contextos da prática profissional além da sala de aula;
- Potencializar o desenvolvimento dos alunos, considerando e respeitando suas características pessoais, bem como diferenças decorrentes de situação socioeconômica, inserção cultural, origem étnica, gênero, orientação sexual e pertencimento religioso.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.9. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR**

A estrutura curricular tem como critério atender ao rol de competências e habilidades, que busca contemplar os diferentes âmbitos do conhecimento profissional e assegurar a formação inicial do historiador. A organização dos componentes curriculares em eixos articuladores visa contemplar as dimensões que articulam: disciplinaridade, interdisciplinaridade e transversalidade, formação comum e formação específica, conhecimentos da área de história e conhecimentos que fundamentam a ação educativa, teoria e prática, bem como o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional. Os componentes curriculares assim definidos estão organizados em três eixos: Eixo dos Conhecimentos Científicos-Culturais, Eixo de Formação Docente, Eixo das Atividades Complementares.

#### **EIXO 1 – CONHECIMENTOS CIENTÍFICO-CULTURAIS (CCC):**

Articula conhecimentos específicos da área de história que norteiam a formação profissional, oportunizando uma formação para o desenvolvimento da autonomia profissional e intelectual.

Vale ressaltar que o presente projeto prevê a oferta de disciplinas ou seminários temáticos e interdisciplinares que utilizam em parte a modalidade de educação à distância EaD, em caráter opcional, incluindo métodos e práticas de ensino e aprendizagem que incorporem o uso integrado de tecnologias de informação e comunicação para a realização dos objetivos pedagógicos. Essa oferta de atividades não presenciais não poderá ultrapassar o limite de 10% da carga horária total da atividade proposta.

Compõem o Eixo citado, as seguintes áreas:



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **1.1. Fundamentação Teórico-metodológica (450 horas):**

Possibilita o estudo da produção do conhecimento histórico, identificando as diferentes correntes historiográficas. Estuda objetos, métodos e fontes da pesquisa histórica. Estabelece a interlocução com as demais áreas do conhecimento, tais como: Antropologia, Sociologia, Filosofia e Economia, dentre outras. Exercita a leitura e produção textual objetivando a realização de diferentes modalidades de trabalhos acadêmicos.

### **1.2. Cultura Documental e Patrimonial (120horas):**

Estuda os modos de constituição da memória sobre o patrimônio artístico-cultural. Analisa sua construção social e política, traduzida na eleição de bens materiais e imateriais, que passam a constar como parte da identidade histórica. Reflete sobre o espaço, suas representações e diversidade cultural, entendendo que as relações entre estar e o viver ultrapassam os limites do patrimônio cultural e assumem dimensões mais amplas nos modos culturais de viver.

### **1.3. Brasil (420 horas):**

Estuda aspectos históricos relevantes que permitam compreender a formação histórica da sociedade brasileira com ênfase na diversidade regional e nos diferentes enfoques da historiografia baiana, brasileira e mundial. Enfoca o estudo das populações indígenas, o processo de colonização portuguesa e os diferentes conflitos sociais, econômicos, políticos, culturais e ideológicos, enfatizando a questão da escravidão e a resistência negra e indígena. Discute o processo de independência política do Brasil, a formação do Estado Nacional e sua estruturação política no Império e na República. Destaca as ideias de progresso e modernização, os movimentos sociais e as revoltas populares na República.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

#### **1.4. América (180 horas):**

Estuda aspectos relevantes da formação histórica do continente americano dialogando com a produção historiográfica. Destaca as formações sociais existentes no continente antes da chegada dos europeus; discute os vários aspectos do processo de colonização europeia, a escravidão e os diferentes conflitos sociais, econômicos, políticos, culturais e ideológicos; a consolidação das emancipações políticas e formação dos estados nacionais; as novas relações de dependência face ao neocolonialismo e a instabilidade política da América Latina. Analisa a situação atual dos países americanos considerando os aspectos sociais, econômicos, políticos, artísticos e culturais.

#### **1.5. Europa (390 horas):**

Analisa aspectos relevantes da formação política, econômica e cultural do continente europeu, dialogando com a produção historiográfica. Estuda a civilização greco-romana e sua contribuição para a formação histórica europeia. Aborda a feudalidade e a sociedade medieval. Enfoca a expansão comercial europeia, a formação dos estados nacionais e a consolidação do capitalismo. Discute a constituição do pensamento ocidental, as produções artísticas e literárias e o conhecimento científico. Destaca os movimentos sociais, as revoluções e os conflitos internacionais protagonizados pelos Estados Europeus, bem como as suas relações imperialistas com os outros Estados.

#### **1.6. Ásia (60 horas):**

Analisa as sociedades asiáticas no que concerne à sua estrutura material e institucional, com base na dinâmica interna de seus processos de formação. Aponta elementos específicos que conferem sentido ao conjunto da experiência de povos, culturas e etnias da Ásia nas suas relações recíprocas em diferentes



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

circunstâncias, com ênfase nos sistemas religiosos e nos modos de resistência e ruptura com a dominação ocidental. Identifica a influência das culturas asiáticas no mundo sob diferentes manifestações.

### **1.7. África (150 horas):**

Estuda as sociedades africanas pré-coloniais, dando destaque para os processos de formação dos principais grupos étnicos e suas características histórico-civilizatórias próprias e dinâmicas migratórias. Aborda os fundamentos e características da expansão colonialista europeia, comércio internacional de escravos e a emergência do racismo moderno. Analisa o desenvolvimento das ideias pan-africanistas e do movimento de negritude como orientadores da construção das lutas anti-coloniais. Enfoca os diferentes processos de descolonização e constituição dos Estados nacionais. Discute as diversas concepções sobre as especificidades africanas a partir das produções artístico-culturais e científicas e historiográficas próprias. Reflete sobre a dinâmica das relações e influências recíprocas entre as sociedades africanas e a sociedade brasileira.

### **1.8. Pesquisa Histórica (180 horas):**

Sistematiza e exercita a prática da pesquisa histórica, oportunizando o contato com diferentes fontes e a construção de um projeto que culmina com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## **EIXO 2 – FORMAÇÃO DOCENTE**

Busca superar a oposição do *conteudismo* e *pedagogismo* contemplando espaços, tempo e atividades que facilitem aos discentes fazerem a transposição didática dos objetos de conhecimentos específicos em objetos de ensino.

Fazem parte deste Eixo as seguintes áreas:

### **2.1. Conhecimentos Pedagógicos (255 horas):**

Analisa as relações entre sociedade/educação/escola. Enfoca a prática pedagógica escolar enquanto prática social específica, contemplando a perspectiva da pluralidade cultural. Discute os fundamentos sócio-político-epistemológicos da educação na formação do profissional de História e na construção da identidade docente, bem como as relações fundamentais do processo de trabalho docente: pesquisa/produção do conhecimento; sujeito/objeto/construção de conhecimento; ensino/aprendizagem; teoria/prática; professor/aluno, aluno/aluno. Reflete sobre a formação do indivíduo: ludicidade, inteligência, sensibilidade, considerando as diferentes situações socioeconômicas, de inserção cultural, de origem étnica, de gênero, de religião e aquelas provenientes da inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais.

A Resolução CONSEPE nº 1.583, publicada no Diário Oficial do Estado de 21 de fevereiro de 2012, regulamenta a oferta do componente curricular LIBRAS, a partir das turmas de 2010.1, com fundamento na Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. Assim, atendendo ao caráter obrigatório desse componente nos cursos de Licenciatura, uma vez por ano, está garantida a oferta de LIBRAS com carga horária de 60h, a ser computada na área de Conhecimentos Pedagógicos e dessa carga horária, um quarto ocorre no ambiente virtual, *on line*.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## **2.2. Estágio Supervisionado (405 horas):**

Diagnostica os espaços de atuação profissional, caracterizando o contexto e as relações de trabalho nesses espaços. Analisa e reflete a prática do ensino de História por meio de observação direta em salas de aula, bem como através da utilização de vídeos, narrativas orais e escritas de alunos e professores, produções de alunos e professores, situações simuladoras e estudo de casos. Elabora e executa propostas de intervenção na forma de regência, minicursos, oficinas e projetos de extensão, em escolas da Educação Básica e em outras instituições formadoras, tais como, Escolas Comunitárias, ONG's, Projetos Especiais etc. Avalia coletivamente as experiências vivenciadas pelos alunos durante sua atuação docente nos diversos contextos sócio-educacionais.

## **2.3. Laboratórios de Ensino de História (405 horas):**

Sistematiza e exercita a prática pedagógica no ensino de História e os recursos e procedimentos de construção do conhecimento histórico, tendo em vista a ação-reflexão-ação. Desenvolve atividades de reflexão sobre a prática de ensino, a reinterpretação dos conteúdos para os contextos escolares da educação básica, a produção e utilização de material didático relacionado à área desse conhecimento.

## **EIXO 3 - ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (200 horas)**

Possibilita a vivência de atividades de caráter científico, cultural e acadêmico, contempladas sob a forma de iniciação científica, monitoria de ensino e extensão, participação em seminários, congressos e eventos, visitas temáticas ou excursão de estudos, participação em projetos de extensão comunitária ou outros projetos de alcance social relacionados à área do curso; apresentação de trabalhos em eventos de natureza acadêmica na área de formação ou áreas afins.





## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Esses componentes atendem aos tempos e temporalidades, nomeiam alguns temas de relevância, estabelecem diálogo permanente com outras áreas do conhecimento das ciências humanas e a interação com a dimensão prática da formação profissional podendo ser trabalhado em diferentes modalidades, como: disciplinas, oficinas, seminários temáticos, grupos de estudos, orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), grupos de pesquisa, estágio, monitorias de ensino e extensão, etc.

Neste sentido, os componentes vão além das antigas disciplinas do currículo mínimo, estabelecendo uma maior autonomia tanto para o professor quanto para o aluno na construção dos conteúdos curriculares indispensáveis à sua formação, no sentido de privilegiar temas que melhor contribuam para sua atuação profissional. Dada a impossibilidade de se abarcar “a história de todos os tempos e sociedades”, o exercício consciente da escolha de conteúdos contemplam na educação básica a discussão sobre os problemas locais, nacionais e mundiais, consolidando o exercício da cidadania.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica indicam alguns temas transversais que devem ser trabalhados por todas as áreas do saber, em uma perspectiva interdisciplinar de formação integral do cidadão. São temas transversais: Ética, Cidadania, Pluralidade Cultural, Educação Sexual e Meio Ambiente.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.9.1. Estágio Curricular Supervisionado**

No que diz respeito à organização curricular, no curso de História, o Estágio Curricular Supervisionado pertence ao eixo Formação Docente, sem, no entanto, deixar de fazer uma interação constante com os componentes curriculares de conhecimentos gerais. A carga horária total do componente é de 405 horas aulas, divididas em quatro componentes disciplinares que devem ser ministrados a partir da metade do curso, a saber:

- Estágio Curricular Supervisionado I. Previsão de oferta: V semestre, carga horária: 90 horas. Possibilita o contato inicial do discente com os espaços de sua atuação profissional. Nesse momento, o licenciando, mediante elaboração de instrumentos de pesquisa, problematizará o cotidiano das escolas e das aulas de história em todas as modalidades da Educação Básica.
- Estágio Curricular Supervisionado II. Previsão de oferta: VI Semestre, carga horária: 105 horas. Possibilita, ao discente, a elaboração e execução de projetos de intervenção pedagógica em espaços de educação formal (séries regulares e especiais da Educação Básica) e não formal (museus, associações, arquivos, dentre outros), evidenciando a diversidade de espaços que o graduado em história pode e deve atuar profissionalmente.
- Estágio Curricular Supervisionado III. Previsão de oferta: VII Semestre, carga horária: 105 horas. Possibilita, ao discente, a elaboração e execução de projetos de intervenção pedagógica no ensino fundamental, em instituições escolares da rede pública, na área específica de sua formação. Nesta etapa, o licenciando, obrigatoriamente, desenvolve atividades de regência de classe.
- Estágio Curricular Supervisionado IV. Previsão de Oferta: VIII Semestre, carga horária: 105 horas. Possibilita, ao discente, a elaboração e execução



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

de projetos de intervenção pedagógica no ensino médio, em instituições escolares da rede pública, na área específica de formação. Nesta etapa, o licenciando, obrigatoriamente, desenvolve atividades de regência de classe. O componente pode ser finalizado com a socialização das experiências acumuladas ao longo dos diversos contextos sócio educacional em que ocorreu a regência.

Vale ainda destacar que, na UNEB, os professores dos componentes curriculares de estágio além de seguirem as resoluções e diretrizes nacionais acima citados, também contam com uma resolução própria de estágio – Resolução 795/2007 CONSEPE. Dentre os aspectos constantes na referida resolução, destacamos que no ano de 2011, no Departamento de Ciências Humanas do *Campus VI*, constitui-se a Coordenação Departamental de Estágio, responsável pela articulação entre a universidade e os espaços formais e não formais, onde são desenvolvidas as atividades do estágio supervisionado, em conformidade com os Artigos 9º e 11 do Regulamento Geral de Estágio da UNEB (nº 795/2007), que sugerem a interação entre as coordenações setoriais de estágio e o departamento. Os professores de estágio do curso de História compõem e participam ativamente dessa comissão departamental.

Essa comissão, com o objetivo de romper com uma prática utilitária que se reproduz na relação entre universidades e escolas da educação básica ou com outros espaços que recebem os estagiários, optou por construir uma política institucional diferenciada com os campos de estágio. Realizou convênios com as escolas selecionadas para a prática do estágio, deixando claros os termos políticos e institucionais da parceria construída, sobretudo na definição do papel de cada sujeito envolvido no desenvolvimento das atividades, bem como na apresentação de contrapartidas por parte da universidade, que foram definidas da seguinte forma: socialização das experiências, formação continuada e intercâmbio científico-cultural.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

No que diz respeito aos princípios didáticos, pedagógicos e historiográficos, os componentes curriculares do eixo Formação Docente, em especial as de Estágio Curricular Supervisionado, tem por objetivos: a) aproximação entre a Licenciatura em História e os espaços formais e não formais de educação; b) a criação de situações de ensino-aprendizagem a partir de uma práxis formativa que alie ensino, pesquisa, extensão e inovação na perspectiva da construção do conhecimento, habilidades e competências no campo da História. Nesse sentido, outros sujeitos tornam-se parceiros no processo formativo dos licenciados na função de regentes e/ou conformadores: professores de História das escolas de educação básica; educadores e outros profissionais pertencentes aos movimentos sociais e culturais, projetos sociais organizados pelo poder público, dentre outros.

Torna-se necessário destacar que a iniciação à docência é uma etapa indispensável no processo de formação profissional dos futuros licenciados em História do *Campus VI*. Nessa perspectiva, como ressalta Flávia Caimi (1999, p. 56), o estágio representa uma etapa de transição entre o “papel de estudante” e o “papel de professor”, na qual “está presente a de(con)frontação entre as expectativas sobre a profissão acumulada ao longo dos anos e as vivências reais que a prática lhe possibilita”, proporcionando momentos de aprendizagem situados “entre o ideal de uma profissão e o real de uma experiência vivenciada”. Nesse sentido, o Curso de Licenciatura em História objetiva, através das atividades de estágio, proporcionar aos graduandos as seguintes ações: a) articular competências e habilidades no processo de ensino-aprendizagem; b) experimentar e problematizar os dilemas presentes no cotidiano escolar; e c) reforçar seus laços identitários com a prática docente. Ademais, ao possibilitar o contato do graduando com o futuro campo de atuação profissional, as atividades de estágio supervisionado visam estimular o seu compromisso com a educação enquanto um direito de todos e como um instrumento capaz de emancipar o sujeito.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Dentro dessa perspectiva, a formação dos profissionais que atuarão na educação básica deve relacionar permanentemente a articulação entre a teoria e a prática profissional procurando, desta forma, romper com a concepção epistemológica da racionalidade técnica em que a área pedagógica esteve subsumida às áreas teóricas. Esta articulação deve ser norteada pela qualidade do ensino e promoção da educação básica, equidade entre os componentes curriculares, indissociabilidade entre ensino e pesquisa e pelo fortalecimento da identidade profissional docente.

Torna-se necessário destacar que o estágio deve ser entendido não como uma atividade meramente “prática”, mas como um momento crucial da construção de uma práxis pedagógica. Nessa fase, deve ser propiciado ao estagiário reflexões acerca das problemáticas pertinentes ao processo de ensino/aprendizagem. Isso contribuirá para a formação de um profissional capaz de articular os conhecimentos específicos de sua área de formação, com as diversas “realidades” que permeiam o espaço escolar. Com o intuito de viabilizar o exposto serão desenvolvidas as seguintes atividades:

- I. **Aula inaugural** para apresentação do regulamento do estágio e reflexão sobre a profissão;
- II. **Ciclo de Debates** envolvendo os estagiários, outros alunos do curso, coordenadores, diretores e professores regentes das escolas públicas;
- III. **Seminário Interno** envolvendo alunos de todas as etapas do estágio supervisionado para socializar as experiências.

Estas atividades contribuem para a “formação” de um profissional do ensino que será desafiado a atuar criticamente na elaboração e execução de projetos sociais, na indicação do material pedagógico que é proposto ao aluno e decidir sobre qual metodologia deve ser utilizada em sala de aula, tendo em vista a busca da construção do conhecimento.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

A partir do exposto, os componentes curriculares de estágio supervisionado devem ser norteados para a “formação” de um profissional idealista, capaz de dar sentido à vida e as suas ações, objetivo máximo da Educação - que exercite a paciência cronológica e histórica; tenha ele compromisso com a vida e os valores como a ética, a sensibilidade, a estética, a cidadania, a solidariedade, a verdade, o respeito e o bom senso; que a sua práxis pedagógica seja orientada pelos princípios sugeridos pelos parâmetros curriculares, a saber: Princípios estéticos: que desenvolvem a estética da sensibilidade estimula a criatividade e o espírito inventivo; Princípios Políticos: que propõem a política da igualdade, do direito e da democracia, cuja arte se expressa no aprender a conviver; Princípios éticos: que visam à ética da identidade: inserção no tempo e no espaço, onde aprender a ser é o objetivo máximo.

Certamente, esses princípios contribuirão para a “formação” de profissionais da educação capazes e seguros, com valores solidamente construídos, voltados para a sociedade e seus desafios tecnológicos. O educador deve assumir um papel diferenciado, procurando estar sempre atualizado e consciente de que, ao longo de sua vida profissional, o debate e o questionamento possibilitará aos seus alunos problematizarem dilemas pertinentes à sua sociedade. O aprendizado em equipe e os trabalhos em grupo devem ser os pontos fortes de sua metodologia de ensino.

Seu papel educativo é entendido como o de preparar os alunos para o exercício da cidadania, para o mundo do trabalho e para o desenvolvimento de habilidades e de competências, visando à intervenção ética positiva na sociedade, com argumentações conscientes, resultantes da aplicação de conceitos na resolução de problemas contextualizados e relevantes.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**

CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

Estrada das Barreiras, s/n - Cabula - Salvador-Bahia.

**RESOLUÇÃO N.º 795/2007**

(Publicada no D.O. de 13-02-2007, pág. 20)

**Aprova o Regulamento Geral de  
Estágio da UNEB.**

O CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no exercício de suas competências, de acordo com o que consta do Processo N.º 0603070001248, em sessão desta data,

**RESOLVE:**

**Art. 1º** - Aprovar o Regulamento Geral de Estágio da UNEB, parte integrante do processo em epígrafe.

**Art. 2º** - Esta Resolução entra em vigor a partir de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 07 de fevereiro de 2007.

*Lourivaldo Valentim da Silva*

Presidente do CONSEPE



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Campus VI – Caetité  
Colegiado do Curso de História

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROGRAD**

**ESTÁGIO CURRICULAR**  
**REGULAMENTO GERAL**

**RESOLUÇÃO Nº 795/2007 - CONSEPE**

**2007**





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

REITOR

**Prof. Lourivaldo Valentim da Silva**

VICE-REITORA

**Prof<sup>a</sup> Amélia Tereza Santa Rosa Maraux**

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

**Prof<sup>a</sup> Mônica Moreira de Oliveira Torres**

GERENTE DE DESENVOLVIMENTO DE ENSINO

**Prof<sup>a</sup> Kathia Marise Borges Sales Aquino**

SUB-GERENTE DE APOIO PEDAGÓGICO

**Prof<sup>a</sup> Marilda Marques Senna Dourado Gomes**



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### REGULAMENTO DO ESTÁGIO

#### CAPÍTULO I - DO ESTÁGIO CURRICULAR E SEUS OBJETIVOS

Art. 1º - Considera-se estágio curricular as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao educando pela vivência em situações reais de vida e trabalho, no ensino, na pesquisa e na extensão, na modalidade regular e Projetos Especiais perpassando todas as etapas do processo formativo e realizadas na comunidade em geral, ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, ONGs, Movimentos Sociais e outras formas de Organizações, sob a responsabilidade da Coordenação Central e Setorial.

Parágrafo único - Compreende-se por Projetos Especiais os cursos de graduação criados pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, com a finalidade de atender as demandas sociais específicas de formação profissional.

Art. 2º - O estágio curricular visa a oferecer ao estudante a oportunidade de:

I - Vivenciar situações reais de seu campo de trabalho, de modo a ampliar o conhecimento e a formação teórico-prática construídos durante o curso;

II - Analisar criticamente as condições observadas nos espaços profissionais com base nos conhecimentos adquiridos e propor soluções para os problemas levantados, por meio de projetos de intervenção social;

III - Desenvolver a capacidade de elaborar, executar e avaliar projetos na área específica de seu estágio.

Art. 3º - A articulação da teoria/prática ocorrerá ao longo da formação dos cursos de graduação, condicionada à articulação dos componentes curriculares, de forma a subsidiar a vivência e consolidação das competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional.

Art. 4º - Os cursos desenvolverão programas que possibilitem a inserção dos discentes de estágio curricular, promovendo a interação entre: ensino, pesquisa e extensão.

Art. 5º - Os estágios obedecerão aos regulamentos próprios, elaborados pelas coordenações setoriais, em conjunto com o colegiado de cada curso e aprovados pelo Conselho de Departamento, observado o que dispõe a legislação pertinente.

Parágrafo único – Quanto os Projetos Especiais os regulamentos próprios serão elaborados pela coordenação geral de cada curso.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Art. 6º - A carga horária mínima dos estágios curriculares dos cursos atenderá à legislação nacional vigente, específica para cada curso e ao projeto pedagógico dos mesmos.

### **CAPÍTULO II - DA COORDENAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR**

Art. 7º - A Coordenação Central de Estágios da UNEB está vinculada à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD e tem as seguintes atribuições:

- I - assessorar os coordenadores de estágio dos Departamentos;
- II - acompanhar e avaliar as atividades desenvolvidas pelos coordenadores;
- III - promover reuniões para análise e discussão de temas relacionados a estágios;
- IV - reunir informações relativas a estágio e divulgá-las entre os campi;
- V - promover o Encontro Anual de Estágio Supervisionado.

Art. 8º - A Coordenação Central de Estágio será composta por:

- a) Gerente de Desenvolvimento de Ensino;
- b) Subgerente de Apoio Pedagógico;
- c) 01 (um) docente representante das Licenciaturas;
- d) 01 (um) docente representante dos Bacharelados;
- e) 01 (um) discente de Curso de Licenciatura;
- f) 01 (um) discente de Curso de Bacharelado;
- g) 01 (um) representante das Comissões Setoriais;
- h) 01 (um) docente representante dos cursos seqüenciais;
- i) 01 (um) discente representante dos cursos seqüenciais.

Parágrafo Único - Os representantes constantes nas alíneas “c”, “d”, “e”, “f” e “g” serão escolhidos no Encontro Anual de Estágio.

Art. 9º - As coordenações setoriais de estágios da UNEB, serão organizadas, por curso, tendo as seguintes atribuições:

- I - elaborar anualmente o plano de atividades da coordenação de estágios;
- II - elaborar o projeto e o regulamento de estágio do curso;
- III - planejar, acompanhar e avaliar o processo dos estágios;
- IV - cadastrar as instituições locais, regionais e estaduais que possam oferecer estágio;
- V - propor convênios de estágio;
- VI - encaminhar os estagiários aos locais de estágio.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Art. 10 - As coordenações setoriais de estágio terão a seguinte composição:

I - os professores de estágio supervisionado, sendo um deles, eleito por seus pares, o coordenador Setorial de Estágio;

II - um (01) representante do corpo discente por curso, indicado pelo diretório acadêmico, dentre aqueles regularmente matriculados na disciplina ou componente curricular.

§ 1º - A Coordenação de Estágio dos Projetos Especiais terá a seguinte composição:

- a) Coordenação Geral de Cursos;
- b) Coordenação Local;
- c) 01 Representante de cada Movimento Social (quando houver);
- d) 01 Representante de cada Movimento Sindical (quando houver);
- e) Professor(es) de Estágio;
- f) 01 Representante discente.

§ 2º - O mandato do coordenador setorial será de 02 (dois) anos, podendo ser reconduzido por igual período.

Art. 11 - As coordenações setoriais de estágio devem articular-se com o Departamento, tendo em vista fortalecer as ações que lhes competem.

### CAPÍTULO III - DAS PESSOAS ENVOLVIDAS NO ESTÁGIO CURRICULAR

Art. 12 - Os profissionais envolvidos com o processo do estágio curricular terão as seguintes denominações e competências, a saber:

I - Coordenador de estágio e/ou professor de estágio será(ao) docente(s) da UNEB e lhe(s) competem:

- a) o planejar semestralmente as atividades, devidamente aprovados pelo colegiado do curso;
- b) acompanhar o desenvolvimento do estágio;
- c) realizar reuniões com demais docentes da disciplina/componente curricular de estágio;
- d) responsabilizar-se pela articulação dos docentes e pelo processo de fechamento da disciplina/componente curricular;
- e) exercer atividades de coordenação, acompanhamento e avaliação do aluno nos diversos campos do estágio.

II - Professor orientador e/ou supervisor de estágio será(ao) docente(s) da UNEB e lhe(s) competem:

- a) orientar os alunos durante o estágio, nos aspectos específicos de sua área de atuação;



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- b) realizar supervisão com visitas in loco;
- c) promover articulação entre a UNEB e a instituição ou empresa concedente do estágio;
- d) exercer atividades de acompanhamento e avaliação do aluno, nos diversos campos do estágio;
- e) fornecer dados à coordenação setorial, para tomada de decisão relacionada com o estágio.

III - Orientador de Estágio/supervisor de campo/regente de classe/preceptor do estágio, profissional da instituição cedente de estágio que orienta o aluno na sua área de atuação.

§ 1º - No que diz respeito às licenciaturas, o professor-orientador e/ou supervisor de estágio poderá(ão) acumular as competências listadas nos incisos I e II.

§ 2º - Quando se tratar de projetos especiais, as atribuições e competências deverão atender as especificidades de cada curso conforme seus projetos.

Art. 13 - Os profissionais envolvidos com o processo do estágio curricular - coordenador, professor, orientador, supervisor/regente/preceptor-, terão formação acadêmico-profissional na área de conhecimento do curso, salvo em situações específicas de cada área, a serem discutidas e aprovadas em Colegiado.

§ 1º - Nos cursos de licenciatura, o professor supervisor será licenciado na área. Quando não houver disponibilidade de professor com essa formação, ficarão responsáveis conjuntamente pelos estágios os professores da área específica e professores graduados em Pedagogia, com experiência em ensino superior.

§ 2º - Na inexistência de professor com a formação exigida no caput desse artigo, caberá ao Conselho de Departamento, ouvida a comissão setorial, indicar o profissional, levando-se em conta:

- a) A formação acadêmica;
- b) A experiência profissional;
- c) A legislação em vigor.

Art. 14 - Ao aluno da UNEB, regularmente matriculado em disciplina/componente curricular de estágio compete:

I - cumprir a carga horária de estágio e as atividades de avaliação previstas no projeto pedagógico de cada curso;

II - comparecer aos locais de estágio, munido da documentação exigida;

III - respeitar as normas regimentais e disciplinares do estabelecimento onde se realiza o estágio;



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

IV - Submeter o planejamento elaborado ao orientador de estágio ou à coordenação de área da escola ou empresa antes da execução do estágio;

V - apresentar a documentação exigida pela universidade, quanto ao estágio curricular;

VI - participar de todos os processos de estágio, segundo o plano aprovado pela coordenação setorial.

### **CAPÍTULO IV - DOS CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO**

Art. 15 - Para o estágio curricular serão considerados os critérios de acompanhamento e de avaliação do processo de ensino-aprendizagem, a saber:

I - Articulação entre teoria e prática, nas produções e vivências do aluno, durante o estágio;

II - Frequência integral na realização da atividade-campo do estágio;

III - Trabalhos realizados durante o período de estágio e socialização dos mesmos, de acordo com o projeto pedagógico e normatização do estágio de cada curso;

IV - Participação do aluno nos encontros de orientação de estágio, atendendo ao critério mínimo de assiduidade na disciplina/componente curricular, conforme legislação vigente;

V - Auto-avaliação do aluno;

VI - Outros critérios definidos pela coordenação setorial ou coordenação geral dos projetos especiais.

§ 1º - Cabe à coordenação setorial de cada curso e as coordenações gerais dos projetos especiais, elaborar instrumentos de acompanhamento e avaliação do aluno, conforme especificidades dos projetos pedagógicos e regulamento de estágio de cada curso.

§ 2º - O estágio será avaliado sistematicamente pela coordenação setorial e pelas coordenações gerais dos projetos especiais, conforme o projeto pedagógico e regulamento de estágio de cada curso.

Art. 16 - Caberá à UNEB disponibilizar os recursos necessários aos Departamentos, para garantirem a realização do estágio curricular dos cursos regulares.

§ 1º - A UNEB se responsabilizará pela efetivação anual do seguro de vida para os docentes de estágios dos cursos regulares cujo campo de trabalho implique em situação de risco.

§ 2º - Quando o estágio ocorrer fora da unidade sede, além dos recursos previstos no caput deste artigo, a UNEB se responsabilizará pelo seguro de vida, despesas de deslocamento e hospedagem para os docentes (quando necessário).



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **CAPÍTULO V - DO APROVEITAMENTO DA PRÁTICA DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL PARA CARGA HORÁRIA DE ESTÁGIO**

Art. 17 - Nos cursos de licenciatura será permitida a redução de até 200 (duzentas) horas dos componentes curriculares de estágio supervisionado; obedecendo, no máximo, à redução de 50% da carga horária, em cada componente.

I - A redução de carga horária para o componente estágio supervisionado I será permitida, para o discente que comprovar a docência, em qualquer área de conhecimento, nos últimos 03 (três) anos;

II - A redução de carga horária para os demais componentes de estágio supervisionado será permitida para o discente que comprovar efetivo exercício da docência, na área específica do respectivo estágio, a partir dos últimos 03 anos, antes de seu ingresso na Universidade.

§ 1º - No ato da solicitação para a redução de carga horária, de até 200 horas, dos componentes curriculares de estágio supervisionado, o discente apresentará ao Colegiado do Curso a documentação comprobatória que será encaminhada à Coordenação Setorial de Estágio do Curso, para análise e parecer.

§ 2º - Aprovado o parecer pela Coordenação Setorial do Estágio, o Colegiado de Curso encaminhará o processo à direção do Departamento para a homologação e encaminhamento à Coordenação Acadêmica, para registro no prontuário do discente.

Art. 18 - Nos cursos de bacharelado, a prática do exercício profissional será aproveitada para carga horária de estágio, nas seguintes situações:

I - quando o discente exercer atividade de trabalho correlata com a área de sua formação, o projeto de estágio será direcionado às suas atividades profissionais;

II - quando o discente exercer atividade de trabalho não-correlata com a área de sua formação, o projeto de estágio se fundamentará na área de sua formação, aplicada a sua área de trabalho.

Parágrafo único - Na área de saúde, não será permitido o aproveitamento de exercício profissional, para a carga horária de estágio.

### **CAPÍTULO VI - DAS ESPECIFICIDADES DAS MODALIDADES DE CURSOS**

Art. 19 - Nas licenciaturas, quando as modalidades de estágio supervisionado contemplarem a regência do discente, o professor sob regime de 40 horas, acompanhará uma turma com até 20 discentes, registrando, pelo menos, as seguintes atividades em seu Plano Individual de Trabalho – PIT:



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- a) Reunião com toda a turma (2h);
- b) Orientações individuais (1hora por aluno);
- c) Observação de estágio em campo (12h);
- d) Trabalhos acadêmicos e complementares à docência (6h);
- e) Comissão de avaliação de aproveitamento de estágio (1h).

§ 1º - Para turmas inferiores a 08 (oito) discentes, o docente complementar a sua carga horária assumindo, pelo menos, um componente curricular de até 60 horas, ou desenvolverá atividades de pesquisa, ou extensão, aprovadas pelo Departamento.

§ 2º - Quando o Estágio Supervisionado, organizar-se sob a forma de: observação, co-participação, o professor sob regime de 40 (quarenta) horas acompanhará até duas turmas; com, no máximo, 20 discentes; (ou) uma turma de estágio e um outro componente curricular de até 60 (sessenta) horas, registrando-se a carga horária das alíneas de “a” a “e” do artigo 19 que serão adaptados de acordo com as turmas assumidas pelo docente.

Art. 20 - Nos bacharelados o professor, sob regime de 40 (quarenta) horas, acompanhará uma turma, com até 20 (vinte) discentes, registrando, pelo menos, as seguintes atividades em seu PIT:

- a) Reunião com toda a turma (2h);
- b) Orientações individuais (1hora por aluno);
- c) Observação de estágio em campo (12h);
- d) Trabalhos acadêmicos e complementares à docência (6h);
- e) Comissão de avaliação de aproveitamento de estágio (1h).

I - Para o professor co-orientador de estágio, será computada a carga horária de orientação do estagiário, observando o limite máximo de 06 (seis) discentes por professor, com 02 (duas) horas-semanais de orientação por aluno;

II - não será permitido o aproveitamento da carga horária de estágio extracurricular, para o estágio curricular.

§ 1º - Nos cursos da área de saúde, a relação docente/discente no estágio será de acordo com a especificidade de cada curso, não excedendo o quantitativo de seis discentes, por docente/campo.

§ 2º - Para os projetos especiais a relação docente/discente no estágio será definida nos projetos de cada curso.





## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### CAPÍTULO VII - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 21 - Este Regimento Geral de Estágio fundamenta-se na legislação a saber: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96, Lei nº. 6.494/77 (alterada pela Lei 8.859/94 e MP nº. 1726/98), Resolução CNE/CP 01 e 02/2002 e Decreto nº. 10.181 de 14/12/2006 - Regimento Geral da Universidade do Estado da Bahia.

Art. 22 - Os casos omissos serão resolvidos em primeira instância pela Coordenação Setorial de Estágio ou Coordenação Geral dos Projetos Especiais, e referendados pelo Conselho de Departamento, de acordo com a legislação pertinente.

Art. 23 - Este Regulamento tem sua vigência prevista em caráter transitório, por um ano a contar da data de publicação do mesmo, quando deverá ser reavaliado por este Conselho.

Art. 24 - O presente Regulamento de Estágio Supervisionado entra em vigor na data da sua publicação, revogada a Resolução nº. 088 de 05/08/93 e demais disposições em contrário.

#### **3.9.2. Trabalho de Conclusão de Curso**

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um dos requisitos indispensáveis para a obtenção do título de Licenciado em História do Curso de História, do *Campus VI*, da UNEB. Ainda que os cursos das licenciaturas tenham como centralidade, no geral, o desenvolvimento de competências e habilidades para a prática docente, a proposta curricular aqui apresentada busca articular, de forma integral e indivisível, a área de ensino e pesquisa, tendo em vista a formação do que se tem denominado de “professor-pesquisador”. Nesse sentido, mais do que um momento pontual de apresentação de um trabalho científico, o TCC é entendido como resultado de um longo processo de formação acadêmica que tem a responsabilidade de sintetizar um conjunto de habilidades e competências desenvolvidas no decorrer da vida curricular do discente. No currículo do Curso



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

de História, o TCC é parte integrante da área curricular de Pesquisa Histórica, com carga horária de 180 horas distribuídas em quatro componentes curriculares.

Os Trabalhos de Conclusão do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia- Campus VI, são elaborados ao longo dos últimos quatro semestres do curso, no âmbito do componente curricular de Pesquisa Histórica e a partir da Resolução nº 622/2004 do CONSEPE, Regimento de Pesquisa da UNEB e do Colegiado do *Campus VI* . Trata-se de trabalhos de pesquisa acadêmica orientados por professores do Curso de História, em todas as etapas: Memorial de Leituras, Projeto de Pesquisa e Artigo Científico, Monografia ou Catalogação de Fontes Inéditas.

Ao longo do desenvolvimento do TCC os alunos participam de Seminários de Pesquisa, promovidos pela Comissão de Pesquisa Histórica, cujo objetivo é acompanhar e assessorar o cumprimento desta atividade específica e laboriosa. Além disso, os componentes curriculares de Pesquisa Histórica (I ao IV) visam instrumentalizar os alunos, teórica e metodologicamente, para a compreensão e execução de suas pesquisas na elaboração do TCC.

De acordo com o Regimento Interno cada professor pode orientar até 05 (cinco) alunos concluintes de curso. Esta orientação deve ser realizada em horário específico e oposto às aulas. Ao final do curso, a Comissão de Pesquisa, em consonância com o Colegiado de História, organiza as bancas examinadoras e promove a defesa pública dos TCCs. Além disso, o NUPE, os Grupos de Pesquisa e o Colegiado de História possibilitam a divulgação das pesquisas realizadas pelos alunos através dos diversos eventos que são realizados ao longo do curso.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

**RESOLUÇÃO Nº 622/2004**

**Aprova o Regulamento Geral do Trabalho de Conclusão de Curso -TCC, nos Cursos de Graduação da UNEB.**

**A PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – CONSEPE** da Universidade do Estado da Bahia – UNEB no uso de suas atribuições, *ad referendum* do Conselho Pleno, tendo em vista o que consta do processo nº 0603040027161,

**RESOLVE:**

**Art.1º** - Aprovar o “Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso” – TCC, nos Cursos de Graduação da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, cujos objetivos e definição constam do EXTRATO anexo.

**Art. 2º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Gabinete da Presidência do CONSEPE, 11 de agosto de 2004.

*Ivete Alves do Sacramento*  
Presidente do CONSEPE

**PUBLICADA EM**  
13 / 08 / 2004  
D.O. – Pág. 26



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## ANEXO ÚNICO DA RESOLUÇÃO N.º 622/2004-CONSEPE

### EXTRATO DO REGULAMENTO GERAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, como atividade acadêmica, constitui requisito parcial para a obtenção do grau referente aos cursos de graduação, nos níveis de licenciatura e de bacharelado oferecidos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, nos diversos *campi*, através dos seus Departamentos.

O Trabalho de Conclusão de Curso tendo como finalidade primeira estabelecer a articulação entre o ensino e a pesquisa, ao tempo em que estimula a atividade de produção científica e técnica, tem por objetivos proporcionar ao discente oportunidades para:

- aprimorar a capacidade de analisar e interpretar criticamente fatos e ocorrências da realidade, na sua área de conhecimento;
- desenvolver as habilidades de expressão escrita na produção de texto científico de cunho monográfico;
- desenvolver habilidades para a utilização de outras formas de expressão através do uso das diversas linguagens traduzidas, dentre os vários trabalhos acadêmicos, em produtos da comunicação multimídia, projetos urbanísticos, produtos turísticos, experiências laboratoriais e/ou projetos educacionais.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO -TCC NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA UNEB

### CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

**Art. 1º** - O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, como atividade acadêmica, constitui requisito parcial para a obtenção do grau referente aos cursos de graduação, nos níveis de licenciatura e de bacharelado oferecidos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, nos diversos campi, através dos seus Departamentos.

**Art. 2º** - Para efeito deste Regulamento, o Trabalho de Conclusão de Curso, corresponde aos produtos finais dos componentes curriculares Projeto Experimental, Seminário Monográfico, Monografia, Estágio Curricular Supervisionado e denominações assemelhadas, de acordo com a grade curricular dos cursos oferecidos pela Universidade.

### CAPÍTULO II DAS FINALIDADES E OBJETIVOS

**Art. 3º** - O Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como finalidade primeira estabelecer a articulação entre o ensino e a pesquisa, ao tempo em que estimula a atividade de produção científica e técnica, tem por objetivos proporcionar ao discente oportunidades para:

- I** - aprimorar a capacidade de analisar e interpretar criticamente fatos e ocorrências da realidade, na sua área de conhecimento;
- II** - desenvolver as habilidades de expressão escrita na produção de texto científico de cunho monográfico;
- III** - desenvolver habilidades para a utilização de outras formas de expressão através do uso das diversas linguagens traduzidas, dentre os vários trabalhos acadêmicos, em produtos da comunicação multimídia, projetos urbanísticos, produtos turísticos, experiências laboratoriais e/ou projetos educacionais.

**Art. 4º** - Inicia-se o processo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, com o planejamento e a execução pelo discente de um Projeto de Pesquisa, de preferência elaborado como produto final dos componentes curriculares de orientação metodológica para a pesquisa, voltado, portanto, para a área de conhecimento para a qual se direcionam os objetivos de cada Curso.

**Parágrafo Único** – O TCC apresentado sob a forma de texto monográfico deve caracterizar-se como produção individual do discente, ressalvando-se a autoria desse trabalho acadêmico por dois ou, no máximo, três discentes, desde que, enquadrando-se no que estabelece o item III do Art. 3º deste Regulamento, derive o TCC de propostas de trabalhos interdisciplinares, com o devido aceite do professor-orientador e da Coordenação dos Trabalhos de Conclusão de Curso no Departamento.

**Art. 5º** - O TCC deve estar inserido no contexto das propostas curriculares dos cursos de graduação, cabendo aos respectivos Colegiados indicar para a Coordenação do TCC as linhas temáticas prioritárias para a pesquisa, cujo trabalho final, atendendo as disposições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este Regulamento e as normas internas de cada Curso, deverá ser apresentado à Comissão Avaliadora para:

- a) - análise e avaliação, conforme se estabelece no Capítulo VII deste Regulamento;
- b) - defesa do tema pelo(a) autor(a) perante a referida Comissão, em sessão pública, condição esta que deverá ser expressa nas normas internas de cada Departamento ou de cada Curso.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

**Art. 6º** - O discente deverá contar, em todas as etapas de realização do TCC, com o regular acompanhamento por um professor-orientador indicado preferencialmente, entre os docentes do respectivo Curso, na forma do disposto no Capítulo VIII deste Regulamento.

**Parágrafo Único** – A indicação do professor-orientador deverá ser aprovada pela Coordenação dos Trabalhos de Conclusão de Curso no Departamento, quando instituída, ou por outro setor responsável por esta coordenação, de acordo com as disposições internas da unidade de ensino ou do(s) seus curso(s).

## CAPÍTULO III

### DA SUPERVISÃO E COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Art. 7º** - A supervisão e o acompanhamento das atividades relacionadas ao TCC, em cada Departamento, são de responsabilidade, da Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso, ou outro órgão com estas finalidades por instituição das normas internas de funcionamento do Departamento, cabendo a essa coordenação:

- I** - o estabelecimento das instruções para a elaboração e avaliação do TCC, as quais, atendendo as normas deste Regulamento, devem detalhar as particularidades para o trabalho final do discente, conforme a área de conhecimento enfatizada e a especificidade de cada Curso;
- II** - o acompanhamento, junto aos professores-orientadores, do andamento das atividades de orientação do TCC, quanto aos prazos para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa e entrega da versão final, buscando evitar qualquer prejuízo quanto às datas de diplomação dos concluintes dos Cursos;
- III** - a identificação de instituições públicas ou da iniciativa privada para a celebração de parcerias, convênios e/ou autorização que permitam o desenvolvimento de projetos de pesquisa pelos discentes inscritos na atividade Trabalho de Conclusão de Curso ou componente curricular similar;
- IV** - a realização de atividades abertas à comunidade acadêmica (reuniões, encontros, palestras, seminários, entre outros), envolvendo os professores-orientadores e seus orientandos para, num processo de socialização, promover a troca de experiências, divulgação dos temas trabalhados e das fases de desenvolvimento dos projetos no decorrer do processo de elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

## CAPÍTULO IV

### DO PROFESSOR-ORIENTADOR

**Art. 8º** - O professor-orientador do Trabalho de Conclusão de Curso, nos termos previstos no Art. 6º, deverá ter formação acadêmica na área do projeto de pesquisa do discente-orientando, titulação mínima em nível de especialização e com reconhecida experiência profissional no campo temático em que se enquadra o referido projeto.

**Parágrafo Único** - A orientação do TCC, de acordo com a especificidade do trabalho e a linha temática à qual se agrega o projeto de pesquisa do discente, com o aceite da Coordenação do TCC referendado pelo Colegiado de Curso, poderá ser feita por professor de diferente Curso do próprio Departamento, lotado em outras Unidades da UNEB, ou mesmo, em outras Instituições de Ensino Superior, nestes casos, sem ônus para o Departamento de origem do referido projeto.

**Art. 9º** - Na elaboração do TCC, desde que com a anuência do professor-orientador, da Coordenação do TCC e do Colegiado de Curso, o discente poderá contar com:

- I** - um co-orientador, docente com reconhecida experiência na área específica do projeto de pesquisa, pertencente ou não ao quadro de professores da Instituição;
- II** - um cooperador técnico que, poderá ser indicado para o fim especial de prestar informações específicas necessárias para o desenvolvimento do trabalho acadêmico, no caso de Cursos da área de Administração, Ciências Contábeis ou outras áreas técnicas,



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

cujo profissional, mesmo não tendo titulação acadêmica apropriada, detenha experiência profissional ou administrativa não-acadêmica, mas relevante, na área-objeto da pesquisa.

**Parágrafo Único** - Para as funções de co-orientador e de cooperador técnico do trabalho acadêmico, cuja inserção se dará por indicação do discente e a convite de representante da Unidade de Ensino, não se depreende qualquer compensação financeira ou vínculo por parte da UNEB ou dos seus Departamentos.

**Art. 10** - A distribuição de encargos de orientação de cada discente, de acordo com as normas internas do Departamento e dos respectivos Cursos, deverá ser feita, preferencialmente, por área temática dentre os docentes qualificados para tal função, devendo observar, caso não haja determinações específicas do Curso sobre o assunto, respeitando-se a carga horária do docente, a seguinte distribuição por semestre letivo:

- a) trabalhos individuais – no máximo 8 (oito) discentes-orientandos;
- b) trabalhos por dupla de discentes – no máximo, 12 (doze) discentes-orientandos;
- c) trabalhos realizados por três discentes – no máximo, 12 (doze) discentes-orientandos.

**Art. 11** - O professor-orientador terá sob sua responsabilidade:

- I – definir junto com o orientando, quando necessário, o tema do Trabalho de Conclusão de Curso, acompanhando-o até a etapa final do estudo;
- II - manter contatos com a Coordenação do TCC para esclarecimentos e orientações relativas ao seu trabalho, quando necessário;
- III –prestar atendimento ao(s) discente(s)-orientando(s), distribuindo as horas-aula/semestre, na forma do Art. 10, conforme cronograma de orientação, observando o prazo para o desenvolvimento dos projetos e respectiva data final para a entrega e avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso;
- IV – encaminhar à Coordenação do TCC, nos prazos determinados, devidamente preenchidos e assinados os documentos referentes ao controle de frequência e avaliações do discente-orientando, conforme as normas internas de cada Curso para esta etapa do trabalho acadêmico;
- V – participar, obrigatoriamente, das Comissões Avaliadoras quando seu(s) orientando(s) tenha(m) sido o(s) autor(es) do TCC sujeito à avaliação;
- VI – cumprir e fazer cumprir este Regulamento e outras normas específicas do Departamento ou do Colegiado do Curso sobre o assunto.

**Art. 12** - A substituição do professor-orientador, em qualquer etapa da elaboração do TCC, poderá ser permitida, por motivo de força maior e sob o aval da Coordenação do TCC, referendado pelo Colegiado de Curso, observando-se, rigorosamente, a coincidência de datas do afastamento do então titular e do compromisso formal de assunção como orientador por outro docente.

## CAPÍTULO V DOS DISCENTES-ORIENTANDOS

**Art. 13** - O discente, no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, deverá:

- I – submeter ao professor-orientador o Projeto de Pesquisa, na forma do Capítulo V deste Regulamento e o seqüente plano para execução do TCC;
- II – atender ao cronograma elaborado em conjunto com o seu orientador para discussão, análise e adoção de medidas, se necessárias, visando o aprimoramento do trabalho;



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- III – comparecer às reuniões por convocação do professor-orientador, da Coordenação do TCC ou da Coordenação do Colegiado do Curso;
- IV – elaborar a versão final do TCC para fins de avaliação, de acordo com as normas internas do seu Curso e/ou do Departamento, atendendo as instruções específicas e correlatas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT para a apresentação de trabalhos acadêmicos;
- V - comparecer em data e local determinados, desde que previsto nas normas internas do seu Curso e/ou do Departamento, para a apresentação oral do trabalho, de acordo com o calendário estabelecido pelo coordenador da disciplina, ou pela Coordenação do Colegiado do respectivo Curso.

## CAPÍTULO VI DO PROJETO DE PESQUISA

**Art. 14** - O projeto de pesquisa, de plena responsabilidade do discente, para o seu desenvolvimento, está sujeito à aprovação pelo professor-orientador, desde que atendidos os critérios estabelecidos pelo Colegiado de Curso, inclusive o cronograma definido e aprovado para o semestre acadêmico.

**Art. 15** - A fim de garantir o ineditismo da pesquisa, a aprovação do projeto está condicionada à inexistência de trabalho já apresentado com uma abordagem similar, ressalvando-se o caso, quando, com o aval do professor-orientador, se caracterize um tratamento diferenciado para o mesmo tema.

**Art. 16** - A alteração da proposta inicial poderá ser acatada, desde que a(s) mudança(s) solicitada(s) pelo discente e aceita(s) pelo seu professor-orientador, permita(m) a finalização do TCC e/ou produção da monografia no prazo estabelecido.

## CAPÍTULO VII DA COMISSÃO AVALIADORA

**Art. 17** - A Comissão Avaliadora do TCC, mediante indicação do Colegiado do Curso, ouvida a Coordenação do TCC, deverá ser composta pelo professor-orientador e por dois outros docentes em exercício, com titulação mínima em especialização, reconhecida experiência como professor e/ou como pesquisador na área em foco.

§ 1º - Na composição da Comissão Avaliadora, de acordo com as normas internas de cada curso, poderá ser incluído um membro escolhido entre os professores de outros Colegiados do próprio Departamento, ou de outra Unidade de Ensino da Universidade.

§ 2º - A indicação da Comissão Avaliadora, poderá, ainda, incluir docentes de instituição congênera, vinculados à área de abrangência da pesquisa, cabendo ao Departamento, quando previsto nas suas normas internas, a previsão de desembolso para a remuneração destes professores.

§ 3º - O Coordenador do Colegiado de Curso, ao indicar os professores para a composição da Comissão Avaliadora, excetuando-se os casos dos professores-orientadores, cuja presença é obrigatória, deve buscar manter a equidade no número de indicações, limitando a participação de cada docente em, no máximo, 05(cinco) comissões por semestre acadêmico.

## CAPÍTULO VIII DA APRESENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO TCC

**Art. 18** - O produto final do TCC a ser apresentado para avaliação, seja na sua composição como texto monográfico ou sob outra modalidade conforme previsto no Art. 2º deste Regulamento, deverá ser elaborado, expressamente de acordo com estas disposições, com as normas internas do Colegiado de Curso e instruções correlatas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, em vigor.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

**Art. 19** - De acordo com a especificidade do projeto de pesquisa e respectiva abordagem do tema/problema, o produto final do TCC pode resultar em:

- I – teorização sobre o tema pesquisado nas diversas fontes de referência bibliográfica e/ou eletrônica;
- II – base teórica e aplicação prática em trabalho de campo ou de laboratório, desde que atendidas a abrangência e compatibilidade do trabalho quanto à área de estudo e tempo destinado à realização do TCC;
- III – análise de situação caracterizada como estudo de caso;
- IV – desenvolvimento de teoria ou de doutrina referente a determinado objeto de estudo.

**Art. 20** - O Coordenador do TCC no Departamento deverá elaborar calendário, fixando os prazos para a entrega do trabalho final para avaliação e/ou apresentação e defesa oral do TCC, quando previsto este evento nas normas internas de cada Curso.

**Parágrafo Único** - As datas de que trata o *caput* deste artigo deverão ser comunicadas à Direção do Departamento e, por extensão, aos órgãos competentes para inserção no calendário da Universidade, sem prejuízo de outras atividades ou eventos já programados.

**Art. 21** – A versão final do TCC, atendendo data fixada em cronograma específico deverá ser entregue à Coordenação do TCC, em três vias impressas, até 30 (trinta) dias que antecedem a data do final do semestre letivo para encaminhamento aos membros da Comissão Avaliadora que, de acordo com as normas de cada Curso, emitirão parecer conclusivo e nota final.

**Parágrafo Único** - Compete à Coordenação do TCC estabelecer cronograma para:

- a) devolução do TCC pela Comissão Avaliadora à Coordenação do Colegiado e, por esta, consequentemente encaminhado ao discente para acréscimos ou alterações ao texto, se necessários;
- b) cumprimento pelo discente das recomendações da Comissão Avaliadora e apresentação do TCC, sem prejuízo da data de encerramento do semestre letivo.

**Art. 22** - A Comissão Avaliadora deverá dispor de orientação para aplicação uniforme dos critérios de avaliação dos TCCs, abordando entre outros aspectos:

- I - conteúdo, fidelidade ao tema e metodologia adotada no desenvolvimento do trabalho;
- II - coesão e coerência do texto e atendimento ao nível culto da língua portuguesa;
- III - estrutura formal da monografia, quando for o caso, de acordo com as normas técnicas para o trabalho acadêmico;
- IV - estruturação dos trabalhos produzidos na forma do item III do Art. 3º deste Regulamento.

**Art. 23** - Será aprovado o discente que obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete) valor obtido pela aplicação da média aritmética das notas individuais atribuídas ao seu trabalho pelos membros da Comissão Avaliadora, para cujo resultado, não será permitido qualquer recurso para a revisão e/ou alteração das notas consignadas.

**Art. 24** - O resultado da avaliação do TCC, de acordo com as normas específicas do curso, deverá ser registrado:

- I - em ata especialmente destinada para tal fim, na qual se explicitem os pareceres da Comissão Avaliadora e a média final alcançada pelo discente;
- II - diretamente no Diário de Classe pelo Coordenador da disciplina com base nos pareceres dos examinadores, arquivando-se aqueles pareceres como prova documental da avaliação efetuada.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

**Art. 25** - O produto final do TCC, expressamente estruturado conforme a NBR nº 14.724/2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), deverá ser entregue pelo discente à Coordenação do TCC, devidamente formatado, gravado em disquete ou CD-Rom, com duas vias impressas, encadernadas e com lombada, de acordo com os itens 4.1.1 e 4.1.2 da norma citada, adiante descritos, sendo uma via encaminhada para o Colegiado do Curso e a outra destinada à Biblioteca Central da UNEB para conhecimento e consulta pela comunidade acadêmica e por outros usuários.

**Capa**, com as informações transcritas na seguinte ordem:

- a) nome da Instituição;
- b) nome do(s) autor(es);
- c) título;
- d) subtítulo, se houver;
- e) local (cidade) da Instituição onde deve ser apresentado o trabalho;
- f) ano de depósito (entrega)

**Lombada**

- a) nome do(s) autor(es), impresso longitudinalmente e legível, do alto para o pé da lombada. Forma que possibilita a leitura quando o trabalho está no sentido horizontal, com a face voltada para cima;
- b) título do trabalho, impresso no mesmo formato do nome do(s) autor(es);

**Parágrafo Único** - Para os fins previstos no *caput* deste artigo, as normas internas do Curso, deverão definir o estilo da capa do TCC e, mesmo, quando inserida qualquer diferenciação como característica do curso quanto à gramatura e cor do papel da referida capa, sob o consenso da Coordenação do TCC e do Colegiado do Curso, devem ser observados os critérios de economia e simplicidade.

**Art. 26** - Sendo prevista a apresentação oral e defesa da versão final do TCC, em data, local e horário a serem definidos em cada Departamento, pela Coordenação do TCC juntamente com os Colegiado(s) do(s) Curso(s), além de ser de pleno conhecimento do autor do trabalho e do seu professor-orientador, como forma de sociabilização do saber, o evento deverá ser divulgado para a comunidade acadêmica local.

§ 1º - O discente, para a apresentação e defesa oral do TCC, poderá dispor de até trinta minutos para exposição do seu tema, devendo solicitar com 72 (setenta e duas) horas de antecedência o material de suporte à sua exposição, desde que disponível no Departamento ao qual é vinculado o Curso.

§ 2º - No cronograma da apresentação prevista no *caput* deste artigo, deve ser destinado espaço de tempo para críticas e comentários da Comissão Avaliadora e para réplica pelo discente, quando couber.

§ 3º - O discente reprovado uma única vez no trabalho de conclusão de curso, terá oportunidade para nova defesa, em data determinada pelo Colegiado de Curso.

**Art. 27** - O discente que não conseguir aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso ou em componente curricular afim deverá matricular-se no semestre seguinte na disciplina correspondente, podendo, no caso de Projeto de Pesquisa ou TCC manter o mesmo tema que vinha sendo desenvolvido ou pesquisado.

**Art. 28** - A colação de grau e o recebimento do respectivo diploma pelo discente ficam condicionados, irrevogavelmente, à entrega da versão final do TCC no prazo estipulado e à obtenção da nota mínima para aprovação, conforme se estabelece no Art. 23 deste Regulamento.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## CAPÍTULO IX DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

**Art. 29** - Compete aos Departamentos, através dos Colegiados de Cursos, sem prejuízo deste Regulamento, como forma de normalizar a produção do TCC no âmbito da UNEB, a elaboração de normas internas para aquele trabalho acadêmico, de acordo com a especificidade de cada Curso, cujas normas deverão ser homologadas pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação.

**Parágrafo Único** - O ajuste nas normas internas de cada Curso, na forma do *caput* deste artigo, deverá ser efetuado no prazo máximo de 60(sessenta) dias contados da data em que entrar em vigor o presente Regulamento, conforme o estabelecido no Art. 33 deste documento.

**Art. 30** - Na forma da Lei nº 9.610/98, são reservados à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, todos os direitos referentes à produção científica dos discentes, decorrentes da execução do Trabalho de Conclusão de Curso, nas suas diversas modalidades conforme previsto no Art. 3º deste Regulamento.

**Parágrafo Único** - Ressalvando-se aspectos do direito autoral, excetuam-se das recomendações inscritas no *caput* deste artigo, os trabalhos desenvolvidos pelo discente com total independência em relação ao suporte da Universidade.

**Art. 31** - O discente deve ter conhecimento das normas que regem a propriedade intelectual, assumindo a responsabilidade civil e criminal decorrente, por qualquer ato ilícito praticado quando da elaboração do trabalho acadêmico em suas fases de fundamentação teórica e/ou de execução prática.

**Art. 32** – A solução de casos especiais ou considerados em regime de exceção, por solicitação do discente, sem exclusão das demais instâncias da Universidade, em princípio, é de competência da Coordenação do TCC no Departamento, juntamente com o respectivo Colegiado de Curso, para análise e parecer sobre o requerido, desde que comprove o peticionário que:

- I - o disposto neste Regulamento e nas normas específicas do Departamento e/ou do Curso e demais aspectos legais foram atendidos;
- II - o fato gerador da solicitação seja caracterizado como de força maior;
- III - as requisições que demandem ajustes ou prorrogação de prazo na condução do processo de produção do TCC sejam devidamente justificadas pelo discente e/ou pelo seu professor-orientador.

**Art. 33** - O presente Regulamento deverá entrar em vigor na data inicial do período acadêmico seguinte ao semestre em que for publicado o ato no Diário Oficial do Estado.



# **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH / Campus VI COLEGIADO DE HISTÓRIA**

### **Regimento da Área de Pesquisa Histórica do Colegiado de História - DCH/Campus VI da UNEB.**

#### **PARTE I CAPÍTULO I**

##### **DA APRESENTAÇÃO DO REGIMENTO**

**Artigo 1º** - O objetivo deste Regimento é estabelecer normas para o funcionamento da área de Pesquisa Histórica e de sua Coordenação no Curso de História do Departamento de Ciências Humanas – DCH / Campus VI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

#### **CAPÍTULO II**

##### **DA COORDENAÇÃO DE PESQUISA HISTÓRICA**

**Artigo 2º**- Os objetivos principais da Coordenação de Pesquisa Histórica são:

I -Incentivar a pesquisa científica, como requisito de TCC, envolvendo docentes e discentes do DCH-CAMPUS VI/UNEB.

II- Divulgar a produção acadêmica da pesquisa em história.

III- Promover maior integração entre Ciência e Sociedade, por meio de eventos, palestras, jornadas que divulguem o conhecimento científico para a comunidade acadêmica e para a sociedade, de modo geral articulando-se com o Núcleo de Pesquisa e Extensão da Uneb – NUPE.

IV- Impulsionar a divulgação científica, por meio da organização de publicações impressas e digitais, através de anais eletrônicos dos eventos da área de História e áreas afins, dentre outras formas de publicação e de divulgação científica.

V- Contribuir para o incentivo à Iniciação Científica, por meio de Programas de Iniciação Científica, como o PIBIC e PIBID, PICIN, dentre outros, despertando nos discentes o estímulo à pesquisa, ao ensino e à extensão.



# **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## **PARTE II DO FUNCIONAMENTO DA PESQUISA:**

### **CAPÍTULO III**

#### **CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO DE PESQUISA**

**Artigo 3º** - A Área de pesquisa do Colegiado de História do DCH-CAMPUS VI / UNEB é composta por docentes do referido colegiado.

I – A coordenação da Pesquisa Histórica será composta por três professores escolhidos em reunião da Plenária deste Colegiado para o mandato de dois semestres contínuos podendo ser reconduzidas.

### **CAPÍTULO IV**

#### **COMPETÊNCIAS DA COMISSÃO DE PESQUISA**

**Artigo 4º** - À coordenação de pesquisa do Colegiado de História do DCH-CAMPUS VI / UNEB compete:

I – Coordenar as atividades referentes à área de pesquisa histórica do Colegiado de História do DCH-CAMPUS VI / UNEB;

II - Promover e divulgar eventos que estimulem a produção científica do alunos e professores

III – Organizar e manter atualizado o cadastro de pesquisadores (docentes e discentes do Colegiado de História do DCH-CAMPUS VI / UNEB), com suas produções científicas e pesquisas realizadas, bem como acompanhar e divulgar os programas e projetos de pesquisa na Instituição;

IV- Estimular o desenvolvimento de projetos de iniciação científica, favorecendo aos alunos a participação em projetos e eventos internos e/ou externos ao Departamento, bem como o aperfeiçoamento dos mesmos;

V – Orientar alunos e professores pesquisadores, e mediar possíveis conflitos entre estes durante a vigência da pesquisa em seus vários processos.

VI – Organizar as bancas para avaliação do TCC em consonância com as indicações do colegiado do curso.

### **CAPÍTULO V**



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

**Artigo 5º** - A pesquisa do Colegiado de História do DCH-CAMPUS VI / UNEB é desenvolvida pelas disciplinas da Área de Pesquisa a saber:

- I. Pesquisa histórica I;
- II. Pesquisa histórica II;
- III. Pesquisa histórica III;
- IV. Pesquisa histórica IV.

§ 1º - Tais disciplinas são parte integrante do currículo do Curso de História do Departamento de Ciências Humanas – DCH / Campus VI – UNEB, estão regulamentadas pelo Regimento Interno da Instituição complementadas pelas normas estabelecidas neste Regimento.

§ 2º - O discente em história deverá cumprir a seqüência das disciplinas da Área de Pesquisa;

§ 3º - Os discentes matriculados na disciplina Pesquisa Histórica I, de caráter presencial, deverão optar por uma das linhas de pesquisa oferecidas pelos docentes em consonância com a coordenação de pesquisa;

§ 4º - A Pesquisa poderá ser desenvolvida individualmente ou em dupla.

### **CAPÍTULO VI**

#### **DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA PESQUISA HISTÓRICA**

**Artigo 6º** - A avaliação da pesquisa do Colegiado de História do DCH-CAMPUS VI / UNEB é desenvolvida pelas disciplinas da Área de Pesquisa conforme descrição a seguir:

- I. Pesquisa histórica I – Presencial - Elaboração de memorial de leitura;
- II. Pesquisa histórica II – Presencial - Elaboração de pré-projeto de pesquisa;
- III. Pesquisa histórica III – Presencial - Elaboração de projeto de pesquisa;
- IV. Pesquisa histórica IV – Presencial - Elaboração de artigo científico, monografia ou catalogação de fontes inéditas, como resultado do TCC.

§ 1º - Podem-se citar os seguintes critérios que serão observados no processo de avaliação dos projetos de pesquisa ;

- I. Análise científica dos projetos de pesquisa;
- II. Enquadramento e consistência do projeto de pesquisa às linhas de pesquisa oferecidas pelo corpo docente do curso;
- III. Originalidade e objetivos adequados do projeto de pesquisa com as atividades do componente Pesquisa Histórica;
- IV. Metodologia adequada à proposta de pesquisa;



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- V. Viabilidade do projeto;
- VI. Relevância do projeto e dos resultados esperados;
- VII. Contribuições socioeconômica, científica e tecnológica do projeto para a área do conhecimento regional ou nacional;
- VIII. Cronograma de trabalho individual e diferenciado.

**Parágrafo único:** A pontuação geral dos trabalhos de pesquisa submetidos aos professores e à coordenação, considerando-se os seguintes critérios de avaliação que serão computados na escala de zero a dez.

### **CAPÍTULO VII**

#### **DAS OBRIGAÇÕES DOS ALUNOS PESQUISADORES**

**Artigo 7º** - Os alunos pesquisadores apresentam as seguintes obrigações:

I - Apresentar relatório parcial sob supervisão do professor orientador, em conformidade com o prazo estipulado pela coordenação de pesquisa.

II- Participar de reuniões periódicas convocadas pela Coordenação de Pesquisa, quando solicitado.

III - Apresentar trabalho final correspondente à disciplina de desenvolvimento da pesquisa; com o prazo estipulado pela coordenação de pesquisa

IV – Encaminhar a coordenação cópia do trabalho impressas e digitalizada

V – Apresentar a defesa do TCC perante banca examinadora.

### **CAPÍTULO VIII**

#### **DAS COMPETÊNCIAS DOS PROFESSORES PESQUISADORES**

**Artigo 8º** - Aos professores pesquisadores compete:

I- Orientar o aluno-pesquisador em todas as fases do desenvolvimento do trabalho científico; dando-lhe suporte adequado em atendimento extra classe e em horário a combinar, em consonância com o colegiado

II- Orientar o aluno-pesquisador na elaboração e na apresentação dos resultados da pesquisa em eventos acadêmicos que visem a divulgação de trabalhos de iniciação científica;



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

III- Apresentar notas e demais informações sempre que solicitado pela Coordenação de Pesquisa respeitando os prazos estabelecidos;

IV- Participar das reuniões promovidas pela Coordenação de Pesquisa do DCH-CAMPUS VI / UNEB, sempre que solicitado;

V- Motivar os orientandos à submissão de trabalhos para publicação em eventos científicos e em periódicos de renome no cenário nacional e internacional.

VI – Registrar nos seus PITs a carga horária correspondente às disciplinas.

### **CAPÍTULO IX DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Art - 9º** - É parte do presente regimento o anexo I que versará sobre as orientações e técnicas e outros procedimentos que se fizerem necessárias .

**Art – 10º** . Os casos omissos serão resolvidos pela comissão de Pesquisa Histórica em consonância com o colegiado.

**Art – 11º**. O Regimento entra em vigor na data da sua aprovação revogadas as disposições em contrário.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

## ANEXO I

### Pesquisa Histórica I: Memorial de Leituras

Ao ingressar na disciplina Pesquisa Histórica I os alunos assistirão um Seminário de Linhas de Pesquisa, em que cada professor orientador terá a oportunidade de expor suas atividades de pesquisa aos alunos iniciantes, bem como as linhas de pesquisa em que atuam.

A partir deste momento, os alunos poderão escolher a Linha de Pesquisa de seu interesse, logo, o seu orientador.

Os professores orientandos deverão indicar aos alunos uma bibliografia básica, referente a sua linha de pesquisa.

Ao final do semestre os alunos devem elaborar um memorial das leituras indicadas pelo orientador, articulando-as com os textos lidos ao longo da disciplina presencial Pesquisa Histórica I. Este trabalho é o primeiro passo para a construção do conhecimento teórico necessário a atividade de pesquisa.

### Pesquisa Histórica II: Anteprojeto de Pesquisa

Depois de se inteirar do referencial teórico relacionado a linha de pesquisa escolhida, o aluno deverá elaborar um anteprojeto (que é o esboço do trabalho a ser realizado na disciplina Pesquisa Histórica III). Para tanto, é necessário observar os seguintes elementos:

- Título: Indicar o título, ainda que provisório, do TCC que pretende elaborar.
- Linha de Pesquisa: Assinalar em que linha de pesquisa se enquadra o anteprojeto.
- Introdução: Especificação do tema; Localização espacial; abordagens gerais sobre o anteprojeto em consonância com a linha de pesquisa.
- Objetivos: Indicar os objetivos pretendidos com o desenvolvimento da pesquisa; se possível, separando-os em “objetivo geral” e “objetivos específicos”.
  - ✓ Os objetivos específicos correspondem aos capítulos que serão desenvolvidos (ou aos tópicos do artigo); devem funcionar como norteadores do trabalho.
- Justificativa: Indicar as razões que tornam relevante o desenvolvimento do projeto de pesquisa, seja o ineditismo da proposta, a contribuição para o aprofundamento teórico do tema ou qualquer outro motivo que enriqueça o debate acadêmico.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

- ✓ É importante que o trabalho tenha uma relevância acadêmica, social e pessoal, sendo importante para a construção do conhecimento histórico, contribuindo para a comunidade de historiadores e contemplando as inquietações pessoais que levaram o pesquisador ao tema.
- Referencial Teórico: Elaborar uma breve revisão teórica acerca da temática a ser desenvolvida, abordando os principais autores e correntes de pensamento que nortearam o enquadramento do objeto a ser estudado.
- Metodologia: Apresentar os principais instrumentos metodológicos a serem utilizados para o desenvolvimento da pesquisa (quais tipos de fonte serão utilizados e que possibilidades elas oferecem).
- Referências de Leitura: Indicar as principais fontes bibliográficas que deverão ser exploradas na consecução do projeto de pesquisa, atentando para o cumprimento das normas técnicas mais atuais adotadas pela ABNT.
  - ✓ Observação: A estrutura acima deve ser desenvolvida em, no máximo, cinco folhas.
- Fontes: Indicar a natureza das fontes (impressa, manuscrita, iconográfica, oral, etc.).
- Bibliografia: Indicar todos os livros que compõem a bibliografia.

### Pesquisa Histórica III: Projeto de Pesquisa

O projeto de pesquisa é um instrumento de suma importância para a consolidação do TCC. Quando o projeto é bem elaborado o aluno consegue concluir o seu trabalho de pesquisa de forma mais segura. Nesta etapa o aluno deverá aprofundar os elementos do anteprojeto, incluindo a problematização.

1. Introdução
2. Justificativa
3. Objetivos
4. Problematização:

### QUAIS AS QUESTÕES A SEREM RESOLVIDAS?

Apresentar as questões específicas, isto é, os problemas a que você pretende responder, ou apontar soluções, com a pesquisa. É a problematização do tema abordado na pesquisa. É ou são a(s) questão(ões) a ser(em) solucionada(s). Que questionamentos foram levantados acerca do tema, ao fazer a leitura sobre o assunto tratado? Que críticas podem ser feitas ao se examinar a questão? O tempo verbal deve ser, preferencialmente, o condicional – futuro do pretérito, porque são conjecturas, revelam dúvidas.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

“Um problema científico a ser pesquisado surge quando, interessando-se por certa temática ou área de estudos, o pesquisador descobre: a) com maior frequência uma *lacuna* a ser preenchida, usando os quadros teórico-metodológicos disponíveis; b) ou uma falha no campo do saber (ou seja, o historiador está em desacordo com conhecimentos ou teorias antes admitidos).

O caminho que leva de um vago interesse a um tema bem formulado e delimitado de pesquisa pode ser longo. No início, o pesquisador poderá dizer coisas como: “interessa-me a História das rebeliões de escravos”; “gostaria de estudar algo sobre a industrialização”; “não me satisfazem os trabalhos existentes sobre o caráter do Estado e sua atuação no período X”, etc. Partindo de tais impulsos ainda mal definidos, começará uma fase de leituras temáticas e também histórico-metodológicas, de sondagens de documentação em arquivos e bibliotecas, de entrevistas com historiadores que trabalharam sobre assuntos semelhantes ou acerca do mesmo período, etc. Até que, finalmente, se torne possível afirmar sem ambigüidade qual é o tema a ser pesquisado, delimitando-o; 1) no tempo; 2) no espaço; 3) como universo de análise (quer dizer, definindo “o que entra” e portanto, o que *não* entra no estudo que se empreenderá”).

Ciro Flamarion Cardoso (UFF)

É importante lembrar que a problematização é construída a partir de questionamentos feitos às fontes em consonância com a bibliografia estudada. Ou seja, só é possível construir a problematização depois de uma atividade inicial de pesquisa. É preciso saber o que as fontes apontam a respeito do tema escolhido, de que forma elas incitam novas questões, o que sugerem... ou seja, é preciso dialogar com elas, ainda que seja um diálogo repleto de interrogações e de apenas prováveis resposta. Este exercício é fundamental para que o aluno aprenda a analisar suas fontes de modo a construir um trabalho crítico e de análises enriquecidas.

5.Revisão bibliográfica (referencial teórico)

6.Metodologia (referencial metodológico)

7.Fontes

8.Bibliografia

**Pesquisa Histórica IV: Artigo Científico, Monografia ou Catalogação de Fontes Inéditas.**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.9.3. Atividades Acadêmico Científicos Culturais (AACC)**

As AACC são concebidas como parte estruturante do currículo do Curso de História do *Campus* VI da UNEB. Ela constitui-se como um dos eixos de conhecimento que integram a organização curricular na formação inicial do profissional de História.

De acordo com o Parecer 028/2001, essas atividades compreendem “seminários, apresentações, exposições, participação em eventos científicos, estudos de caso, visitas, ações de caráter científico, técnico, cultural e comunitário, produções coletivas, monitorias, resolução de situações problemas, projetos de ensino, ensino dirigido, aprendizado de novas tecnologias de comunicação e ensino, relatórios de pesquisa, dentre outros”.

Desde 2002, após publicação das Resoluções 001 e 002 do Conselho Nacional de Educação, os cursos de graduação plena para formação de professores possuem uma carga horária mínima de 2.800 horas, divididas em quatro dimensões, sendo obrigatórias 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais. Mais do que desconstruir a ideia da sala de aula como único espaço formacional, essa medida contribuiu para o imbricamento entre as instituições de ensino superior e a sociedade através da realização de atividades extensionistas, assim como incentivou a criação de atividades permanentes de ensino e pesquisa para a participação dos discentes.

No âmbito da UNEB, a Resolução nº 1.150/2010 do CONSEPE estabelece que as Atividades Acadêmico Científicos Culturais tenham “por finalidade aprofundar, ampliar e consolidar a formação acadêmico-cultural do discente”. Essa Resolução também regulamenta o planejamento, acompanhamento e avaliação das AACC nos cursos de licenciatura da UNEB, definindo os tipos de atividades passíveis de serem aproveitadas, bem como o número de horas válidas como atividades complementares.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

Na UNEB, somente são consideradas AACC as atividades realizadas após o ingresso do discente na instituição. O computo das AACC deve ser realizado por meio de requerimento do estudante, de acordo com prazo estabelecido no calendário acadêmico, devendo anexar os certificados referentes a cada atividade desenvolvida. Embora deva realizar atividades desde o 1º semestre, o estudante somente poderá solicitar o aproveitamento das mesmas após o 4º semestre. É organizada uma comissão, composta por três professores do curso, para computar e analisar a carga horária requerida pelo aluno. A participação dos alunos nas AACC, tanto dentro da instituição quanto fora, deve ser comprovada através de certificados emitidos pelas instituições organizadoras dos eventos.

O Curso de História de Caetité tem procurado implementar uma política local para as AACC. Anualmente, são planejadas e desenvolvidas atividades na área de extensão, sobretudo por meio de eventos regulares Encontro Anual de História, os diversos colóquios organizados por grupos de pesquisas que tem membros do colegiado em sua composição, Seminário de Estágio Supervisionado e o Seminário Acadêmico Interdisciplinar, organizado pelos próprios alunos.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

## RESOLUÇÃO N° 1.150/2010

Publicada no D.O.E. de 11-02-2010, p.22

**Regulamenta as Atividades Acadêmico Científico Culturais – AACC para os Cursos de Licenciatura da UNEB e revoga a Resolução N° 792/2007 – CONSEPE.**

**O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE** da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, conferidas pelo Art. 15, inciso VII, combinado com o Art. 13, § 4º do Regimento Geral da UNEB, *ad referendum* do Conselho Pleno, de acordo com as diretrizes da Lei nº 9.394/1996, o que estabelecem as Resoluções CNE/CP nº 01 e 02/2002 e o que consta do Processo N.º 0603090240923, após parecer da relatora designada com aprovação,

### RESOLVE:

**Art. 1º** - Regular as Atividades Acadêmico Científico Culturais - AACC para os currículos dos Cursos de Licenciatura da UNEB.

§ 1º - As Atividades Acadêmico Científico Culturais - AACC serão obrigatórias na integralização dos cursos Licenciatura e têm por finalidade aprofundar, ampliar e consolidar a formação acadêmico cultural do discente.

§ 2º - O Colegiado, observando a carga horária total dos currículos dos Cursos de Licenciatura, destinará o mínimo de 200 (duzentas) horas para as Atividades Acadêmico Científico Culturais - AACC que serão validadas na quantidade limite de horas, para aproveitamento, conforme o estabelecido no Anexo Único que integra essa Resolução.

§ 3º - Serão consideradas Atividades Acadêmico Científico Culturais- AACC, aquelas realizadas pelo discente após o seu ingresso na UNEB.

§ 4º - Para os discentes ingressos via categorias especiais de matrícula ou vestibular que já cursaram outro curso de ensino superior (concluído ou não), só serão consideradas como atividades complementares aquelas realizadas no prazo máximo de 2 (dois) anos anteriores ao seu ingresso na UNEB, desde que estejam contempladas no Anexo Único desta resolução.

§ 5º - Poderão ser acrescentadas ao Anexo Único desta Resolução outras Atividades Acadêmico Científico Culturais - AACC, específicas da área, após analisadas pelo Colegiado de Curso e aprovadas pelo Conselho de Departamento.

§ 6º - O planejamento, acompanhamento e avaliação das Atividades Acadêmico Científico Culturais- AACC, realizadas pelos discentes, são da competência dos Colegiados de Curso, a serem registradas em formulário próprio, cuja elaboração será da responsabilidade dos respectivos Colegiados.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

---

§ 7º - O aproveitamento das Atividades Acadêmico Científico Culturais - AACC realizadas, fica sujeito à apresentação pelo discente de documento que comprove a sua participação nessas atividades, de acordo com o prazo estabelecido no calendário acadêmico.

§ 8º - O estudante deverá realizar as atividades complementares ao longo do curso, a partir do 1º semestre. No entanto, para efeito de cômputo do AACC, deverá formalizar o processo através da apresentação dos certificados, a partir do 4º semestre de cada curso.

**Art. 2º** - Ao realizar e concluir uma atividade acadêmica não prevista no Anexo Único desta Resolução, o discente poderá solicitar ao Colegiado de Curso inclusão da mesma para seu aproveitamento no currículo, com prazo previsto no calendário acadêmico.

§ 1º - O Colegiado de Curso apreciará a pertinência ou não da solicitação e encaminhará ao Conselho de Departamento para deliberação.

§ 2º - Cada Colegiado deverá instituir uma comissão para analisar e emitir pareceres nos processos de aproveitamento das Atividades Acadêmico Científico Culturais – AACC de cada curso.

**Art. 3º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogada a Resolução nº. 792/2007 – CONSEPE.

Gabinete da Presidência do CONSEPE, 10 de fevereiro de 2010.

*Lourivaldo Valentim da Silva*  
Presidente do CONSEPE



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

## ANEXO ÚNICO DA RESOLUÇÃO Nº 1150/2010 – CONSEPE

### VALIDADE E APROVEITAMENTO DAS ATIVIDADES ACADÊMICO CIENTÍFICO CULTURAIS - AAC C

Atividade Desenvolvida	Número de horas válidas como Atividades complementares	Número máximo de horas que podem ser aproveitadas na integralização de 200h de AAC C
1. Atividades de iniciação científica, iniciação à docência ou equivalentes, realizadas na UNEB ou por outra instituição de ensino superior reconhecida ou autorizada pelo MEC, com a devida comprovação do coordenador do projeto de pesquisa.	2 horas de AD = 1 hora de AC	Até 100 horas
2. Atividades de monitorias de ensino, extensão e de eventos, incluídas as monitorias voluntárias com a devida comprovação do Coordenador do NUPE, do Colegiado ou do Orientador.	2 horas de AD = 1 hora de AC	Até 100 horas
3. Aperfeiçoamento em cursos de extensão, minicursos e oficinas, realizados na UNEB ou em outra Instituição de Ensino Superior reconhecida ou autorizada pelo Ministério da Educação, Ong's, Secretarias de Educação, Empresas e entidades da Sociedade Civil organizada.	1 hora de AD = 1 hora de AC	Até 100 horas
4. Participação como ouvinte em seminários, congressos e eventos de natureza acadêmica e profissional organizadas pela UNEB.	2 horas de eventos = 1 hora de AC	Até 100 horas
5. Participação como ouvinte em seminários, congressos e eventos de natureza acadêmica e profissional promovidos por órgãos públicos, empresas de assessorias educacionais, Ong's e	3 horas de eventos = 1 hora de AC	Até 100 horas





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

Movimentos Sociais e Sindicais, instituições de ensino superior autorizadas e ou reconhecidas, empresas e entidades da sociedade civil organizada.		
6.Participação como Membro de comissão organizadora de seminários, congressos e eventos de natureza acadêmica e profissional organizadas pela UNEB ou por outra Instituição de Ensino Superior reconhecida ou autorizada pelo Ministério da Educação.	1 hora de eventos = 1 hora de AC	Até 60 horas
7.Participação como membro de comissão organizadora de seminários, jornadas e eventos em sua área de formação ou afins promovidos por Secretarias de Educação, Unidades Escolares autorizadas e ou reconhecidas, associações comunitárias, organizações governamentais e não governamentais, Movimentos Sociais, Sindicais e Entidades representativas.	2 horas de eventos = 1 hora de AC	Até 60 horas
8- Visitas temáticas ou excursões de estudo organizadas por Instituição de Ensino Superior reconhecida ou autorizada pelo Ministério da Educação ou por Associações Profissionais excetuando-se as atividades previstas no Projeto Pedagógico de cada curso com anuência da Coordenação do Curso anterior à viagem.	1 dia de AD = 8 horas de AC	Até 40 horas
9- Participação em projetos de extensão comunitária ou outros projetos de alcance social, organizados pela Universidade, Prefeituras, Conselhos Municipais, Associações de Bairro, Centros de Atendimento comunitários e entidades representativas.	2 horas de AD = 1 hora de AC	Até 60 horas



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

10- Elaboração e/ou execução em projetos de extensão comunitária ou outros projetos de alcance social, organizados pela Universidade, Prefeituras, Conselhos Municipais, Associações de Bairro, Centros de Atendimento comunitários e entidades representativas	1 hora de AD = 1 hora de AC	Até 60 horas
11- Apresentação ou co-autoria de trabalhos em eventos de natureza acadêmica na área de formação ou áreas afins	1 apresentação = 5 horas AC	Até 30 horas
12- Publicação	40 horas por livro com conselho editorial; 40 horas por publicação em revista indexada, impressa ou eletrônicas ; 20 horas por publicação de capítulo de livros com conselho editorial; 15 horas por trabalho completo em anais com conselho editorial; 10 horas por trabalho completo em anais sem conselho editorial; 5 horas por publicação de resumo ou artigo em revista especializada, mas não indexada; 5 horas por publicação de resumo ou artigo em anais sem conselho editorial; 3 horas por publicação de artigo, resenha, crônicas, poemas, contos em jornais, livros ou revistas não especializadas, eletrônicas ou não;	Até 100 horas
13- Disciplinas de cursos superiores reconhecidos e/ou autorizados não aproveitadas na análise de equivalência do curso (mediante a apresentação de Histórico Escolar).	1 hora de AD = 1 hora de AC	Até 100 horas
14- Disciplinas cursadas com aprovação em outros cursos do mesmo departamento, não aproveitadas	1 hora de AD = 1 hora de AC	Até 60 horas



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - CONSEPE

na análise de equivalência do curso (mediante a apresentação de Histórico Escolar).		
15- Representação estudantil nos Conselhos superiores e setoriais (Departamento e Colegiado) e/ou Conselhos Municipais	A cada semestre – 10 horas de AC	Até 30 horas
16- Participação na direção de Diretório Central e Acadêmico	A cada semestre – 10 horas de AC	Até 40 horas
17- Participação em Empresa Júnior	5 horas de AD- 1 hora de AC	Até 60 horas
18 – Disciplinas ou cursos realizados na modalidade de Educação a Distância relacionados à área, desde que ministrados por instituições autorizadas e/ou reconhecidas.	1 hora de AD- 1 hora de AC	Até 60 horas
19 – Participações em estágios não obrigatórios, desde que validados pelo Colegiado do curso e não aproveitadas na análise de aproveitamento para estágio obrigatório.	4 horas de AD – 1 hora de AC	Até 60 horas
20 – Produção/elaboração de material técnico, multimídia, didático desde que aprovado pelo Colegiado de Curso ou NUPE.	1 produção= 10 horas de AC	Até 20 horas

AC: Atividade Complementar

AD: Atividade Desenvolvida



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Campus VI – Caetité

Colegiado do Curso de História

### **3.9.4 Fluxograma**

O fluxograma do Curso de História do *Campus VI* foi elaborado a partir das determinações contidas no Projeto de Reformulação Curricular das Licenciaturas em História da UNEB (2004). A composição desse gráfico curricular tem como objetivo demonstrar como são ofertados os componentes curriculares ao longo dos semestres do curso, identificando sua carga horária e seus vínculos com as áreas curriculares e eixos de conhecimentos. Nesse sentido, não há uma apresentação definida *a priori* dos componentes curriculares que compõe cada semestre, pois sua definição nominal deve ser resultado de um processo constante de discussão e amadurecimento, sobretudo por meio das reflexões emanadas do desenvolvimento dos semestres iniciais e da realidade social, cultural e histórica do Sertão Produtivo.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
 Departamento de Ciências Humanas - DCH  
 Campus VI – Caetitê  
 Colegiado do Curso de História



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
 CAMPUS VI – CAETITÊ/BA  
 HISTÓRIA – LICENCIATURA**

INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR			TURNO DE FUNCIONAMENTO
CARGA HORÁRIA TOTAL	DURAÇÃO EM SEMESTRE		
3.215	Mínimo	Máximo	Noturno
	08	14	

ÁREA CURRICULAR	SEMESTRE								
	PRIMEIRO	SEGUNDO	TERCEIRO	QUARTO	QUINTO	SEXTO	SÉTIMO	OITAVO	
CONHECIMENTOS CIENTÍFICO-CULTURAIS	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	180	90	90	90				
	EUROPA	60	60	60	60	60	60	30	
	BRASIL	60	60	60	60	60	45	45	30
	AMÉRICA		60	60	60				
	ÁFRICA					60	60	30	
	PESQUISA HISTÓRICA					45	45	45	45
	ÁSIA						30	30	
	CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL							60	60
FORMAÇÃO DOCENTE	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	30	60	60	60	45			
	LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	60	60	60	60	45	45	45	30
	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO					90	105	105	105
AACC	ATIVIDADES ACADÊMICAS-CIENTÍFICAS-CULTURAIS - AACC								200
HORAS SEMESTRAIS	390	390	390	390	405	390	390	270	<b>3.215h</b>



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### 3.9.5. Matriz Curricular

**Tempo Mínimo:** 08 semestres

**Tempo Máximo:** 14 semestres

**Carga Horária Total:**

3.215 h

Área	Componente Curricular	Carga Horária
BRASIL	Introdução aos Estudos Históricos Brasileiros	45
BRASIL	Historiografia Colonial: Imaginário e Colonização	15
BRASIL	Identidade e Nação na Historiografia Brasileira dos Oitocentos	15
BRASIL	O Antigo Sistema Colonial e a Formação da América Portuguesa	60
BRASIL	Economia e Sociedade no Império Brasileiro	60
BRASIL	Sociedade e Cultura na Formação do Estado Brasileiro	30
BRASIL	Sociedade e Cultura na Bahia Colonial	60
BRASIL	Aspectos Econômicos do Brasil Imperial	30
BRASIL	Poder e Sociedade na Formação da República Brasileira	30
BRASIL	Estado Nacional Brasileiro	60
BRASIL	Poder e Sociedade na República Brasileira	60
BRASIL	Bahia Republicana	60
BRASIL	Relação de Poder e Sociedade na Formação da República Brasileira	60
BRASIL	Movimentos Sociais e Relações de Gênero na República Velha	60
BRASIL	Sociedade e Cultura Bahiana dos Séculos XVI ao XVIII	45
BRASIL	Movimentos Sociais no Brasil Republicano	30
BRASIL	Populismo na República Brasileira	60
BRASIL	Brasil Contemporâneo	60
BRASIL	Tópicos de Brasil Contemporâneo	45
BRASIL	Fundação do Império do Brasil	30
BRASIL	História dos Movimentos Sociais no Brasil	45
BRASIL	Escravidão e Sociedade no Brasil Colonial	15
BRASIL	Religião e Religiosidade no Brasil Colonial	30
BRASIL	Escravidão e Sociedade no Brasil Colonial II	30
BRASIL	Brasil: do Regime Militar à Era Lula	60

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

Área	Componente Curricular	Carga Horária
EUROPA	Conflitos Sociais na Antiguidade Clássica	60
EUROPA	Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente Medieval	60
EUROPA	Cultura e Poder na Grécia Clássica	60
EUROPA	Pensamento Grego e Oriental	45
EUROPA	Conflitos Sociais na Antiguidade Clássica II	60
EUROPA	O Nascimento do Ocidente: do Mundo Antigo à Cristandade Medieval	30
EUROPA	Inquisição: Uma Cruzada Contra as Bruxas	30
EUROPA	Conflitos Sociais em Roma: A Transição República – Império	30
EUROPA	Aspectos do Cotidiano da Grécia Antiga	30
EUROPA	Conflitos Sociais e Relações de Trabalho no Medievo	60
EUROPA	O Trabalho Escravo e o uso das Fontes Primárias na Antiguidade Clássica	30
EUROPA	As Estruturas Feudais da Alta Idade Media	60
EUROPA	Revoluções Europeias dos Séculos XVII e XVIII	30
EUROPA	Revoluções e Contra-Revoluções na Europa do século XIX	30
EUROPA	História Moderna I	60
EUROPA	Europa no Contexto Mundial Sec. XX	60
EUROPA	História Moderna II	60
EUROPA	Sociedade, Cultura e Política na Europa do Século XIX	60
EUROPA	Mitologia Grega	15
EUROPA	Europa nos Primórdios do Século XXI	45

Área	Componente Curricular	Carga Horária
ÁFRICA	História da África I	60
ÁFRICA	História da África II	60
ÁFRICA	História da África III	30

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Área	Componente Curricular	Carga Horária
AMÉRICA	Viajantes: imaginário europeu sobre as Américas	15
AMÉRICA	Formação da América Portuguesa	60
AMÉRICA	Trabalho compulsório nas Américas e rebeliões escravas e indígenas	15
AMÉRICA	América antes da Conquista	60
AMÉRICA	Povos Pré-Colombianos: as Altas Civilizações	45
AMÉRICA	América da Conquista a Colonização	60
AMÉRICA	A América: Independências e revoluções	60
AMÉRICA	América: da Colonização a Independência	60
AMÉRICA	Classes e Conflitos Sociais na América Latina: séculos XIX e XX.	60

Área	Componente Curricular	Carga Horária
ÁSIA	História da Ásia I	30
ÁSIA	História da Ásia II	30

Área	Componente Curricular	Carga Horária
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Filosofia	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Antropologia	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Sociologia	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Metodologia do Trabalho Científico	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Grupo de Estudos: Mito, Memória e História	15
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Introdução a Teoria da História	45
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Sociologia II	30



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Área	Componente Curricular	Carga Horária
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	História e Cidade	30
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Leitura e Produção Textual I	15
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Leitura e Produção Textual III	30
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Tópicos de Sociologia	45
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	História e Ciências Sociais: uma proposta interdisciplinar	30
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Teoria da História I	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Teoria da História II	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Teoria da História III	60
FUNDAMENTAÇÃO TEORICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	Teoria da História IV	60

Área	Componente Curricular	Carga Horária
CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL -	Cultura Documental e Patrimonial I	60
CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL -	Cultura Documental e Patrimonial II	60

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

Área	Componente Curricular	Carga Horária
PESQUISA HISTÓRICA	Pesquisa Histórica I	45
PESQUISA HISTÓRICA	Pesquisa Histórica II	45
PESQUISA HISTÓRICA	Pesquisa Histórica III	45
PESQUISA HISTÓRICA	Pesquisa Histórica IV	45

Área	Componente Curricular	Carga Horária
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	Corporeidade na Educação	30
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	Psicologia	60
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	Psicologia II	60
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	Didática	60
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	Políticas Educacionais I	30
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	Políticas Educacionais II	45
CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	LIBRAS	60

Área	Componente Curricular	Carga Horária
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Imagem: fonte para a pesquisa e ensino de História	60
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Linguagens e Conhecimentos Históricos	60
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História I	60
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História II	60
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História III	60
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História IV	60
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História V	45
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História VI	45
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História VII	45
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA	Laboratório de Ensino de História VIII	30



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

Área	Componente Curricular	Carga Horária
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	Estágio Supervisionado em História I	90
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	Estágio Supervisionado em História II	105
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	Estágio Supervisionado em História III	105
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	Estágio Supervisionado em História IV	105

Fonte: Colegiado do Curso de História – Caetitê

Além dos conteúdos propostos para os componentes acima apresentados, serão acrescidas 200 horas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais AACC, a serem realizadas livremente pelos alunos, de acordo com a regulamentação da UNEB.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### 3.9.6. Ementário

#### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
FILOSOFIA	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
<b>EMENTA</b>		
<p>Estudo crítico do pensamento filosófico ocidental nas suas bases históricas. Análise crítica das diversas correntes filosóficas nos períodos: medieval, moderno e contemporâneo. Estudo dos métodos de abordagens filosóficas nas suas diversas manifestações ao longo da história do pensamento filosófico. Compreensão da relação entre o pensamento filosófico e a construção da história humana.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<p>1. Introdução: A Filosofia: aspectos conceituais</p> <p>1.1. Os instrumentos do filosofar: aprender a ler o mundo;</p> <p>1.2. Qual é a “utilidade” da filosofia?</p> <p>1.3. A atitude filosófica;</p> <p>1.4. O processo do filosofar;</p> <p>2. A origem da filosofia</p> <p>2.1. A consciência mítica do homem;</p> <p>2.2. O nascimento da filosofia;</p> <p>2.3. Os primeiros filósofos;</p> <p>2.4. O período áureo da filosofia grega;</p> <p>2.5. O helenismo e a decadência do pensamento grego.</p> <p>3. A Filosofia do Período Medieval</p> <p>3.1. O surgimento do Cristianismo ou a “Boa Nova”;</p> <p>3.2. Os primeiros padres da Igreja;</p> <p>3.3. A patrística: o que é?</p> <p>3.4. A escolástica: o que é?</p> <p>II Unidade: A Renascença e a Filosofia dos Modernos</p> <p>4. Origem e características do pensamento moderno.</p> <p>4.1. A autonomia da ciência e o método científico;</p> <p>4.2. A Ciência: o que é?</p> <p>4.3. A Ciência Moderna;</p> <p>4.4. O Método Científico.</p> <p>5. O Pensamento Moderno.</p> <p>5.1. O Racionalismo Cartesiano;</p> <p>5.2. O Empirismo Inglês;</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 5.3. O Racionalismo Crítico ou Transcendental de Kant;
- 5.4. O Movimento Iluminista;
- 5.5. Os Iluministas Franceses;
- III Unidade: A crise da razão e a Filosofia Contemporânea
- 6. A Filosofia no Séc. XIX.
- 6.1. Hegel e a dialética idealista;
- 6.2. Marx e o Materialismo Histórico e Dialético;
- 6.3. O Positivismo de Augusto Comte;
- 6.4. Existencialismo ou as Filosofias da Existência;
- 6.5. Kierkegaard, Nietzsche, Husserl, Heidegger e Sartre.
- 7. O Homem e a Cultura
- 7.1. A condição humana;
- 7.2. Trabalho e Alienação;
- 7.3. O Conhecimento: o que é?
- 7.4. Linguagem, conhecimento e pensamento;
- 7.5. Ideologia: o que é?
- 8. A Moral
- 8.1. Introdução à Moral: o que é?
- 8.2. Concepções Éticas: o que é isso?
- 8.3. A adolescência: crise ou incompreensão?
- 8.4. A liberdade: cada um tem a sua?
- 8.5. O existencialismo e a má fé;
- 8.6. Conclusão.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BOCHENSK, I. M. **Diretrizes do Pensamento Filosófico**. 6. ed. São Paulo: E P U, 1993.
- BORNHEIM, Gerd A. **Introdução ao Filosofar**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983.
- CORBIZIER, Roland. **Introdução à Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civil. Brasileira, 1986. Tomos I e II.
- INÁCIO e LUCA, Inês C; TÂNIA R. de. **O Pensamento Medieval**. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- NUNES, Benedito. **A Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- GILES, Thomas Ransom. **O que é Filosofar?** 3. ed. São Paulo: E P U, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Filosofia**. 2. ed. São Paulo: E P U, 1991.
- JOSÉ e FALCON, Francisco Calazans. **Iluminismo**. 2. ed. Editora Ática, 1989.
- LARA, Tiago Adão. **A Filosofia nas suas Origens Gregas**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A Filosofia Ocidental: do Renascimento aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 1986.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ANTROPOLOGIA	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
EMENTA		
<p>Compreende a Antropologia como ciência. Contextualiza o processo histórico da ciência antropológica. Analisa os conceitos e elementos correlatos à cultura. Relaciona sociedade, cultura e educação.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>1. Introdução: A antropologia como saber acadêmico</p> <p>1.1. A identidade da ciência antropológica construída através de conceitos como: cultura, raça, alteridade, diferença, desigualdade, etnocentrismo, relativismo cultural etc. Campos e divisões acadêmicas da antropologia: antropologia social, cultural, física, etnografia, etnologia, arqueologia etc.</p> <p>1.2. Discussão sobre os primeiros relatos da alteridade (livros, cartas, diários e ensaios) feitos por missionários, viajantes, comerciantes, exploradores, militares, administradores coloniais, filósofos etc. entre os séculos XVI e XIX.</p> <p>1.3. Análise sobre a sistematização do conhecimento acumulado sobre os “povos primitivos” feita pelos autores evolucionistas a partir de conceitos como: raça, cultura, evolução social, etnocentrismo, racismo etc. em estudos sobre parentesco, religião e organização social. Discussão sobre o processo de hominização e as especificidades da evolução humana a partir da capacidade de simbolização.</p> <p>1.4. A abordagem dos fenômenos sociais como objetos de investigação sócio-antropológica feita basicamente por Emile Durkheim e Marcel Mauss através de conceitos como: representações coletivas; formas primitivas de classificação (totemismo) e teoria do conhecimento; fato social total; troca e reciprocidade como fundamento da vida social.</p> <p>1.5. Os conceitos de cultura (e seus processos de atribuição de significado) e de sociedade (organização, estrutura, instituição e função social) abordados a partir de dimensões como arte, parentesco, religião, economia etc. O método comparativo e a observação participante como fundamentos da pesquisa etnográfica.</p> <p>2. Antropologia norte-americana: tendências da fase clássica</p> <p>2.1. A busca de leis no desenvolvimento das culturas. O método comparativo. Relação entre cultura e personalidade. Ênfase na construção e identificação de padrões culturais (“patterns of culture”) ou estilos de cultura (“ethos”).</p> <p>3. Funcionalismo Britânico</p> <p>3.1. Origens e características do modelo funcionalista. A sociedade como totalidade. Interesse pelas instituições e suas funções para a manutenção da totalidade social. A ênfase no trabalho de campo (observação participante), na abordagem sincrônica dos processos sociais e nas noções de estrutura e função.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

4. Estruturalismo antropológico francês.

4.1. A análise estrutural em linguística e em antropologia: a noção de estrutura. O domínio do parentesco e da organização social: o problema do incesto e da relação entre natureza e cultura. Os sistemas classificatórios como categorias ontológicas do pensamento humano: totemismo, pensamento selvagem, magia e religião. A aplicação do método estrutural na análise dos mitos.

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARDOSO, Ruth C. L. (org.). **A Aventura Antropológica**. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CLIFFORD, J. “**Sobre a autoridade Etnográfica**” in: **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ 1998.

\_\_\_\_\_. **A Experiência Etnográfica**: Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

GEERTZ, C. “**Uma descrição densa**: por uma teoria interpretativa da cultura” e “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. In: **Antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “**Introdução à obra de Marcel Mauss**”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. (Cap.9 – “O feiticeiro e sua magia”; Cap.10 – “A eficácia simbólica”).

\_\_\_\_\_. **Pensamento Selvagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976. (Cap.1. “A ciência do concreto”, Cap.2 “A lógica das classificações totêmicas”; Cap.8 – “O tempo redescoberto” e Cap.9 – “História e dialética”)

\_\_\_\_\_. **Totemismo hoje**. São Paulo: Abril Cultural, Coleção “Os Pensadores”, 1976.

MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (org.) **Na Metrôpole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
SOCIOLOGIA	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
EMENTA		
Estuda os conceitos fundamentais da Sociologia. Analisa as correntes Sociológicas que contribuem nos processos de construção do conhecimento histórico.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Tentativa de definição:<ol style="list-style-type: none"><li>1.2. O processo de conhecimento e a Sociologia;</li><li>1.3. Os vários tipos de conhecimento;</li><li>1.4. Surgimento e formação da Sociologia.</li></ol></li><li>2. O positivismo:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Correntes explicativas do pensamento Sociológico;</li><li>2.2. Émile Durkheim, e o fato Social – Max Weber – ação social – Karl Marx – classes Sociais.</li></ol></li><li>3. A Diferenciação Social:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. A estratificação Social;</li><li>3.2. Mobilidade Social;</li><li>3.3. A Estática Social, Instituições;</li><li>3.4. A dinâmica Social, mudança e movimento.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BOTTOMORE, <b>Introdução à Sociologia</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1978. CASTRO, Ana Cristina C. <b>Introdução à Ciência da Sociologia</b> . São Paulo: Moderna, 1988. DEMO, Pedro. <b>Sociologia: Uma introdução Crítica</b> . São Paulo: Atlas, 1985. LAKATOS, Eva M. <b>Sociologia Geral</b> . São Paulo: Atlas, 1987.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
SOUTO, Cláudio; SOUTO, Solange. <b>Uma Introdução à Sociologia</b> . São Paulo: EPU, 1985. VILA NOVA, Sebastião. <b>Introdução à Sociologia</b> . São Paulo: Atlas, 1992.		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
SOCIOLOGIA II	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	30
EMENTA		
Estuda as condições sociais, econômicas e políticas dos grupos e das classes sociais que sociedade capitalista se apresentam de forma divergente.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. A diferenciação social: 1.1. A estratificação social; 1.2. Mobilidade Social; 1.3. A Estática Social, instituições; 1.4. A Dinâmica Social, mudança e movimento.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CASTRO, Ana Cristina C. <b>Introdução à Ciência da Sociologia</b> . São Paulo: Moderna, 1988. DEMO, Pedro. <b>Sociologia</b> : uma introdução crítica. São Paulo: Atlas, 1985. LAKATOS, Eva M. <b>Sociologia Geral</b> . São Paulo: Atlas, 1987. SOUTO, Cláudio, SOUTO, Solange. <b>Uma Introdução à Sociologia</b> . São Paulo: EPU, 1985. VILA NOVA, Sebastião. <b>Introdução à Sociologia</b> . São Paulo: Atlas, 1992.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BERGER, Peter L. <b>A construção Social da realidade</b> . Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985. BORDIEU, Pierre. <b>O poder simbólico</b> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. GIDDENS, Anthony. O que é Sociologia? In: <b>Sociologia</b> . Porto Alegre: Artmed, 2005. SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) <b>Produzir para viver</b> : os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
EMENTA		
Busca o desenvolvimento de uma atitude crítica diante do conhecimento, as justificativas científicas do como pensar, como ler, como estudar e como organizar a própria atividade acadêmica. Inicia o estudo prático e teórico do trabalho científico, com base no estudo sistemático.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Método, economia e eficiência nos estudos;</li><li>2. Normas para sublinhar;</li><li>3. Como elaborar esquemas e resumos;</li><li>4. Métodos científicos;</li><li>5. O papel da Metodologia Científica;</li><li>6. Técnicas de Seminário;</li><li>7. Normas da ABNT;</li><li>8. Ordem e manuseio de bibliografia;</li><li>9. Fichamento;</li><li>10. Resenha;</li><li>11. Estrutura do projeto de pesquisa;</li><li>12. Planejamento da pesquisa: escolha do tema;</li><li>13. Construção de objetivos, hipóteses, fundamentação teórico-metodológica;</li><li>14. Os princípios científicos de mensuração: validade, fidedignidade, segurança e precisão;</li><li>15. Amostragem, variáveis e a manipulação de variáveis;</li><li>16. Procedimentos para a coleta de dados;</li><li>17. Manipulação e tratamento dos dados;</li><li>18. Aspectos gráficos e materiais de redação.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ANDRADE, Margarida de. <b>Introdução à metodologia científico</b> . 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. <b>Etnografia da prática escolar</b> . Campinas: Papyrus, 1995. (Série Prática Pedagógica). AZEVEDO, Israel Belo de. <b>O prazer da produção científica</b> : diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos. 10. ed. Ver. E atual. São Paulo: Hagnos, 2001. ECO, Humberto. <b>Como se faz uma tese</b> . Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Perspectiva, 1989. HUHNE, Leda Miranda (org.). et. Al. <b>Caderno de textos e técnicas</b> . 7. ed. 5. imp. Rio de Janeiro: Agir, 2002.		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. São Paulo: Respel. 2002.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. Ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
GRUPO DE ESTUDOS: MITO, MEMÓRIA E HISTÓRIA	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	15
EMENTA		
Estuda as concepções míticas como produto das interações humanas e a relação entre memória e história nas sociedades antigas marcadas pela oralidade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>1. Mito: origens, conceito, aspectos e funções:</p> <p>1.1. A importância do mito como forma de entendimento da realidade nas sociedades marcadas pela oralidade;</p> <p>1.2. A atemporalidade do mito;</p> <p>1.3. Abordagens, discussão e interpretações de alguns mitos gregos;</p> <p>1.4. Relação entre “memória primordial” e “memória histórica” na Grécia Antiga;</p> <p>1.4.1. O processo de substituição do mito e formação do chamado pensamento nacional na Grécia Antiga.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BARTHES, Roland. <b>Mitologias</b>. Tradução: Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.</p> <p>BRANDÃO, Junito de Souza. <b>Mitologia Grega</b>. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. vol. III.</p> <p>BRUNEL, Pierre (org.). <b>Dicionário de mitos literários</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.</p> <p>ELIADE, Mircea. <b>Mito e realidade</b>. Tradução: Póla Civelli, 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.</p> <p>GANDON, Odile. <b>Deuses e heróis na mitologia grega e latina</b>. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>FINLEY, Moses I. <b>Uso e abuso da história</b>. Tradução: Marylene P. Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.</p> <p>GINZBURG, Carlo. <b>Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância</b>. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.</p> <p>HESÍODO, <b>Os trabalhos e os dias</b>. Tradução e comentários: Mary C. Neves Lafer. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
INTRODUÇÃO A TEORIA DA HISTÓRIA	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	45
EMENTA		
Estuda os fenômenos da História como um campo específico do conhecimento. Analisa o pensamento filosófico sobre a História.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. Uma introdução à teoria da História: 1.1. Historiografia, historicidade e historicismo; 1.2. Mitos, Lendas e Logos; 1.3. A produção historiográfica em Grécia e Roma. 2. História e Filosofia: 2.1. Idade média; 2.2. Humanismo, Renascimento e Iluminismo. 3. René Descartes e Giambattista Vico.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CARDOSO, Ciro Flamarion. <b>Uma introdução à História</b> . São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. COLLINGWOOD, R. G. <b>A Idéia de História</b> . Lisboa: Editorial Presença, 1972. CHAUÍ, Marilena. <b>Convite à Filosofia</b> . São Paulo: Editora Ática, 2000. DOSSE, François. <b>A História</b> . Bauru-São Paulo: EDUSC, 2007.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ANDERSON, Perry. <b>A Crise da Crise do Marxismo</b> : introdução a um debate contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1984. BURKE, Peter. <b>A Escola dos Annales – 1929 – 1989</b> : a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1997. GLÉNISSON, Jean. <b>Introdução aos Estudos Históricos</b> . Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1997. TÉTARD, Phillippe. <b>Pequena História dos Historiadores</b> . Bauru-São Paulo: EDUSC, 2003.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	30
EMENTA		
<p>Busca problematizar aspectos histórico-sociais no pré e pós-guerra, com maior ênfase a questões em torno dos conflitos étnicos, religiosos e culturais de povos e nações historicamente subjugados. Reconstitui um possível quadro social das relações internacionais a partir da análise da cultura de massa, dos deslocamentos populacionais e da construção dos campos de refugiados. Aborda aspectos relacionados à experiência social e à identidade dos sujeitos históricos na contemporaneidade.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O processo civilizatório moderno e o monopólio estatal da violência;</li><li>2. A (re)organização mundial: outras dimensões:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Mundialização de mercados e questões nacionais.</li></ol></li><li>3. Os “novos” conflitos internacionais: cultura, etnia e religião:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Os conflitos na Irlanda, em Israel-Palestina, o mundo árabe, o Leste Europeu, a crise na URSS, a (ex) Iugoslávia, a Espanha, o Iraque;</li></ol></li><li>4. Os deslocamentos populacionais: a formação dos campos de refugiados – lugares de identidade?</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CALLINICOS, Alex. <b>A vingança da história</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.</p> <p>FERRO, Marc. <b>História das colonizações</b>: das conquistas às independências, séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.</p> <p>GAY, Peter. <b>A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.</p> <p>HOBBSBAWM, Eric J. <b>Adeus a tudo aquilo</b>. In: BLACKBURN, Robin (org.). <b>Depois da queda</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 93-106.</p> <p>_____. <b>Era dos extremos</b>: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>KURZ, Robert. <b>O colapso da modernização</b>: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.</p> <p>POULANTZAS, Nicos. <b>Fascismo e ditadura</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1978.</p> <p>SADER, Emir (org.). <b>Pós-neoliberalismo</b>: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTÓRIA E CIDADE	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	30
EMENTA		
<p>Interpreta a cidade enquanto espaço constituído pelas relações sociais que nela se desenvolvem. Isto implica em considerar as dimensões sociais dos lugares da cidade em contextos históricos específicos e determinados, que superam os limites, quase sempre indefinidos, entre progresso e tradição, urbano e rural, público e privado. Ao tratar o espaço urbano como uma elaboração das atitudes dos sujeitos históricos, pretende-se analisar as diversas práticas sociais de apropriação dos seus recursos, tais como o uso da água, da energia (luz artificial) ou os usos dos equipamentos e serviços urbanos e as possíveis transformações da paisagem urbana, acentuadas em função das aglomerações nas cidades modernas.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A cidade: uma questão urbana:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. As tentativas de conceituação.</li></ol></li><li>2. Os projetos de intervenção na cidade:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Um sujeito universal e abstrato;</li><li>2.2. A homogeneização dos espaços e equipamentos urbanos;</li><li>2.3. As transformações da paisagem urbana.</li></ol></li><li>3. As dimensões da cidade:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. As singularidades da vida urbana cotidiana.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BALCÃO, Lier Ferreira. <b>A cidade das reclamações</b>: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913). In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). <b>Cidades</b>. Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUC-SP. São Paulo: Olho d'Água, nov/1999. p. 225-256.</p> <p>BAPTISTA, Maria Rosa de Belém. <b>Rio Claro</b>: as pedras da cidade. Dissertação de mestrado em História Social da USP. São Paulo: Mimeo, 1994.</p> <p>BONDUKI, Nabil Georges. <b>Origens da habitação social no Brasil</b>. Arquitetura moderna, Lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998.</p> <p>BOSI, Ecléa. <b>Memória e sociedade</b>: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.</p> <p>BRESCIANI, Maria Stella. Cidades: espaço e memória. In: <b>O direito à memória</b>: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 161-166.</p> <p>_____. <b>Imagens de São Paulo</b>: Estética e cidadania. In: FERREIRA, Antonio Celso; DE LUCA, Tânia Regina &amp; IOKOI, Zilda Gricoli (orgs.). <b>Encontros com a História</b>: percursos históricos e historiográficos de São Paulo. São Paulo: UNESP, 1999. p. 11-45.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 23, 1994. p. 95-115. Do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**, vol. 8, nº 16. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1995. p. 279-290.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

D’ALESSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. In: **Projeto História**, nº 17. São Paulo: Educ, 1998. p. 269-280.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Projeto História**, nº 17. São Paulo: Educ, 1998. p. 223-258.

DIÉGOLI, Leila Regina. Prestes Maia e seus projetos de cenografia urbana. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Cidades**. Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUC-SP. São Paulo: Olho d’Água, nov/1999. p. 33-53.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL I	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	15
EMENTA		
Produção de leitura e de textos acadêmicos, observando: noção de textos; diferenças formais e funcionais de textos escritos; fatores estruturais e pragmáticos de textualidade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Leitura e Texto:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Conceitos de leitura;</li><li>1.2. Conceitos de textos;</li><li>1.3. Produções de leituras,</li><li>1.4. Análise e síntese de textos.</li></ol></li><li>2. Estratégias para leituras:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Leitura inspeccional</li><li>2.2. Leitura analítica.</li></ol></li><li>3. Produções de textos.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BLIKSTEIN, Izidoro. <b>Técnicas de comunicação escrita</b>. São Paulo: Ática, 2002.</p> <p>CALKINS, Lucy Mc Cormick. <b>A arte de ensinar a escrever</b>: o desenvolvimento do discurso escrito. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.</p> <p>ESPEJO-SAAVEDRA, Isabel Aguera. <b>Estratégias para uma leitura reflexiva</b>. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.</p> <p>FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. <b>Prática de Texto</b>: língua Portuguesa para estudantes universitários. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>CITELLI, Beatriz. <b>Produção e leitura de textos no Ensino Fundamental</b>: poema, narrativa e argumentação. 3. ed. Cortez, São Paulo – SP. 2000.</p> <p>COSTE, Daniel (org.). <b>O texto</b>: leitura e escrita. Organização, revisão técnica e Tradução. Galves, Orlandi e Otoni. 2. ed. Revisada. Campinas, SP: Pontes, 1997.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>A importância do ato de ler</b>. São Paulo: Cortez, 2001.</p> <p>GERALDO, J. <b>O texto na sala de aula</b>. São Paulo: Ática, 1997.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL III	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	30
EMENTA		
Ocupa-se das estratégias de leitura e produção de textos orais e escritos, considerando os aspectos formais e estilísticos e sua relação contextual e situacional.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. Estratégias cognitivas e metacognitivas na aquisição de leitura: 1.1. Coerência, coesão e fatores pragmáticos de textualidade; 1.2. Análise da textualidade; 1.3. A intertextualidade na leitura e produção textual; 1.4. Língua oral e língua escrita; 1.5. Atividades de leitura, interpretação crítica, análise e produção de textos diversos (dissertativo, resumo, resenha crítica.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ANTUNES, Irandé. <b>Lutar com palavras</b> : coesão e coerência. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore Villaça. <b>Linguística textual</b> : Introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994. FARACO, Carlos Alberto e Tezza, Cristóvão. <b>Oficina de texto</b> . Petrópolis, RJ: Vozes, 2003 _____; MANDRYK, David. <b>Língua Portuguesa</b> : prática de redação para estudantes universitários. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. GERALDI, João Wanderley. <b>O texto na sala de aula</b> . 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
KOCH, Ingedore Villaça. <b>A coesão textual</b> . 10. ed. São Paulo: Contexto, 1998. _____. <b>O texto e a construção dos sentidos</b> . São Paulo: Contexto, 1997. _____ & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. <b>A coerência textual</b> . 8. ed. São Paulo: Contexto, 1997. _____. <b>Texto e coerência</b> . São Paulo: Cortez, 1989. MEDEIROS, João Bosco. <b>Redação Científica</b> : a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TEORIA DA HISTÓRIA I	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
EMENTA		
Estuda conceitos de História, bem como os discursos sobre tempo e temporalidades da Antiguidade Clássica até o advento da Modernidade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>Unidade I: Conceitos de História:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Conceitos básicos para o estudo da História:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Historiografia, Historicidade e Historicismo.</li><li>1.2. Natureza, objeto, método e valor da História.</li></ol></li><li>2. A Historiografia Greco-Romana:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. História teocrática e Mito.</li><li>2.2. Heródoto e o nascimento da História científica.</li><li>2.3. A compreensão histórica de Tucídides.</li><li>2.4. A História e o período helenístico.</li><li>2.5. Roma e a ideia de História Universal – Políbio, Tito Lívio e Tácito.</li></ol></li></ol> <p>Unidade II: Teleologia, História e Cristianismo:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A Formação das ideias cristãs:</li><li>2. As características da historiografia cristã.</li><li>3. A historiografia medieval.</li></ol> <p>Unidade III: Modernidade e o conhecimento histórico:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Os historiadores do Renascimento:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Descartes;</li><li>1.2. Vico;</li><li>1.3. Locke;</li><li>1.4. Berkeley;</li><li>1.5. Hume.</li></ol></li><li>2. A história como ciência:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Tempo e História;</li><li>2.2. O objeto da História;</li><li>2.3. O ofício do historiador.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BLOCH, Marc. <b>Introdução à História</b> . Portugal: Publicações Europa-América, 2005. _____. <b>Apologia da História</b> : ou o ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BODEI, Remo. **A História tem um sentido?** Bauru: EDUSC, 1997.

BORGES, Vavy. **O que é História.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma Introdução à História.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

\_\_\_\_\_; VAINFAS (organizadores). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARR, Eduard Hallet. **Que é História?** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COLLINGWOOD, R. G. **A Idéia de História.** 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos Estudos Históricos.** São Paulo: Bertrand Brasil-DIFEL, 1986.

JENKINS, Keith. **A História Repensada.** São Paulo, Contexto, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista.** São Paulo: Cortez, 2000.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TEORIA DA HISTÓRIA II	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
EMENTA		
Estuda as correntes de pensamento histórico/filosóficas: Idealista, Positivista e Materialista Histórica.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Unidade I - A História e os grandes paradigmas do séc. XIX 1. O método histórico de Gustav Droysen 2. Von Ranke e o historicismo alemão 3. Michelet e a história da nação 4. Novas luzes sobre a História: críticas ao positivismo rankeano Unidade II – O Materialismo histórico e o marxismo 4. Sobre o materialismo histórico-dialético 5. O marxismo: entre a filosofia e a história 6. A escola marxista inglesa: Christopher Hill, E.P. Thompson e Perry Anderson 7. Eric Hobsbawm e a defesa do marxismo Unidade III – A História Nova: História cultural e micro-história 8. A Revista de Síntese Histórica: um ponto de partida 9. A Escola dos Annales e a história-problema 10. A história cultural: objetos e abordagens 11. Jogo de escalas - a micro-história italiana		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BARROS, José D'Assunção. <b>O campo da história</b> : especialidades e abordagens. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. BURK, Peter. <b>A Escola dos Annales (1929-1989)</b> : a revolução da historiografia francesa. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. _____. (org.). <b>A escrita da história</b> : novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. <b>Os métodos da história</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
CHARTIER, Roger. <b>A história cultural</b> : entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. DOSSE, François. <b>A história em migalhas</b> : dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio/Campinas: Unicamp, 1992.		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINSBURG, Carlo. **Micro-história**: duas ou três coisas que sei a respeito. In: \_\_\_\_\_ **Fios e rastros**: prova, fictício, verdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TEORIA DA HISTÓRIA III	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
<b>EMENTA</b>		
<p>Estuda sobre a renovação das abordagens historiográficas considerando a cultura histórica, lugares formativos e suas especificidades de operação historiográfica. A abordagem privilegia as temporalidades na produção, transmissão e recepção do conhecimento histórico. Pretende-se estabelecer uma discussão teórica sobre as formas de elaboração e vulgarização do conhecimento histórico a partir de vínculos fundamentais entre história, memória e os antigos e os novos territórios das fontes disponíveis (os artefatos sociais do passado), tendo em vista as relações entre objetos, temas e métodos. Discute as fundações da historiografia contemporânea e seus debates mais atuais.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<p>I. A História Social:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A natureza do conhecimento histórico;</li><li>2. A história problema: novas orientações para a história;</li><li>3. História e ciências sociais – relações interdisciplinares.</li></ol> <p>II. A História Cultural e a conjuntura pós 2ª Guerra Mundial:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. O cenário historiográfico pós-1968;</li><li>2. A crítica as grandes narrativas;</li><li>3. A cultura como problema da pesquisa histórica;</li><li>4. História e representação.</li></ol> <p>III. História, memória e temporalidade:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Memória individual e memória coletiva;</li><li>2. Produção da memória e conhecimento histórico;</li><li>3. Mecanismos e artifícios da memória;</li><li>4. A temporalidade da história.</li></ol> <p>IV. A história e sua escrita:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A história como texto: poesia e prosa;</li><li>2. História e ficção;</li><li>3. História: entre a invenção e a construção da realidade.</li></ol> <p>V. Desafios teóricos na contemporaneidade:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Problemas, desafios e impasses no campo da história;</li><li>2. A mudança de escala: micro-história e novas abordagens;</li><li>3. História e linguagens (fontes não tradicionais): contos, literatura, televisão, fotografia, cinema, quadrinhos;</li><li>4. Redefinindo o campo do conhecimento?</li><li>5. Reflexões acerca da aceleração do tempo presente.</li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. “Mediterrâneo” e “A terra” in **o espaço e a história no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURK, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

FOUCAUT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1972.

NOVAES, Adauto. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1994.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano – artes do fazer**. Petrópolis: vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. “**História Positivista**”. Verbetes do Dicionário: a nova história. Coimbra: Almedina, 1991.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TEORIA DA HISTÓRIA IV	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	60
EMENTA		
<p>Estuda o campo teórico-metodológico da História, no contexto das ciências humanas, com ênfase nas questões epistemológicas centrais que encaminham o processo de pesquisa atual. Discuti a repercussão dessas perspectivas no Brasil e suas influências nos estudos históricos de Universidades e Institutos de Pesquisa.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>Unidade I – História, memória e temporalidade.</p> <p>1.1. - As dimensões da memória – individual, coletiva, seletiva, histórica, dinâmica.</p> <p>1.2. Produção da memória e conhecimento histórico.</p> <p>1.3. Mecanismos e artifícios da memória.</p> <p>1.4. A multiplicidade dos tempos da História.</p> <p>Unidade II</p> <p>2. O cenário historiográfico pós-68</p> <p>2.1. A crítica às grandes narrativas</p> <p>2.2. A cultura como problema da pesquisa histórica</p> <p>2.3. História e representação</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BENJAMIM, Walter, <b>Magia e técnica, arte e política</b>. Ensaios sobre a literatura e história da cultura. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>BOURDIER, Pierre. <b>O poder simbólico</b>. Lisboa: Difel, 1994.</p> <p>BURKE, Peter. <b>A Escrita da História: novas perspectivas</b>. São Paulo: UNESBP, 1992.</p> <p>CERTEAU, Michel. <b>A invenção do cotidiano – artes do fazer</b>. Petrópolis: Vozes, 1994.</p> <p>CHARTIER, Roger. <b>História Positivista</b>. Verbetes do Dicionário A Nova História. Coimbra: Edições Almedina, 1991.</p> <p>COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (org.) <b>Questões de gênero</b>. São Paulo: Fund. Carlos Chagas/Rosa dos Ventos, 1991.</p> <p>DIAS, Maria Odila Leite da S. <b>Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX</b>. São Paulo: Brasiliense, 1984.</p> <p>_____. <b>Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano</b>. In</p> <p>ENGELS, F. <b>A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra</b>. Versão portuguesa. Porto: Afrontamento, 1975.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir – História da Violência nas Prêsoes**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de, **Raízes do Brasil**. 14. ed. Riode Janeiro: José Olympio, 1981.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro, Pasado, Para uma semântica de los tempos históricos**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.
- NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo: Ática. 1995.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História. Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Tradução, São Paulo: Paz & Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Senhores e caçadores: a origem da lei negra**. Tradução brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **O massacre de Civitella Val di Chinana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum**. In: **Usos e abusos da história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. P. 103-130.
- BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho, In: **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 43-69.
- ELIAS, Nbert. Sobre o tempo. In: **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1998. P. 33-47.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: **Projeto História 10**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Departamento de História, 1993, p . 7-28.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TÓPICOS DE SOCIOLOGIA	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA	45
EMENTA		
Estuda a Sociologia enfatizando o desenvolvimento das ideias sociológicas no Brasil . Analisa a pobreza e desigualdade, violência humana , as minorias , questões que desafiam a sociologia contemporâneas.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. A sociologia e a expansão do capitalismo. As teorias do desenvolvimento do evolucionismo a globalização. 2. A Sociologia no Brasil. 3. A violência humana, pobreza, desigualdade, minorias.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
CHAUÍ, Marilena. “ <b>Uma ideologia perversa</b> ” Artigo publicado na Folha de São Paulo: 14/03/1999, caderno Mais, pp53. COSTA, Cristina. <b>Sociologia, Introdução a ciência a da Sociedade</b> . São Paulo: Editora Moderna, 1998. FERREIRA, Maria Inês Caetano. <b>Homicídios na periferia de Santo Amaro</b> . Um estado sobre a sociabilidade e os arranjos de vida em um contexto de exclusão. Mestrado em Sociologia, FFLCH/USP, 1998. MICCELI, Sergio (org.). <b>História das Ciências Sociais no Brasil</b> . São Paulo: Vértice/IDESP, 1989. Vol. 1 RAMOS, Alberto G. <b>Introdução Crítica a sociologia Brasileira</b> . Rio de Janeiro: Editora Andes Ltda, 1957.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BUORO, Andrea; SCHILING, Flávia; SINGER, helena; SOARES, Marina. <b>Violência Urbana: dilemas e desafios</b> . São Paulo: Editora Atual, 1999. DARCY, Ribeiro. <b>O povo brasileiro</b> . São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## EUROPA

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CONFLITOS SOCIAIS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	EUROPA	60
EMENTA		
Estuda os conflitos sociais inerentes ao processo de formação e consolidação da polis grega. Analisa o surgimento da democracia escravista em Atenas.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Civilização Creto-Micênica:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Breve abordagem histórica: aspectos políticos, econômicos e sociais.</li></ol></li><li>2. A Grécia Arcaica e Clássica:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Análise das fontes históricas;</li><li>2.2. A fragmentação em comunidades no período arcaico</li><li>2.3. Análise dos aspectos sociais e culturais das comunidades arcaicas;</li><li>2.4. Os conflitos sociais no seio das comunidades gregas;</li><li>2.5. O processo de formação da polis grega: os sujeitos históricos envolvidos:<ol style="list-style-type: none"><li>2.5.1. Atenas:</li><li>2.5.2. Os conflitos sociais;</li><li>2.5.3. Democracia antiga: características e crítica historiografia;</li><li>2.5.4. A cidadania ateniense – a conquista da liberdade e da obrigação social no seio da Cidade-Estado;</li><li>2.5.5. Democracia, imperialismo e escravidão</li><li>2.5.6. O antagonismo espartano – aspectos sociais de Esparta em oposição a Atenas.</li></ol></li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BECKER, Idel. <b>Pequena história da civilização ocidental</b>. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.</p> <p>LESSA, Fábio de Souza. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. <b>O feminino em Atenas</b>. Rio de Janeiro-Mauad: FAPERJ, 2004.</p> <p>MOSSE, Claude. <b>Dicionário da civilização grega</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.</p> <p>MUMFORD, Lewis. <b>A cidade na história: suas origens transformações e perspectivas</b>. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.</p> <p>VIDAL-NAQUET, Pierre. <b>Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio</b>. São Paulo: Cia das Letras, 2002.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, M. M. **A vida comum**: espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: DPE&AFaperj, 2002.

AYMARD, A & Auboyer, J. **História geral das civilizações**: oriente e Grécia. São Paulo: Difel, 1971.

AUSTIN, M. e Vidal-Naquet, P. **Economia e sociedade na Grécia antiga**. Lisboa: Edições 70, 1986.

CASSIN, B. & outros. **Gregos, Bárbaros e Estrangeiros**: a cidade e seus outros. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TEMPO, TRABALHO E CULTURA NO OCIDENTE MEDIEVAL	EUROPA	60
EMENTA		
Promove a discussão das noções do Tempo, os tipos de Trabalho, bem como, as Manifestações Culturais que darão sentido as ações do homem no medievo.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A mentalidade Medieval:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. O modo da produção Feudal;</li><li>1.2. Tipologia das formações sociais;</li><li>1.3. A dinâmica feudal.</li></ol></li><li>2. Tempo e trabalho:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. As Idades Médias de Michelet;</li><li>2.2. Tempo de Igreja e tempo de mercador;</li><li>2.3. Profissões lícitas e profissões ilícitas no Ocidente medieval;</li><li>2.4. Trabalho, técnicas e artesãos na Alta Média;</li><li>2.5. Os camponeses e o mundo rural;</li></ol></li><li>3. As estruturas culturais:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Cultura Erudita x Cultura Popular;</li><li>3.2. Cultura clerical e tradições folclóricas;</li><li>3.3. Cultura e saberes na Idade Média.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ALPHANDERY, Paul & DUPRONT, Alphonse. <b>Las Cruzadas</b> . México, Uteha, 1962. ANDERSON, Parry. <b>Passagens da Antiguidade ao Feudalismo</b> . São Paulo: Brasiliense, 1962. BAKHTIN, Mikhail. <b>A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento</b> . São Paulo: Hucitec, 1999. BEER, Max. <b>História do Socialismo-e das Lutas Sociais</b> . Rio de Janeiro: Laemert, 1964. BRAUDEL, Famando. <b>O Espaço e a História no Mediterrâneo</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1980. _____. <b>Os Homens e a Herança no Mediterrâneo</b> . São Paulo: Matins Fontes, 1985. BURNS, Edward Mcnall. <b>História da Civilização</b> . Porto Alegre: Globo, 1984. V.1.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. <b>A Inquisição</b> . Rio de Janeiro: Imango, 2001. BLOCH, Marc. <b>A sociedade Feudal</b> . Lisboa: Edições 70, 1979. CHURCHILL, Winston. <b>História dos povos da língua inglesa</b> . São Paulo: Ibase, 1960.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CULTURA E PODER NA GRÉCIA CLÁSSICA	EUROPA	60
EMENTA		
Estuda os aspectos culturais e formas de poder no período clássico grego.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O Processo de Formação da polis grega:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Atenas;</li><li>1.2. Esparta: polis atípica.</li></ol></li><li>2. Aspectos culturais da Grécia clássica:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O teatro;</li><li>2.2. A tragédia;</li><li>2.3. A comédia.</li></ol></li><li>3. Aspectos do poder na Grécia clássica:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Comparação monarquia, aristocracia, democracia;</li><li>3.2. Democracia: características e críticas historiográficas;</li><li>3.3. A cidadania ateniense: a conquista da liberdade e da obrigação social no seio da sociedade;</li><li>3.4. Democracia, imperialismo e escravidão.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ARISTÓFANES. <b>A Paz</b>. (tradução: Maria de Fátima Souza e Silva) 2. ed. Série Textos Clássicos. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1989.</p> <p>_____. <b>AS vespas</b>. (trad. Maria de Fátima Souza e Silva). 2. ed. Textos Clássicos. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1989.</p> <p>_____. <b>OS cavaleiros</b>. (trad. Maria de Fátima Souza e Silva). 2. ed. Série textos clássicos. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1989</p> <p>HERODOTO. <b>História</b>. Trad. Mario da Gama Kuri. Brasília: UNB, 1988.</p> <p>PLATAO. <b>A República</b>. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.</p> <p>SOFOCLES. <b>Antígona</b>. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa/ Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.</p> <p>_____. <b>Édipo Rei</b>. Trad. Geir Campos. São Paulo: Abril Cultural, 1982.</p> <p>TUCIDIDES. <b>História da Guerra do Peloponeso</b>. Brasília: UNB, 1997.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANNEQUIN, et alii. **Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 1978.

PLATAO. **A Republica**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
PENSAMENTO GREGO E ORIENTAL			EUROPA			45		
EMENTA								
Estudo crítico do pensamento filosófico Ocidental e Oriental nas suas bases históricas. Compreensão das relações entre o pensamento filosófico e a construção da história ao longo da existência humana.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A filosofia: aspectos conceituais:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Os instrumentos do filosofar;</li><li>1.2. Qual é a “utilidade” da filosofia?</li><li>1.3. A atitude filosófica;</li><li>1.4. O processo do filosofar;</li><li>1.5. Filosofia: nem dogmatismo e nem ceticismo;</li><li>1.6. O que é filosofia?</li></ol></li><li>2. A origem da filosofia:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A consciência mítica do homem;</li><li>2.2. O nascimento da filosofia;</li><li>2.3. A filosofia na Grécia;</li><li>2.4. A filosofia no Oriente;</li><li>2.5. Os primeiros filósofos gregos;</li><li>2.6. Os primeiros filósofos do Oriente.</li></ol></li><li>3. A filosofia antes e depois de Sócrates:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. O período áureo da filosofia grega;</li><li>3.2. Sócrates e os Sofistas;</li><li>3.3. Platão e o mundo das ideias;</li><li>3.4. Aristóteles e o nascimento das ciências;</li><li>3.5. O helenismo e a decadência do pensamento grego;</li><li>3.6. O surgimento do cristianismo ou a “boa nova”.</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
ARANHA e MARTINS, Maria Lúcia de Arruda, Maria Helena Pires. <b>Filosofando</b> : introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993. CHAUÍ, Marilena. <b>Convite à filosofia</b> . São Paulo: Ática, 1994. CORBIZIER, Roland. <b>Introdução à filosofia</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
GILES, Thomas Ransom. <b>O que é filosofia?</b> . São Paulo: EPU, 1991. REZENDE, Antônio. (org.) <b>Curso de filosofia</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Seaf, 1986.								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
CONFLITOS SOCIAIS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA II			EUROPA			60		
EMENTA								
Estuda os conflitos sociais inerentes ao processo de formação, consolidação e expansão de Roma. Analisa o papel dos agentes sociais nesses conflitos.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Breve Análise Historiográfica:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. As obras de Tito Lívio, Dionísio e Políbio.</li></ol></li><li>2. Formação de Roma:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Estudos dos aspectos políticos, econômicos e sociais;</li><li>2.2. Os primeiros conflitos sociais entre patrícios e plebues;</li><li>2.3. As estruturas de poder dos patrícios;</li></ol></li><li>3. A fundação e consolidação da República:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Análise e contextualização histórica;</li><li>3.2. Os laços de clientela;</li><li>3.3. As instituições e as primeiras conquistas dos plebues;</li><li>3.4. A expansão romana e conflito pela terra;</li><li>3.5. O escravismo romano;</li><li>3.6. A crise social e o fim República romana.</li></ol></li><li>4. A sociedade romana durante o Império:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. Análise da dinâmica social durante a pax romana;</li><li>4.2. As crises sociais e o papel dos sujeitos históricos durante o baixo império.</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>AYMARD, A, &amp; AUBOYER, J. <b>História geral das civilizações</b>: oriente e Grécia. São Paulo: Difel, 1971.</p> <p>COULANGES, Fustel de. <b>A cidade antiga</b>: Estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia de Roma. São Paulo: Hermus, 1975.</p> <p>FINLEY, M. I. <b>Uso e abuso da história</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1989.</p> <p>_____. <b>História antiga</b>: testemunhos e modelos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.</p> <p>_____. <b>Escravidão antiga e ideologia moderna</b>. Rio de Janeiro: Graal, 1991.</p> <p>_____. <b>Os gregos antigos</b>. Lisboa: Edições 70, 1984.</p> <p>GARLAN, Yvon. <b>Guerra e economia na Grécia Antiga</b>. Campinas: Papirus, 1991.</p> <p>GIBBON, Edward. <b>Declínio e queda do império romano</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.</p>								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

JONES, Peter V. **O Mundo de Atenas**: uma introdução à cultura clássica ateniense. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PETIT, Paul. **História antiga**. São Paulo: Difel, 1971.

ROSTOVTZFF, M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1983.

ROULAND, Norbert. **Roma**: democracia impossível? Os agentes do poder na urbe romana. Brasília: Editora da UnB, 1997.

TUCÍDEDES. **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: Editora da UnB, 1987.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VEYNE, Paul. **A sociedade romana**. Lisboa: Edições 70, 1990.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GIARDINA, Andréa (dir.). **O homem romano**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

HERÓDOTOS. **História**. Brasília: Editora da UnB, 1988.

PINSKY, Jaime. **Cem textos de história antiga**. São Paulo: Contexto, 2008.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

TOYNBEEN, Arnold J. **A humanidade e a mãe terra**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
O NASCIMENTO DO OCIDENTE: DO MUNDO ANTIGO Á CRISTANDADE MEDIEVAL	EUROPA	30
EMENTA		
Analisa a crise do mundo romano. Discuti o conceito de bárbaro. Analisa as invasões e o novo mapa do Ocidente, bem como, a tentativa de organização germânica a partir do mundo Caloríngio. Analisa os elementos da formação de mundo medieval.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O (Pré) conceito de Idade Média;</li><li>2. A crise do mundo antigo;</li><li>3. A instalação dos Povos “Bárbaros”;</li><li>4. A Tentativa de Organização Germânica;</li><li>5. A Cristandade Medieval e o ano Mil;</li><li>6. Generalidades sobre o Feudalismo.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ANDERSON, Perry. <b>Passagens da antiguidade ao feudalismo</b> . São Paulo: Brasiliense, 1987. BATISTA NETO, J. <b>História da Baixa Idade Média</b> . São Paulo: Ática, 1989. BLOCH. Marc. <b>A Sociedade Feudal</b> . Lisboa: Edições 70, 1998. CHEVITARESE, André Leonardo (org.). <b>O campesinato na História</b> . Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2002. CONTE, Giuliano. <b>Da crise do Feudalismo ao nascimento do capitalismo</b> . Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1979.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
CONTE. Cidades, <b>corporações artesanais e comércio</b> . In: <b>Da crise do feudalismo ao nascimento do capitalismo</b> Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1979. DOBB. A Evolução do Capitalismo. In: <b>A Evolução do Capitalismo</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1983. DUBY, Georges. <b>A Europa na Idade Média</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1988. _____. <b>A Sociedade Cavaleiresca</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1989.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
INQUISIÇÃO: UMA CRUZADA CONTRA AS BRUXAS	EUROPA	30
EMENTA		
<p>Analisa as Instituições inquisitórias ao longo dos séculos medievais, bem como seu prolongamento nos tempos modernos. Promove uma discussão da História da Inquisição, sua ação por todo o mundo combatendo as Heresias. Discute conceitos como feitiçaria, bruxaria, heresia, maçonaria entre outros.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. História da Inquisição – Séculos XIII – XIX:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Inquisição e Heresia;</li><li>1.2. Inquisição e Feitiçaria;</li><li>1.3. Inquisição e Judaísmos.</li></ol></li><li>2. Histórico da Inquisição:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A organização:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1.1. As comunicações, os regulamentos, o enraizamento e as burocracias.</li></ol></li><li>2.2. A apresentação:<ol style="list-style-type: none"><li>2.2.1. A emblemática, as confrarias e a etiqueta;</li></ol></li><li>2.3. A Investidura:<ol style="list-style-type: none"><li>2.3.1. Cargos superiores, Inquisidores, funcionários e familiares.</li></ol></li><li>2.4. Os Éditos;</li><li>2.5. As visitas;</li><li>2.6. O auto de fé;</li><li>2.7. O estatuto;</li><li>2.8. As representações;</li><li>2.9. A abolição.</li></ol></li><li>3. Inquisição pela Europa:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Inquisição na Itália: os casos de Giordano Bruno e Galileu;</li><li>3.2. Inquisição na Espanha;</li><li>3.3. Inquisição em Portugal;</li><li>3.4. Inquisição no Brasil.</li></ol></li><li>4. Combatendo os infiéis:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. Cruzada contra a bruxaria;</li><li>4.2. Combatendo a Heresia do Protestantismo;</li><li>4.3. A Maçonaria e a Inquisição.</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**: Portugal, Espanha, Itália – Séculos X – XIX V, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FERREIRA, A. **Caça às Bruxas**. Porto Alegre: L e PM, 1989.

FONTETTE, F. **História do Anti-Semitismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

LEVACK, B.P. **A Caça as Bruxas**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LOPEZ, Luis Roberto. **História da Inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BATISTA NETO, J. **História da Baixa Idade Média**. São Paulo: África, 1989.

BLOCH.M. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1998.

CERM. **Sobre o Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1987.

MAX, F. **Prisioneiros da Inquisição**. Porto Alegre:L / PM, 1992



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CONFLITOS SOCIAIS EM ROMA: A TRANSIÇÃO REPÚBLICA – IMPÉRIO	EUROPA	30
EMENTA		
Estuda os conflitos sociais na transição da República para o Império romano.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Roma: balanço historiográfico;</li><li>2. A República: Instituições, funcionamento e princípios norteadores;</li><li>3. A Sociedade Romana;</li><li>4. A expansão romana: de polis a cosmo-polis;</li><li>5. Os Gracos e as questões de terras;</li><li>6. As ditaduras: Mário e Sila;</li><li>7. A Conjuração de Catilina;</li><li>8. O escravismo romano e a Revolta de Espártaco;</li><li>9. O Primeiro Triunvirato;</li><li>10. Júlio César e os Idos de Março;</li><li>11. O Segundo Triunvirato e a falência da República romana.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ANDERSON, Perry. <b>Passagens da Antiguidade ao Feudalismo</b>. São Paulo: Brasiliense, 2000.</p> <p>CÉSAR, Caio Júlio. <b>Bellum Civile A Guerra Civil</b>. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.</p> <p>CÍCERO. <b>Orações Catilinárias I – II – III- IV/ Ao Povo Romano/ Filípicas</b>. Trad. Pe. Antônio Joaquim. Bauru, SP: Edipro, 2005.</p> <p>PLUTARCO. <b>Vidas paralelas</b>. São Paulo: Paumape, 1991. 5 vols.</p> <p>SUETÔNIO. <b>A Vida dos Césares</b>. São Paulo: Martin Claret, 2004.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>ANNEQUIN, et alii. <b>Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica</b>. Lisboa: Estampa, 1978.</p> <p>CARDOSO, Ciro Flamarion S. <b>A cidade-Estado antiga</b>. São Paulo: Atica, 1993.</p> <p>FINLEI, Moses I. <b>A Política no mundo antigo</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.</p> <p>_____. <b>História Antiga: Testemunhos e modelos</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1994.</p> <p>FLORENZANO, Maria Beatriz. <b>O Mundo Antigo: economia e sociedade</b>. São Paulo: Brasiliense, 1982.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
ASPECTOS DO COTIDIANO DA GRÉCIA ANTIGA			EUROPA			30		
EMENTA								
Estuda o aspectos do cotidiano na Grécia Antiga.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Um balanço sobre a história do cotidiano;</li><li>2. O Cotidiano na Grécia Antiga: possibilidades e limites de estudo;</li><li>3. Oikos e polis: o privado e o público na Grécia antiga;</li><li>4. O Meio Ambiente;</li><li>5. A Família;</li><li>6. O Nascimento;</li><li>7. As doenças;</li><li>8. O Casamento;</li><li>9. A Sexualidade;</li><li>10. Concepções de amor e amizade;</li><li>11. A morte.</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ANDRADE, Marta Mega de. <b>A Vida Comum Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica</b>. Rio de Janeiro: DP&amp;A, 2002.</p> <p>ARISTÓFANES. <b>AS VESPAS</b>. (trad. Maria de Fátima Souza e Silva) 2. ed. Textos Clássicos. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1989.</p> <p>_____. <b>A Política</b>. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2004.</p> <p>CAIRUS, Henrique. A Peste na literatura grega. Disponível em <a href="http://www.Gthistoriaantiga.ufrs.com">www.Gthistoriaantiga.ufrs.com</a></p> <p>TUCIDIDES. <b>Historia da Guerra do Peloponeso</b>. Brasília: UNB, 1997.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>CERQUEIRA, Fábio Vergara. <b>A Performance Musical, entre o sagrado e o profano</b>. São Paulo: UFMG, 2000.</p> <p>CARTLEDGE, <b>História Ilustrada da Grécia Antiga</b>. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.</p> <p>CHEVITARESE, André Leonardo. <b>O Espaço Rural da Polis Grega O caso ateniense no Período Clássico</b>. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2000.</p> <p>FLORENZANO, M.B. <b>O Mundo Antigo: economia e sociedade</b>. São Paulo: Brasiliense, 1982.</p>								





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CONFLITOS SOCIAIS E RELAÇÕES DE TRABALHO NO MEDIEVO	EUROPA	60
EMENTA		
Promove a discussão acerca da mentalidade medieval, dos grupos sociais que compõem aquela estrutura social e analisa os embates travados no seio daquela sociedade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A mentalidade medieval:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. O modo de produção;</li><li>1.2. Tipologia das formações sociais;</li><li>1.3. A dinâmica feudal;</li><li>1.4. Os vários sentidos da Idade Média.</li></ol></li><li>2. Senhores e camponeses;</li><li>3. O clero e suas ordens religiosas;</li><li>4. A nobreza e a cavalaria;</li><li>5. Os pobres da Idade Média:<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. Os fracos a sombra dos poderosos;</li><li>5.2. A herança antiga;</li><li>5.3. O destino;</li><li>5.4. A caridade;</li></ol></li><li>6. Conflitos Sociais:<ol style="list-style-type: none"><li>6.1. O valor da Liberdade;</li><li>6.2. As (des)ilusões da cidade;</li><li>6.3. Revoltas contra o fisco;</li><li>6.4. Movimentos populares urbanos;</li><li>6.5. Rebeliões camponesas;</li><li>6.6. Os miúdos e a Revolução de Avis.</li></ol></li><li>7. A Sociogênese do feudalismo e as regras de conduta.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ANDERSON, Perry. <b>Passagens da Antiguidade ao Feudalismo</b> . São Paulo: Brasiliense, 1982. BAIGENTE, Michel e LEIGH, Richard. <b>A Inquisição</b> . Rio de Janeiro: Imago, 2001. BAKHTIN, Mikhail. <b>A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento</b> . São Paulo: Hucitec, 1999. BEER, Max. <b>História do Socialismo e das Lutas Sociais</b> . Rio de Janeiro: Laemert, 1984.		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRAUDEL, Fernando. **O Espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALPHANDER, Paul & DUPRONT, Alphonse. **Las Cruzadas**. México: Utenha, 1992.

BURNS, Edward Mcnll. **História da Civilização**. Porto Alegre: Globo, 1984. Vol. I.

CHURCHILL, Winston. **História do povo da língua inglesa**. São Paulo: Ibasa, 1960.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
O TRABALHO ESCRAVO E O USO DAS FONTES PRIMARIAS NA ANTIGÜIDADE CLÁSSICA	EUROPA	30
EMENTA		
Estuda o trabalho escravo na Antiguidade clássica através das fontes primárias escritas.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Unidade I - A História Social 1. A natureza do conhecimento histórico 2. A história problema: novas orientações para a História 3. História e Ciências sociais – relações interdisciplinares Unidade II 1. O cenário historiográfico pós-68 2. A crítica às grandes narrativas 3. A cultura como problema de pesquisa história 4. História e representação		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ANDERSON, Perry. <b>Passagens da Antiguidade ao Feudalismo</b> . São Paulo: Brasiliense, 1987. ANNEQUIN et alii. <b>Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica</b> . Lisboa: Estampa, 1978. CARDOSO, Ciro Flamarion S. <b>Trabalho Compulsório na Antiguidade</b> . Rio de Janeiro: Graal, 1984. FINLEY, M.I. <b>A Economia Antiga</b> . Afrontamento: Porto, 1980. _____. <b>Escravidão Antiga e Ideologia Moderna</b> . Rio de Janeiro: Graal, 1991. FLORENZANO, Maria Beatriz. <b>O Mundo Antigo: Economia e Sociedade</b> . São Paulo: Brasiliense, 1982.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
CERTEAU, Michel de. <b>A operação histórica</b> in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. <b>História: Novos Problemas</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. CHARTIER, Roger. <b>A História cultural</b> . Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. P. 13-28. JENKINS, Keith. <b>A História repensada</b> . São Paulo: Contexto, 2001. p. 23-52.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
AS ESTRUTURAS FEUDAIS DA ALTA IDADE MEDIA	EUROPA	60
EMENTA		
Estuda a formação da sociedade feudal no Oriente e no Ocidente. Analisa as instituições sócio-econômicas, políticas e ideológicas características da Alta Idade Média.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Ideologias modernas e as reconstruções da medievalidade;</li><li>2. Os processos da transformação econômica-social a partir do “Dominato” e o fim do sistema escravista clássico;</li><li>3. O nascimento da Europa e da Civilização Ocidental: panorama estrutural;</li><li>4. As estruturas demográficas (elementos da formação espaço-temporal);</li><li>5. As estruturas econômicas (elementos determinantes do “modo de produção”);</li><li>6. As estruturas políticas (organização político - administrativa);</li><li>7. As estruturas eclesiásticas (organização e hierarquia da igreja);</li><li>8. As estruturas sociais (organização social, o papel da mulher; ordens e hierarquia);</li><li>9. As estruturas culturais (cultura popular, cultura clássica);</li><li>10. As estruturas cotidianas (o tempo, a alimentação, a vestimenta, a moradia, o lazer, o sexo, a morte, a infância);</li><li>11. As estruturas mentais (visão de mundo, simbolismo, belicismo, o contratualismo).</li><li>12. A atuação da Igreja e a cosmovisão do homem medieval;</li><li>13. A organização eclesiástica e as relações Igreja-Estado;</li><li>14. A religião e a cultura no Ocidente medieval;</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ANDERSON, Perry. <b>Passagens da antiguidade ao feudalismo</b>. São Paulo: Brasiliense, 1987.</p> <p>BATISTA NETO, J. <b>História da Baixa Idade Média</b>. São Paulo: Ática, 1989.</p> <p>BLOCH, Marc. <b>A Sociedade Feudal</b>. Lisboa: Edições 70, 1998.</p> <p>CHEVITARESE, André Leonardo (org.) <b>O campesinato na História</b>. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2002.</p> <p>CONTE, Giuliano. <b>Da crise do Feudalismo ao nascimento do capitalismo</b>. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1979.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CONTE. Cidades, **corporações artesanais e comércio**. In: **Da crise do feudalismo ao nascimento do capitalismo**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1979.

DOBB. **A Evolução do Capitalismo**. In: **A Evolução do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DUBY, Georges. **A Europa na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
REVOLUÇÕES EUROPEIAS DOS SÉCULOS XVII E XVIII	EUROPA	30
EMENTA		
Estuda a crise do Antigo Regime. Analisa as Revoluções burguesas e os processos de transformação política, econômica, social e cultural que consolidam o capitalismo.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Inglaterra:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. As causas da Revolução de 1640;</li><li>1.2. A historiografia da Revolução;</li><li>1.3. A Revolução Gloriosa de 1688;</li><li>1.4. Instituições e pensamento políticos nos séculos XVII e XVIII.</li></ol></li><li>2. França:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O Antigo Regime: formação, estrutura e crise;</li><li>2.2. O Iluminismo europeu, em geral;</li><li>2.3. O Iluminismo francês, em particular;</li><li>2.4. Os intelectuais e a Revolução.</li></ol></li><li>3. Alemanha:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. A Prússia: formação e trajetória;</li><li>3.2. O problema da burguesia alemã;</li></ol></li><li>4. A Inglaterra e a Revolução francesa:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. A década de 1790: formação da classe operária e dupla revolução;</li><li>4.2. Debate político e ideológico: Burke e Paine.</li></ol></li><li>5. Temas que serão abordados:<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. As revoltas camponesas e urbanas, particularmente na França;</li><li>5.2. As revoluções inglesas de 1640 e 1688;</li><li>5.3. Estrutura e crise da sociedade do antigo regime;</li><li>5.4. O iluminismo;</li><li>5.5. A revolução francesa de 1789.</li></ol></li><li>6. Textos de seminário:<ol style="list-style-type: none"><li>6.1. Estados gerais de 1614;</li><li>6.2. Thomas Hobbes, <i>Leviatã</i> (1651);</li><li>6.3. John Locke, <i>Segundo tratado sobre o governo</i> (1690);</li><li>6.4. Montesquieu, <i>Cartas persas</i> (1721);</li><li>6.5. David Hume, <i>Ensaio morais, políticos e literários</i> (1741/1748).</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- 6.6. Montesquieu, *Do espírito das leis* (1747);
- 6.7. Jean-Jacques Rousseau, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754);
- 6.8. Voltaire, *Cândido* (1759);
- 6.9. Jean-Jacques Rousseau, *Do contrato social* (1762);
- 6.10. Immanuel Kant, *O que é o Esclarecimento?* (1784);
- 6.11. Declaração dos direitos do homem e do cidadão (1789);
- 6.12. Alexis de Tocqueville, *O Antigo regime e a revolução* (1856).

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- HILL, Ch. **O Mundo de Ponta-Cabeça**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1987.
- STONE, L. **Causas da Revolução Inglesa (1529-1642)**. Bauru: Editora Edusc, 2000.
- TOCQUEVILLE, A. de. **O Antigo Regime e a Revolução (1856)**. São Paulo: Ed. UNB, 1986.
- TREVOR-ROPER, H. "A crise geral do século XVII, in: **Religião, Reforma e Transformação Social**. Lisboa: Editora Presença, 1981.
- VENTURI, F. **Utopia e Reforma no Iluminismo (1969) (em português, no prelo)**. São Paulo: Ed. Presença, 1981.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDERSON, P. "Prússia", in: **Linhagens do Estado Absolutista**. Porto: Afrontamento, 1984.
- BURKE, E. **Reflexões sobre a Revolução em França (1790)**. São Paulo: UNB, 1997.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. (Vol. 1, cap. 1).
- THOMPSON, E. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. vol. 1.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
REVOLUÇÕES E CONTRA-REVOLUÇÕES NA EUROPA DO SÉCULO XIX	EUROPA	30
EMENTA		
Compreende os movimentos revolucionários e contra-revolucionários na Europa do século XIX, enfocando as motivações, desenvolvimento e consequências sociais, políticas e econômicas dos mesmos para o mundo contemporâneo.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. Revolução Industrial; 1.1. Revolução Francesa; 2. Sociedade francesa no período revolucionário. 2.1. Europa entre 1800 e 1830; 3. Período Napoleônico; 3.1. O Congresso de Viena e a política europeia no século XIX.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ANDERSON, Perry. <b>As origens da pós-modernidade</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. ARRUDA, José Jobson de Andrade. <b>Revolução industrial e capitalismo</b> . São Paulo: Brasiliense, 1984. BURNS, Edward M. <b>História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica</b> . 23. ed. Porto Alegre: Globo, 1981. DUROSELLE, Jean Baptiste. <b>A Europa de 1815 aos nossos dias: vida política e relações internacionais</b> . São Paulo: Pioneira, 1976. ENGELS, Friedrich. <b>A situação da classe trabalhadora na Inglaterra</b> . São Paulo: Global, 1985.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
HOBSBAWM, Eric J. <b>A era das revoluções: 1789 – 1848</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. _____. <b>A era do capital: 1848 – 1875</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. _____. <b>A era dos impérios: 1875 – 1914</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. _____. <b>As origens da revolução industrial</b> . São Paulo: Global, 1979.		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
HISTÓRIA MODERNA I			EUROPA			60		
EMENTA								
Enfoca a expansão comercial europeia, a formação dos estados nacionais e a consolidação do capitalismo								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<p>I. Época moderna: cronologia e conceitos</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Formação de uma economia-mundo</li><li>2. Renascimento</li><li>3. Reformas religiosas</li><li>4. Formação do Estado moderno.</li></ol> <p>II. Os parâmetros da modernidade.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Crise cultural: Humanismo.<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Crise política: os Estados.</li></ol></li><li>2. Crise religiosa: as Reformas.</li><li>3. Crise social: o Grande Fechamento.</li></ol> <p>III. Os Renascimentos</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Aspectos gerais. Discussão historiográfica.</li><li>2. As artes visuais.</li><li>3. As letras e o pensamento.</li><li>4. O humanismo civil e o cristão.</li></ol> <p>IV. Os Estados</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Os processos de centralização: comparações</li><li>2. As teorias de centralização.<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. As Reformas</li><li>3. A Reforma Protestante</li><li>4. A Reforma Católica<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. A Sociedade</li><li>4.2. Uma sociedade de estados</li></ol></li><li>5. As crises e as revoluções</li><li>6. Do Renascimento ao Barroco</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
BURCKARDT, Jacob. <b>A Civilização do Renascimento na Itália</b> . São Paulo, Companhia das Letras, 1985.								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DELUMEAU, Jean. **A Reforma**. São Paulo, Pioneira, "Col. Nova Clio", 1983.

HELLER, Agnes. **O Homem do Renascimento**, Lisboa: Ed. Presença (Terceira Parte, p. 123 a 293).

PANOFSKY, Erwin. **Renascimento e Renascimentos na Arte Ocidental**, Lisboa: Ed. Presença, 1960. (cap. 1 p. 17 a 68 e cap. 2 p. 153 a 160).

ROMANO, Ruggiero e TENENTI, Alberto. **Los fundamentos del mundo moderno**, Madrid: Siglo XXI, 1980.

TREVOR-ROPER, H.G. **Religião, Reforma e Transformação Social**. Lisboa: Ed. Presença, 1981. (cap. 1 p. 13 a 42).

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHABOD, Federico. **Escritos sobre el Renacimiento**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1980.

ELIAS, Norberto. **O Processo Civilizador**. São Paulo: Jorge Zahar, 1982. 2 vol.

GARIN, Eugenio. **La Cultura del Rinascimento**. Milano: Il Saggiatore, 1978.

\_\_\_\_\_. **Rinascite e Rivoluzioni**. Roma: Laterza, 1979.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
HISTÓRIA MODERNA II			EUROPA			60		
EMENTA								
Estuda a crise do Antigo Regime. Analisa as revoluções burguesas e os processos de transformação política, econômica, social e cultural que consolidam o capitalismo.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<p>I. Inglaterra</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. As causas da Revolução de 1640;</li><li>2. A historiografia da Revolução;</li><li>3. A Revolução gloriosa de 1688;</li><li>4. Instituições e pensamentos políticos nos séculos XVII e XVIII.</li></ol> <p>II. França</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. O Antigo Regime: formação, estrutura e crise;</li><li>2. O iluminismo europeu, em geral;</li><li>3. O iluminismo europeu em particular</li><li>4. Os intelectuais e a Revolução.</li></ol> <p>III. Alemanha</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A Prússia: formação e trajetória;</li><li>2. O problema da burguesia alemã.</li></ol> <p>IV. A Inglaterra e a Revolução Francesa</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A década de 1790: formação da classe operária e dupla revolução;</li><li>2. O debate político e ideológico: Burke e Paine.</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>BURK, E. <b>Reflexões sobre a Revolução Francesa (1790)</b>. Brasília: UnB, 1987.</p> <p>BURKE, Peter. <b>Cultura Popular na Idade Moderna</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.</p> <p>DEYON, Pierre. <b>O mercantilismo</b>. São Paulo: Perspectiva, 1973.</p> <p>HILL, Ch. <b>O mundo de ponta-cabeça</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.</p> <p>HOBSBAWM, Eric J. <b>A era das revoluções: 1789-1848</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.</p> <p>SOBOUL, Albert. <b>A Revolução Francesa</b>. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.</p> <p>THOMPSON, Edward P. <b>A formação da classe operária inglesa</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.</p>								



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense. 1986.

ARIÉS, PHILIPPE. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARRETO, L. F. **Descobrimientos e renascimento**. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI. Lisboa: Nacional, 1983.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo**. São Paulo: Cosmos, 1970.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
EUROPA NO CONTEXTO MUNDIAL SEC. XX	EUROPA	60
EMENTA		
Estuda a Europa no contexto mundial do século XX a partir da expansão neocolonialista e seus desdobramentos políticos, sociais, culturais, econômicos e militares até o início do século XXI.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. As consequências do Imperialismo do século XIX para o início do século XX;<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A Primeira Guerra Mundial;</li><li>1.2. A Revolução Russa;</li></ol></li><li>2. A Crise de 1929 e suas consequências para a Europa;<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O nazi-fascismo;</li><li>2.2. A Segunda Guerra Mundial;</li></ol></li><li>3. A Guerra Fria e suas consequências para a Europa do século XX;<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. O mundo europeu no Pós-guerra Frio.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>AIÉRES, P., DUBY, G. <b>História da vida privada</b>. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. Vol. 05.</p> <p>ANDERSON, Perry. <b>As origens da pós-modernidade</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.</p> <p>ARENDT, Hannah. <b>Origens do totalitarismo</b>. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.</p> <p>BURNS, Edward M. <b>História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica</b>. 23. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.</p> <p>CASTELLS, Manuel, <b>A sociedade em rede</b>. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>CHOMSKY, Noam. <b>11 de setembro</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.</p> <p>DUROSELLE, Jean Baptiste. <b>A Europa de 1815 aos nossos dias</b>; vida política e relações internacionais. São Paulo: Pioneira, 1976.</p> <p>FERRO. M. <b>História da segunda guerra mundial</b>. São Paulo: Ática, 1995.</p> <p>GORBACHEV, Mikhail. <b>Perestroika: novas ideias para meu país e o mundo</b>. São Paulo: Best Seller, 1987.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
SOCIEDADE, CULTURA E POLÍTICA NA EUROPA DO SÉCULO XIX	EUROPA	60
EMENTA		
Estuda a fase imperialista do capitalismo e sua expansão neocolonialista. Analisa as relações internacionais e suas consequências sociais, políticas, econômicas e culturais. Estuda os processos de emancipação política das colônias da Ásia e da África e o panorama histórico do mundo atual.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I UNIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Revolução Industrial;</li><li>2. Economia e sociedade durante a Revolução Industrial;</li><li>3. A política europeia durante o século XVII;</li><li>4. Revolução Francesa;</li><li>5. Sociedade francesa no período revolucionário.</li></ol> <p>II UNIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Europa entre 1800 e 1830;</li><li>2. Período Napoleônico;</li><li>3. O Congresso de Viena e a política europeia no início do século XIX;</li><li>4. Democracia e nacionalismo na Europa no século XIX.</li></ol> <p>III UNIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Inglaterra e França no século XIX;</li><li>2. A unificação alemã;</li><li>3. A unificação italiana;</li><li>4. Movimentos sociais no século XIX;</li><li>5. O Imperialismo.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ANDERSON, Perry. <b>As origens da pós-modernidade</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.</p> <p>ARRUDA, José Jobson de Andrade. <b>Revolução industrial e capitalismo</b>. São Paulo: Brasiliense, 1984.</p> <p>BURNS, Edward M. <b>História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica</b>. 23 ed. Porto Alegre: Globo, 1981.</p> <p>DUROSELLE, Jean Baptiste. <b>A Europa de 1815 aos nossos dias; vida política e relações internacionais</b>. São Paulo: Pioneira, 1976.</p> <p>ENGELS, Friedrich. <b>A situação da classe trabalhadora na Inglaterra</b>. São Paulo: Global, 1985.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HOBBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**: 1789 – 1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. **A era do capital**: 1848 – 1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios**; 1875 – 1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **As origens da revolução industrial**. São Paulo: Global, 1979.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
MITOLOGIA GREGA			EUROPA			15		
EMENTA								
Estuda a sociedade grega. O mito e o seu significado para a sociedade. As transformações ocorridas na maneira de ver o mito no período clássico. A historiografia.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A História Antiga<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Caracterização da documentação antiga</li><li>1.2. A historiografia do Mundo Antigo</li></ol></li><li>2. A Grécia Antiga: os períodos históricos</li><li>3. A Civilização Creto-Micênica</li><li>4. A Grécia: do período Homérico ao Arcaico</li><li>5. Mitologia grega: preliminares</li><li>6. Os gregos e os deuses</li><li>7. O Mito: estrutura e funções</li><li>8. O Mito e a filosofia</li><li>9. Homero e Hesíodo</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>BRANDÃO, Junito de Souza. <b>Mitologia Grega</b>. Petrópolis: Vozes, 1994.</p> <p>BELEBONI, Renata Cardoso. <b>O Mito na Perspectiva de Jean Pierre Vernant</b> In Boletim do CPA, Campinas, nº 10, jul/dez 2000.</p> <p>HESÍODO. <b>Teogonia A Origem dos Deuses</b>. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.</p> <p>HOMERO. <b>Ilíada</b>. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro, Ediouro, 1991.</p> <p>_____. <b>Odisseia</b>. Trad. de Manuel Odorico Mendes. São Paulo, EDUSP/Ars Poética, 1992.</p> <p>PLATÃO. <b>Fédon</b> In: PLATÃO. <b>Diálogos</b>. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995 .</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>CARDOSO, Ciro Flamarion. <b>A Cidade-Estado Antiga</b>. São Paulo, Ática, 1985.</p> <p>ELIADE, Mircea. <b>Mito e Realidade</b>. São Paulo: Perspectiva, 2002.</p> <p>FINLEY, M. I. <b>História Antiga: testemunhos e modelos</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1989.</p>								





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
EUROPA NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XXI			EUROPA			45		
EMENTA								
Estuda a Europa nos primórdios do século XXI , analisando os aspectos relevantes no que diz respeito às questões políticas, sociais, econômicas e culturais, bem como a relevância europeia na geopolítica atual.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A importância política, econômica, social e cultural da Europa no início do século XXI , a partir de sua formação histórica.</li><li>2. A Europa e o processo de globalização</li><li>3. As mudanças demográficas na Europa e suas repercussões na atualidade;</li><li>4. Importância histórica da União Europeia na perspectiva das mais importantes economias do continente.</li><li>5. Os principais aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais de diversos países da Europa</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ANDERSON, Perry . <b>As origens da pós-modernidade</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1999.</p> <p>BURNS, Edward M. <b>História da civilização ocidental</b> ; do homem das cavernas até a bomba atômica .23 ed. Porto Alegre : Globo , 1981.</p> <p>CASTELLS, Manuel. <b>A sociedade em rede, a era da informação</b>: economia , sociedade e cultura . São Paulo : Paz e Terra , 1999.</p> <p>CHOMSKY, Noam . <b>11 de setembro</b>. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil , 2002.</p> <p>DUROSELLE, Jean Baptiste. <b>A Europa de 1815 aos nossos dias</b>; vida política e relações internacionais. São Paulo : Pioneira , 1976.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>GORBACHEV, Mikhail. <b>Perestroika</b>: novas ideias para meu país e o mundo. São Paulo: Best Seller, 1987.</p> <p>KAMEL , Ali . <b>Sobre o Islã</b>; a afinidade muçulmanos , judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro : Nova Fronteira , 2007.</p> <p>HOBBSBAWM, Eric J. <b>A era dos extremos</b>: o breve século XX , 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras , 1995.</p>								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## BRASIL

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS BRASILEIROS	BRASIL	45
EMENTA		
Estuda a produção historiográfica brasileira em diferentes períodos, relacionando-a às tendências da produção científica mundial. Analisa e interpreta obras que caracterizam modelos interpretativos sobre a realidade brasileira.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Introdução aos estudos históricos brasileiros:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Os problemas da História e da Historiografia Brasileira;</li><li>1.2. A produção e a abordagem historiográfica em questão;</li><li>1.3. História da historiografia brasileira.</li></ol></li><li>2. Historiografia Brasileira: uma abordagem inicial:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Historiografia geral da Colônia do Séc. XVI ao XVIII;</li><li>2.2. Aspectos da historiografia da cultura da sociedade e da economia sobre o Brasil Colônia;</li><li>2.3. Produção historiográfica no séc. XIX.</li></ol></li><li>3. Historiografia Brasileira: um balanço e alguns estudos historiográficos:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Cultura e Mentalidades na historiografia brasileira;</li><li>3.2. A História Econômica no Brasil;</li><li>3.3. História Social e historiografia brasileira/História e Poder: Anos Trinta e Estado Novo;</li><li>3.4. Os Intelectuais dos Anos 50 e o pensamento histórico e Social no Brasil.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BURKE, Peter. <b>A escrita da história, novas perspectivas</b>. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.</p> <p>CERTEAU, Michael de. <b>A escrita da história</b>. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.</p> <p>FREITAS, Marcos Cezar (org.). <b>Historiografia brasileira em perspectiva</b>. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.</p> <p>HOBBSWIM, Eric. <b>Sobre história</b>. São Paulo: Companhia de Letras, 1998.</p> <p>LAPA, José Roberto do Amaral. <b>História e historiografia – Brasil Pós 64</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.</p> <p>_____. <b>Historiografia brasileira contemporânea: a história em questão</b>. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.</p> <p>LE GOFF, Jacques. <b>A história nova</b>. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.</p> <p>_____. <b>História: novos problemas. História: novas abordagens. História: novos métodos</b>. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil** (Introdução Metodológica). 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, VIII, 1978.

\_\_\_\_\_. **História da história do Brasil**. (Historiografia Colonial). 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGUIAR, Luiz Antônio. (org.). **Para entender o Brasil**. São Paulo: Alegre, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da história do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GLENISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

LINHARES, Maria Yedda (org.). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 3. ed. 1996.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1999.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTORIOGRAFIA COLONIAL: IMAGINÁRIO E COLONIZAÇÃO	BRASIL	15
EMENTA		
Estudo Temático, comparativo ou monográfico, na perspectiva da compreensão da estrutura mental da sociedade europeia no contexto de formação da América Portuguesa, da apropriação territorial à formação da sociedade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. Compreensões acerca do papel do substrato mental nos processos históricos: 1.1. Historiografia colonial – os primeiros registros na construção da América Portuguesa; 1.2. O substrato mental – o pensamento europeu no processo expansionista; 1.3. O novo mundo sob a ótica da luta entre o bem e o mal; 1.4. O pensamento renascentista e a formação sócio-cultural no período colonial; 1.5. As concepções da colônia sob o olhar do conquistador – estratégias de dominação / colonização e etnocentrismo.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. <b>O Livro de Ouro da História do Brasil</b> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. HOLANDA, Sérgio Buarque. <b>Raízes do Brasil</b> . Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983. PRADO JR, Caio. <b>Formação do Brasil Contemporâneo</b> . São Paulo: Brasiliense, 1965. RIBEIRO, Darcy. <b>O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1995. SOUZA, Laura de Mello e (org.). <b>História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada a América Portuguesa</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1996.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
HOBSBAWN, Eric. <b>Sobre História</b> . (Trad. Cid Knipell Moreira) São Paulo: Cia das Letras, 1998. MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. <b>Conversas com Historiadores Brasileiros</b> . São Paulo: Editora 34, 2002. <b>REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA</b> . Tempos do Sagrado. São Paulo: ANPUH, 2001 <b>REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA</b> . Viagens e Viajantes. São Paulo: ANPUH, 2001		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
IDENTIDADE E NAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA DOS OITOCENTOS	BRASIL	15
EMENTA		
Estuda as correntes interpretativas da formação da nação - Brasil e o processo de constituição da identidade na produção historiográfica do séc. XIX.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>O Brasil como nação:<ol style="list-style-type: none"><li>A formação do Sentimento Nacional;</li></ol></li><li>O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional;</li><li>Varnhagen: O IHGB e seu projeto historiográfico;</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CARVALHO, José Murilo de. <b>Cidadania no Brasil</b>. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 64 a 83.</p> <p>DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. <b>O Livro de Ouro da História do Brasil</b>. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.</p> <p>GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. <b>Nação e Civilização nos trópicos</b>: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. In: Estados Históricos, Vol. 1, 1988, p, 5 a 22.</p> <p>WEHLING, Arno. <b>Estado, História, Memória</b>: Varnhagen e a construção da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>BITTENCOURT, Circe. <b>Identidade Nacional e Ensino de História do Brasil</b>. In: KARNAL, Leandro (org.). <b>História na sala de aula</b>. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>ORTIZ, Renato. <b>Cultura Brasileira e Identidade Nacional</b>. São Paulo: Brasiliense, 1985.</p> <p>PINSK, Jaime (org.). <b>O Ensino de História e a Criação do Fato</b>. São Paulo: Contexto, 2001.</p> <p>RODRIGUES, José Honório. <b>História da História do Brasil (Historiografia Colonial)</b>. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
O ANTIGO SISTEMA COLONIAL E A FORMAÇÃO DA AMÉRICA PORTUGUESA	BRASIL	60
<b>EMENTA</b>		
<p>Analisa o processo de formação do Império Marítimo Português, em relação ao contexto das transformações do “Longo” séc. XVI, destacando as características do “Antigo Sistema Colonial” na composição do convencionou chamar de “América Portuguesa”; Interpretar o significado das mudanças e/ou permanências sócio - culturais observadas no período em questão; Identificar os elementos da estrutura social da “América Portuguesa”, interrelacionando-os.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<p>I Unidade:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Crise e Transição do Feudalismo para a fase de Acumulação Capitalista.<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Expansão Europeia e a formação da economia-mundo capitalista.</li><li>1.2. A formação do Estado português</li><li>1.3. A economia europeia e a expansão ultramarina</li><li>1.4. Mercantilismo e colonização</li></ol></li><li>2. Contatos e conflitos : o velho e o novo mundo<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Aspectos culturais e ideológicos do processo de colonização</li><li>2.2. As várias formas de “domínios” da América portuguesa.</li><li>2.3. Conflito e resistência no processo de ocupação do espaço.</li></ol></li><li>3. As bases da formação territorial do Brasil<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Estratégias de ocupação da “terra Brasília”.</li><li>3.2. Produção: comércio e subsistência no Brasil Colonial.</li><li>3.3. Trabalho e cultura na sociedade colonial</li></ol></li></ol> <p>II Unidade:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Fundamentos e dinâmica da economia colonial;<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Espaço plural: as várias Colônias da América Portuguesa</li></ol></li><li>2. Organização política e social da Colônia<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Organização do poder nos trópicos;</li><li>2.2. As camadas sociais e as relações sócio-políticas na colônia;</li><li>2.3. Vida privada e cotidiana no Brasil Colonial.</li></ol></li><li>3. Instituições culturais e ideológicas do Brasil Colonial.<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Igreja Cristã: Religiosidade e poder</li><li>3.2. Aspectos educacionais do Brasil colônia</li><li>3.3. Aspectos culturais</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.

AVELAR, Hélio de Alcântara. **História Administrativa do Brasil**: Administração Pombalina. Brasília – DF: Editora Universidade de Brasília, 1983.

BOXER, Charles R. **A Idade de Ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Império Marítimo Português 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento**: a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados**: as primeiras expedições ao Brasil 1500-1531. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CALDEIRA, Jorge. **A Nação Mercantilista**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CAPISTRANO DE ABREU, João. **Capítulo de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: EDUNB, 1982.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NO BRASIL COLONIAL	BRASIL	30
EMENTA		
Estudo da importância da religião e religiosidade na formação da sociedade brasileira no período colonial. Analisa o papel da Igreja Católica e das crenças populares na formação da religiosidade brasileira.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. A religiosidade como objeto da historiografia brasileira; 2. Religião e cultura popular; 3. Doença e religiosidade no Brasil colonial; 4. A Igreja Católica e crenças populares.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BOSI, Alfredo. <b>Dialética da colonização</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1992. BOXER, C. R. <b>A Igreja e expansão Ibérica</b> . Lisboa: Edições 70, 1989. _____. <b>O império marítimo português (1415-1825)</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2002. CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. <b>Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia</b> . Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. FREITAS, Marco César (org.). <b>Historiografia brasileira em perspectiva</b> . São Paulo: Contexto, 1998. FREYRE, Gilberto. <b>Casa Grande e senzala</b> . 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
GINSBURG, C. <b>Os andarilhos do bem</b> . Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. _____. <b>O queijo e os vermes</b> . O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. HERMANN, Jacqueline. <b>No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal – séculos XVI e XVII</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998. HOLANDA, Sérgio Buarque de. <b>História geral da civilização brasileira</b> . A época colonial. Administração, economia e sociedade. 5. ed. São Paulo: Difel, 1982.		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ECONOMIA E SOCIEDADE NO IMPÉRIO BRASILEIRO	BRASIL	60
<b>EMENTA</b>		
<p>Analisa os elementos sociais e econômicos no processo de formação do Estado Nacional Brasileiro, percebendo os aspectos das mudanças e/ou permanências observadas na transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil, no contexto das transformações capitalistas, no séc. XIX, e suas implicações nas relações Estado / Sociedade.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<p>UNIDADE I: A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO</p> <ol style="list-style-type: none"><li>O contexto de transição histórica na formação do capitalismo industrial;<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A corte no exílio – sociedade e cultura na conjuntura da transferência da Corte Portuguesa para o Brasil;</li></ol></li><li>O processo de Independência do Brasil: o desafio da construção da autonomia política;</li><li>A economia mercantil escravista nacional e o processo de construção do Estado.<ol style="list-style-type: none"><li>a. A formação do Estado Brasileiro na perspectiva da luta de classes</li></ol></li><li>O Primeiro Reinado: Organização social e econômica;</li></ol> <p>UNIDADE II: ECONOMIA E SOCIEDADE NA CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO NACIONAL</p> <ol style="list-style-type: none"><li>Os Conflitos e características do Estado Nacional Brasileiro;</li><li>O período Regencial: Sociedade, Economia e Estado;</li><li>Transformações e permanências nas relações sócio-econômicas do Império;</li><li>Estrutura econômica do Brasil no Segundo Reinado;</li><li>Crise e Transição do trabalho: o contexto da cafeicultura;</li><li>Escravidão e liberdade na consolidação do Estado;</li><li>Cultura e ideologia formação do Estado Brasileiro.</li><li>Industrialização e urbanização no contexto do Império brasileiro.</li></ol> <p>UNIDADE III: ESTADO E SOCIEDADE NO IMPÉRIO: ENTRE A CRISE E A MODERNIZAÇÃO</p> <ol style="list-style-type: none"><li>Cotidiano e Vida privada da sociedade imperial;</li><li>Estado e ordenação social;</li><li>Ciência, prostituição e controle social;</li><li>Crise e Transição: o ideal republicano</li><li>As alterações nas relações de trabalho no Segundo Reinado;</li><li>Desagregação política e transição para a República;</li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERBEL, Márcia Regina. **A nação como artefato**: deputados do Brasil nas cortes portuguesas (1821-1822). São Paulo: Hucitec; Fapesp, 1999.

BERNARDES, Denis. **Um império entre repúblicas**: Brasil séc. XIX. 5. ed. São Paulo: Global Ed. 1997. (História Popular n.o 15).

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da Ordem**: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.) **Nação e cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA, Wilma Peres; OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. (orgs.). **De um Império a outro**: estudos sobre a formação do Brasil no séc. XVIII e XIX. São Paulo: Aderaldo & Rotschild: Fapesp, 2007.

MALERBA, Jurandir (org.). **A Independência Brasileira**: novas dimensões. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
SOCIEDADE E CULTURA NA FORMAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO	BRASIL	30
EMENTA		
Interpreta o significado das mudanças e/ou permanências sócio – culturais observadas no Brasil do século XIX, no processo de formação do Estado Nacional Brasileiro.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>Unidade I: Sociedade e Cultura na Formação do Estado Nacional</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A formação do Estado Brasileiro na perspectiva da luta de classes – elementos para discussão;</li><li>2. A corte no exílio – Sociedade e cultura na conjuntura da transferência da corte Portuguesa para o Brasil;</li><li>3. O processo de Independência do Brasil: a construção da autonomia política;</li></ol> <p>Unidade II: Consolidação do Estado a Afirmação da Identidade Nacional</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Estado e Movimentos Sociais na Bahia</li><li>2. Sociedade e Relações de Classe na formação do Estado</li><li>3. Estado e ordenação social</li><li>4. Escravidão e liberdade na consolidação do Estado</li><li>5. Cultura e ideologia na formação do Estado Brasileiro</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>LISBOA, João Francisco. <b>Crônicas políticas do Império</b>. Rio de Janeiro: Brasília: Francisco Alves INL, 1984.</p> <p>LYRA, Maria de Lourdes Viana. <b>O Império em construção: Primeiro Reinado e Regências</b>. São Paulo: Atual, 2000.</p> <p>MACEDO, Ubiratan Borges de, <b>A liberdade no Império: o pensamento sobre a liberdade no Império brasileiro/ Ubitaran Borges de Macedo</b>. São Paulo: Editor Convívio, 1977.</p> <p>MAESTRI, Mário. <b>Uma história do Brasil: Império</b>. São Paulo: Contexto, 1997.</p> <p>MONTEIRO, Hamilton de Mattos. <b>Brasil Império</b>. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.</p> <p>NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. <b>A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910</b>. 9. ed. São Paulo: Atual, 1997.</p> <p>SALLES, Iraci Galvão. <b>Trabalho, progresso e a sociedade civilizada: o partido republicano paulista e a política de mão-de-obra (1870-1889)</b>. São Paulo: Brasília: Hucitec, INL, 1986.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo da saquarema / Ilmar Rohloff de Mattos**. São Paulo: HUCITEC.1987.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Trabalho e escravo, economia e sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Octávio Tarquínio de. **A vida de D Pedro I**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, José Olympio, 1972.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial: 1822-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VILLALTA, Luiz Carlos. **Virando séculos 1789-1808: O império luso – brasileiro e os Brasis**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

WILCKEN, Patrick. **Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro. 1808-1821**. Rio de Janeiro. Objetiva 2005.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
SOCIEDADE E CULTURA NA BAHIA COLONIAL			BRASIL			60		
EMENTA								
Estuda o processo da formação econômica, política, cultural do espaço baiano, buscando evidenciar as determinantes e contingências históricas que deram unidade a esse espaço no quadro da estrutura e dinâmica do sistema colonial.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Origem e formação do espaço baiano no contexto do sistema colonial brasileiro.<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Os elementos para a compreensão do espaço baiano.</li><li>1.2. Os elementos humanos e a apropriação do espaço baiano.</li><li>1.3. A “ descoberta” Baía de todos os santos e a capitania da Bahia.</li><li>1.4. As articulações de poder e a diversidade espacial da Bahia.</li></ol></li><li>2. A sociedade baiana no período colonial<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Relações sociais e poder na Bahia colonial</li><li>2.2. Poder, conflito e religião</li><li>2.3. Sociedade e cultura sertanejas</li><li>2.4. A dinâmica das relações do Recôncavo com o sertão.</li></ol></li><li>3. Movimentos sociais dos séculos XVIII e XIX<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Sociedade baiana : dominação e conflito</li><li>3.2. A revolta dos Alfaiates – Conjuração Baiana</li><li>3.3. A independência do Brasil na Bahia</li><li>3.4. A sabinada</li><li>3.5. A revolta dos Malês</li><li>3.6. A cemiterada</li><li>3.7. Conjuntura Política na Bahia do século XIX</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>AMARAL, Braz do. <b>Memórias históricas e políticas da Bahia do Coronel Ignácio Accoioli de Cerqueira e Silva. Mandadas reeditar e anotar pelo Governo deste Estado – Anotador Dr. Braz do Amaral (da Academia de Letras da Bahia)</b>. Vol. II. Bahia: Imprensa Oficial do Estado. 1925.</p> <p>_____. <b>Memórias históricas e políticas da Bahia do Coronel I Ignácio Accoioli de Cerqueira e Silva. Mandadas reeditar e anotar pelo Governo deste Estado – Anotador Dr. Braz do Amaral (da Academia de Letras da Bahia)</b>. Vol. II. Bahia: Imprensa Oficial do Estado . 1937.</p> <p>_____. <b>Memórias históricas e políticas da Bahia do Coronel I Ignácio Accoioli de Cerqueira e Silva. Mandadas reeditar e anotar pelo Governo deste Estado – Anotador Dr. Braz do Amaral (da Academia de Letras da Bahia)</b>. Vol. II. Bahia: Imprensa Oficial do Estado . 1940.</p>								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GANDAVO , Pero de Magalhães . **História da Província de Santa Cruz e Tratado da terra do Brasil** . São Paulo: Obelisco, 1964.  
HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio , 1983.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MATTOSO, Kátia Mauá de Queiroz. **Presença Francesa no movimento democrático baiano de 1798**. Salvador: Itapuã, 1969.  
NOVINSKY, Anita. **Cristãos Novos na Bahia**. São Paulo: Perspectiva EDUSP, 1972.  
PEIXOTO, Afranio. Breviário da Bahia. 2. ed. **Revista**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.  
\_\_\_\_\_. Breviário da Bahia. 2. ed. **Revista**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.  
ROCHA PITTA, Sebatião da. **História da América Portuguesa**. Bahia: Imprensa Econômica, 1878.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ASPECTOS ECONÔMICOS DO BRASIL IMPERIAL	BRASIL	30
EMENTA		
<p>Analisa os elementos econômicos no processo de formação do Estado Nacional brasileiro, percebendo os aspectos das mudanças e/ou permanências observadas no contexto de transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil e suas relações no contexto das transformações capitalistas, no séc. XIX.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>UNIDADE I: ASPECTOS ECONÔMICOS DA FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. O contexto de transição histórica na formação do capitalismo industrial;</li><li>2. Referenciais ideológicos da transição: Iluminismo e liberalismo;</li><li>3. O processo de Independência do Brasil: o perfil econômico e o desafio da construção da autonomia política;</li><li>4. A economia mercantil escravista nacional e o processo de construção do Estado.</li><li>5. O Primeiro Reinado: Organização social e econômica;</li></ol> <p>UNIDADE II: A ECONOMIA NA CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO NACIONAL</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Os Conflitos e características do Estado Nacional Brasileiro;</li><li>2. O período Regencial: Sociedade, Economia e Estado;</li><li>3. Transformações e permanências nas relações sócio-econômicas do Império;</li><li>4. Estrutura econômica do Brasil no Segundo Reinado;</li><li>5. Crise e Transição do trabalho: o contexto da cafeicultura;</li><li>6. Industrialização e urbanização no contexto do Império brasileiro.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CALDEIRA, Jorge. <b>A Nação Mercantilista</b>. São Paulo: Editora 34, 1999.</p> <p>CARDOSO, Ciro Flamarion S. <b>Escravo ou Camponês?</b> O protocampesinato negro nas Américas. São Paulo, Brasiliense, 1987.</p> <p>CHALHOUB, Sidney. <b>Visões de Liberdade</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.</p> <p>COSTA, Emília Viotti da. <b>Da Senzala à Colônia</b>. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>FAORO, Raymundo. <b>Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro</b>. 12. ed. São Paulo: Globo, 1997.</p> <p>FIGUEIREDO, José Ricardo. <b>Modos de ver a produção no Brasil</b>. S. Paulo: Educ.; Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2004.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda. GOUVÊIA, Maria de Fátima (org.). **O Antigo Regime nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1987.

IANNI, Octavio. **Escravidão e Racismo**. São Paulo: Hucitex, 1900.

MALERBA, Jurandir. **A corte no Exílio**: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 – 1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTOSO, Kátia Mauá de Queiroz. **Presença Francesa no movimento democrático baiano de 1798**. Salvador: Itapuã, 1969.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **Capitalismo tardio**: contribuição à revisão crítica da formação do desenvolvimento da economia brasileira. 9. ed. S. Paulo: Brasiliense, 1994.

MORAES, Evaristo de. **Da monarquia para a República**: 1870-1889. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PODER E SOCIEDADE NA FORMAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA	BRASIL	30
EMENTA		
Estuda a formação e consolidação da República no Brasil, suas bases ideológicas e os desdobramentos políticos e sociais nas primeiras décadas do Séc. XX.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A ideia de República no Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. O processo ideológico na implantação da República;</li><li>1.2. Memória e construção da identidade coletiva;</li><li>1.3. Povo e cidadania em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX.</li></ol></li><li>2. A consolidação da República Oligárquica:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Organização do Governo Republicano;</li><li>2.2. Práticas Oligárquicas;</li><li>2.3. Coronelismo.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BASBAUM, Leôncio. <b>História Sincera da República, das origens até 1889</b>. 4. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.</p> <p>BELLO, José Maria. <b>História da República</b>. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.</p> <p>CARONE, Edgar. <b>A República Velha: instituições e classes sociais</b>. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.</p> <p>CARVALHO, José Murilo d. <b>Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi</b>. 3. ed. São Paulo, Cia. Das Letras, 1998.</p> <p>_____. <b>A formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil</b>. São Paulo: Cia das Letras, 2ª ed. 1995.</p> <p>_____. <b>Cidadania no Brasil</b>. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2001.</p> <p>_____. <b>Pontos e Bordados – Escritos de História e Política</b>. Belo Horizonte: UFMG, 1998.</p> <p>CHALHOUB, Sidney. <b>Cidade Febre – (cortiços e epidemias na corte imperial)</b>. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a república**: momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo, 1977.

DECCA, Edgar de. **1930 – O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DRUMOND, José Augusto. **A coluna Prestes**; Errantes. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Globo, 1975, v.2.

FAUSTO, Boris. (org.). **História geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Republicano. S.P.DIFELL, 1975. a 1977, t. III, V. 1 e V.2

\_\_\_\_\_. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.

\_\_\_\_\_. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 11 ed, 1987.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ESTADO NACIONAL BRASILEIRO	BRASIL	60
EMENTA		
Estuda o processo de emancipação política, a formação e organização do Estado Nacional brasileiro, no contexto das transformações capitalistas do século XIX. Interpreta o significado das mudanças e/ou permanências sócio-culturais no Brasil do século XIX.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A fundação do Império do Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A crise do sistema colonial e as transformações capitalistas do século XIX;</li><li>1.2. Os conflitos sociais, a regência de D. Pedro e a ruptura definitiva;</li><li>1.3. O processo ideológico no movimento de independência;</li><li>1.4. A organização do Estado Nacional Brasileiro;</li><li>1.5. O exercício do poder imperial: antagonismos e embates.</li></ol></li><li>2. O avanço liberal e a reação conservadora:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O período regencial: crises políticas e sociais;</li><li>2.2. A ação liberal e a descentralização do poder;</li><li>2.3. Rebeliões regenciais;</li><li>2.4. Regresso conservador e centralização monárquica;</li><li>2.5. As bases econômicas da centralização.</li></ol></li><li>3. A consolidação do Estado Nacional:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. O sistema político do Segundo Reinado;</li><li>3.2. Estrutura econômica e a reconstrução da ordem;</li><li>3.3. As transformações capitalistas do século XIX: tentativas de modernização;</li><li>3.4. Sociedade e cultura no Brasil Imperial;</li><li>3.5. Crise do Império e transição para a República.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>COSTA, Emília Viotti da. <b>Da monarquia à república – momentos decisivos</b>. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.</p> <p>FAORO, Rymundo. <b>Os donos do poder</b>: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 1997.</p> <p>MARSON, Isabel Andrade. <b>O império da revolução</b>: matrizes interpretativas dos conflitos na sociedade monárquica. In. FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) <b>Historiografia Brasileira em perspectiva</b>. São Paulo: Contexto, 1998.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MATTOS, Ilmar R. de. **O tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Mortz. **As Barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
PODER E SOCIEDADE NA REPÚBLICA BRASILEIRA			BRASIL			60		
EMENTA								
<p>Estuda a formação e consolidação da República no Brasil, o exercício do poder e os movimentos sociais do período. Analisa as características da República Oligárquica brasileira e suas bases econômicas no contexto dos avanços capitalistas. Estuda as ideias de progresso e modernização, participação das classes médias urbanas e do proletariado na sociedade dos anos 20 e 30 do século XX.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A ideia de República no Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. As origens do ideal republicano;</li><li>1.2. O processo ideológico na implantação da República;</li><li>1.3. Memória e construção da identidade coletiva;</li><li>1.4. Povo e cidadania em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX.</li></ol></li><li>2. A consolidação da República Oligárquica:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A organização do governo republicano;</li><li>2.2. As práticas oligárquicas: “fenômeno” do coronelismo;</li><li>2.3. Críticas parciais ao sistema: da campanha civilista ao Partido Democrático;</li><li>2.4. Os Movimentos Sociais: Canudos, Revolta da Vacina, Revolta da Chibata.</li></ol></li><li>3. Economia e Sociedade na República Oligárquica:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Agrarismo e política cafeeira;</li><li>3.2. Industrialização e Urbanização no início do Séc. XX;</li><li>3.3. Classes médias urbanas, proletariado e as transformações da 1ª metade do Séc. XX;</li><li>3.4. Crise dos Anos 20 e o fim da República Oligárquica.</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>BASBAUM, Leôncio. <b>História Sincera da República, das origens até 1889</b>. 4 ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.</p> <p>BELLO, José Maria. <b>História da República</b>. São Paulo: Ed. Nacional, 1969</p> <p>CARONE, Edgar. <b>A República Velha: instituições e classes sociais</b>. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.</p> <p>CARVALHO, José Murilo d. <b>Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi</b>. 3 ed. São Paulo, Cia. Das Letras, 1998.</p> <p>_____. <b>A formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil</b>. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.</p> <p>_____. <b>Cidadania no Brasil</b>. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2001.</p> <p>_____. <b>Pontos e Bordados – Escritos de História e Política</b>. Belo Horizonte: Brasiliense, 1987.</p>								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. (cortiços e epidemias na corte imperial) São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a república**: momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo, 1977.

DECCA, Edgar de. **1930 - O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DRUMOND, José Augusto. **A coluna Prestes**; Errantes. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Globo, 1975, v.2.

FAUSTO, Boris. (org.). **História geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Republicano. São Paulo: DIFELL, 1975 a 1977, t. III, V. 1 e V.2.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
BAHIA REPUBLICANA			BRASIL			60		
EMENTA								
<p>Analisa as transformações sociais e econômicas da Bahia no século XIX. Estuda a resistência escrava, movimentos populares, religiosidade, família, trabalho, poder e as diversas formas de sociabilidade. Estuda o processo de instauração e consolidação da República, as formas de mandos políticos coronelistas e os movimentos sociais no campo e na cidade.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A Bahia dos séculos XIX e XX: Visões Gerais:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A sociedade baiana;</li><li>1.2. A formação e estrutura da sociedade baiana;</li><li>1.3. Os aspectos etnológicos da sociedade baiana;</li><li>1.4. A presença da cultura afro-brasileira na Bahia contemporânea.</li></ol></li><li>2. Seminários Temáticos I- Economia e Sociedade:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A escravidão e o final do tráfico;</li><li>2.2. O “enigma do baiano”;</li><li>2.3. Salvador e seus conflitos urbanos.</li></ol></li><li>3. Seminários Temáticos II – A Bahia tem dois Mundos: O Urbano e o Rural:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. A estrutura urbana e os meios de transporte;</li><li>3.2. O trabalho livre e o surgimento da classe operária;</li><li>3.3. A política e o estado republicano;</li><li>3.4. O universo rural: organização e lutas;</li></ol></li><li>4. Seminários III- Cultura, Etnias e Movimentos Sociais:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. O imaginário religioso, fé e misticismo;</li><li>4.2. A existência de outros credos na Bahia;</li><li>4.3. Revoltas e rebeliões na Bahia republicana;</li><li>4.4. A sociedade baiana na República.</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. <b>Algazarra nas Ruas</b>. Comemoração da Independência da Bahia (19889-1923). São Paulo: Ed UNICAMP. 1999.</p> <p>ALMEIDA, Rômulo. <b>Traços da História Econômica da Bahia no último século e meio</b>. Salvador: Extent, 2001.</p>								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BASTOS, José Augusto Cabral Barreto. **Incompreensível e Bárbaro Inimigo, a Guerra simbólica contra Canudos**. Salvador: EDUFBA, 1995.

CADERNOS. CEAS. Salvador: Bahia, 1997.

DAVID, Onildo Reis. **O Inimigo Invisível, Epidemias na Bahia do Século XIX**. Salvador: EDUFBA, HUCITEC, 1996.

FILHO, Walter Fraga. **Mendigos Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX**. Salvador: EDUFBA, HUCITEC, 1996.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FONSECA, Humberto J. E MEDEIROS, Ruy H. A. **Esboços Bibliográficos - Regis Pacheco, 1895-1987**. Vitória da Conquista: UESB, 1995.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: A Guerra de Canudos nos jornais**. 4. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1977.

HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos - Uma revisão Histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

IVO, Isnara P. **O Anjo da Morte Contra o Santo Lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
RELAÇÃO DE PODER E SOCIEDADE NA FORMAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA	BRASIL	60
EMENTA		
<p>Estuda a formação e consolidação da República no Brasil, o exercício do poder e suas relações com o povo. Analisa as características da República Oligárquica brasileira e suas bases econômicas no contexto dos avanços capitalistas do período. Estuda as ideias de progresso e modernização, participação das classes médias urbanas e do proletariado na sociedade dos anos 20 e 30 do século XX.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A ideia de República no Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. As origens do ideal republicano;</li><li>1.2. O processo ideológico na implantação da República;</li><li>1.3. Memória e construção da identidade coletiva;</li><li>1.4. Povo e cidadania em fins do Séc. XIX e início do Séc. XX.</li></ol></li><li>2. A consolidação da República Oligárquica:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O novo sistema jurídico-político: organização do governo republicano;</li><li>2.2. As práticas oligárquicas: “fenômeno” do coronelismo;</li><li>2.3. Críticas parciais ao sistema: da campanha civilista ao Partido Democrático.</li></ol></li><li>3. Economia e Sociedade na República Oligárquica:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Agrarismo e política cafeeira;</li><li>3.2. O Brasil e os avanços capitalistas mundiais;</li><li>3.3. Industrialização e Urbanização no início do Séc. XX;</li><li>3.4. Classes médias urbanas, proletariado e as transformações da 1ª metade do Séc. XX.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BASBAUM, Leôncio. <b>História Sincera da República, das origens até 1889</b>. 4. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.</p> <p>BELLO, José Maria. <b>História da República</b>. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.</p> <p>CARONE, Edgar. <b>A República Velha: instituições e classes sociais</b>. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.</p> <p>CARVALHO, José Murilo d. <b>Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi</b>. 3. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.</p> <p>_____. <b>A formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil</b>. Cia das Letras, 2. ed. São Paulo: 1995.</p> <p>_____. <b>Cidadania no Brasil</b>. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2001.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. (cortiços e epidemias na corte imperial) São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a república**: momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo 1977.

DECCA, Edgar de. **1930 – O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DRUMOND, José Augusto. **A coluna Prestes**; Errantes, São Paulo: Brasiliense, 1991.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
MOVIMENTOS SOCIAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO NA REPUBLICA VELHA	BRASIL	60
EMENTA		
Analisa as transformações sociais e econômicas do Brasil nos séculos XIX e XX. Estuda o processo de instauração e consolidação da República, as formas de mandos políticos coronelistas, os movimentos sociais, família, trabalho, poder e relações de gênero no campo e na cidade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I UNIDADE</p> <p>1. República Velha (1889 – 1930):</p> <p>1.1. Análise historiográfica.</p> <p>II UNIDADE</p> <p>1. Análise dos movimentos sociais e relações de gênero:</p> <p>1.1. Movimentos sociais no campo;</p> <p>1.1.1. O universo rural: organização e lutas;</p> <p>1.1.2. Canudos;</p> <p>1.1.3. Juazeiro;</p> <p>1.1.4. Contestado;</p> <p>1.2. Movimentos sociais urbanos;</p> <p>1.2.1. A Revolta da Vacina;</p> <p>1.2.2. A Revolta da Chibata;</p> <p>1.2.3. O movimento operário;</p> <p>1.2.4. O tenentismo;</p> <p>1.2.5. A Coluna Prestes;</p> <p>1.3. Relações de gênero na República Velha:</p> <p>1.3.1. Meio urbano e rural;</p> <p>1.3.2. As relações de gênero no alto-sertão baiano (análise de documentos).</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BATALHA, Cláudio M. <b>O movimento operário na Primeira República</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.</p> <p>_____. <b>Sociedade de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX</b>: algumas reflexões em torno da formação da classe operaria. Cadernos AEL, Campinas: Unicamp/ IFCH, v. 6, nº 10/11, 1999.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os bordados de João Cândido**. In: **Pontos e bordados**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CRUZ, Maria Cecília Velasco. **Tradições negras na formação de um sindicato**: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905-1930. Afro-Ásia. Salvador, nº24, 2000.

ENGEL, Magali Gouveia. Paixão, crime e relações de gênero. Rio de Janeiro, 1890-1930 Topoi. **Revista de História** (PPGHIS-UFRJ). Rio de Janeiro: 7 Letras, nº 1, 2000.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

MELHY, José Carlos Sebe e Filho, Cláudio Bertolli. **História Social da saúde**. Opinião pública versus poder, a campanha da vacina, 1904. São Paulo: Estudos Cedhal, n ° 5, 1990.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **A ressaca da marujada**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

RIBEIRO, Carlo Antonio Costa. **Cor e criminalidade**. Estudo e análise da justiça do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

SILVA, Eduardo. **As queixas do povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
SOCIEDADE E CULTURA BAHIANA DOS SÉCULOS XVI AO XVIII	BRASIL	45
EMENTA		
Analisa os documentos históricos e outros registros. Estuda a resistência escrava, movimentos sociais, religiosidade, famílias, modos de vida, cultura, trabalho; poder e as diversas formas de sociabilidade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A importância dos documentos históricos:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Os documentos escritos;</li><li>1.2. Os documentos orais;</li><li>1.3. Os documentos iconográficos.</li></ol></li><li>2. A formação da sociedade baiana:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Os núcleos familiares;</li><li>2.2. As famílias de origem portuguesa;</li><li>2.3. As famílias de origem africana;</li><li>2.4. As relações de parentesco.</li></ol></li><li>3. A vida cultural:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. A cultura no processo de formação da sociedade baiana;</li><li>3.2. O modo de vida e as relações culturais do século XVI ao XVIII.</li></ol></li><li>4. Religião e religiosidade na sociedade baiana:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. A Santa Inquisição na Bahia;</li><li>4.2. As Igrejas e a formação religiosa.</li></ol></li><li>5. Os movimentos sociais baianos:<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. As fugas de escravos e a formação de quilombos;</li><li>5.2. A Revolta dos Alfaiates.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ARAÚJO, Nelson de. <b>1591 A Santa Inquisição na Bahia e outras estórias</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. CASTELNAU, Francis de. <b>Entrevistas com Escravos Africanos na Bahia Oitocentista</b> . Rio e Janeiro: José Olímpio, 2006. DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. <b>O livro de Ouro da História do Brasil</b> . 3 ed. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001. JANCSÓ, István. <b>Na Bahia, Contra o Império. História do Ensaio de Sedição de 1798</b> . São Paulo: HUCITEC, 1996. JUNIOR, Vilson Caitano de Sousa. <b>Orixás, Santos e Festas</b> . Salvador: UNEB, 2003.		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os Pântanos Mocambos**. Quilombos e Comunidades de Fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX). São Paulo: Ed. UNESP: Ed. Polis, 2005.

MAESTRI, Mário. **Uma história do Brasil: Colônia**. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MATTOSO, Kátia de Queiros. **Bahia Século XIX**. Uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL REPUBLICANO			BRASIL			30		
EMENTA								
Analisa os movimentos sociais na formação da República no Brasil, suas motivações ideológicas e culturais, suas perspectivas políticas e estratégias de lutas.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Conflitos na transição da Monarquia para a República no Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Transformações econômicas e sociais e novas aspirações políticas;</li><li>1.2. As novas camadas sociais;</li><li>1.3. O movimento republicano: ideologia e ação;</li><li>1.4. A crise nas instituições sociais e políticas.</li></ol></li><li>2. Movimentos sociais e sociedade republicana:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida política;</li><li>2.2. Movimento urbano: Revolta da Vacina e Revolta da Chibata;</li><li>2.3. Confrontos sociais: Juazeiro, Canudos, Cangaço e Contestado.</li></ol></li><li>3. O Movimento Operário na Primeira República:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Formação e composição;</li><li>3.2. Ideologias e movimentos sociais.</li></ol></li><li>4. Crise do modelo político da Primeira República:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. O rompimento do pacto dos governadores;</li><li>4.2. O Movimento Tenentista;</li><li>4.3. A Revolução de 30.</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
AMADO, Janaína. <b>Conflito social no Brasil</b> : a revolta dos Múcker. São Paulo: Ed. Símbolo, 1978. ASSIS, Machado de. <b>Bons Dias! – Crônicas (1888-1889)</b> . 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. BESOUCHET, Lídia. <b>Exílio e Morte do Imperador</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. CARONE, Edgard. <b>O Tenentismo</b> . São Paulo: Difel, 1975. FAORO, Raymundo. <b>Os Donos do Poder</b> : formação do patronato político brasileiro. 12. ed. São Paulo: Globo, 1997.								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
CARONE, Edgar. <b>A República Velha</b> : evolução política. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. _____. <b>A República Velha</b> : instituições e classes sociais. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. _____. <b>A Primeira República</b> : texto e contexto. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969. _____. <b>Revoluções do Brasil Contemporâneo</b> . São Paulo: Difel, 1975.								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
POPULISMO NA REPÚBLICA BRASILEIRA	BRASIL	60
EMENTA		
<p>Estuda os conceitos de Populismo na República Brasileira a partir das novas produções historiográficas. Aprofunda a Era Vargas como o período mais significativo do populismo até a implantação do Regime Militar de 1964.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>1. A Política Populista da Era Vargas:</p> <p>1.1. Transformações econômicas, sociais e novas aspirações políticas;</p> <p>1.2. O Populismo de Vargas;</p> <p>1.3. O Discurso populista e a mobilização das massas.</p> <p>2. A consolidação do Populismo no Brasil:</p> <p>2.1. Economia de base agrária, industrialização e avanços capitalistas;</p> <p>2.2. A política nacionalista de industrialização;</p> <p>2.3. Os Partidos políticos e o populismo no Brasil.</p> <p>3. O fim da era Vargas e a continuidade de populismo:</p> <p>3.1. O Governo de Dutra e o populismo;</p> <p>3.2. As práticas populistas no governo de Juscelino;</p> <p>3.3. O populismo de Jânio Quadros;</p> <p>3.4. O fim da política populista e a chegada dos militares no governo.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>AGUIAR, Ronaldo Conde. <b>Vitória na derrota</b>: A morte de Getúlio Vargas: Quem levou Getúlio ao suicídio? Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.</p> <p>BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. <b>O Governo João Goulart</b>. As lutas Sociais no Brasil. 1961-1964. Rio de Janeiro. Editora REVAM, 2001.</p> <p>CARVALHO, José Murilo de. <b>Os bestializados</b>: O Rio de Janeiro e a república que não foi. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.</p> <p>_____. <b>A formação das Almas</b>: O Imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.</p> <p>_____. <b>Pontos e Bordados - Escritos de História e Política</b>. Belo Horizonte: UFMG, 1998.</p>		





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASALECCHI, José Ênio. **O Brasil de 1945 Ao Golpe Militar**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2001.

D'ARAUJO, Maria Celina. **A Era Vargas**. São Paulo: Ed. Moderna, 1997

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
BRASIL CONTEMPORÂNEO			BRASIL			60		
EMENTA								
<p>Estuda a instauração da ditadura militar (1964), sua crise e o processo de abertura política no Brasil. Analisa os dilemas e desafios do cotidiano nacional na construção e consolidação da democracia a partir dos anos 1980. Analisa movimentos, ações e resistências em suas peculiaridades político-econômicas e sócio-culturais.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<p>I. A instauração do regime militar no Brasil</p> <p>1. Conjuntura dos Anos 60</p> <p>1.1. Reflexos do Populismo</p> <p>1.2. O golpe militar de 1964</p> <p>1.3. O fechamento do Regime</p> <p>1.4. A economia na década de 1960 e o “milagre” brasileiro</p> <p>II. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil .</p> <p>2.1. Geisel: rumo à abertura</p> <p>2.2. O fim da República militar</p> <p>2.2.1. Questão da anistia</p> <p>2.2.2. Campanha pelas “Diretas”</p> <p>III. A Nova República: perspectivas para a Democracia</p> <p>3.1. Governo democrático e os novos desafios da conjuntura econômica e social</p> <p>3.2. O Brasil no cenário mundial</p> <p>3.3. Instituições e conquistas democráticas</p> <p>3.4. Década de 1990: busca da estabilidade econômica</p> <p>3.5. República Brasileira no Século XXI</p> <p>IV. A sociedade civil e os movimentos populares na consolidação da democracia</p> <p>4.1. Sindicalismo nos anos 1980-1990</p> <p>4.2. Questão agrária no Brasil e o MST</p> <p>4.3. Lutas, pelos direitos sociais e humanos</p>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ALMEIDA, M.H. T. de. “Difícil caminho: sindicatos e política na construção da democracia”. In: O’DONELL, Guilherme; REIS, Fábio Wanderley (orgs.). <b>A Democracia no Brasil: dilemas e perspectivas</b>. São Paulo: Vértice, 1988.</p>								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUARQUE, Cristovam. **O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CARDOSO, Ruth Correia Leite. “ Os movimentos populares no contexto da consolidação da Democracia” In: O’DONNEL, Guilherme; REIS, Fábio Wanderley (orgs.). **A Democracia no Brasil – dilemas perspectivas**. São Paulo: Vértice- 1988.

DREIFUSS, René. 1964: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano- O tempo da ditadura-Regime militar e Movimentos Sociais em fins do séc. XX**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 4.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FIGUEIREDO, Lucas. **Ministério do Silêncio**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

HABERT, Nadine. **A década de 70 – Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1994.

IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TÓPICOS DE BRASIL CONTEMPORÂNEO	BRASIL	45
EMENTA		
<p>Estuda a crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil. Analisa os dilemas e desafios do cotidiano nacional na construção e consolidação da democracia a partir dos anos 1980. Analisa movimentos, ações e resistências em suas peculiaridades político-econômicas e sócio-culturais.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Geisel: rumo à abertura</li><li>2. O fim da República militar<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Questão da anistia</li><li>2.2. Campanha pelas “Diretas”</li></ol></li></ol> <p>II. A Nova República: perspectivas para a Democracia</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Governo democrático e os novos desafios da conjuntura econômica e social</li><li>2. O Brasil no cenário mundial</li><li>3. Instituições e conquistas democráticas</li><li>4. Década de 1990: busca da estabilidade econômica</li><li>5. República Brasileira no Século XX</li></ol> <p>III. A sociedade civil e os movimentos populares na consolidação da democracia</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Sindicalismo nos anos 1980-1990</li><li>2. Questão agrária no Brasil e o MST</li><li>3. Lutas, pelos direitos sociais e humanos</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ALMEIDA, M.H. T. de. “Difícil caminho: sindicatos e política na construção da democracia”. In: O’DONELL, Guilherme; REIS, Fábio Wanderley (orgs.). <b>A Democracia no Brasil: dilemas e perspectivas</b>. São Paulo: Vértice, 1988.</p> <p>BUARQUE, Cristovam. <b>O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.</p> <p>CARDOSO, Ruth Correia Leite. “ Os movimentos populares no contexto da consolidação da Democracia” In: O’DONNEL, Guilherme; REIS, Fábio Wanderley (orgs.). <b>A Democracia no Brasil – dilemas perspectivas</b>. São Paulo: Vértice- 1988.</p> <p>FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). <b>O Brasil Republicano- O tempo da ditadura-Regime militar e Movimentos Sociais em fins do séc. XX</b>: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 4.</p> <p>FIGUEIREDO, Lucas. <b>Ministério do Silêncio</b>. Rio de Janeiro: Record, 2005.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

HABERT, Nadine. **A década de 70 – Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1994.

JAGUARIBE, Hélio (et al.). **Brasil; Sociedade democrática**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

LIMA FILHO, Osvaldo. **Política Brasileira. 1945 – 1990- uma visão nacionalista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LINHARES, Maria Yedda (org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
FUNDAÇÃO DO IMPÉRIO DO BRASIL	BRASIL	30
EMENTA		
Estuda os aspectos inerentes à implantação do sistema monárquico no Brasil e analisa a organização do Estado Nacional Brasileiro no contexto das transformações capitalistas do Século XIX.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A Fundação do Império do Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A crise do Sistema Colonial e a conjuntura Sócio-política e econômica do século XIX;</li><li>1.2. O Brasil como sede da Monarquia Portuguesa;</li><li>1.3. O processo político e ideológico no movimento de emancipação política do Brasil.</li></ol></li><li>2. A organização do Estado Nacional Brasileiro:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Brasileiros nas Cortes Constituintes de 1821 – 1822;</li><li>2.2. A carta outorgada de 1824 e os limites da Independência;</li><li>2.3. O exercício do poder imperial e seus desdobramentos;</li><li>2.4. Avanço Liberal: revisão constitucional;</li><li>2.5. Nação e Nacionalidade na Formação do Estado Nacional Brasileiro.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ALBURQUEQUE, Wlamyra R. de. <b>Algazarra nas Ruas (comemorações na Bahia – (1889 - 1923))</b>. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.</p> <p>BEIGUELMAN, Paula. <b>Formação Política do Brasil</b>. São Paulo: Pioneira, 1976. pp. 40-141.</p> <p>CALDEIA, Jorge. <b>A Nação Mercantilista</b>. São Paulo: Editora 34, 1999.</p> <p>CARDOSO, Ciro Flamarion S. <b>Escravo ou Camponês? O protocampesinato negro nas Américas</b>. São Paulo, Brasiliense, 1987.</p> <p>CHALHOUB, Sidney. <b>Visões de Liberdade</b>. São Paulo: Campanha das Letras, 1990.</p> <p>COSTA, Emília Viotti da. <b>Da Monarquia à Republica – momentos decisivos</b>. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>DIAS, Maria Odila Leite da Silva. <b>“Sociabilidade sem História: votantes pobres no Império – (1824-1881)”</b> In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) <b>Historiografia Brasileira em Perspectiva</b>. São Paulo: Contexto, 1998.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FAORO, Raymundo. **Os donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. 12. ed. São Paulo: Globo, 1987.

HOBBSBAWN, Eric. **Sobre História**. (Trad. Cid, Knipell Moreira) São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

\_\_\_\_\_. **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. Tomo II, v. 1 e 2.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL	BRASIL	45
EMENTA		
Estuda a participação dos sujeitos históricos nos movimentos sociais ocorridos do Brasil a partir de uma produção historiográfica contemporânea.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I – Unidade</p> <p>1. As camadas sociais e as relações sócio-políticas na Colônia</p> <p>1.2. O caso Africano: Os negros e suas informações de resistência nos Quilombos. O exemplo de Palmares</p> <p>2. A crise do Estado Português e o processo de Independência do Brasil</p> <p>2.1. A luta negra na Independência Baiana</p> <p>2.2. As Rebeliões Escravas na Bahia – o caso dos hansas – Malês</p> <p>II – Unidade</p> <p>1. O Estado Republicano</p> <p>1.2. A República Oligárquica – Implantação – conflitos, resistências, lutas – Os movimentos sociais</p> <p>1.3. Organização, resistência, lutas e cotidiano no nordeste brasileiro – O cangaço, os Jagunços, os Bandos</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ANTONIL, André João. <b>Cultura e opulência do Brasil</b>. Belo Horizonte - São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1882.</p> <p>COSTA, Emilia Viotti da. <b>Da Senzala à Colônia</b>. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>DELPRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. <b>O Livro de ouro da História do Brasil</b>. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.</p> <p>FAORO, Raymundo. <b>Os Donos do poder: Formação do Patronato político brasileiro</b>. 12. ed. São Paulo: Globo, 1997.</p> <p>FREIRE, Gilberto. <b>Casa Grande e Senzala</b>. Rio de Janeiro. José Olímpio, 1987.</p> <p>GORENDER, Jacob. <b>O Escravismo Colonial</b>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>MOTA, Carlos Guilherme. <b>Ideia de revolução no Brasil (1789-1801)</b>. São Paulo: Cortez, 1980.</p> <p>PRADO JR., Caio. <b>Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia</b>. 23. ed. São Paulo: Itatiaia, 1997.</p> <p>_____. <b>Evolução política do Brasil e outros estudos</b>. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.</p> <p>_____. <b>História Econômica do Brasil</b>. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.</p>		





## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. **História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada a América Portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GUIMARÃES, Carlos Magno. **A Negação da Ordem Escravista**. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Cia das letras, 1989.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ESCRavidÃO E SOCIEDADE NO BRASIL COLONIAL	BRASIL	15
<b>EMENTA</b>		
<p>Estuda o processo de formação da sociedade brasileira a partir da organização das relações escravistas de produção. Analisa a escravidão como fenômeno sócio-histórico, procurando compreender os elementos constantes da sua composição.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Bloco Temático: Gênese e natureza da escravidão<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. O império marítimo português e o processo da colonização</li><li>1.2. Expansão Europeia e a formação da economia-mundo capitalista.</li><li>1.3. Escravidão, Mercantilismo e Colonização</li><li>1.4. A antropologia da escravidão</li><li>1.5. A escravidão e organização social africana</li><li>1.6. As estratégias de “domínios” da América portuguesa na sociedade africana.</li></ol></li><li>2. Bloco Temático: Escravidão e Sociedade – características da escravidão no Brasil Colonial<ol style="list-style-type: none"><li>2.2. Economia e escravidão na colônia</li><li>2.3. Formação da escravidão relações de produção na colônia</li><li>2.4. Matrimônio e Escravidão em São Paulo Colonial</li><li>2.5. A escravidão miúda em São Paulo colonial</li><li>2.6. A Bahia no comércio português da Costa da Mina e a concorrência estrangeira</li><li>2.7. A legislação seiscentista portuguesa e o índios do Brasil</li><li>2.8. Escravidão na Amazônia: Perspectivas episcopais</li><li>2.9. As irmandades de pretos e pardos em Pernambuco e no Rio de Janeiro na época de D. José I: um estudo comparativo.</li><li>2.10. A influência africana e a cultura popular em Minas Gerais: um comentário sobre a interpretação da escravidão.</li></ol></li><li>3. Bloco Temático: Escravidão – dominação e resistência<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Estrutura e conflitos da sociedade escravista colonial</li><li>3.2. Crise e conflitos da economia colonial</li><li>3.3. Da Escravidão á Liberdade – Transição de índio administrado para vassalo independente em São Paulo Colonial</li><li>3.4. Nos bastidores da escravidão: convivência e conflito no Brasil Colonial</li><li>3.5. A luta pela alforria</li><li>3.6. Escravidão e rebeldia escrava: quilombos nas Minas Gerais do século XVIII</li><li>3.7. Messianismo e resistência a escravidão no Brasil seiscentista.</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte - São Paulo, Itatiaia/ EDUSP, 1982.

BOXER, Charles R. **A Idade de Ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Império Marítimo Português 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Evolução Política do Brasil e Outros Estudos**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **História e Desenvolvimento**: A contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RAMINELLI, Ponald. ZAHAR, Jorge (Edit.). **Imagens da Colonização**: A Representação do Índio de Caminha a Vieira. São Paulo: FAPESP, 1996.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. **História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ESCRavidÃO E SOCIEDADE NO BRASIL COLONIAL II	BRASIL	30
<b>EMENTA</b>		
<p>Estuda o processo de formação da sociedade brasileira a partir da organização das relações escravistas de produção. Analisa a escravidão como fenômeno sócio-histórico, procurando compreender os elementos constantes da sua composição.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. BLOCO TEMÁTICO: Gênese e natureza da escravidão<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. O império marítimo português e o processo da colonização</li><li>1.2. Expansão Europeia e a formação da economia-mundo capitalista.</li><li>1.3. Escravidão, Mercantilismo e Colonização</li><li>1.4. A antropologia da escravidão</li><li>1.5. A escravidão e organização social africana</li><li>1.6. As estratégias de “domínios” da América portuguesa na sociedade africana.</li></ol></li><li>2. BLOCO TEMÁTICO: Escravidão e Sociedade – características da escravidão no Brasil Colonial<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Economia e escravidão na colônia</li><li>2.2. Formação da escravidão relações de produção na colônia</li><li>2.3. Matrimônio e Escravidão em São Paulo Colonial</li><li>2.4. A escravidão miúda em São Paulo colonial</li><li>2.5. A Bahia no comércio português da Costa da Mina e a concorrência estrangeira</li><li>2.6. A legislação seiscentista portuguesa e o índios do Brasil</li><li>2.7. Escravidão na Amazônia: Perspectivas episcopais</li><li>2.8. As irmandades de pretos e pardos em Pernambuco e no Rio de Janeiro na época de D. José I: um estudo comparativo.</li><li>2.9. A influência africana e a cultura popular em Minas Gerais: um comentário sobre a interpretação da escravidão.</li></ol></li><li>3. BLOCO TEMÁTICO: Escravidão – dominação e resistência<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Estrutura e conflitos da sociedade escravista colonial</li><li>3.2. Crise e conflitos da economia colonial</li><li>3.3. Da Escravidão á Liberdade – Transição de índio administrado para vassalo independente em São Paulo Colonial</li><li>3.4. Nos bastidores da escravidão: convivência e conflito no Brasil Colonial</li><li>3.5. A luta pela alforria</li><li>3.6. Escravidão e rebeldia escrava: quilombos nas Minas Gerais do século XVIII</li><li>3.7. Messianismo e resistência a escravidão no Brasil seiscentista</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte - São Paulo, Itatiaia/ EDUSP, 1982.

BOXER, Charles R. **A Idade de Ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Império Marítimo Português 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**: com a indicação da palavra. 3. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CALDEIRA, Jorge. **A Nação Mercantilista**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CAPISTRANO DE ABREU, João. **Capítulo de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: EDUNB, 1982.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Belo Horizonte - São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

FALCON, Francisco. **Mercantilismo e transição**. São Paulo, Brasiliense (tudo é história-7), 1990.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
BRASIL: DO REGIME MILITAR À ERA LULA			BRASIL			60		
EMENTA								
<p>Analisa o golpe militar a partir de uma bibliografia atualizada. Estuda as práticas repressivas implantadas pelos militares durante a ditadura. Analisa o processo da abertura política, O Retorno a Democracia, os novos governos implantados a Era Lula.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<p>I. A consolidação do Regime Militar</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. O Golpe militar e os Militares no poder;</li><li>2. As práticas dos militares;</li><li>3. A política de controle dos militares;</li><li>4. A criação dos órgãos de censura e segurança nacional</li></ol> <p>II. Os movimentos sociais</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. As Organizações de esquerda durante o regime militar.</li><li>2. A guerrilha do Araguaia.</li><li>3. Resistência social e lutas pela abertura política.</li><li>4. As Campanhas pelas Diretas Já.</li></ol> <p>III Os Novos Governos Democráticos.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A Eleição de Tancredo Neves</li><li>2. O governo Collor</li><li>3. As Eleições de Fernando Henrique</li><li>4. Um operário chega ao Governo</li><li>5. Os Planos Sociais e a política econômica da Era Lula</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ANTUNES, Ricardo. <b>A Desertificação Neoliberal no Brasil ( Collor, FHC e Lula)</b>. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.</p> <p>CARVALHO, José Murilo de. <b>Cidadania no Brasil, O longo Caminho. Civilização Brasileira</b>. Rio de Janeiro, 2001.</p> <p>_____. <b>Pontos e Bordados-Escritos de História e Política</b>. Belo Horizonte: UFMG, 1998.</p> <p>CARVALHO, Luiz Mahlouf. <b>O Coronel Rompe o Silêncio</b>. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.</p> <p>CASTRO, Celso, D'ARAUJO, Maria Celina e SOARES, Gláucio Ary Dillon. <b>Visões do Golpe</b>. A Memória Militar de 1964. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.</p>								



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHSALECCHI, José Ênio **O Brasil de 1945 ao Golpe Militar**. São Paulo: Contexto, 2002.

COSTA, José Caldas da. **Caparaó: a primeira Guerrilha Contra a Ditadura**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FENELON, Déia Ribeiro ( Org.). **50 Textos de História da Civilização Brasileira: Brasil Monárquico**. São Paulo: HUCITEC, 1984.

GASPARI, Elio **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

## AMÉRICA

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
VIAJANTES: IMAGINÁRIO EUROPEU SOBRE AS AMÉRICAS	AMÉRICA	15
EMENTA		
Estuda os viajantes do continente europeu na conquista da América, suas relações, economia, política, social e cultural.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. As grandes navegações;</li><li>2. A viagem de Colombo;</li><li>3. Filme: 1492: A Conquista do Paraíso;</li><li>4. A Carta de Colombo;</li><li>5. Colombo e os Índios;</li><li>6. A dominação de Cortez;</li><li>7. Os Signos;</li><li>8. A Exploração de Pigarro;</li><li>9. Dominação europeia na América: revisando as ideias.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>DONGHI, Halperin. <b>História da América Latina</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.</p> <p>DOZER, Donald Marquand. <b>América Latina uma perspectiva histórica</b>. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.</p> <p>FAVRE, Henre. <b>A Civilização Inca</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.</p> <p>GALEANO, Eduardo. <b>As veias abertas da América Latina</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.</p> <p>LOPEZ, Luiz Roberto. <b>História da América Latina</b>. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>KAPLAN, Marcos T. <b>Formação do Estado Nacional</b>. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.</p> <p>MORSE, Richard M. <b>O espelho de prospera cultura e ideias nas Américas</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.</p> <p>POMER, Leon. <b>História da América Hispano-indígena</b>. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.</p> <p>SOUSTELE, Jacques. <b>A Civilização Asteca</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1987.</p>		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
FORMAÇÃO DA AMÉRICA PORTUGUESA	AMÉRICA	60
<b>EMENTA</b>		
<p>Estuda o processo do convencionou chamar “ América Portuguesa” nos quadros do império Marítimo Português , sua relação com contexto das transformações do “Longo” séc. XVI , buscando compreender o significado das mudanças e/ou permanências sócio –culturais observadas no período em questão.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<p>I Unidade: CONSTITUIÇÃO DO IMPÉRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS E AMÉRICA PORTUGUESA:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Crise e transição do feudalismo para a fase de acumulação capitalista.<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Expansão Europeia e a formação da economia – mundo capitalista.</li><li>1.2. A formação do estado português</li><li>1.3. A economia europeia e a expansão ultramarina</li><li>1.4. Mercantilismo e colonização</li></ol></li><li>2. Contatos e conflitos: o velho e o novo mundo<ol style="list-style-type: none"><li>2.1 Aspectos culturais e ideológicos do processo de colonização</li><li>2.2 As várias formas de “domínios” da América portuguesa.</li><li>2.3 Conflito e resistência no processo de ocupação do espaço.</li></ol></li></ol> <p>II Unidade: SOCIEDADE, TRABALHO E PRODUÇÃO NA AMÉRICA PORTUGUESA</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. As bases da formação territorial do Brasil<ol style="list-style-type: none"><li>1.2. Tégias de ocupação da “terra Brasília”</li><li>1.3. Trabalho e cultura na sociedade colonial</li></ol></li><li>2. Fundamentos e dinâmica da economia colonial;<ol style="list-style-type: none"><li>2.2. Formação e dinâmica dos sistema colonial Português</li><li>2.3. Produção: comércio e subsistência no Brasil colonial</li><li>2.4. Espaço plural: as várias colônias da América Portuguesa</li></ol></li></ol> <p>III Unidade: PODER, CULTURA E IDEOLOGIA NA AMÉRICA PORTUGUESA.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Organização política e social da colônia<ol style="list-style-type: none"><li>1.2. As camadas sociais e as relações sócio-políticas na colônia;</li><li>1.3. Vida privada cotidiano no Brasil colonial.</li></ol></li><li>2. Instituições culturais e ideológicas do Brasil colonial.<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Igreja cristã: Religiosidade e poder</li><li>2.2. Aspectos educacionais do Brasil colônia</li><li>2.3. Aspectos culturais</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.

AVELAR, Hélio de Alcântara. **História Administrativa do Brasil**: Administração Pombalina. Brasília – DF: Editora universidade de Brasília, 1983.

AZEVEDO, João Lúcio de. **O Marquês de Pombal e sua época**. São Paulo: Alameda, 2004.

BOXER, Charles R. **A Idade de Ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOXER, Charles R. **O Império Marítimo Português 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento**: a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **Náufragos, traficantes e degredados**: as primeiras expedições ao Brasil 1500-1531. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CALDEIRA, Jorge. **A Nação Mercantilista**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CALMON, Pedro. **História social do Brasil, vol. 1**: espírito as sociedade colonial. São Paulo: Martins fontes, 2002.

CAPISTRANO DE ABREU, João. **Capítulo de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: EDUNB, 1982.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
POVOS PRÉ-COLOMBIANOS: AS ALTAS CIVILIZAÇÕES	AMÉRICA	45
EMENTA		
<p>Sociedade autóctone do continente americano: estrutura e economia, social e política. Expansão colonial e os processos de conquista e colonização do continente. A estrutura econômica: modos e relações de produção. A crise da dominação colonial, conflitos metrópole-colônia e processos de emancipação no continente.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I Unidade</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Sociedade Pré-colombiana</li><li>2. Confederação asteca: organização social, política e econômica</li><li>3. As cidades-estados maias</li><li>4. O império Incaico</li><li>5. Conceito de modo de produção</li><li>6. Os outros povos indígenas</li></ol> <p>II Unidade</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Desenvolvimento do capitalismo e a formação dos Estados Modernos (Portugal, Inglaterra, França e Holanda)</li><li>2. A Europa e as práticas mercantilistas</li><li>3. O processo de colonização</li><li>4. Os tipos de colônias</li><li>5. A colonização Espanhola</li><li>6. A colonização Inglesa</li></ol> <p>III Unidade</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Revoltas nas colônias Espanholas</li><li>2. O processo de industrialização nas colônias</li><li>3. A independência das Américas</li><li>4. Filme – Tempos de Glória</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>DONGHI, Halpreim. <b>História da América Latina</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.</p> <p>DOZER, Donald Marquand. <b>América Latina uma perspectiva histórica</b>. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FAVRE, Henre. **A civilização Inca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KAPLAN, Marcos T. **Formação do Estado Nacional**. Rio de Janeiro: livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MORSE, Richard M. **O espelho de prospero cultural e ideias nas Américas**. São Paulo: companhia das Letras, 1990.

POMER, Leon. **História da América Hispano-indígena**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

SOUSTELE, Jacques. **A conquista da América**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América, a questão do outro**. São Paulo: Marins Fontes, 1993.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
TRABALHO COMPULSÓRIO NAS AMÉRICAS E REBELIÕES ESCRAVAS E INDÍGENAS	AMÉRICA	15
EMENTA		
Estudo das dinâmicas dos Movimentos Sociais na América Latina.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. Revolução Escrava e o processo de Independência no Haiti; 2. Movimentos Sociais na América Latina: 2.1. “La violência” na Colômbia; 2.2. O Movimento de Chiapas; 2.3. Movimento Camponês no Peru.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BETHEL, Leslie. <b>América Latina</b> . São Paulo: Edusp, 2002. Vol. III, IV e V. BRUIT, Héctor. <b>Revoluções na América Latina</b> . 3. ed. São Paulo: Atual, 1988. BUENROSTRO, Alejandro y Arellano & Oliveira, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). <b>Chiapas. Construindo a esperança</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2002. CANO, Wilson. <b>Soberania e Política econômica na América Latina</b> . São Paulo: Editora da Unesp, 1999. GONZALES-CASANOVA, Pablo (org.). <b>América Latina: história de meio século</b> . Brasília: Editora da UNB, 1977. HALPERIN, Tulio Donghi. <b>História da América Latina</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
HOBSBAWM, Eric. La violência. In: <b>Rebeldes Primitivos</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra 1978. IANNI, Otávio. <b>A formação do Estado Populista na América Latina</b> . São Paulo: Editora Ática, 1989. MARTÍ, Jose. <b>Nossa América</b> . São Paulo: Hucitec, 1983. PINSKI, Jaime (org.). <b>História da América Latina através de textos</b> . 4. ed. São Paulo: Editor Contexto, 1994. PRADO, Maria Lígia Coelho. <b>América Latina no século XIX</b> . Tramas, Telas e textos. São Paulo: Edusp/Educ, 1999. _____. <b>A formação das nações latino-americanas</b> . Campinas/São Paulo: Uicamp/Atual, 1985.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
AMÉRICA ANTES DA CONQUISTA			AMÉRICA			60		
EMENTA								
Estuda as Civilizações americanas antes da conquista e suas características econômicas sociais e políticas. Discute questões pertinentes à produção material dessas civilizações.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
Unidade I: As primeiras civilizações da América: 1.1. O Povoamento da América; 1.2. Modos de Produção dos povos americanos; 1.3. A civilização Mochica; 1.4. Tiwanacus, o império do sol; 1.5. Os Olmecas e a meso-América; 1.6. A civilização Maia; 1.7. A Civilização Asteca; 1.8. A civilização Inca.								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
ALMANAQUE, Abril. <b>Impérios Pré-colombianos</b> . São Paulo: Editor Abril, 2008. Vol. II, AQUINO, Rubim Santos Leão de; LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. <b>História das Sociedades Americanas</b> . Rio de Janeiro: Record, 2005. CHAUNU, Pierre. <b>A América e as Américas</b> . Lisboa – RJ: Cosmos, 1984. (Rumos do mundo). CROUZET, Maurice (org.). <b>História Geral das Civilizações</b> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, vol. X. FAVRE, Henri. <b>A civilização Inca</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1987. FERREIRA, Jorge Luís. <b>Incas e Astecas - culturas pré-colombianas</b> . 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. GEBRAM, Filomena (org.). <b>Conceito de Modo de Produção</b> . São Paulo: Paz e Terra, 1991. GENDROP, Paul. <b>A civilização Maia</b> . Rio de Janeiro: Zahaar, 1987.								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
GIORDANI, Mário Curtis. <b>História da América Pré-Colombiana</b> . Idade Moderna II. Petrópolis: Vozes, 1991. LOBATO, Djalma Saião. <b>Civilização Asteca: A Conquista de um povo</b> . São Paulo: Ed. Hermus, 2010. MEGGERS, Betty J. <b>América Pré-Histórica</b> . 2. ed. Paz e Terra. Trad. Eliana Teixeira de Carvalho, 1981.								



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PALMA, Ricardo. **Tradicional Peruanas**. Lima/Peru: Peisa, 2001.

PEREGALLI, Enrique. **A América que os europeus encontraram**. São Paulo. Ed. Atual, 1986.

PINSKY, Jaime (org.). **História da América através de textos**. São Paulo: Contexto, 1989.

POMER, Leon. **América: Histórias, delírios e outras magias**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RAMOS, Alcinda Rita. **Sociedade Indígena**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
AMÉRICA DA CONQUISTA A COLONIZAÇÃO	AMÉRICA	60
EMENTA		
<p>Estuda e seleciona temas que mostram os processos históricos que marcaram o continente americano do período da conquista à independência, salientando os fenômenos ligados à conquista dos povos americanos, tendo culminância na construção do aparelho de exploração colonial.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A Europa antes da conquista da América.</li><li>2. As viagens das “descobertas”.</li><li>3. Europa/América: choque de civilizações.</li><li>4. A Conquista do México e da Meso-América.</li><li>5. A Conquista dos Incas.</li><li>6. A Colonização Espanhola na América:<ol style="list-style-type: none"><li>6.1. Órgãos administrativos metropolitanos;</li><li>6.2. Órgãos administrativos coloniais – vice-reis, capitães gerais, governadores, audiências, sistema fazendário e cabildos;</li><li>6.3. A Igreja e a colonização;</li><li>6.4. O trabalho – índios e negros – encomienda, repartimiento (mita e cuatequil), congregas e escravidão.</li></ol></li><li>7. A Sociedade da América Colonial Hispânica.</li><li>8. A Colonização Inglesa na América.</li><li>9. A Colonização Francesa na América.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>AQUINO, Rubim Santos Leão de, LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de e LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. <b>História das Sociedades Americanas</b>. Rio de Janeiro: Record, 2005.</p> <p>BUENO, Eduardo. <b>Náufragos, Traficantes e Degredados</b>. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.</p> <p>_____. <b>Brasil: Terra à Vista</b>. Porto Alegre: L&amp;PM, 2000.</p> <p>CARDOSO, Ciro Flamarion S. <b>A Afro - América: A escravidão no novo mundo</b>. São Paulo: Brasiliense, 1982.</p> <p>CHAUNU, Pierre. <b>História da América Latina</b>. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel/Saber Atual, 1976.</p> <p>COLOMBO, Cristóvão. <b>Diários da Descoberta da América: as quatro viagens e o testamento</b>. Porto Alegre: L&amp;PM, 1984.</p>		





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DE LAS CASAS, Bartolomé. **O Paraíso Destruído**: a sangrenta história da conquista da América espanhola. Porto Alegre: L&PM, 1985.

DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. **Retrato da América quando jovem**: Imagens e representações sobre o Novo Continente entre os séculos XVI e XVII. In: **Estudos Históricos – América**. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 9, 1992.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A História da América Latina vista pelos índios**: relatos astecas, maias e incas. Petrópolis: Vozes, 1991.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
A AMÉRICA: INDEPENDÊNCIAS E REVOLUÇÕES	AMÉRICA	60
EMENTA		
Estuda e seleciona temas que mostram os processos históricos que marcaram o continente americano do período da conquista à independência, salientando os vários processos revolucionários que eclodiram no continente.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Discussão do texto- “O que é América?”</li><li>2. Texto – “Febre do ouro, Febre da Prata”;</li><li>3. Mercantilismo e a América;</li><li>4. A conquista da América Espanhola;</li><li>5. A Estrutura de Exploração da América Espanhola;</li><li>6. Formas de Exploração de Trabalho na América Hispânica;</li><li>7. A Estrutura Político – Administrativa da América Hispânica;</li><li>8. O papel da Igreja católica na colonização da América Hispânica;</li><li>9. A crise do sistema colonial;</li><li>10. A crise do sistema colonial, emancipação política na América Espanhola;</li><li>11. A Independência do Haiti;</li><li>12. A América Hispânica: construção do Estado Nacional;</li><li>13. Estudo Dirigido: “O Sistema Colonial que a independência veio destruir”;</li><li>14. Estudo Dirigido: “A Igreja e o Estado Nacional”;</li><li>15. Estudo Dirigido: “O Caudilismo e o Estado Nacional.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ALIMONDA, Héctor. <b>A Revolução Mexicana</b>. São Paulo: Moderna, 1986.</p> <p>AQUINO, Rubim Santos Leão de, LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de e LOPES, Oscar Guilherme I Campos. <b>História das Sociedades Americanas</b>. Rio de Janeiro: Record, 2005.</p> <p>BRUIT, Hector H. <b>Revoluções na América Latina – o que são as revoluções?</b> México, Bolívia, Cuba, Nicarágua. São Paulo: Atual Editora, 1988.</p> <p>FARIA, Ricardo de Moura. <b>As Revoluções do século XX</b>. São Paulo: Contexto, 2001.</p> <p>LEÓN-PORTILLA, Miguel. <b>A História da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas</b>, Petrópolis: vozes. 1991.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MAHN-LOT, Marianne. **A Conquista da América Espanhola**. Campinas: Papyrus, 1982.

PINSKY, Jaime, **História da América através de textos**. São Paulo: Contexto, 1989.

POMER, Leon. **América: história, delírios e outras magias**. São Paulo: Brasiliense, 1980.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
AMÉRICA: DA COLONIZAÇÃO A INDEPENDÊNCIA	AMÉRICA	60
EMENTA		
<p>Estuda e seleciona temas que mostram os processos históricos que marcaram o continente americano do período da conquista à independência, salientando os fenômenos ligados à conquista dos povos americanos, tendo culminância na construção do aparelho de exploração colonial.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A Europa antes da conquista da América.</li><li>2. As viagens das “descobertas”.</li><li>3. Europa/América: choque de civilizações.</li><li>4. A Conquista do México e da Meso-América.</li><li>5. A Conquista dos Incas.</li><li>6. A Colonização Espanhola na América:<ol style="list-style-type: none"><li>6.1. Órgãos administrativos metropolitanos;</li><li>6.2. Órgãos administrativos coloniais – vice-reis, capitães gerais, governadores, audiências, sistema fazendário e cabildos;</li><li>6.3. A Igreja e a colonização;</li><li>6.4. O trabalho – índios e negros – encomienda, repartimiento (mita e cuatequil), congregas e escravidão.</li></ol></li><li>7. A Sociedade da América Colonial Hispânica.</li><li>8. A Colonização Inglesa na América.</li><li>9. Colonização Francesa na América.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>AQUINO, Rubim Santos Leão de, LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de e LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. <b>História das Sociedades Americanas</b>. Rio de Janeiro: Record, 2005.</p> <p>BUENO, Eduardo. <b>Náufragos, Traficantes e Degredados</b>. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.</p> <p>_____. <b>Brasil: Terra à Vista</b>. Porto Alegre: L&amp;PM, 2000.</p> <p>CARDOSO, Ciro Flamarion S. <b>A Afro-América: A escravidão no novo mundo</b>. São Paulo: Brasiliense, 1982.</p> <p>CHAUNU, Pierre. <b>História da América Latina</b>. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel/Saber Atual, 1976.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América**: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1984.

DE LAS CASAS, Bartolomé. **O Paraíso Destruido**: a sangrenta história da conquista da América espanhola. Porto Alegre: L&PM, 1985.

DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. **Retrato da América quando jovem**: Imagens e representações sobre o Novo Continente entre os séculos XVI e XVII. In: **Estudos Históricos – América**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, 1992.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CLASSES E CONFLITOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: SÉCULOS XIX E XX.	AMÉRICA	60
EMENTA		
<p>Estuda a ideia de América e América Latina a partir de acontecimentos pontuais como as independências políticas, bem como os conflitos ocorridos durante a formação dos Estados Nacionais. Estuda também momentos específicos do século XX, entendendo a relação da América Latina com o imperialismo estadunidense e as novas formas dos movimentos sociais que se apresentam no continente a partir do advento do neoliberalismo.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O Mercantilismo, crise do sistema colonial e a formação do Capitalismo.<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A construção do Estado-nação estadunidense.</li><li>1.2. Expansão dos Estados Unidos, a construção do imperialismo.</li><li>1.3. Processo de emancipação política na América Latina:<ol style="list-style-type: none"><li>1.3.1. Emancipação política do Haiti;</li><li>1.3.2. Fragmentação da América Hispânica e formação de nações latinas.</li></ol></li><li>1.4. A América em tempo de revolução: México, Bolívia, Cuba e Nicarágua.</li><li>1.5. Os Estados Unidos e a América Latina – a intervenção via golpe militar: Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ALGRANATI, Clara. <b>Lutas Sociais “neoliberalismo de guerra” na América Latina</b>. In: LEHER, Roberto e SETÚBAL, Mariana (organizadores). <b>Pensamento Crítico e Movimentos Sociais</b>: diálogos para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005.</p> <p>ALIMONDA, Héctor. <b>A Revolução Mexicana</b>. São Paulo: Moderna, 1986.</p> <p>AQUINO, Rubim Santos Leão de, LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de e LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. <b>História das Sociedades Americanas</b>. Rio de Janeiro: Record, 2005.</p> <p>BRUIT, Hector H. <b>Revoluções na América Latina – o que são as revoluções?</b> México, Bolívia, Cuba e Nicarágua. São Paulo: Atual Editora, 1988.</p> <p>BRUIT, Hector H. <b>O imperialismo</b>. São Paulo: Atual Editora, 1988.</p> <p><b>CADERNOS DO CEAS. Salvador, setembro/outubro de 1993, n. 147.</b></p> <p><b>CADERNOS DO CEAS. Salvador, novembro/dezembro de 1995, n. 160.</b></p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DAYRELL, Eliane, AZEVEDO, Francisca L. N. e GIUCCI, Guillermo. **América Hispânica documentação e bibliografia**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 9, 1992, p. 97-105.

FARIA, Ricardo de Moura. **As Revoluções do século XX**. São Paulo: Contexto, 2001.

FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcus Vinícius. **Renovação da História da América**. In: KARNAK, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LEHER, Roberto e SETÚBAL, Mariana (organizadores). **Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: diálogos para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## ÁFRICA

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTÓRIA DA ÁFRICA I	ÁFRICA	60
EMENTA		
<p>Estuda a África e os africanos antes do século XV. Novos enfoques historiográficos. Formas de organização política, social, econômica, cultural e religiosa das sociedades africanas: clãs, reinos e impérios. O islamismo, tráfico e escravidão. O contato dos europeus e a formação do mundo Atlântico. Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Problematização das fontes e suas implicações;</li><li>2. A paisagem e o homem: aspectos geográficos, formas de organização e o processo de hominização;</li><li>3. Aspectos culturais e identitários do continente africano;</li><li>4. Tradição oral e concepção de Mundo;</li><li>5. Sociedades tradicionais africanas: reino de Querma, Napata e Méroe, Nok, Axum, a expansão Banta, o reino de Gana, Mali, Iorubá, Mossis, Songais, Zimbábue e Hauçás entre outros;</li><li>6. O contato das civilizações árabes e europeias no continente africano;</li><li>7. Diáspora africana;</li><li>8. Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Outubro, 2004.</p> <p>HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. <b>A África na sala</b>: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.</p> <p>MUNANGA, Kabengele. <b>Negritude</b>: Usos e sentidos. São Paulo: editora Ática, 1988.</p> <p>PRIORE, Mary Del e VENÂNCIO, Renato Pinheiro. <b>Ancestrais</b>: uma introdução à história da África Atlântica. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.</p> <p>ALENCASTRO, Luiz Felipe de. <b>O Trato dos Viventes</b>: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>MUNANGA, Kabengele e Gomes, Nilma Lino. <b>O negro no Brasil de Hoje</b>. São Paulo: Global, 2006.</p> <p>SILVA, Alberto da Costa e. <b>Um Rio Chamado Atlântico</b>: A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRG, 2003</p> <p>_____. <b>A enxada e a lança</b>: a África antes dos portugueses. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.</p>		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
HISTÓRIA DA ÁFRICA II			ÁFRICA			60		
EMENTA								
<p>Estuda a África no contexto imperialista. A natureza dos colonialismos, das descolonizações e dos movimentos de libertação nacional. A construção histórica do racismo contra o negro no mundo Ocidental. Mitos e relatos de viajantes. Relações raciais no Brasil no século XIX. As lutas de resistência do africano no Haiti, Cuba, Sul dos EUA. Relações históricas entre Brasil e África.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O processo de roedura do continente e a conferência de Berlim;</li><li>2. Colonialismo / descolonialismo;</li><li>3. Os contextos históricos e econômicos africano e Mundial;</li><li>4. “O novo imperialismo” e a perspectiva africana da Partilha;</li><li>5. O pan africanismo e o movimento da negritude;</li><li>6. Justificativa ideológica do imperialismo;</li><li>7. Construções históricas do racismo;</li><li>8. Teorias racistas século XIX;</li><li>9. Impacto do racismo no Brasil;</li><li>10. Formas de resistência: luta política pela liberdade;</li><li>11. A construção da sociedade nacional;</li><li>12. O caso de Cuba, Haiti e Sul dos EUA;</li><li>13. As relações históricas entre Brasil e África.</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Outubro, 2004.</p> <p>HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. <b>A África na sala</b>: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.</p> <p>MUNANGA, Kabengele. <b>Negritude</b>: Usos e sentidos. São Paulo: editora Ática, 1988.</p> <p>SILVA, Alberto da Costa e. <b>Um Rio Chamado Atlântico</b>: A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRG, 2003.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>ARNAUT, Luiz &amp; Lopes, Ana Mônica. <b>História da África</b>: uma introdução. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.</p>								



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HAESBAERT, Rogério. (org.). **Globalização e fragmentação do mundo contemporâneo**. Niterói: EDUFF, 1998.

LOPES, Carlos. **Afro-pessimismo versus afro-optimismo**. In: LOPES, Carlos. **Compasso de espera – o fundamental e o acessório na crise africana**. Porto: Afrontamento, 1997, p.57-79.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **A África. (in) dependência/1945-98: processos políticos, desenvolvimento e relações internacionais**. Ciência & Letras (África Contemporânea: Históricas, Políticas e Culturas), Porto Alegre, n.21-22 (edição especial), p.73-111, nov./1998.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTÓRIA DA AFRICA III	ÁFRICA	30
EMENTA		
Estuda a tradição viva na África mitos e oralidade. Tradição religiosa e cultura afro-brasileira. O mundo dos Candomblés, Congado e Umbanda, Cultura, História e Identidade. Orixás e desdobramentos sociais e culturais.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Sociedades tradicionais africanas;</li><li>2. Estudo da Mitologia Africana;</li><li>3. O significado dos cultos dos Orixás;</li><li>4. Cultura, história e identidade;</li><li>5. Candomblés, Congado e Umbanda;</li><li>6. Os Orixás no Brasil e história: reelaboração, recriação, síntese – o terreiro.</li><li>7. Tradição dos Orixás e desdobramentos culturais.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>FRANCISCO, Dalmir. Ancestralidade e política da sedução – a pluralidade étnico-cultural brasileira. In: SANTOS, Juana Elbein dos (Org.) <b>Democracia e diversidade humana: desafio contemporâneo</b>. Salvador: Ed. SECNEB, 1992, p.179-205.</p> <p>FRANCISCO, Dalmo. Yemanjá, ethos, ética e sociabilidade. In: LUZ, Narcimária Correa do Patrocínio (Org.) <b>Pluralidade cultural e educação</b>. Salvador: Ed. SECNEB, 1996.</p> <p>LOPES, Nei. <b>Batus, Malês e identidade negra</b>. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.</p> <p>SANTOS, Deoscóredes M. <b>História de um terreiro nagô</b>. São Paulo: Max Limonad, 1988.</p> <p>SANTOS, Juana Elbein dos. <b>Os nagôs e a morte</b>. Petrópolis: Vozes, 1976.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>BASTIDE, Rogers. <b>Estudos Afro-Brasileiros</b>. São Paulo: Perspectiva S.A.1983.</p> <p>BRAGA, Julio. <b>Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência no Candomblés da Bahia</b>. Salvador EDUFBA, 1995.</p> <p>CARNEIRO, Edison. <b>Candomblés da Bahia</b>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.</p> <p>REIS, João José. <b>A Morte é uma Festa</b>. Ritos Fúnebres e Revoltas Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.</p> <p>SANTOS, Jocélio dos. <b>O Dono da Terra: O caboclo nos candomblés da Bahia</b>. Salvador: Sarah Letras, 1995.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## PESQUISA HISTÓRICA

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PESQUISA HISTÓRICA I	PESQUISA HISTÓRICA	45
EMENTA		
<p>Analisa o processo de formação e construção do objetivo da pesquisa histórica. Estuda a elaboração do projeto de Pesquisa, a problematização e formulação de hipóteses. Aborda métodos, técnicas de coleta, sistematização e análise de fontes.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Discussão de textos: Utilização de fontes documentais na pesquisa em história: definição de documento; cuidados gerais no uso de fontes na pesquisa em história; organização documental e pesquisa histórica.</li><li>2. Discussão de textos: produção historiográfica local – corpo docente/ egressos;</li><li>3. Introdução às técnicas básicas de tratamento de fontes: referenciação; leitura; fichamento; resumo; análise.</li><li>3. Elaboração de projetos de pesquisa em história: delimitação do tema; problematização; definição do método; fontes; formalização do pré-projeto.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>AGUIAR, Lielva Azevedo. <b>“Agora um pouco da política sertaneja”</b>: a trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924). Dissertação de Mestrado. Santo Antônio de Jesus -Ba, Uneb, 2011.</p> <p>CERTEAU, Michel de. <b>A invenção do cotidiano: artes de fazer</b>. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.</p> <p>_____. <b>A escrita da história</b>. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.</p> <p>DIAS, Maria Odila Leite da Silva. <b>Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX</b>. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.</p> <p>DUTRA, Nivaldo Osvaldo. <b>Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso</b>: Comunidades Negras do Rio das Rãs e da Brasileira-BA (1982-2004). São Paulo, PUC-SP, 2007</p> <p>ESTRELA, Ely Souza. <b>Os sampauleiros</b>: cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas FFCLH/USP: Fapesp/Educ, 2003.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLLI, Hectos P. **Os métodos da história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história hoje**: dúvidas, desafios, propostas. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1994.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PESQUISA HISTÓRICA II	PESQUISA HISTÓRICA	45
EMENTA		
<p>Orienta a elaboração de Ante-Projeto de Pesquisa, após o desenvolvimento do Memorial Bibliográfico no componentes curricular Pesquisa Histórica I. Possibilita conhecimento dos campos da pesquisa histórica, divulga a pesquisa docente em seminários de pesquisa e indica leituras bibliográficas básicas para tratamento do objeto a ser pesquisado.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I UNIDADE – Seminários de campos temáticos – apresentação da pesquisa docente.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Tematização do objeto de estudo.</li><li>- Fontes e tratamento metodológico específico.</li><li>- Horizonte historiográfico do tema – limites, desafios e lacunas.</li></ul> <p>I UNIDADE – Desafios da Educação na atualidade</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Identidade e prática docente do professor de História.</li></ul> <p>II UNIDADE: - Aspectos teóricos-metodológicos do ensino de História;</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Observação e análise do Ensino de História na região: pontos para investigação da prática docente.</li></ul> <p>III UNIDADE: - Proposta de Intervenção pedagógica: principais aspectos.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Elaboração e apresentação da proposta de intervenção pedagógica.</li></ul>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ABREU, Martha, SOIHET, Rachel (orgs.). <b>Ensino de História</b>: conceitos, temáticas e metedologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.</p> <p>AMARAL, A. ; VEIGA, I. (Orgs.) <b>Formação de professores</b>: políticas e dabates. Campinas, SP: Papyrus, 2002. P 13-46.</p> <p>PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. <b>Estágio e Docência</b>. São Paulo: Cortez Editora, 2004.</p> <p>PRETTO, Nelson. <b>Desafios da educação na sociedade do conhecimento</b>. Salvador: Revista de Educação CEAP, ano 10, n. 38, 2002.</p> <p>TARDIF, Maurice. <b>Saberes Docentes e formação profissional</b>. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>BECKER, Fernando. <b>A Epistemologia do professor</b>: o cotidiano da escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo, contexto, 2002.

FONSECA, Selva G. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1995.

GIRRROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a a uma pedagogia crítica de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VEIGA, I. (org.). **Técnicas de ensino**: Por que não? Campinas, SP: Papirus, 1991.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PESQUISA HISTÓRICA III	PESQUISA HISTÓRICA	45
EMENTA		
<p>Orienta a elaboração do projeto de pesquisa após o desenvolvimento do memorial e ante-projeto. Possibilita conhecimento dos campos da pesquisa histórica. Trabalha com bibliografias específicas dos temas escolhidos e com as fontes referentes à temática.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Elaboração dos instrumentos de pesquisa (entrevista, fotografias, documentos escritos, transcrição).</li><li>2. Revisão e ampliação do referencial bibliográfico relativo ao tema da pesquisa.</li><li>3. Revisão de ante-projeto a partir das reuniões com o orientador.</li><li>4. Elaboração do cronograma de Pesquisa Histórica III.</li><li>5. Reunião de orientação com o aluno.</li><li>6. Reunião com a comissão de pesquisa histórica para definir o cronograma.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BANN, Stephen. <b>As Invenções da História</b>: Ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: UNESP, 1994.</p> <p>BARTES, Roland. <b>O Rumor da Língua</b>. São Paulo: Brasiliense, 1988.</p> <p>BENJAMIM, Walter. <b>Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura</b>. 3. ed. São Paulo; Brasiliense, 1987.</p> <p>_____. <b>Escritos sobre a História</b>. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.</p> <p>BURKE, Peter. <b>A Escrita da História</b>: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992..</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>Revistas acadêmicas, publicações de teses de dissertações, livros de memorialistas e demais materiais afins aos campos e temas de pesquisas.</p>		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PESQUISA HISTÓRICA IV	PESQUISA HISTÓRICA	45
EMENTA		
<p>Estuda os caminhos para a construção de um artigo científico. Orienta a elaboração do artigo científico a partir do objeto da Pesquisa, após o desenvolvimento de um memorial, do anteprojeto, projeto desenvolvido nos componentes curriculares Pesquisa Histórica I, II e III. Estimula a publicação do conhecimento produzido através dos meios de comunicação impressos ou eletrônicos, além das apresentações em congressos, encontros, seminários, etc.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I UNIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. O que é um artigo</li><li>2. Porque e para que produzir um artigo.</li><li>3. A Ciência e a produção do conhecimento.</li><li>4. A estrutura formal do artigo.</li></ol> <p>II UNIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Organização e elaboração do Artigo Científico.</li><li>2. Revisando o texto final.</li></ol> <p>III UNIDADE</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Apresentação do Artigo.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BANN, Stephen. <b>As Invenções da História</b>: Ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: UNESP, 1994.</p> <p>BARTES, Roland. <b>O Rumor da Língua</b>. São Paulo: Brasiliense, 1988.</p> <p>BENJAMIN, Walter. <b>Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura</b>. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.</p> <p>BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. <b>Usos e abusos da História Oral</b>. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-191.</p> <p>BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. <b>Passados Recompuestos</b>. Campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>Revistas acadêmicas, publicações de teses e dissertações, livros de memorialistas e demais materiais afins aos campos e temas das pesquisas.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## ÁSIA

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
HISTÓRIA DA ÁSIA I			ÁSIA			30		
EMENTA								
<p>Estuda as sociedades asiáticas no que se refere à produção material, bem como a construção da estrutura cultural, dando ênfase as civilizações da China, Índia, Arábia, Israel e Pérsia. Procura entender as contribuições de tais civilizações para a formação da Europa Moderna.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A contribuição das civilizações do continente asiático no processo de formação do mundo Ocidental;</li><li>2. A civilização persa;</li><li>3. O povo hebreu;</li><li>4. A civilização Árabe;</li><li>5. O Império chinês;</li><li>6. A Índia</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ALI, Tariq. <b>Confronto de Fundamentalismos</b>: Cruzadas, Jihads e Modernidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.</p> <p>BURNS, Edward M. <b>História da civilização ocidental</b>: do homem das cavernas até a bomba atômica. 23 ed. Porto Alegre: Globo, 1981.</p> <p>CROUZET, Maurice (org.). <b>História Geral das Civilizações</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.</p> <p>DEMANT, Peter. <b>O mundo mulçumano</b>. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>GANERI, Anita. <b>Explorando a Índia</b>. São Paulo: Ática, 2002.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>GATTAZ, André. <b>A guerra da Palestina</b>. 2 ed. São Paulo: Usina do Livro, 2003.</p> <p>GEBRAM, Filomena (org.). <b>Conceito de Modo de Produção</b>. São Paulo: Paz e Terra, 1991.</p> <p>KAMEL, Ali. <b>Sobre o islã</b>: a afinidade entre mulçumanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.</p> <p>HAESBAERT, Rogério. <b>China</b>: entre o Oriente e o Ocidente. São Paulo: Ática, 1994.</p> <p>HOURANI, Albert. <b>Uma História dos Povos Árabes</b>. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.</p> <p>JOHNSON, Paul. <b>História dos judeus</b>. Rio de Janeiro: Imago, 1989.</p>								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
HISTÓRIA DA ÁSIA II	ÁSIA	30
EMENTA		
<p>Estuda a Ásia contemporânea em seus principais aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, bem como sua relação com o mundo atual e a crescente importância da China, Japão, Índia e Oriente Médio na compreensão da contemporaneidade.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. A China atual: sua importância no contexto do mundo “globalizado”;</li><li>2. O conflito Árabe-israelense;</li><li>3. O mundo muçumano ao longo do século XX e na atualidade;</li><li>4. A Índia e sua complexa sociedade multicultural;</li><li>5. Os principais aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais do Japão atual.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CASTELLS, Manuel. <b>A sociedade em rede</b>. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.</p> <p>CHOMSKY, Noam. <b>11 de setembro</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.</p> <p>CROUZET, Maurice (org.). <b>História Geral das Civilizações</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.</p> <p>DEMANT, Peter. <b>O mundo muçumano</b>. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>FARIA, Ricardo. <b>As revoluções do século XX</b>. Coleção repensando a história. São Paulo; Contexto, 2001.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>GATTAZ, André. <b>A guerra da Palestina</b>. 2. ed. São Paulo: Usina do Livro, 2003.</p> <p>KAMEL, Ali. <b>Sobre o islã</b>: a afinidade entre muçumanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.</p> <p>HAESBAERT, Rogério. <b>China</b>: entre o Oriente e o Ocidente. São Paulo: Ática, 1994.</p> <p>HOBSBAWM, Eric J. <b>A era dos extremos</b>: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.</p> <p>JOHNSON, Paul. <b>História dos judeus</b>. Rio de Janeiro: Imago, 1989.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL I	CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL	60
EMENTA		
Estuda os Conceitos de Cultura Documental e Patrimonial numa perspectiva que leva em conta toda a produção humana. Trabalha com a ideia de preservação e conservação do patrimônio mundial e nacional. Estuda a legislação de conservação do Patrimônio Cultural.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I. A Políticas Públicas de Conservação do Patrimônio Histórico</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. As Leis de conservação e proteção do patrimônio histórico.</li><li>2. Políticas públicas de conservação e preservação do patrimônio cultural.</li><li>3. O patrimônio histórico mundial e nacional.</li></ol> <p>II. O Patrimônio Documental e Cultural Local.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. As políticas municipais de conservação.</li><li>2. Apresentação do patrimônio cultural municipal.</li><li>3. Trabalho de campo, discutindo o patrimônio local.</li></ol> <p>III. Trabalho de Campo</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Viagem e aula de campo.</li><li>2. Visita ao patrimônio documental e arquitetônico local.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CAMARGO, Célia Reis. <b>A Margem do Patrimônio Cultural. Estudo Sobre a rede institucional de preservação do Patrimônio Histórico no Brasil ( 1838-1980)</b>. Tese de Doutorado. São Paulo: Assis, 1999.</p> <p>CANANI, Aline S. Krás. <b>Herança, Sacralidade e Poder: Sobre as Diferentes Categorias do Patrimônio Histórico e Cultural no Brasil</b>. Porto Alegre, Horizonte Antropológico, ano 11 nº 23, p.163-175. Jan?Jun, 2005.</p> <p>ORTIZ, Renato. <b>A Moderna Tradição Brasileira</b>. Cultura Brasileira e Industria Cultural. 3. ed. São Paulo. Editora Brasiliens3e, 1991.</p> <p>_____. <b>Cultura Brasileira e Identidade Nacional</b>. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.</p> <p>PROJETO HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em Historiado Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 2003.</p> <p>REVISTA. Nº 18. <b>Espaço e Cultura</b>. PROJETO HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em Historiado Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 2003.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspota**. Identidade e Mediações Culturais Minas Gerais: Ed. UFMG, 2003.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL II	CULTURA DOCUMENTAL E PATRIMONIAL	60
EMENTA		
Estuda formas de conservação e divulgação da Cultura Documental e Patrimonial brasileira, no intuito de formar cidadãos conscientes de sua história e dispostos a preservar e propagar sua cultura e todos os seus aspectos históricos inerentes à construção da sociedade brasileira.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Educação Patrimonial; A construção do Patrimônio; Patrimônio e Diversidade; A questão patrimonial do Alto Sertão da Bahia: reflexões e possibilidades de intervenções.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. <b>Guia Básico de educação patrimonial</b> . Brasília:IPHAN/Museu Imperial, BRASIL, 1999. HALL, Stuart. . <b>A identidade cultural na pós-modernidade</b> . 11. ed Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102p. FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena. CASA DE OSWALDO CRUZ. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. <b>História oral</b> : desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Casa Oswaldo Cruz: Ed. Fiocruz, 2000. 201p. FENELON, Déa Ribeiro (Org). <b>Muitas memórias, outras histórias</b> . São Paulo: Olho D'Água, 2004. 313 p. LE GOFF, Jacques,; NORA, Pierre. <b>História</b> : novos objetos. 4. ed Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995 235 p. LEMONS, Carlos A. C. <b>O que é patrimônio histórico</b> . 4. ed São Paulo: Brasiliense, 1985. 115p.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
BARROS, José d'Assunção. <b>Cidade e História</b> . Petrópolis: Vozes, 2007. CANCLINI, Nestor. "O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional". <b>Revista do IPHAN</b> , nº 23, 1994, p. 94-115. CARVALHO, Aline Vieira de. <b>Escolhas Públicas</b> : memória regional e patrimônio no caso de Angra dos Reis, RJ. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: junho/2011.		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- FUNARI, P.P.A. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto: 41, ½, 2001, 23-32.
- \_\_\_\_\_. Carvalho, Aline Vieira de. **Patrimônio e Diversidade**: Algumas questões para reflexão. In: **Anais do IV Encontro de História da Arte – IFCH/ Unicamp**, 2008.
- \_\_\_\_\_. PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ressonância, materialidade e subjetividade: As culturas como patrimônios. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Inventário e patrimônio cultural no Brasil. In: História, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 257-268, 2007.
- PECHMAN, Robert Moses (org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- PELEGRINI, Sandra C. A. **Cultura e natureza**: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006.
- PEREIRA, Mirna Busse; BRITES, Olga. **Oficina de História**: Ensino, Memória e Patrimônio Histórico. In: Revista Projeto História, nº 40. São Paulo: EDUC, junho/2010.
- Revista Projeto História: Espaço e Cultura. nº 0. São Paulo: EDUC, 1981.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Os historiadores e os acervos documentais e museológicos**: novos espaços de atuação profissional. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 187-196, dez. 2008.
- SILVA, Eder Janeo da; TULUX, Bruno Mendes; LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Educação e Preservação Patrimonial**: Arqueologia no desenvolvimento territorial de Mato Grosso do Sul. In: Impulso, Piracicaba, 19-30, jan.-jun. 2011.
- ZANIRATO, Sílvia Helena. O Patrimônio Natural do Brasil. In: **Revista Projeto História**, nº 40, junho/2010.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	30
EMENTA		
Estuda o Corpo e Educação. Discute a constituição do corpo nas várias dimensões sociológicas, econômicas e filosóficas. Analisa e interpreta as diferentes manifestações da cultura corporal nos diferentes contextos da sociedade.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. As grandes navegações;</li><li>2. A viagem de Colombo;</li><li>3. Filme: 1942: A Conquista do Paraíso;</li><li>4. A Carta de Colombo;</li><li>5. Colombo e os Índios;</li><li>6. A dominação de Cortez;</li><li>7. Os Signos;</li><li>8. A Exploração de Pigarro;</li><li>9. Dominação europeia na América: revisando as ideias.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>DONGHI, Halperin. <b>História da América Latina</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1075.</p> <p>DOZER, Donald Marquand. <b>América Latina uma perspectiva histórica</b>. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.</p> <p>FAVRE, Henre. <b>A Civilização Inca</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.</p> <p>GALEANO, Eduardo. <b>As veias abertas da América Latina</b>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.</p> <p>LOPEZ, Luiz Roberto. <b>História da América Latina</b>. Porto Alegre? Mercado Aberto, 1986.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>KAPLAN, Marcos T. <b>Formação do Estado Nacional</b>. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.</p> <p>MORSE, Richard M. <b>O espelho de prospero cultura e idéias nas Américas</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.</p> <p>VAINFAS, Ronaldo. <b>Economia e sociedade na América Espanhola</b>. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.</p> <p>TODOROV, Tzvetan. <b>A conquista da América, a questão do outro</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1993.</p>		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PSICOLOGIA	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	60
EMENTA		
<p>Estuda as principais teorias do desenvolvimento humano e as concepções que norteiam a psicologia da adolescência e da aprendizagem. Analisa as diversas concepções a respeito do homem e de sua formação como sujeito, viabilizando assim o trabalho educacional.</p>		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I Unidade</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. A Psicologia como Ciência: Aspectos Históricos e Epistemológicos<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Conceito de Ciência e de Paradigma</li><li>1.2. Breve histórico da Psicologia</li><li>1.3. Objeto de estudo e métodos da Psicologia</li><li>1.4. Áreas de atuação</li></ol></li><li>2. A Multideterminação do ser humano e seu desenvolvimento<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. As concepções inatista, ambientalista e interacionista do desenvolvimento humano.</li><li>2.2. O Homem como um ser sócio-histórico</li></ol></li><li>3. O Desenvolvimento Humano e a Psicologia<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. A Psicologia do Desenvolvimento como ciência</li><li>3.2. Fatores endógenos e exógenos que interferem no desenvolvimento humano: a dicotomia hereditariedade X meio.</li><li>3.3. O desenvolvimento pré-natal, o desenvolvimento neurológico e psicomotor.</li><li>3.4. Aspectos histórico-sociais do desenvolvimento psicológico e as contribuições da psicologia da educação.</li></ol></li><li>4. Psicomotricidade<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. Estrutura psicomotora e conceitos básicos</li><li>4.2. Objetivos do desenvolvimento psicomotor</li><li>4.3. Psicomotricidade e Psicopedagogia</li><li>4.4. Conceitos psicomotores</li><li>4.5. Coordenação Dinâmica Gera</li><li>4.6. Coordenação Motora Fina</li><li>4.7. Linguagem e Comunicação</li></ol></li><li>5. Adolescência<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. Aspectos biológicos</li><li>5.2. Determinismo biogenético e sócio-cultural</li><li>5.3. Adolescência na sociedade moderna</li></ol></li></ol>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

5.4. Desenvolvimento mental da adolescência

5.5. Desenvolvimento Emocional na adolescência

5.6. Algumas teorias da adolescência

### II Unidade

1. O desenvolvimento afetivo-sexual segundo os conceitos psicanalíticos

1.1. A formação da personalidade e a organização do aparelho psíquico.

1.2. Fases de desenvolvimento psico-sexual segundo Freud

1.3. As relações de gênero e o desenvolvimento psicosssexual

2. A visão interacionista na teoria psicogenética – Jean Piaget

2.1. Fatores de desenvolvimento cognitivo: conceitos básicos

2.2. Estudo dos estágios ou períodos do desenvolvimento da inteligência e afetividade aquisições e limitações.

2.3. Pensamento e linguagem

2.4. O desenvolvimento da moral e suas implicações para Educação.

### III Unidade

1. Principais teorias psicológicas do desenvolvimento humano (tendências recentes).

1.1. A perspectiva sócio-cultural do desenvolvimento segundo Vygotsky

1.2. O processo de desenvolvimento de conceitos – o desenvolvimento do pensamento e da linguagem na criança

1.3. O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança

1.4. A importância do lúdico na aprendizagem

2. A Psicogenética de Henry Wallon

2.1. A afetividade e a construção do sujeito

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BOCK, A. M. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 1996.

COLL, C e outros. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CÓRIA SABINI, M.A. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

DANTAS, T.; OLIVEIRA, M. **Piaget / Vygostky / Wallon**. São Paulo: SUMMUS ED, 1992.

DAVISC, e OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, Ed. 1990.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GALVÃO, I. Henri Wallon. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis. Ed. Vozes, 1999.

GOULART, IRIS Barbosa. **Piaget experiências básicas para utilização pelo professor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MUSSEN, P. H. CONGER, J. J. KAGAN, J. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. São Paulo: Habra, 1974.

NOVÃES, Maria Helena. **Psicologia Escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
PSICOLOGIA II	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	60
EMENTA		
Estuda as teorias da aprendizagem. Analisa a relação homem e conhecimento, possibilitando maior compreensão e participação do sujeito no processo ensino-aprendizagem.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>I - Unidade</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Inteligência e aprendizagem diferentes concepções (Piaget, Binet, Gardner)</li><li>2. Psicologia e Psicologia Social<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Como nos tornamos sociais</li><li>2.2. Como aprendemos o mundo que nos cerca</li><li>2.3. A história via família e a escola</li></ol></li><li>3. Aprendizagem no velho e no novo paradigma.<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Aprendizagem - construindo o conceito</li><li>3.2. As concepções da educação e o processo ensino – aprendizagem</li></ol></li><li>4. Aprendizagem como condicionamento: Abordagem Comportamentalista:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. Principais características da teoria de B. Skinner sobre aprendizagem – o controle do comportamento</li><li>4.2. A tecnologia do ensino e a supremacia do método</li><li>4.3. A aprendizagem por observação e modelagem.</li><li>4.4. Crítica a abordagem comportamentalista</li></ol></li><li>5. Abordagem humanista da aprendizagem.<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. Princípios filosóficos e psicológicos da abordagem humanista</li><li>5.2. A tríade rogeriana na prática pedagógica – aplicações no ensino</li><li>5.3. O papel do professor como facilitador da aprendizagem</li><li>5.4. Críticas à abordagem humanista.</li></ol></li></ol> <p>II - Unidade</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Uma orientação filosófica na pedagogia: A teoria da Complexidade de Edgar Morin</li><li>2. Abordagem Cognitivista:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A teoria da Assimilação Cognitiva de Ausubel</li><li>2.2. Implicações educacionais.</li><li>2.3. Crítica a abordagem cognitivista</li></ol></li><li>3. Abordagem sócio-construtivista da aprendizagem.<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. A visão sistêmica da aprendizagem e do desenvolvimento segundo Piaget, Vygotsky Wallon</li><li>3.2. Visões de aprendizagem:</li></ol></li></ol>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

3.3. Princípios do construtivismo

3.4. Papel da escola

3.5. Metodologia e avaliação

3.6. Papel do professor

3.7. Críticas a abordagem construtivista

III - Unidade

1. Aspectos sócio-culturais da aprendizagem.

A abordagem sócio-cultural de Paulo Freire sobre o processo ensino-aprendizagem

Implicações educacionais.

2. Psicopedagoga e a realidade escolar

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem**. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Ática, 2001.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: moderna, 1996.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MATUI, Jiron. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: moderna, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2002.

VASCONCELLOS, Vera M. R. de; VALSINER, Jaan. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LIBRAS	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	60
<b>EMENTA</b>		
<p>Demonstra através de estudos teórico-práticos, as características socioculturais e linguísticas presentes na educação do surdo, realizando análises sobre o seu desenvolvimento linguístico como elemento fundamental e estruturante para a inserção deste nas práticas sociais locais e globais, dimensionando os processos teórico-metodológicos educacionais e educativos, na perspectiva da aquisição da LIBRAS como segunda língua para os sujeitos envolvidos no processo de inserção do surdo.</p>		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
<p>1. Processo histórico, social e cultural sobre a educação de surdos; 2. Legislação e políticas públicas na área 3. Língua Brasileira de sinais: perspectivas e desafios; 3.1 Identidade surda 3.2 Bilinguismo e surdez 3.3 Comunicação com as mãos 3.4 Processo aquisicional da linguagem 3.5 Língua materna e sua relação com segunda língua 3.6 Parâmetros fonológicos da Língua Brasileira de sinais 3.6.1 Fonética, fonologia e morfologia nas línguas de sinais 3.7 LIBRAS: Percepção visual com figuras geométricas; Nomes próprios e Localização de nomes; Números cardinais/ordinais; Datilologia; Saudações; Idade; Calendário; Estações do ano; Família; Profissões; Esportes; Frases; Verbos.</p>		
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>		
<p>BRASIL. Lei federal nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: &lt;<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm</a>&gt; Acesso em: 28 set. 2010.</p> <p>_____. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: &lt;<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm</a>&gt; Acesso em 28 set. 2010.</p> <p>_____. Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.</p> <p>_____. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão: Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de Alunos Surdos. Brasília, 2006. Não paginado. Disponível em: &lt;<a href="http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/alunossurdos.txt">http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/alunossurdos.txt</a>&gt;. Acesso em: 10 out. 2008.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRITO, Lucinda Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. In: **BRASIL**. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental, v. III. Brasília: MEC, 1997.

FELIPE, Tanya Amaral. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Livro do Estudante. 4. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Gramática da LIBRAS**. Atualidades Pedagógicas. Brasília: MEC/SEESP, 2000.

Disponível em: <[http://www.ines.gov.br/ines\\_livros/37/37\\_PRINCIPAL.HTM](http://www.ines.gov.br/ines_livros/37/37_PRINCIPAL.HTM)>. Acesso em:

23 nov. 2010.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais**. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda et. Al. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1997. V. III (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4).

\_\_\_\_\_. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais na educação dos surdos**. In: THOMA, A. S.; LOPES, M.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação infantil para surdos**. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Viviam Edite. (Orgs.). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil**: um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230. Disponível em: <[http://www.sj.ifsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca\\_artigos/educacao\\_surdos\\_lingua\\_sinais/educacao-infantil%20.pdf](http://www.sj.ifsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/educacao_surdos_lingua_sinais/educacao-infantil%20.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **Aquisição de L1 e L2**: o contexto da pessoa surda. In: Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na educação Bilíngue para Surdos. 21 a 23 de julho de 1997a. p.70-87. Disponível em: <[http://www.virtual.udesc.br/Midiateca/Publicacoes\\_Educacao\\_de\\_Surdos/artigo08.htm](http://www.virtual.udesc.br/Midiateca/Publicacoes_Educacao_de_Surdos/artigo08.htm)> Acesso em: 07 jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Ronice Müller de (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

\_\_\_\_\_. Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Lingüísticos. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
POLITICAS EDUCACIONAIS I			CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS			30		
EMENTA								
<p>Situa a escola no contexto social, político e econômico. Identifica as contribuições das teorias da educação na formação do educador. Analisa a organização do trabalho docente nos seus aspectos teóricos e metodológicos. Analisa a importância da avaliação na construção do conhecimento. Identifica os elementos constitutivos do planejamento de ensino</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Educação, Cultura e Sociedade<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A história da disciplina “História” nas últimas décadas do século XX.</li></ol></li><li>2. O ensino: objeto da Didática<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A Didática em diferentes correntes pedagógicas e a construção do conhecimento.</li><li>2.2. Abordagens didáticas</li><li>2.3. O papel da Didática na formação do educador.</li><li>2.4. A LDB, os PCN’s e o ensino de História</li></ol></li><li>3. Didática e Cultura: o ensino comprometido com o social e a contemporaneidade.<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. O ensino de História e a construção da cidadania</li><li>3.2. A Didática e a escola: O Projeto Político Pedagógico;</li><li>3.3. A Didática e o currículo: o itinerário de formação;</li><li>3.4. A Didática e a aula: os tempos e os espaços redefinidos.</li></ol></li><li>4. O Fazer Pedagógico<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. Planejamento participativo</li><li>4.2. Diversos tipos de planejamento escolar</li><li>4.3. Os objetivos e os conteúdos de ensino: conceituais procedimentais, e atitudinais .</li><li>4.4. Interdisciplinaridade e contextualização.</li></ol></li><li>5. A avaliação como parte do processo ensino/aprendizagem<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. As relações pessoais na escola e a avaliação</li><li>5.2. Avaliação escolar: desafios e perspectivas.</li><li>5.3. O professor reflexivo/escola reflexiva.</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ALVES, Nilda. <b>O espaço escolar e suas marcas</b>. O espaço como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro: DP&amp;A, 1998.</p> <p>ANDRÉ, Marli. <b>A pedagogia das diferenças</b>. In: André, Marli (org.) <b>Pedagogia das diferenças na sala de aula</b>. P. 11 a 26. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.</p>								





## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**. Imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL, SEF. **PCN/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma Nova Didática**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.). **A didática em questão**. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

DALLAZEN, Maria Isabel H. (org.) **Projetos Pedagógicos**: cenas de sala de aula. Porto Alegre: Mediação, 2001.

DALMAS, Ângelo. **Planejamento participativo na escola**: elaboração, acompanhamento e avaliação. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação, um tesouro a descobrir**. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez/Brasília. DF, MEC, UNESCO, 1999.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
POLÍTICAS EDUCACIONAIS II	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	45
EMENTA		
Analisa o estado e as políticas de educação nos seus aspectos político-metodológico. Discute o sistema escolar brasileiro e sua organização e seus elementos constitutivos. Discute os paradigmas de formação dos profissionais da educação.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Aspectos sociopolíticos, históricos das políticas educacionais no Brasil:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Quantidade x qualidade;</li><li>1.2. Centralização x descentralização;</li><li>1.3. Público x privado;</li></ol></li><li>2. Aspectos legais (Lei 9394/96) e os desafios contemporâneos para a Política educacional. Uma reflexão em tempos de globalização e neoliberalismo;<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Diretrizes curriculares do curso de professores da Educação Básica;</li><li>2.2. O básico na escola básica;</li><li>2.3. Programas educacionais desenvolvidos nas esferas: federal, estadual e municipal;</li><li>2.4. A organização da educação no município;</li><li>2.5. Financiamento da Educação Básica: FUNDEF e FUNDEB;</li><li>2.6. Estrutura e funcionamento dos Conselhos Municipais: FUNDEF, CAE, Educação e Conselhos escolares.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>DEMO, Pedro. <b>A nova LDB: ramos e avanços</b>. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2001. 111 p.</p> <p>FREITAG, Bárbara. <b>Escola, estado e sociedade</b>. São Paulo: Moraes, 1984.</p> <p>MENEZES, João Gualberto de Carvalho. <b>Estrutura e funcionamento da educação básica: leituras</b>. 2. ed. atual São Paulo: Pioneira, 1999.</p> <p>POPKEWITZ, Thomas S. <b>Reforma educacional: uma política sociológica, poder e conhecimento em educação</b>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.</p> <p>SAVIANI, Dermeval. <b>A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas</b>. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DOURADO, Luiz Fernandes; PARO, Vitor Henrique (orgs.). **Políticas Públicas & Educação Básica**. São Paulo: Xamã, 2001.

FREITAG, Bárbara. **Política Educacional e Indústria Cultural**. São Paulo. Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **Escola, Estado e Sociedade**. 7. ed. ver. São Paulo: Centauro, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Organização do Trabalho na Escola**. São Paulo. Ática. 1993.

GENTILI, Pablo. (org.) **Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neo-liberalismo em Educação**. Rio de Janeiro. Vozes. 1994.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
DIDÁTICA	CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS	60
EMENTA		
Analisa criticamente o Processo de Planejamento dentro da realidade educacional brasileira. Compreensão da Didática no processo educativo. Processo de Instrumentalização para o Ensino.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<p>1. INTRODUÇÃO AO CURSO DE EPISTEMOLOGIA</p> <p>1.1. Os diversos processos (discursos) do saber: Mítico, Religioso, Filosófico, Artístico e Científico.</p> <p>1.2. Os diversos conceitos de saber: Pré-saber, Senso Comum, Metafísico/Filosófico, Científico.</p> <p>1.3. Aspectos históricos do desenvolvimento das Ciências: Grécia Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea.</p> <p>1.4. Modos de conhecer o mundo: conhecimento, pensamento, linguagem e lógica</p> <p>2. O IDEALISMO DOS MODERNOS</p> <p>2.1. Teoria do Conhecimento na Idade Moderna: racionalismo, empirismo, criticismo;</p> <p>2.2. A revolução científica do século XVIII: o “experimentum”;</p> <p>2.3. O conflito entre Ciência e Existência: as correntes epistemológicas contemporâneas;</p> <p>2.4. Epistemologia hoje: o que é?</p> <p>3. COMO SE PRODUZ O CONHECIMENTO</p> <p>3.1. A Evolução do conhecimento: os caracteres do conhecimento científico,</p> <p>3.2. A Ciência como produto existencial das relações entre o homem e o meio;</p> <p>3.3. A Ciência como processo histórico de domínio da natureza pelo homem;</p> <p>3.4. Os mitos da neutralidade científica: tentativa de uma conclusão.</p>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>ANDRADE, M. C. <b>Uma geografia para o século XXI</b>. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1994.</p> <p>BRENER, Jayme. <b>O mundo pós-guerra fria</b>. São Paulo: Scipione, 1994.</p> <p>CHACOM. Vamirech. <b>A unificação da Europa</b>. São Paulo: Scipione, 1995.</p> <p>FERNANDES, Lactitia. <b>Terceiro Mundo</b>. São Paulo: Ática, 1996.</p> <p>IANNI. Octavio. <b>A Sociedade Global</b>. Rio de Janeiro: Cia Brasileira, 1992.</p>		



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARBEX. Jr. J. **A outra América: Apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos.** São Paulo: Moderna. 1993.

\_\_\_\_\_. **Nacionalismo: o desafio à nova ordem pós-socialista.** São Paulo: Scipione, 1992.

LACOSTE, Yves. **Contra os anti-terceiro mundista e contra certos terceiro mundistas.** São Paulo: Ática, 1991.

MAGNOLI. Demétrio. **O novo mapa do mundo.** São Paulo: Moderna, 1994.

\_\_\_\_\_. **União Europeia: História e Geopolítica.** São Paulo: Moderna. 1994.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

## LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
IMAGEM: FONTE PARA A PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA			LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA			60		
EMENTA								
<p>Sistematiza e exercita a prática pedagógica no ensino de história e os recursos e procedimentos de construção do conhecimento histórico, tendo em vista a ação-reflexão-ação. Desenvolve atividades de reflexão sobre a prática de ensino, a reinterpretação dos conteúdos para os contextos escolares da educação básica, a produção e utilização de material didático relacionados à área desse conhecimento.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<p>1. Ranke, os Annales e a imagem como fonte histórica:</p> <p>1.1. A historiografia rankiana: pretensões de objetividade e imparcialidade do historiador e sua noção limitada de documento;</p> <p>1.2. A Escola dos Annales e a revolução documental;</p> <p>1.3. A imagem como documento histórico.</p> <p>2. História, cinema e fotografia:</p> <p>2.1. Cultura visual e fontes visuais;</p> <p>2.2. Fotografia e História;</p> <p>2.3. Cinema e História;</p> <p>3. A imagem como recurso didático no ensino de História.</p>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>BANN, Stephen. <b>As invenções da história</b>: Ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.</p> <p>BARTHES, Roland. <b>A Câmara Clara</b>: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.</p> <p>BLOCH, Marc. <b>Introdução à História</b>. Lisboa: Saber, 1970.</p> <p>BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. <b>As Escolas Históricas</b>. Lisboa: Europa-América, 1983.</p> <p>BRAUDEL, Fernand. <b>Escritos sobre a História</b>. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>BRAUDEL, Fernand. <b>Reflexões sobre a História</b>. São Paulo: Martins Fontes, 1992.</p> <p>BURKE, Peter. <b>A Escrita da História</b>. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.</p> <p>CAIRE-JABINET, Marie-Paule. <b>Introdução à Historiografia</b>. São Paulo: EDUSC, 2000.</p> <p>CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (org.) <b>Domínios da História - ensaios de teoria e metodologia</b>. Rio de Janeiro: Campus, 1997.</p> <p>CARR, E. <b>Que é História?</b> Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.</p>								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LINGUAGENS E CONHECIMENTOS HISTÓRICOS	LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	60
EMENTA		
Possibilita a integração dos componentes curriculares a partir do uso das linguagens: cinema, literatura e música, no sentido de construir o conhecimento histórico.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Unidade I: O documento e a construção do conhecimento histórico. 1.1. A objetividade no uso de documentos – método de investigação 1.2. A valorização do documento escrito 1.3. Ampliação da noção de documento Unidade II: Linguagens e história 2.1. As dimensões próprias de cada linguagem. 2.1.1. Cinema 2.1.2. Literatura 2.1.3. Música Unidade III: O uso das linguagens na construção e no entendimento do conhecimento histórico.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
AZEVEDO, Carlos Alberto e SCOTT, R. Parry. <b>Ficção e Sociologia: A Literatura Hispano-Americana</b> . In: <b>Revista Encontros com a Civilização Brasileira</b> , nº 06, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. BRESCIANI, Maria Stela M. <b>Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza</b> . São Paulo: Brasiliense, 1990. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). <b>Domínios da História – ensaios de Teoria e Metodologia</b> . Rio de Janeiro: Campus, 1982. SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. <b>A Linguagem enquanto produção coletiva: Um enfoque Materialista da Linguagem</b> . In: <b>Revista Consciência</b> . Vitória da Conquista, UESB, nº 05, 1994. VIEIRA, Maria do pilar de Araújo, Peixoto, Maria do Rosário da Cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. <b>A pesquisa em História</b> . São Paulo: Ática, 1989.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
DEMO, Pedro. <b>Educar pela pesquisa</b> . Campinas: Autores Associados, 1996. LE GOFF, Jacques. <b>A História nova</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1990.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA I	LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	60
EMENTA		
Estuda o cinema como fonte e objeto da História. Cinema, Estado e ideologia. O cinema no Brasil. O uso do cinema em sala de aula: reflexão teórica e procedimentos metodológicos.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Considerações iniciais:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A formação do professor de História.</li></ol></li><li>2. Cinema e História: teoria e metodologia:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O filme e suas relações com o conhecimento histórico;</li><li>2.2. Filmes históricos/ documentários e não documentários;</li><li>2.3. Cinema e ideologia.</li></ol></li><li>3. Cinema e ensino de História:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. O cinema e a escola: problemas e possibilidades;</li><li>3.2. O cinema educativo no Brasil;</li><li>3.3. Os vários usos do cinema e vídeo na escola.</li></ol></li><li>4. Filmes no processo ensino- aprendizagem de História:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. Análise de produções cinematográficas;</li><li>4.2. Orientações metodológicas e atividades práticas: produção de catálogo e de planos de aula.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BERNARDET, Jean- Claude e RAMOS, Alcides Freire. <b>Cinema e História do Brasil</b>. São Paulo: Contexto, 1994.</p> <p>BRUZZO, Cristina. FALCÃO, Antônio Rebolzas. (org.) <b>Cinema</b>: uma introdução a produção cinematográfica. Série lições com cinema I. São Paulo: FDE, 1992.</p> <p>BURKE, Peter. <b>Testemunha ocular</b>: história e imagem. São Paulo: Edusc, 2004.</p> <p>DOSSE, François. <b>A história em migalhas</b>: dos annales à nova história. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.</p> <p>FERRO, Marc. <b>O Filme</b>: Uma contra-análise da sociedade. In: LE GOFF, Jacques, e NORA, Pierre (org.). <b>História</b>: novos objetos. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.</p> <p>NOVA, Cristiane, <b>O cinema e o conhecimento da História</b>. Olho da História, Salvador, v. 2, n. 3, p.217-234, nov. 1996.</p>		





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BITTENCOURT, Circe. (org.). **O Saber Histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

FRANCO, Marília da Silva. **A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais**. In: **Cinema**: uma introdução à produção cinematográfica. São Paulo: Centro de Documentação e Informação para a Educação, 1992. (Série: Lições com Cinema, 1).

JACOMO, Antônio Marcelo. **O ensino através dos meios audiovisuais**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LANGER, John. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História Hoje**, ANPUH, v.2, n. 5, nov. 2004.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA II	LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	60
EMENTA		
Discute a Literatura como fonte histórica ao longo da Idade Média e início dos tempos modernos. Analisa as estruturas da sociedade cortês a partir de obras literárias.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. História e a diversidade de fontes:<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. A Literatura como documento histórico;</li><li>1.2. Crítica e história literária;</li><li>1.3. Literatura, Cultura e Nacionalidade.</li></ol></li><li>2. A literatura popular na Idade Média:<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. A Literatura de Rabelais;</li><li>2.2. Rabelais e a História do riso.</li></ol></li><li>3. Representações da Realeza nas fontes históricas e Literárias da Idade:<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Média em Portugal.</li></ol></li><li>4. Presença da Literatura Portuguesa na Era Medieval:<ol style="list-style-type: none"><li>4.1. A Demanda do Santo Graal.</li></ol></li><li>5. Leituras de análise das obras Literárias:<ol style="list-style-type: none"><li>5.1. Tristão e Isolda;</li><li>5.2. Merlim;</li><li>5.3. Romeu e Julieta;</li><li>5.4. Guilherme da Inglaterra;</li><li>5.5. Rei Arthur.</li></ol></li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BAKHTIN, Mikail. <b>A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento</b>: O Contexto de François Rabelais. Literárias na Idade média em Portugal, In: <b>Relações de poder, Educação e Cultura na Antiguidade e na Idade Média</b>. São Paulo: Solis, 2005.</p> <p>MARQUES, Adhemar e outros. <b>História Moderna Através de Textos</b>. São Paulo: Contexto, 1994.</p> <p>MOISÉS, Massaud. <b>A Literatura Portuguesa através dos Textos</b>. São Paulo: Cultrix, 2000.</p> <p>MONTEIRO, Domingos. <b>Contos e novelas</b>. São Paulo: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.</p>		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993, p. 78-96.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. In: Obras Escolhidas, v. 1: Magia, Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FUSSER, Vilém. **Quando as palavras falham**. Revista Íris, n. 349, junho de 1982.

GASKELL, Ivan. **História das imagens**. In: Burke, P. A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA III	LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	60
<b>EMENTA</b>		
Desenvolve atividades de reflexão sobre a prática de ensino, a reinterpretação dos conteúdos para os contextos escolares da educação básica, a produção e utilização de material didático relacionados à área desse conhecimento.		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
1. Abordagens teórico-metodológicas e o ensino da História: 1.1. Estudo de alternativas metodológicas para o ensino-aprendizagem da História. 2. A construção de conceitos históricos: 2.1. Limites e possibilidades do trabalho com conceitos no ensino da História. 3. As novas linguagens culturais e o ensino da História: 3.1. O uso do documento histórico em sala de aula; História local; História oral; imagens, cinema, fotografia, informática e literatura.		
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>		
ABREU, Martha, SOIHET, Rachel (orgs.). <b>Ensino de História</b> : conceitos, temáticos e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. BALDISSERA, José Alberto; SEFFNER, Fernando (orgs.). <b>Qual História? Qual Ensino? Qual Cidadania?</b> Porto Alegre: ANPUH/Ed. da Unisinos, 1997. BITTENCOURT, Circe. <b>Ensino de História</b> : fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 2005. _____. et all (org). <b>O saber histórico na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1998. BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. <b>As escolas históricas</b> . Lisboa: Publicações Europa-América, 1983. CADERNOS CEDES. <b>A prática do ensino de história</b> . n. 10. São Paulo: Cortez, 1984.		
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>		
CARDOSO, Ciro Flamarion, MAUAD, Ana Maria. <b>História e imagem</b> : os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. (orgs). <b>Domínios da História</b> : ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. CARRETERO, Mário. <b>Construir e ensinar as ciências sociais e a história</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. DE BONI, Maria Ignês Mancini et all. <b>Da História comemorativa à História crítica</b> : História e pesquisa acadêmica. In: <b>História</b> : questões e debates. Revista da APAH, Curitiba: dezembro, 1983.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA IV	LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	60
EMENTA		
Estuda a música como fonte e objeto da pesquisa histórica. História social da música popular brasileira. A música como suporte didático para o ensino de história. Elaboração e criação de músicas e folhetos originais. Exibição e apresentação pública das obras.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
I Unidade 1. A construção histórica da Música Popular no Brasil; 2. História e música: canção popular e conhecimento histórico. II Unidade 1. A música enquanto instrumento de pesquisa histórica; 2. A música como ferramenta didática para o ensino de história em sala de aula. 3. Atividades práticas envolvendo música e história. III Unidade 1. Elaboração de músicas originais relacionando-as com a história; 2. Apresentação e avaliação das músicas produzidas, bem como do contexto histórico abordados pelas mesmas.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ABUD, Kátia Maria. <b>Registro e representação do cotidiano:</b> a Música popular na aula de história. Caderno CEDES, Campinas: v.25, n. 67, p.309-317. dez, 2005. BEM, Lúcia Del & HENTSCHKE, Liane. <b>Ensino e música:</b> propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. <b>Ensino de História:</b> fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. FERREIRA, Martins. <b>Como usar a música na sala de aula.</b> São Paulo: Contexto, 2001. MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. <b>Revista Brasileira de História</b> , São Paulo: v.20, n.39, p.203-221, 2000. NAPOLITANO, Marcos. <b>Seguindo a canção:</b> engajamento político e indústria cultural na MPB. São Paulo: Annablume, 2001.		



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

NAPOLITANO, Marcos & VILLACA, Maria Martins. **Tropicalismo**: as relíquias do Brasil em Debate. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 18, p.53-75, 1998.

\_\_\_\_\_. **História e música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAVES, Santuza Cambraia. Da bossa nova à tropicália: Contenção e excesso na música popular.

**Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 15, n.43, p.35-44, jun. 2000.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA V			LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA			45		
EMENTA								
Estuda e possibilita a práxis de ensino de história a partir do uso das linguagens, especialmente a informática na educação.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Ensinando na Era da Informação”.</li><li>2. Educação e uso do computador.</li><li>3. As concepções de Ensino de História.</li><li>4. A sala de aula e o espaço de conhecimento.</li><li>5. Educar pela pesquisa.</li><li>6. Conceito de Conteúdo.</li><li>7. Definição de Habilidades e competências.</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>BELLONI, Maria Luiza. <b>Educação à Distância</b>. Campinas-SP: Autores Associados, 1999.</p> <p>DEMO, Pedro. <b>Educar pela Pesquisa</b>. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.</p> <p>LITWIN, Edith (org.). <b>Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas</b>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.</p> <p>NUNES, Carlos Alberto. <b>Metodologia de Ensino</b>. Geografia e História. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.</p> <p>OLIVEIRA, Ramon de. <b>Informática Educativa</b>. Campinas: Papirus, 1999.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>ARAÚJO, Joel Zito. <b>Televisão e racismo</b>. In: <b>A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira</b>. São Paulo: Editora do SENAC, 2000. p. 25-40.</p> <p>BERGAMO, Alexandre. <b>Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil</b>. São Paulo: Tempo social, V. 18, n. 1, p. 303-328, 2006.</p> <p>PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. <b>A Aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura</b>. Campinas: Papirus, 1999.</p> <p>PINSKY, Jaime (org.). <b>História da América através de textos</b>. São Paulo: Contexto, 1989.</p>								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA VI	LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	45
<b>EMENTA</b>		
Discute a memória e história: conceitos e problemas teóricos e metodológicos. O estudo do local como objeto da história. Memória e história local: abordagens e práticas de ensino de História.		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
1. A história local e a memória na historiografia; 2. O ensino da história local e sua importância na formação da cidadania; 3. Metodologias relevantes para o ensino história local; 4. A necessidade de se preservar e divulgar a memória e a história local.		
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>		
ANDERSON, Perry. <b>Zona de compromisso</b> . Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. BARBOSA, Agnaldo de Souza. <b>A propósito de um estatuto para a história local e regional</b> : algumas reflexões. UNESP/Franca – XII Semana de História – Mesa redonda: Redescobrimo o Brasil: os desafios da história local e regional, outubro de 1998. BORGES, Vavy Pacheco. <b>O que é história</b> . (Coleção primeiros passos). 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. BITTENCOURT, Circe (org.). <b>O saber histórico na sala de aula</b> . (Coleção repensando a História). São Paulo: Contexto. 2003 _____. <b>Pátria, civilização e trabalho</b> : o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo: Loyola. 1990.		
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>		
CABRINI, Conceição. et al. <b>O ensino de história</b> : revisão urgente. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. <b>Considerações sobre a História Regional</b> . In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: 2007. mimeo. MEC. <b>Parâmetros Curriculares Nacionais</b> : história e geografia. v.5. Brasília: MEC, 1997. MONTENEGRO, Antonio Torres. <b>História Oral e Memória</b> : a cultura popular revisitada. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994. NADAI, Elza. <b>O ensino de história no Brasil</b> : trajetória e perspectivas. Revista brasileira de história. São Paulo: ANPUH, v.13, n25/26, 1992.		





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA VII			LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA			45		
EMENTA								
Estuda a relação entre História e Literatura: o romance, a literatura de cordel e a poesia como novas fontes e abordagens na produção do conhecimento histórico. Analisa as possibilidades de utilização da linguagem literária como suporte didático no ensino de História.								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. História e Literatura: diálogos possíveis<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. História: novas fontes, novas abordagens na produção do conhecimento</li><li>1.2. História e suas interfaces com a linguagem literária</li></ol></li><li>2. Ensino de História e a linguagem literária<ol style="list-style-type: none"><li>2.1. O romance como recurso na aula de História do Ensino Fundamental e Médio</li><li>2.2. Literatura de Cordel e Poesias como atividades nas aulas de História</li></ol></li><li>3. A linguagem literária na prática docente de História<ol style="list-style-type: none"><li>3.1. Elaboração de projetos pedagógicos para o ensino Fundamental e Médio</li><li>3.2. Elaboração/ seleção de folhetos de Cordel</li><li>3.3. Organização/ apresentação de sessões de poesias</li></ol></li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>ABDALA JUNIOR, Benjamin. Em conclusão . In: <b>Literatura, História e Política – Literaturas da Língua Portuguesa no século XX</b>. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 269 – 279</p> <p>BITTENCOURT, Circe (org). <b>O saber histórico na sala de aula</b>. São Paulo:Contexto, 2001</p> <p>_____. <b>Ensino de História: Fundamentos e Métodos</b>. São Paulo: Cortez, 2004.</p> <p>BOSI, Alfredo. <b>História Concisa da Literatura brasileira</b>. São Paulo: Ed. Cultrix, 1989</p> <p>BURKE, Peter. <b>A escrita da História – Novas perspectivas</b>. São Paulo: UNESP, 1992</p> <p>GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. <b>Cordel – leitores e ouvintes</b>. Belo Horizonte: Autêntica, 2001</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>CERTEAU, Micheu de. <b>A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer</b>. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.</p> <p>CHARTIER, Roger. <b>Entre práticas e representações</b>. Lisboa: DIFEL, 1990; p. 121- 139; 165-187.</p> <p>DUTRA, Eliana Freitas e MOLLIER, J. Y. ( orgs). <b>Política, Nação e Edição</b>. O lugar dos impressos na construção da vida política Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII – XX. São Paulo: Anablume, 2006.</p>								



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA VIII	LABORATORIO DE ENSINO DE HISTÓRIA	30
<b>EMENTA</b>		
Discute a memória e história: conceitos e problemas teóricos e metodológicos. O estudo do local como objeto da história. Memória e história local: abordagens e práticas de ensino de História.		
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>		
1. Da natureza do conhecimento histórico: algumas discussões introdutórias. 1.1. As condições de produção do conhecimento histórico. 1.2. Pesquisa, escrita e teoria do conhecimento histórico.		
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>		
BURKE, Peter. <b>A Escrita da História</b> : novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. CERTEAU, Michel de. <b>A operação histórica</b> . In: Le GOFF, Jacques & NORA, Pierre. Org. <b>História</b> : novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. CHARTIER, Roger. <b>A história cultural</b> . Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1991. DIAS, Maria Odila Leite da S. <b>Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX</b> . São Paulo: Brasiliense, 1984. THOMPSON, Edward. <b>Prefácio</b> . A formação da classe operária. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Vol. 01.		
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>		
BENJAMIN, Walter. <b>Magia e técnica, arte e política</b> . Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. BOURDIER, Pierre. <b>O poder simbólico</b> . Lisboa: Difel, 1994. CERTEAU, Michel. <b>A invenção do cotidiano – artes do fazer</b> . Petrópolis: Vozes, 1994. CHARTIER, Roger. “ <b>História Positivista</b> ”. Verbetes do Dicionário A Nova História. Coimbra: Edições Almedina, 1981.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA

COMPONENTE CURRICULAR		
COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA I	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA	90
EMENTA		
Discute os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental (introdução); Legislação educacional da área de História nos níveis Fundamental, Médio e Superior; O livro didático de História; A História do ensino de História; Proposta de intervenção didática através de mini-curso ou oficina.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental (introdução);</li><li>2. Legislação educacional da área de História nos níveis Fundamental, Médio e Superior;</li><li>3. O livro didático de história;</li><li>4. A História do Ensino de História no Brasil;</li><li>5. O ensino de História Regional no Ensino Básico;</li><li>6. O ensino de História e o desenvolvimento de competências e habilidades;</li><li>7. Planejamento: concepções e procedimentos para o ensino de História.</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>BLOCH, Marc Leopold Benjamin. <b>Apologia da história, ou, O ofício do historiador</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.</p> <p>FONSECA, Selva Guimarães. <b>Didática e prática de ensino de história</b>. Campinas, SP: Papyrus, 2003.</p> <p>KARNAL, Leandro (org.). <b>História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas</b>. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>NUNES, Silma do Carmo. <b>Concepção de mundo no ensino de História</b>. Campinas: Papyrus, 1996.</p> <p>NILDECOF, Maria Teresa. <b>Ciências sociais na escola: para alunos de 12 a 16 anos</b>. São Paulo: Brasiliense, 1987.</p>		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
<p>ARIAS, José Neto (org.). <b>Dez anos de pesquisa em ensino de história</b>. Londrina: Atritoart, 2005.</p> <p>COUTO, Regina Célia. <b>Práticas pedagógicas, ensino de história e multiculturalismo: uma perspectiva de currículo</b>. Disponível em <a href="http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0507.htm">http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0507.htm</a> Acesso em: 20 fev. 2010.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>Política e educação: ensaios</b>. São Paulo: Cortez, 2001.</p>		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA II	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA	105
EMENTA		
Executa a proposta de intervenção na forma de mini-cursos, oficinas e projetos de extensão. Avalia coletivamente as experiências vivenciadas pelos alunos durante sua atuação docente nos diversos contextos sócio-educacionais.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Estágio: observação e intervenção<ol style="list-style-type: none"><li>1.1. Intervenção pedagógica na Educação Básica: possibilidades</li></ol></li><li>2. Projeto de intervenção didático-pedagógico: execução</li><li>3. Análise e reflexão dos limites e possibilidades do ensino de História na Educação Básica na região</li></ol>		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
BITTENCOURT, Circe. <b>O saber histórico na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 2002. CABRINI, Conceição et al. <b>O ensino de História</b> : revisão urgente. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. HORN, Geraldo B.; GERMINARI, Geysa D. <b>O ensino de História e seu currículo</b> : Teoria e método. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. <b>Estágio e Docência</b> . São Paulo: Cortez, 2004. VEIGA, I. (org.). <b>Técnicas de ensino</b> : Por que não? Campinas, SP: Papyrus, 1991.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
ANTUNES, Celso. <b>Manual de técnicas, de dinâmicas de grupo, de sensibilização, de ludopedagogia</b> . 23 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004. FONSECA, Thais N. de L. e. <b>História e Ensino de História</b> . Belo Horizonte: Autêntica, 2003.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR	ÁREA CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA III	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA	105
EMENTA		
Discute os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (História); A formação do professor de História; Estágio através de regência em uma turma do Ensino Fundamental.		
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
1. Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental (História); 2. A formação do professor de História; 3. O estágio supervisionado: natureza, saberes e práticas; 4. O currículo de História no ensino fundamental: concepções e práticas.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
ARIAS, José Neto (org.). <b>Dez anos de pesquisa em ensino de história</b> . Londrina: Atritoart, 2005. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. (org.). <b>O saber histórico na sala de aula</b> . 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006 _____. <b>Ensino de História: fundamentos e métodos</b> . São Paulo: Cortez, 2004. DINIZ, Leudjane Michelle Viegas & GUERRA, Fabiana de Paula. A incorporação de outras linguagens ao ensino de História. In.: <b>História &amp; Ensino: Revista do Laboratório de Ensino História</b> , Universidade de Londrina. nº 13. Londrina: Ed UEL, 2007. KARNAL, Leandro (org.). <b>História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas</b> . São Paulo: Contexto, 2003.		
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR		
LUPORINI, Teresa Jussara. <b>Formação contínua e Ensino de História: Uma possibilidade de utilização de imagens</b> . In. : <b>História &amp; Ensino: Revista do laboratório de ensino História</b> , Universidade de Londrina. nº 08. Londrina: Ed UEL, 2002. NUNES, Silma do Carmo. <b>Concepção de mundo no ensino de História</b> . Campinas: Papyrus, 1996. ROCHA, Ubiratan. <b>História, Currículo e cotidiano escolar</b> . São Paulo: Cortez, 2002.  DOCUMENTOS: Parâmetros Curriculares Nacionais: História/ Educação Fundamental. Brasília: SEF/ MEC, 1998.		



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

COMPONENTE CURRICULAR			ÁREA CURRICULAR			CARGA HORÁRIA		
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA IV			ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA			105		
EMENTA								
<p>Seminários de estágio. Parâmetros Curriculares Nacionais: História (Ensino Médio). Observação crítica nas séries que compõem o Ensino Médio. Participação em atividades complementares. Apresentação de planos de aula. Regência efetiva em uma turma do Ensino Médio. Elaboração de mini-cursos e/ou oficinas. Apresentação de relatório final.</p>								
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO								
<ol style="list-style-type: none"><li>1. História: novas fontes, novos objetos, novas abordagens no ensino;</li><li>2. Linguagens na sala de aula: transposição entre o saber e o fazer;</li><li>3. Formação continuada de professores;</li><li>4. Ensino de História em Caetité: realidade educacional;</li><li>5. Planejamento de Estágio;</li><li>6. Orientação de Estágio</li></ol>								
BIBLIOGRAFIA BÁSICA								
<p>BITTENCOURT, Circe Maria F. <b>Procedimentos metodológicos no ensino de História</b>. In: <b>Ensino de História: fundamentos e métodos</b>. São Paulo: Cortez, 2004. p. 225-235.</p> <p>_____. <b>Usos didáticos de documentos</b>. In: <b>Ensino de História: fundamentos e métodos</b>. São Paulo: Cortez, 2004. p. 327-350.</p> <p>FLORES, Elio Chaves. <b>Etnicidade e ensino de História: a matriz cultural africana</b>. Tempo, Niterói, v. 11, n. 21, p. 65-81, jun. 2006.</p> <p>FONSECA, Selva Guimarães. Como nos tornamos professores de História: a formação inicial e continuada. In: <b>Didática e prática de ensino de História: experiência, reflexões e aprendizados</b>. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 59-87.</p> <p>GARCIA, Tânia F. B. &amp; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. <b>A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História</b>. Caderno CEDES, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-318, set./dez. 2005.</p>								
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR								
<p>GASPARELLO, Arlette Medeiros. <b>Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira</b>. São Paulo: Iglu, 2004.</p> <p>_____. MAGALHÃES, Marcelo de Souza &amp; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). <b>Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas</b>. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2007.</p>								



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GERMINARI, Geysa Dongley & HORN, Geraldo Balduino. **O ensino de História e seu currículo**: teoria e método. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MATTOS, Hebe Maria. **O ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil**. In: ABREU, Martha & SOIHET, Raquel (orgs.). **Ensino de História**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 127-136.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### **3.9.7. Acervo Bibliográfico do Curso**

O acervo bibliográfico do Curso de História é constituído por exemplares de livros, além de periódicos, folhetos, obras de referência, dicionários, enciclopédias, teses, monografias, jornais, anuários, CD-ROOMs, DVDs, entre outros tipos de documentos, compreendendo as áreas do conhecimento e encontra-se no anexo II deste projeto. Destarte, o acervo do Curso de História, do *Campus VI*, conta com um número significativo de obras da área específica e afins. Isso possibilita maior diversificação e disponibilização de material para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ademais, os diversos Departamentos da UNEB integram um sistema unificado de biblioteca. Isso permite, ao discente do Curso, solicitar, de qualquer biblioteca dos demais *Campi*, livros que não façam parte do acervo bibliográfico do *Campus VI*.

### **3.9.8. Instalações Especiais e Laboratórios**

As problematizações e reflexões acerca do ensino de História, na atualidade, têm apontado para a necessidade de novos métodos e estratégias para redimensionar o conhecimento histórico na prática pedagógica realizada em sala de aula. Nesse sentido, torna-se indispensável empreender ações que permitam uma relação integradora entre teoria historiográfica, metodologia de ensino e pesquisa histórica, promovendo experiências de tradução do conhecimento histórico acadêmico para a realidade escolar e de construção de novas mediações para a realização do processo de ensino-aprendizagem. Assim, tem sido comum nos Cursos de Licenciatura em História a criação e implantação de Laboratórios de Ensino e Pesquisa com vistas a possibilitar um espaço institucional de produção, reflexão e socialização do próprio conhecimento histórico. O Colegiado do Curso de História, *Campus VI* conta com os seguintes espaços dessa natureza:





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

## **LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM DIDÁTICA DA HISTÓRIA**

O Laboratório de Pesquisas em Didática da História (LAPEDHI) é uma iniciativa do Núcleo de História Social e Práticas de Ensino (NHPE) e funciona como um polo de fomento de ações de pesquisa, ensino e extensão no campo da Educação Histórica. Por Educação Histórica estamos compartilhando da concepção que defende que o processo de ensino-aprendizagem em História deve ser baseado nos valores educativos da História e na pesquisa em todos os níveis de ensino, como forma de construção do conhecimento histórico. Assim, a função da didática na História não é mais transmitir conteúdos, mas sim oferecer condições para que todos os sujeitos envolvidos no processo educativo possam participar ativamente do “fazer” do conhecimento histórico. A importância da constituição de um espaço de discussão e pesquisas de temáticas como História do ensino de História, de material didático para o ensino de História, da organização do trabalho pedagógico dos docentes de História, de táticas e estratégias de ensino-aprendizagem da História no ensino fundamental e médio, da dimensão educativa do patrimônio histórico-cultural, do ensino de História local e regional na educação básica, da didática crítica da História e das Ciências Humanas, das Tecnologias da Informação e Comunicação e o ensino de História, entre outros, contribuirá para a formação do profissional de História.

Desde o início de seu funcionamento, em 2012, o LAPEDHI conta com auxílio financeiro de dois Projetos destinados ao financiamento de laboratórios, o Programa de Fortalecimento dos Grupos de Pesquisa, Atração, Interiorização e Fixação de Pesquisadores (PROFORTE) e Projeto de Fortalecimento de Laboratórios de Ensino, ambos da UNEB. O LAPEDHI conta com dois computadores, quatro estações de trabalho, vinte cadeiras, lousa, um armário de aço, arquivo com quatro gavetas, duas estantes de aço, uma câmera fotográfica. O LAPEDHI também abriga os seguintes projetos: Projeto de Pesquisa Escolas do Sertão da Bahia, Projeto de Extensão Trabalhando Pesquisas e Metodologias, que conta com uma bolsista de extensão, Projeto de Extensão Construção de materiais pedagógicos para o ensino de História; Projeto de ensino pesquisa e



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

extensão “O Cotidiano do Ensino médio e a formação inicial do professor de História: vivenciando as dinâmicas do ensino de História espaço-tempo escolar”, projeto de ensino, pesquisa e extensão que conta com vinte e três bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Além do Laboratório de Pesquisas em Didática da História, o DCH – VI no âmbito do desenvolvimento de pesquisas históricas, conta com o apoio do Núcleo de Estudos Africanos Afro-brasileiros e Indígenas, do Pólo Regional Acadêmico, do Museu do Alto Sertão da Bahia, do Arquivo Público Municipal de Caetité e do Centro de Estudos Literário Latino-Americano Floriano Martins, especificados a seguir:

### **NÚCLEO DE ESTUDOS AFRICANOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS**

A criação na Universidade do Estado da Bahia, Campus VI – Caetité, de um Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas (NEAABI), com caráter de pesquisa e extensão, tem o objetivo de acolher, debater e encaminhar as demandas trazidas para a Universidade por professores da escola básica, da rede pública e particular do município de Caetité e região e de iniciativas de estudos já em andamento no DCH VI, desenvolvidos por professores e alunos. Dessa forma, o Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas visa planejar e executar ações que permitam implementar a Lei 11.645/08 que altera a LDB, instituindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensinos fundamental e médio, públicos e privados. A Universidade tem papel fundamental na formação dos profissionais que atuam e/ou atuarão em tais estabelecimentos, bem como na ampliação do debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil, por isso a proposta do referido núcleo busca fomentar ações de pesquisa e extensão que culminem na formação e preparação de professores e alunos no que toca a história e cultura dos povos africanos na diáspora e dos povos indígenas.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### **POLO REGIONAL ACADÊMICO**

O Pólo Regional Acadêmico UNEB/DCH-VI, criado institucionalmente através do convênio celebrado entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o Tribunal de Justiça da Bahia (TJBA), publicado no Diário Oficial de 19/01/2012, visa estabelecer metas e atribuições de cooperação técnica entre o TJBA e a UNEB, por seu Departamento de Ciências Humanas (DCH), *Campus VI*, de Caetité, sob a coordenação do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL), vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE), para a transferência e preservação da massa documental histórico-judiciária produzida pelos Fóruns das 29 Comarcas que integram o Polo Regional Acadêmico da UNEB/DCH VI-Caetité. Preservar os documentos que possibilitam reconstituir a memória e história de ampla região e, ao mesmo tempo, propor uma dinâmica que as vivifique, é um dos objetivos centrais deste projeto. Trata-se, portanto, de um projeto em andamento, que tende a fortalecer o Curso de História da UNEB/ DCH-VI, pois se vincula a necessidade de prover fontes de pesquisa para historiadores e pesquisadores em geral, além de agregar a inserção de alunos do curso de História.

### **MUSEU DO ALTO SERTÃO DA BAHIA**

O projeto do Museu do Alto Sertão Baiano (MASB), nasceu no ano de 2011. Seu objetivo principal é criar um espaço para a guarda dos acervos arqueológicos, encontrados em Caetité, Igaporã e Guanambi – municípios do alto sertão baiano - especialmente após os licenciamentos realizados pelas empresas de energia eólica nesta região. Este projeto conta, desde o início, com a participação efetiva de professores e alunos do curso de História da UNEB/DCH-VI, uma vez que se reconhece a importância deste espaço para a comunicação de fontes arqueológicas que possibilitam recontar a história do alto sertão baiano a partir de uma perspectiva inovadora. Além disso, observa-se que a expectativa de implantação do MASB cria conseqüentemente, uma expectativa real para os



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

historiadores desta região de terem um espaço muito específico de pesquisa e atuação profissional.

## **ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ**

O Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC) foi criado em 1996, com a parceria da Prefeitura Municipal de Caetité, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). A criação deste órgão está indissociavelmente relacionada à iniciativa de professores do curso de História da UNEB/Caetité, que viram a necessidade de reunir a documentação histórica dispersa nas cidades do Alto Sertão da Bahia, com a finalidade de classificar, preservar e tornar acessível à pesquisa tal documentação. Desde a sua criação, a coordenação do Arquivo procurou ampliar as suas funções promovendo, frequentemente, encontros entre a comunidade acadêmica e a comunidade local e desenvolvendo projetos como: “Arquivo-Escola” (que visa orientar a organização de arquivos nas unidades escolares), “Digitalização de Acervos Históricos” (com o intuito de ampliar o acesso à pesquisa através de mídia digitalizada), e, mais recentemente, o “Polo Regional Documental” (que visa salvaguardar a documentação do Judiciário no Alto Sertão da Bahia). Através de projetos de monitoria de extensão, os alunos do curso de História têm a oportunidade de colaborar com esta instituição e ampliar seus conhecimentos sobre a documentação histórica do Alto Sertão da Bahia.

## **CENTRO DE ESTUDOS LITERÁRIO LATINO-AMERICANO FLORIANO MARTINS**

A proposta de criação do Centro de Estudos Literários Latino-americano Floriano Martins - é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL) com sede na UNEB, *Campus VI Caetité* - BA, surgida a partir da doação de mais de 2 mil títulos de livros feita pelo editor da Revista Agulha Floriano



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Martins. Um dos desafios do Centro de Estudos Literários é o de criar um espaço permanente para discussão, divulgação e, principalmente, intercâmbio entre a Cultura e a Literatura Brasileira, de fortes raízes Latinas, com as Culturas e as Literaturas produzidas em outras regiões da América Latina, objetivando ultrapassar os estreitos limites da academia e dialogar com as práticas e os saberes promovidos em outros ambientes de produção do conhecimento. Dessa forma, esse projeto também contribui para o fortalecimento do Curso de História da UNEB – DCH-VI, especificamente dos Eixos América e Brasil, abrindo possibilidades para os alunos e professores ressignificar o conhecimento histórico através do vasto universo da literatura.

### **3.9.9. Avaliação do Ensino Aprendizagem**

No Curso de História - Licenciatura da UNEB de Caetité, a avaliação do ensino e da aprendizagem é concebida como uma prática processual, policentrada e relacionada à construção do conhecimento. Abandonando a ideia da avaliação como instrumento de controle e limitação da atuação dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, as políticas avaliativas desenvolvidas no curso interpretam o erro ou o equívoco como momento do processo de construção do conhecimento que sinaliza, tanto ao educador quanto ao educando, como cada indivíduo articula seus pensamentos, a forma como constrói seus diversos saberes e suas diversas lógicas de compreensão do mundo. Nessa perspectiva, o processo classificatório dá lugar a uma prática avaliativa fundamentada no princípio da investigação constante sobre os significados do saber, construindo avaliações democráticas, enraizadas nos princípios da transparência, da impessoalidade e da moralidade, que apontam diretrizes para a conquista da qualidade acadêmica do curso.



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Segundo o Regimento Geral da UNEB, no seu artigo Art. 182.

A avaliação da aprendizagem é um elemento do processo pedagógico que visa subsidiar a construção do conhecimento, orientara a prática educativa docente e discente, tendo em vista o alcance dos objetivos do projeto pedagógico do curso [...] Parágrafo Único. A avaliação terá uma perspectiva processual e quando couber, interdisciplinar, realizada a partir de critérios explícitos, definidos com a participação dos docentes e discentes no plano de ensino da disciplina ou componentes curricular.

Com base no Regimento Geral, o projeto do curso de História aponta como fundamental na avaliação a observância dos princípios seguintes:

1. Cada professor deverá explicar, no início do semestre, a proposta de avaliação que será desenvolvida ao longo das diferentes atividades curriculares quanto aos princípios, às funções, objetivos e estratégias;
2. Entender a avaliação como prática processual, policentrada e relacionada à construção do conhecimento, levando-se em consideração a coresponsabilidade professor/aluno;
3. Estímulo a prática investigativa como perspectiva de avaliar o processo de ensino-aprendizagem;
4. Pensar as competências e habilidades relacionadas à prática da avaliação, buscando a construção da autonomia do aprendiz;
5. Privilegiar a prática de avaliação coletiva a partir da perspectiva interdisciplinar;



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

6. Desenvolver ao longo do semestre pelo menos 03 (três) avaliações para os componentes curriculares e 01 (uma) para as demais atividades curriculares.

No que diz respeito aos componentes curriculares, os docentes do curso possuem autonomia para definição das práticas avaliativas dos conteúdos por eles ministrados. A única padronização existente é a que define que a cada 15 horas de ensino o docente deve realizar uma atividade avaliativa para que os componentes com diferentes cargas horárias não apresentem discrepâncias frente à quantidade de avaliações. Em geral, os professores do Curso de História trabalham com avaliações que estimulam o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para os profissionais da área, como domínio da oralidade, apropriação da linguagem escrita e análise bibliográfica crítica.

Nesse sentido, seminários, resenhas, artigos e provas escritas constituem um pequeno conjunto dos instrumentos avaliativos utilizados pelos docentes do curso. Esses instrumentos, evidentemente, são entendidos enquanto ferramentas que auxiliam o professor no processo de ensino e aprendizagem, portanto, não esgotam em si mesmo. Entretanto, o professor deve estar atento quanto às opções teóricas que orientam a escolha por determinados instrumentos utilizados no processo de avaliação, pois, isso facilitará os objetivos estabelecidos no seu plano de curso, se eles foram atingidos ou não, se é necessário rever a sua metodologia ou estratégia utilizada durante as suas aulas.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### **3.10. PROGRAMAS E PROJETOS DE PESQUISA, DE EXTENSÃO E DE ENSINO**

O Curso de História - Licenciatura do *Campus VI*, da UNEB, vem consolidando as suas ações acadêmicas através da execução de projetos de pesquisa, extensão e ensino. O Curso de História, ao efetivar essas atividades, fins da própria universidade, possibilita aos discentes conhecerem os métodos e técnicas da pesquisa histórica e educacional, além de proporcionar momentos ricos de diálogo entre o saber produzido na academia e as demandas sociais relacionadas à sua área de formação. Soma-se a isso o fato de que a realização desses projetos permite, aos professores do Curso, experienciar a unidade entre teoria e prática no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, rompendo a visão tradicional que fragmenta a práxis pedagógica.

Os projetos desenvolvidos no Curso de História são financiados por várias agências públicas de fomento às ciências e tecnologias, sobretudo pela Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e pelas Pró-reitorias da própria UNEB e por financiamentos de variadas fontes, com destaque daqueles financiados pela FAPESB e CNPq. Importante destacar que tais projetos também se constituem como políticas de assistência estudantil, garantindo a permanência dos estudantes trabalhadores na instituição.

Dentre os projetos de ensino coordenados por professores do Curso de História podemos destacar os ligados ao Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID) da CAPES, que contam com 20 bolsistas. Esses projetos são desenvolvidos junto às escolas da educação básica, estreitando, dessa maneira, os laços institucionais, políticos e científicos entre a UNEB e as instituições de ensino das redes municipais da região denominada de Sertão Produtivo. Com isso, os docentes do curso têm contribuído, juntamente com os discentes bolsistas, para o fortalecimento da própria educação pública dessa região.





## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Nos projetos de pesquisa, por sua vez, há uma diversidade de situações. Da natureza dos projetos, alguns são desenvolvidos por iniciativa do docente, sem o financiamento de agências de pesquisa, por meio do trabalho voluntário dos estagiários, e outros foram selecionados em processo público de editais da FAPESB e/ou CNPq.



**Quadro 8 – Demonstrativo dos Projetos de Pesquisa**

Projeto	Objetivo	Coordenador(a)	Participação (Docentes / Discentes)	Período	Fase		
					P	E	C
História e memória: as negras comunidades do Alto Sertão à Bacia do Médio São Francisco (1985/2003)	Identificar a presença de comunidades negras remanescentes de Quilombos no Alto Sertão e Bacia do Médio São Francisco.	Nivaldo Dutra	Docente/discente	2007-2011	-	-	X
Casa da Cultura Popular de Caetité	Preservar a memória local, através da realização de atividades que tematizem as práticas culturais da região.	Paulo Henrique	Docente/discente	2007-2013	-	X	-
Arquivo Público Municipal de Caetité	Preservar em caráter permanente e corrente o acervo documental do município de Caetité e colocá-lo ao alcance da pesquisa e da comunidade local.	Paulo Henrique	Docente/discente	2007-2013	-	X	-
Arquivo-Escola: Preservação documental e arquitetônica	Promover atividades que destaquem a importância da preservação documental histórica e do seu manuseio adequado.	Paulo Henrique	Docente/discente	2007-2013	-	X	-
Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Caetité - os "Sertoins de Cima"	Produzir um vídeo-documentário (DVD) e Catálogo físico do Inventário da Cultura Material e Imaterial do Alto Sertão da Bahia.	Paulo Henrique	Docente/discente	2010-2013	-	X	-
Laboratório de Oralidade e Imagem - LABORAI	Desenvolver o estudo da memória coletiva, objetivando a preservação do patrimônio cultural local.	Zeze Rodrigues	Docente/discente	2012	-	-	X
Laboratório de Pesquisa em Didática da História	Montar e equipar um laboratório de Ensino de História que agregue alunos e egressos da UNEB e professores do ensino básico e promova a formação através de discussões sobre os aspectos teórico-metodológicos do ensino de História, da produção de material pedagógico e da pesquisa sobre a Didática da História.	Antonieta Miguel	Docente/discente	2012-2013	-	X	-
Polo Regional Acadêmico	Preservar o acervo de documentos das Comarcas que integram o Polo Regional Acadêmico e colocá-lo ao alcance da pesquisa.	Paulo Henrique	Docente/discente	2013	-	X	-
II Colóquio do NHIPE	Possibilitar o conhecimento e discussão das pesquisas desenvolvidas e o fortalecimento dos pesquisadores do NHIPE	Antonieta Miguel	Docente/discente	2013	-	X	-
Leituras de África nos Sertões: interfaces do ensino e da pesquisa	Refletir a teoria e metodologia acerca das representações sobre a África em diversas fontes contemporâneas, com singular atenção para os limites e as possibilidades do uso da literatura africana no ensino de História.	Edmar Ferreira	Docente/discente	2013	-	X	-



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Colegiado do Curso de História  
Campus VI – Caetitê

Projeto	Objetivo	Coordenador(a)	Participação (Docentes / Discentes)	Período	Fase		
					P	E	C
DCH - VI: 30 anos / Memória do Ensino Universitário no Alto Sertão da Bahia	O levantamento da memória acerca da implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetitê, hoje Departamento de Ciências Humanas - DCH / Campus VI da UNEB. Importa-nos identificar os desafios acerca da implantação da universidade na sociedade sertaneja, os embates e perspectivas.	Zeziro Rodrigues	Docente/discente	2013	-	X	-
História Política e Relações no sudoeste da Bahia (1989 a 1930)	Discutir acerca da história política do período denominado pela historiografia como Primeira República (1889-1930), tendo como eixo para observância algumas reflexões referentes aos valores, normas, ideias e tradições que regiam o comportamento político e a própria dinâmica econômico-social da região Sudoeste da Bahia.	João Reis Novaes	Docente/discente	2013	-	X	-
História e Formação do Pensamento Político na Época Moderna	Estudar a história e a formação do pensamento político na modernidade – séculos XVI-XVIII.	João Batista	Docente/discente	2012	-	-	X
VI Encontro de História	Debater, nos campos da historiografia, do ensino e a pesquisa, o papel da narrativa histórica e da ficção literária na teoria e metodologia da História e sua interface com outras áreas do conhecimento.	Luciana Correia	Docente/discente	2011-2012	-	-	X

Legenda: P – Planejamento, E – Execução, C – Conclusão



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Colegiado do Curso de História  
Campus VI – Caetité

**Quadro 9 – Demonstrativo dos Projetos de Extensão**

Projeto	Objetivo	Coordenador(a)	Participação (Docentes / Discentes)	Público alvo	Período	Fase		
						P	E	C
História e Memória? Caetité revisitada	Desenvolver o estudo da memória coletiva, objetivando a preservação do patrimônio cultural local.	Zequito Rodrigues	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2007-2011	-	-	X
Laboratório de Pesquisa em Didática da História	Montar e equipar um laboratório de Ensino de História que agregue alunos e egressos da UNEB e professores do ensino básico e promova a formação através de discussões sobre os aspectos teórico-metodológicos do ensino de História, da produção de material pedagógico e da pesquisa sobre a Didática da História.	Antonieta Miguel	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2012-2013	-	X	-
II Colóquio do NHIPE	Possibilitar o conhecimento e discussão das pesquisas desenvolvidas e o fortalecimento dos pesquisadores do NHIPE	Antonieta Miguel	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2013	-	X	-
Polo Regional Acadêmico	Preservar o acervo de documentos das Comarcas que integram o Polo Regional Acadêmico e colocá-lo ao alcance da pesquisa.	Paulo Henrique	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2013	-	X	-
Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Caetité - os "Sertoins de Cima"	Produzir um vídeo-documentário (DVD) e Catálogo físico do Inventário da Cultura Material e Imaterial do Alto Sertão da Bahia.	Paulo Henrique	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2010-2013	-	X	-
Arquivo Público Municipal de Caetité	Preservar em caráter permanente e corrente o acervo documental do município de Caetité e colocá-lo ao alcance da pesquisa e da comunidade local.	Paulo Henrique	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2007-2013	-	X	-
Arquivo-Escola: Preservação documental e arquitetônica	Promover atividades que destaquem a importância da preservação documental histórica e do seu manuseio adequado.	Paulo Henrique	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2007-2013	-	X	-
Casa da Cultura Popular de Caetité	Preservar a memória local, através da realização de atividades que tematizam as práticas culturais da região.	Paulo Henrique	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2007-2013	-	X	-
VI Encontro de História	Debater, nos campos da historiografia, do ensino e a pesquisa, o papel da narrativa histórica e da ficção literária na teoria e metodologia da História e sua interface com outras áreas do conhecimento.	Luciana Correia	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2011-2012	-	-	X



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Projeto	Objetivo	Coordenador(a)	Participação (Docentes / Discentes)	Público alvo	Período	Fase		
						P	E	C
África, Ásia, Europa: Encontros da História	Estudar as sociedades da África (Egito, África subsaariana), da Ásia (Arábia, China, Japão, Índia, Israel, Mesopotâmia, Pérsia) e da Europa (Grécia e Roma), buscando as interações culturais entre as mesmas, bem como mecanismos metodológicos para aplicação desses estudos no ensino de História.	Márcia Ribeiro	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2007-2010	-	-	X
Seminário de Estudos de Cidades	Proporcionar formas de identificação e preservação da documentação histórica e do patrimônio arquitetônico de maneira a instrumentalizar a pesquisa acadêmica sobre os sertões baiano.	Paulo Henrique	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2008-2009	-	-	X
II Encontro de História	Proporcionar momentos de partilha e aprendizagem acadêmica através das conferências, seminários, mini-cursos, palestras, mesas-redondas e demais atividades proporcionadas pelo Semana de História do Campus VI.	Zezito Rodrigues	Docente/discente	Comunidade Acadêmica	2007-2008	-	-	X

Legenda: P – Planejamento, E – Execução, C – Conclusão



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Colegiado do Curso de História  
Campus VI – Caetité

**Quadro 10 – Demonstrativo dos Projetos de Ensino**

Projeto	Objetivo	Coordenador(a)	Participação (Docentes / Discentes)	Público alvo	Período	Fase		
						P	E	C
Laboratório de Pesquisa em Didática da História	Montar e equipar um laboratório de Ensino de História que agregue alunos e egressos da UNEB e professores do ensino básico e promova a formação através de discussões sobre os aspectos teórico-metodológicos do ensino de História, da produção de material pedagógico e da pesquisa sobre a Didática da História.	Antonieta Miguel	Discente	Comunidade acadêmica	2012-2013	-	X	-
II Colóquio do NHIPE	Possibilitar o conhecimento e discussão das pesquisas desenvolvidas e o fortalecimento dos pesquisadores do NHIPE	Antonieta Miguel	Discente	Comunidade acadêmica	2013	-	X	-
Polo Regional Acadêmico	Preservar o acervo de documentos das Comarcas que integram o Polo Regional Acadêmico e colocá-lo ao alcance da pesquisa.	Paulo Henrique	Discente	Comunidade acadêmica	2013	-	X	-
Arquivo-Escola: Preservação documental e arquitetônica	Promover atividades que destaquem a importância da preservação documental histórica e do seu manuseio adequado.	Paulo Henrique	Discente	Comunidade acadêmica	2007-2013	-	X	-
VI Encontro de História	Debater, nos campos da historiografia, do ensino e a pesquisa, o papel da narrativa histórica e da ficção literária na teoria e metodologia da História e sua interface com outras áreas do conhecimento.	Luciana Correia	Discente	Comunidade acadêmica	2012	-	-	X
Visita ao Parque Estadual de Canudos	Aprofundar os conhecimentos acerca da Guerra de Canudos, sua relação com os processos de formação da República no Brasil, particularizando a natureza dos movimentos sociais no contexto da República.	Zeze Rodrigues	Discente	Comunidade acadêmica	2011	-	-	X
História, Memória e Oralidade: A África de todos Nós.	Promover a troca de Saberes acadêmicos e populares entre os participantes dinamizando as experiências individuais.	Nivaldo Dutra	Discente	Comunidade acadêmica	2010	-	-	X
África, Ásia, Europa: Encontros da História	Estudar as sociedades da África (Egito, África subsaariana), da Ásia (Arábia, China, Japão, Índia, Israel, Mesopotâmia, Pérsia) e da Europa (Grécia e Roma), buscando as interações culturais entre as mesmas, bem como mecanismos metodológicos para aplicação desses estudos no ensino de História.	Márcia Ribeiro	Discente	Comunidade acadêmica	2007-2010	-	-	X



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

Projeto	Objetivo	Coordenador(a)	Participação (Docentes / Discentes)	Público alvo	Período	Fase		
						P	E	C
II Encontro de História	Proporcionar momentos de partilha e aprendizagem acadêmica através das conferências, seminários, mini-cursos, palestras, mesas-redondas e demais atividades proporcionadas pelo Semana de História do Campus VI.	Zezeito Rodrigues	Discente	Comunidade acadêmica	2007-2008		X	

Legenda: P – Planejamento, E – Execução, C - Conclusão



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### 3.11. QUALIDADE ACADÊMICA

O Curso de História do DCH – VI em Caetité tem apresentado alguns números positivos quanto a sua qualidade acadêmica, os dados relacionados em processos anteriores do ENADE, pela Secretaria Acadêmica e pela Pró-Reitora de Ensino de Graduação evidenciam a sustentabilidade do curso, a viabilidade da sua proposta curricular e a sua capacidade de formação de professores-pesquisadores na área de história. Além de demonstrar o desenvolvimento regular das atividades básicas da graduação, os dados aqui apresentados também comprovam a contribuição que o Curso de História - Licenciatura tem dado ao objetivo da UNEB da democratização do acesso ao nível superior e da formação de profissionais habilitados e capacitados aos desafios da sociedade contemporânea.

O Curso tem se afirmado como o mais importante centro de formação de licenciados em história do Território do Sertão Produtivo. Atualmente 163 alunos estão matriculados. Desde a realização do seu primeiro processo seletivo para ingresso no curso, tem sido estável e significativo o número de interessados na licenciatura em história. A principal forma de ingresso no curso continua centrada no Vestibular, embora já exista uma nova política de acesso à Universidade através da oferta de um percentual das vagas pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU) do MEC.

Entre algumas informações relevantes para identificação da qualidade acadêmica do Curso de História, destaca-se o alto índice de frequência dos discentes, que atinge uma média geral de 90,53%, contribuindo para o desenvolvimento estável, contínuo e processual das atividades de ensino-aprendizagem. Em segundo lugar, observa-se o excelente nível de aprovação dos discentes nos componentes curriculares, evidenciando o desempenho positivo médio de 83,4%. Por fim, tem-se um índice de reprovação médio de 11,41%, que pode ser considerado como normal e sem comprometimento na qualidade efetiva do curso. Desta forma, a Licenciatura em História do *Campus VI* da UNEB pode ser considerada como um





## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

curso de graduação com grande participação discente, com satisfatório índice de aprendizagem e pequeno número de reprovações.

A previsão do número de concluintes do curso de história para o ano de 2013 é significativo, uma estimativa que supera a dos anos anteriores. Isso pode ser entendido por dois motivos, o primeiro é o fato da existência de um significativo número de alunos remanescentes, o que tem diminuído, por conta do segundo motivo, as políticas de permanência estudantil adotadas, nos últimos anos, pela Universidade do Estado da Bahia.

Ao analisar o desempenho acadêmico do Curso de História do *Campus VI* no ENADE, por meio da comparação com outros cursos do Estado da Bahia, em 2008, percebe-se um resultado bastante expressivo. Nesse ano a nota dos cursos de História da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no ENADE, foi de três pontos, enquanto a nota do Curso de História do *Campus VI*, foi de quatro pontos, o que evidencia, de certa forma, a qualidade do curso. Entretanto, no ENADE de 2011, por uma opção política, a maioria dos discentes do *Campus VI* não fez a atividade avaliativa proposta pelo ENADE, o que ocasionou um resultado pouco expressivo.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

**Tabela 22 – Evolução do Vestibular - Relação Candidato/Vaga**

Curso: História - Período de 2004 a 2013

Campus VI – Caetité/BA

Concorrência Geral

Ano	Inscritos	Vagas	Concorrência
2004	460	50	9,20
2005	398	50	7,96
2006	313	40	7,83
2007	320	40	8,00
2008	327	40	8,18
2009	191	40	4,78
2010	191	40	4,78
2011	234	32	7,31
2012	180	30	6,00
2013	188	30	6,27

Fonte: PROGRAD/GESEDI

**Tabela 23 – Concorrência por Opção de Inscrição**

Ano	Inscritos no Curso			Vagas			Concorrência		
	Optante		Não optante	Optante		Não optante	Optante		Não optante
	Negro	Indígena		Negro	Indígena		Negro	Indígena	
2004	163	0	297	20	0	30	8,15	0	9,90
2005	170	0	228	20	0	30	8,50	0	7,60
2006	158	0	155	16	0	24	9,88	0	6,46
2007	133	0	187	16	0	24	8,31	0	7,79
2008	89	8	230	16	2	22	5,56	4,00	10,45
2009	48	3	140	16	2	22	3,00	1,50	6,36
2010	62	4	125	16	2	22	3,88	2,00	5,68
2011	74	3	157	13	2	17	5,69	1,50	9,24
2012	59	1	121	12	2	18	4,92	0,50	6,72
2013	62	0	126	12	2	18	5,17	0,00	7,00

Fonte: PROGRAD/GESEDI



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

### Tabela 24 - Evolução do SiSU - Relação Candidato/Vaga

Curso: História - Período de 2011 a 2013

Campus VI – Caetité/BA

Concorrência Geral

Ano	Inscritos	Vagas	Concorrência
2011	373	8	46,63
2012	308	10	30,80
2013	321	10	32,10

Fonte: PROGRAD/GESEDI

### Tabela 25 - Concorrência por Opção de Inscrição

Ano	Inscritos no curso			Vagas			Concorrência		
	Optante		Não Optante	Optante		Não Optante	Optante		Não Optante
	Negro	Indígena		Negro	Indígena		Negro	Indígena	
2011	85	3	285	3	1	4	28,33	3,00	71,25
2012	94	7	214	4	1	6	23,50	7,00	35,67
2013	98	2	223	4	1	6	24,50	2,00	37,17

Fonte: PROGRAD/GESEDI

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

**Tabela 26 – Demonstrativo da Situação do Discente  
Formas de Ingresso – Período 2004 à 2013**

Ano	Vestibular	SISU	Portador de Diploma	Transferência Externa	Transferência Interna	Transferência Ex-Ofício	Total
2004.1	50	0	05	0	0	01	56
2004.2	0	0	0	0	0	0	0
2005.1	50	0	0	0	0	01	51
2005.2	0	0	0	0	0	0	0
2006.1	40	0	0	0	0	0	40
2006.2	0	0	05	0	01	0	06
2007.1	40	0	0	0	0	0	40
2007.2	0	0	0	0	03	0	03
2008.1	38	0	0	0	0	0	38
2008.2	0	0	0	0	01	0	01
2009.1	40	0	0	0	0	0	40
2009.2	0	0	0	0	0	0	0
2010.1	40	0	0	0	0	0	40
2010.2	0	0	01	0	01	0	02
2011.1	35	04	0	0	0	0	39
2011.2	0	0	0	0	0	0	0
2012.1	31	09	0	0	0	0	40
2012.2	0	0	0	0	0	0	0
2013.1	30	10	0	0	0	0	40
<b>Total</b>							<b>436</b>

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

**Tabela 27 - Demonstrativo da Situação do Discente  
Formas de Saída – Período 2004 à 2013**

Ano / Semestre	Concluintes	Abandonos	Transferências	Desistências Formalizadas	Cancelamentos	Falecimento	Total
2004.2	0	09	0	0	0	0	09
2005.1	0	07	0	0	0	0	07
2005.2	0	06	01	0	0	0	07
2006.1	0	06	02	0	01	0	09
2006.2	0	06	0	0	01	0	07
2007.1	0	12	0	0	0	0	12
2007.2	0	06	0	0	0	0	06
2008.1	11	03	01	0	0	0	15
2008.2	07	09	0	0	02	0	18
2009.1	28	08	01	0	0	0	37
2009.2	02	0	0	0	01	0	03
2010.1	10	03	0	0	02	0	15
2010.2	20	02	0	0	01	0	23
2011.1	24	08	0	0	04	0	36
2011.2	04	05	0	0	02	0	11
2012.1	15	03	0	0	01	01	20
2012.2	08	08	0	0	01	0	17
2013.1	21	0	0	0	0	0	21
<b>Total</b>							<b>273</b>

**Tabela 28 - Demonstrativo do Índice de Aprovação Reprovação e Frequência**

Ano/Semestre	Índice de Aprovação (IA)	Índice de Reprovação (IR)	Índice de Frequência (IF)
2004.1	81,0 %	19,0 %	82,6 %
2004.2	85,8 %	14,2 %	79,3 %
2005.1	84,6 %	15,4 %	88,7 %
2005.2	71,8 %	28,2 %	84,4 %
2006.1	84,9 %	15,1 %	88,6 %
2006.2	84,6 %	15,4 %	84,1 %
2007.1	93,4 %	6,6 %	92,4 %
2007.2	94,3 %	5,7 %	94,1 %
2008.1	89,9 %	10,1 %	92,0 %
2008.2	92,4%	7,6 %	94,3 %



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

Ano/Semestre	Índice de Aprovação (IA)	Índice de Reprovação (IR)	Índice de Frequência (IF)
2009.1	94,3%	5,7%	97,5%
2009.2	92,5%	7,5%	96,7%
2010.1	93,8%	6,2%	94,3%
2010.2	93,8%	6,2%	96,5%
2011.1	92,3%	7,7%	95,5%
2011.2	90,1%	9,9%	96,6%
2012.1	88,1%	11,9%	92,0%
2012.2	86,9%	13,1%	93,0%

Fonte: Secretaria Acadêmica do DCH - VI

**Tabela 29 - Demonstrativo de Concluintes e Previsão de Conclusão**

Ano	Concluintes			Previsão		
	1º Sem.	2º Sem.	Total	1º Sem.	2º Sem.	Total
2008	11	07	18	0	0	0
2009	28	02	30	0	0	0
2010	10	20	30	0	0	0
2011	24	04	28	0	0	0
2012	15	08	23	0	0	0
2013	21	0	21	0	30	30
2014	0	0	0	0	32	32

Fonte: Secretaria Acadêmica do DCH - VI

**Tabela 30 – Resultado obtido no ENADE**

Ano	Curso	ENADE Conceito
2005	História	4
2008	História	4
2011	História	1

Fonte: www.inep.gov.br.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetitê

### 3.12 CARACTERIZAÇÃO DOCENTE

O Curso de História do Departamento de Ciências Humanas Campus VI conta atualmente com 24 docentes em seu quadro, sendo 15 Mestres e 09 especialistas, dentre estes, 08 professores que se encontram em estudos do Doutorado. Em relação ao vínculo e regime de trabalho, os professores do Curso estão assim distribuídos: 20 professores efetivos e 04 professores contratados por seleção, na qual, 11 trabalham em regime de Dedicção Exclusiva, 12 professores com regime de 40 horas semanais e 01 com 20 horas semanais.

**Tabela 31 – Resumo da qualificação dos docentes do Curso de História, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI – Caetitê, 2013**

CARGA HORÁRIA	PÓS-GRADUAÇÃO												TOTAL	
	ESPECIALIZAÇÃO				MESTRADO				DOUTORADO					
	COMPLETO		EM CURSO		COMPLETO		EM CURSO		COMPLETO		EM CURSO		Nº DOCENTES	%
	Nº DOCENTES	%	Nº DOCENTES	%	Nº DOCENTES	%	Nº DOCENTES	%	Nº DOCENTES	%	Nº DOCENTES	%		
20 HORAS	01	4,2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01	4,2
40 HORAS	06	25,0	0	0	04	16,7	0	0	02	8,3	0	0	12	50,0
D.E.	01	4,2	0	0	04	16,7	0	0	06	25,0	0	0	11	45,8
TOTAL	08	33,3	0	0	08	33,3	0	0	08	33,3	0	0	24	100%

Fonte: Colegiado do Curso de História – DCH/Campus VI

O corpo docente do Departamento tem compromisso com a qualidade do ensino. São colaboradores possuidores de larga experiência profissional e acadêmica que os habilitam a trazer para a sala de aula, modernas práticas profissionais embasadas nas mais sólidas e inovadoras teorias da área específica e outras correlatas.

Os docentes são incentivados a realizar aprimoramentos profissionais, com isso o Departamento defere o afastamento dos docentes para realizar cursos de pós-



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

graduação, contribuindo para melhorar cada vez mais a qualificação do seu corpo docente. A política de capacitação e formação docente, na UNEB, encontra-se consolidada e institucionalizada, através da Resolução CONSU nº 462/2007 que fixa critérios e condições para acompanhamento e controle de afastamento de docente para cursos de pós-graduação em mestrado, doutorado e pós-doutorado; da Resolução CONSU nº 368/2006 que estabelece critérios e procedimentos para avaliação de desempenho acadêmico dos docentes para fins de promoção e progressão na carreira do magistério superior e da Resolução do CONSU nº 230/2003 que estabelecem diretrizes e critérios para concessão de Licença Sabática, as quais, priorizam o incentivo ao aperfeiçoamento e valorização do docente.





**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Colegiado do Curso de História  
Campus VI – Caetité

**Quadro 11 – Docentes do Curso**

DOCENTE	COMPONENTE CURRICULAR QUE LECIONA	QUALIFICAÇÃO		REGIME DE TRABALHO			FORMA DE INGRESSO	
		GRADUAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	20 h	40 h	D.E.	C	S
Ana Maria Oliveira Lima	- Fundamentação Teórica e Metodológica - Leitura e produção textual	Licenciada em Letras UESB / 2000	Especialização em Psicologia da Educação PUC-MG / 2002	-	X	-	X	-
Antonieta Miguel	- Estágio Supervisionado	Licenciatura em História UESB / 1991	Mestrado em História UFBA / 2000	-	-	X	X	-
Edmar Ferreira Santos	- África /Laboratório	Licenciado em História UEFS / 2000	Mestrado em Estudo Étnicos e Africanos/ Centro de Estudo Afro-Oriental UFBA / 2007	-	X	-	X	-
Fernanda de Oliveira Matos	- América/Laboratório	Licenciatura em História UNEB / 2005	Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia / FACINTER / 2008	-	X	-	-	X
Gabriela Amorim Nogueira	- Brasil	Licenciatura em História UNEB / 2008	Mestrado em História Regional e Local UNEB / 2011	-	X	-	-	X
Genilson Ferreira da Silva	- América/Laboratório	Licenciatura em História UESB / 1992	Doutorando em Educação e Contemporaneidade / UNEB Mestrado em Educação / UFBA / 2013	-	-	X	X	-
Isamary Roberta Ferreira Cézar	- Conhecimentos Pedagógicos	Licenciatura em Pedagogia UNEB / 2005	Especialização em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar e, em História e Cultura Afro-brasileira e Baiana FACCEBA / 2006	-	X	-	-	X
Jairo Carvalho do Nascimento	- Estágio Supervisionado em História /Laboratório	Licenciatura em História UESC / 2001	Doutorando em História / UFBA Mestrado em História Social UFBA / 2004	-	-	X	X	-
João Batista Vicente do Nascimento	- Europa	Licenciatura em História UESB / 1997	Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social / Fundação Visconde de Cairu / 2006	-	-	X	X	-



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas - DCH  
Colegiado do Curso de História  
Campus VI – Caetité

DOCENTE	COMPONENTE CURRICULAR QUE LECIONA	QUALIFICAÇÃO		REGIME DE TRABALHO			FORMA DE INGRESSO	
		GRADUAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	20 h	40 h	D.E.	C	S
João Reis Novaes	- Estágio Supervisionado em História /Laboratório	Licenciatura em História UESB / 2004	Mestrado em História Social UFBA / 2009	-	-	X	X	-
Jussara Telma Teixeira Lacerda	- Fundamentação Teórica e Metodológica	Bacharelado em Direito UFBA / 1974	Especialista em Metodologia do Ensino Superior UCSAL / 1978	-	X	-	X	-
Leandro Ferreira de Jesus	- Fundamentação Teórica e Metodológica	Licenciatura em Pedagogia UNEB / 2008	Especialista em Tecnologias em Educação PUC-RJ / 2010	-	X	-	-	X
Luciana Oliveira Correia	- Estágio Supervisionado em História /Laboratório	Licenciatura em História UESB / 2001	Doutoranda em Desarrollo Psicologico, Aprendizaje y Educación / Universidad de Alcalá. Mestrado em Educação / UFMG / 2004	-	-	X	X	-
Lielva Azevedo Aguiar	- Ásia/ Cultura Documental e Patrimonial	Licenciado em História UNEB / 2008	Mestrado em História Regional e Local UNEB / 2011	-	X	-	X	-
Manuel Raimundo Alves	- Fundamentação Teórica e Metodológica	Licenciatura em Filosofia / PUCCAMP / 1982	Mestrado em Educação / UNICAMP / 1987	-	X	-	X	-
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro	- Europa	Licenciatura em História 1995 / UESB	Doutorando em História Econômica / USP Especialista em Historia Social Antiga e Medieval / UESB / 1999	-	-	X	X	-
Marcos Profeta Ribeiro	- Fundamentação Teórica e Metodológica	Licenciatura em História USP / 1998	Mestrado em História PUC-SP / 2009	-	-	X	X	-
Maria Auxiliadora Ribeiro Ledo	- Conhecimentos Pedagógicos	Bacharelado em Psicologia UFBA / 1979	Especialista em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem UESB / 1998	-	X	-	X	-
Maria Lúcia P. S. Nogueira	- Brasil	Licenciatura em História FACFIL /1973	Doutoranda em História Social / Universidade do Estado de São Paulo Mestrado em História / PUC/SP / 2010	-	X	-	X	-



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	COMPONENTE CURRICULAR QUE LECIONA	QUALIFICAÇÃO		REGIME DE TRABALHO			FORMA DE INGRESSO	
		GRADUAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	20 h	40 h	D.E.	C	S
Maria Sigmar C. Passos	- Estágio Supervisionado em História /Laboratório	Licenciatura em História UFBA / 1999	Doutoranda em Educação / UFBA Mestrado em Educação e Contemporaneidade UNEB / 2006	-	X	-	X	-
Nivaldo Osvaldo Dutra	- Brasil	Licenciatura em História UFBA / 1993	Doutorando em História / PUC - SP Mestrado em História Social PUC-SP / 2007	-	-	X	X	-
Paulo Henrique Duque Santos	- Europa	Licenciatura em História UESB / 1991	Doutorando em História Social / USP Mestrado em História Social UNIRIO / 2001	-	-	X	X	-
Rosemária Joazeiro Pinto de Sousa	- Europa	Licenciatura em História UNEB / 1996	Especialização em andamento em Gestão Educacional / FHR Especialista em História do Brasil UESB / 1997	X	-	-	X	-
Zeze Rodrigues da Siva	- Brasil	Licenciatura em História UNEB / 1997	Especialista em História do Brasil UESB / 2001	-	-	X	X	-

Fonte: Departamento de Ciências Humanas/Campus VI/Caetité.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

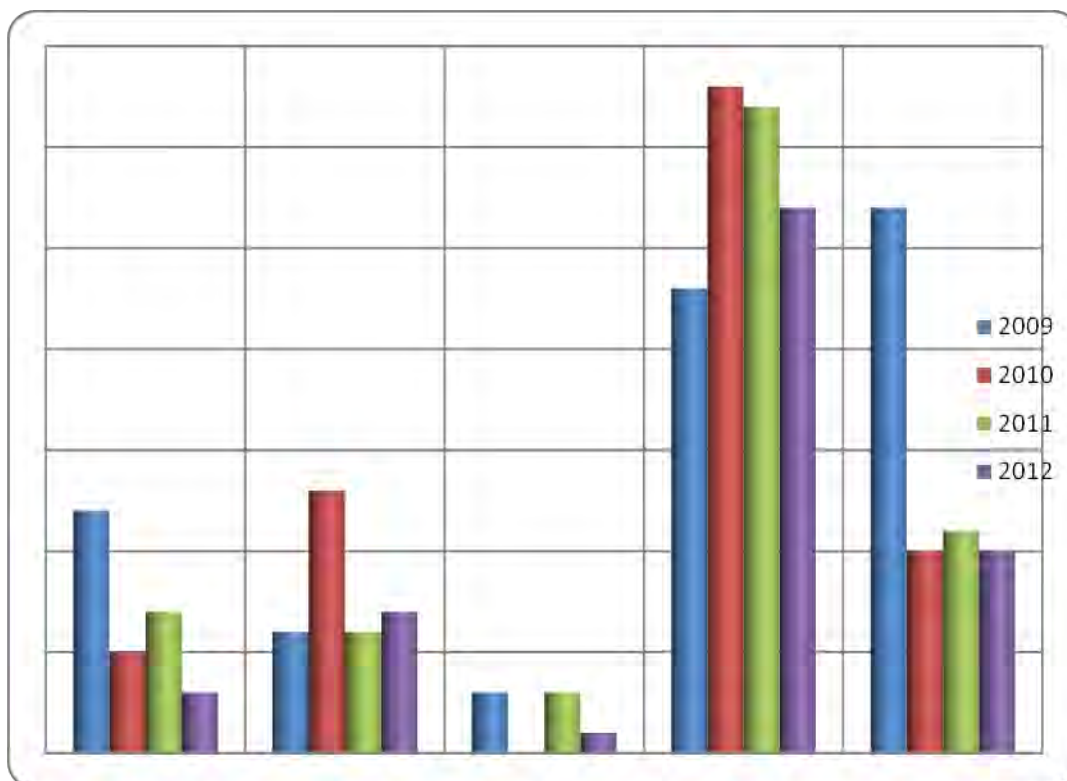
Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

Os professores do Curso de História tem apresentado um ritmo de produção acadêmica relativamente estável nos últimos anos. Segundo o gráfico apresentado a seguir, entre os anos de 2009 e 2012 houve uma produção regular que ultrapassou o ponto de três dezenas de trabalhos por ano. No que tange ao tipo dos trabalhos, observa-se a hegemonia da apresentação de pesquisas em seminários, congressos e encontros (48%), o que sinaliza a preocupação dos docentes em socializar os resultados de seus projetos de pesquisa e extensão. A quantidade de artigos completos e resumos publicados em Anais ou periódicos é significativa, alcançando o percentual de 25% da produção acadêmica. Mesmo com o menor índice de produção (3%), os capítulos e livros estão presentes no conjunto da produtividade dos docentes de História.

**Gráfico 2 - Evolução da Produção Acadêmica dos Docentes**



Fonte: Departamento de Ciências Humanas – Campus VI.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

**Gráfico 3 – Produções Acadêmicas**



Fonte: Departamento de Ciências Humanas – Campus VI.

**Quadro 12 – Resumo das Produções dos Docentes do Curso**

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
Ana Maria Oliveira Lima	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	LIMA, A. M. O. Linguagem, identidade e memória: reflexões sobre a formação docente. In: IX COLÓQUIO NACIONAL E II COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2011, VITÓRIA DA CONQUISTA. IX COLÓQUIO NACIONAL E II COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2011.
	Capítulos de livros publicados	LIMA, A. M. O. . Abordagem sobre as diversidades linguística e cultural: o discurso e o poder em sala de aula. In: Prof. Dr. Nilton Milanez; Profª Msda. Janaína de Jesus Santos. (Org.). Sujeitos díspares, identidades líquidas (E-book). Vitória da Conquista: , 2008, v. 01, p.
	Textos em jornais de notícias/revistas	LIMA, A. M. O. Magalhães, M. L. F. A NEGAÇÃO DAS DIVERSIDADES LINGÜÍSTICA E CULTURAL: uma reflexão sobre a prática docente. Ciência e desenvolvimento, Faculdades Independentes Norde, 27 nov. 2008.
Antonieta Miguel	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	MIGUEL, A.; MUSSI, I. R. C. A construção de materiais pedagógicos: ensino e pesquisa na formação do professor de História. In: VII Congresso Iberoamericano de Docência Universitária, 2012, Porto. Ensino superior: inovação e qualidade na docência. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2012. p. 5555-5571.
	Livros publicados/organizados ou edições	Erivaldo Fagundes Neves (Org.); MIGUEL, A. (Org.). Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Salvador: Arcadia, 2007. v. 01. 268p.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
Antonieta Miguel	Capítulos de livros publicados	Erivaldo Fagundes Neves; MIGUEL, A. Rota da cidade da Bahia a Jacobina. In: Erivaldo Fagundes Neves; Antonieta Miguel. (Org.). Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Salvador: Arcadia, 2007, v. 01, p.
Edmar Ferreira Santos	Capítulos de livros publicados	SANTOS, Edmar Ferreira. Memória e História Afro-Brasileira: experiências preservadas, recriadas e contadas pelo povo de santo na Bahia. In: Elizeu Clementino de Souza. (Org.). Memória, (Auto)Biografia e Diversidade: questões de método e trabalho docente. 1ed.Salvador-BA: EDUFBA, 2011, v. 1, p. 307-326.
	Capítulos de livros publicados	SANTOS, Edmar Ferreira . A "terra da macumba": política, imprensa e perseguição religiosa no Recôncavo baiano.. In: Valter Roberto Silvério; Fúlvia Rosemberg; Regina Pahim Pinto. (Org.). Relações Raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas.. 1ed.São Paulo: Contexto, 2011, v. 1, p. 51-72.
	Livros publicados/organizados ou edições	SANTOS, Edmar Ferreira. O poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. 1. ed. Salvador: Editora da UFBA, 2009. v. 1. 209p .
Fernanda de Oliveira Matos	Capítulos de livros publicados	MARQUES, Z. M. ; Marinalva Nunes Fernandes; MATOS, F. O. . Dom Juvêncio de Brito: O construtor da igreja de pedras e de homens. In: Zélia M. Marques, Marinalva N. Fernandes, Maria de Fátima N. Pires. (Org.). 100 anos de fé e missão nas terras sagradas do sertão. 1ªed.Salvador: Eduneb, 2013, v. 1, p. 93-102.
	Apresentações de Trabalho	MATOS, F. O. . Dom Juvêncio de Britto: um olhar sobre o sertão. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	MATOS, F. O. . Catedral de Senhora Santana: patrimônio histórico e cultural de Caetité. In: I Seminário do Grupo de Pesquisa, Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq): os sertões da Bahia., 2011, Caetité. I Seminário do Grupo de Pesquisa, Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq): os sertões da Bahia, 2011.
Gabriela Amorim Nogueira	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NOGUEIRA, G. A. . "Se casaram em minha presença". Casamentos de escravos e forros no "Certam de Sima do Sam Francisco": Práticas e significados (1730-1790). In: I Seminário do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq)., 2011, Caetité. Caderno de Resumos e Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq)., 2011. v. 1. p. 07-147.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NOGUEIRA, G. A. Vestígios de Experiências Familiares de escravos nas Fazendas Setecentistas do "Certam de Sima" (1730-1790). In: V Encontro Estadual de História: História e Memórias: lugares, fronteiras, fazeres e políticas., 2011, Salvador. V Encontro Estadual de História: História e Memórias: lugares, fronteiras, fazeres e políticas, 2010.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
Gabriela Amorim Nogueira	Resumos publicados em anais de congressos	NOGUEIRA, G. A. Famílias e Comunidades escravas na fazenda Itibiraba, século XVIII (Aspectos do povoamento do Certam de Sima do Sam Francisco). In: I Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2011, Bom Jesus da Lapa. Anais do I Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2011. v. 1.
Genilson Ferreira da Silva	Apresentações de Trabalho	SILVA, G. F. História conhecimento e história da educação: as dificuldades em se reconhecer a educação como campo do conhecimento histórico. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	SILVA, G. F. Genilson Ferreira da Silva. Consciência negra e transformação da realidade: a contribuição de Florestan Fernandes para inserção dos negros na educação. In: X JORNADA DO HISTEDBR: "História da Educação: intelectuais, memória e política", 2011, Vitória da Conquista. Jornada HISTEDBR, 2011. v. 2.
	Resumos publicados em anais de congressos	SILVA, G. F. Dimensões Ideológicas do Primeiro de Maio: Salvador 1900-1947. In: III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade, 2006, Caetité. Cultura, Poder e Diversidade - Livro de Resumos. Caetité, 2006. v. 1. p. 05-165.
Isamary Roberta Ferreira Cézar	Resumos publicados em anais de congressos	CÉZAR, I. R. F.; Miguel, Antonieta. A construção de materiais pedagógicos: ensino e pesquisa na formação do professor de História. In: VII Congresso Iberoamericano de Docência Universitária: Ensino Superior Inovação e Qualidade na Docência, 2012, Portugal. VII Congresso Iberoamericano de Docência Universitária: Ensino Superior Inovação e Qualidade na Docência, 2012.
	Apresentações de Trabalho	CÉZAR, I. R. F. Relação professor-aluno: implicações no processo de aprendizagem. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
	Apresentações de Trabalho	CÉZAR, I. R. F. Educação de Pessoas Jovens e Adultas - Algumas reflexões. 2004. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
Jairo Carvalho do Nascimento	Artigos completos publicados em periódicos	NASCIMENTO, J. C. Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. Fênix (Uberlândia), v. 5, p. 1-23, 2008.
	Livros publicados/organizados ou edições	NASCIMENTO, J. C. José Calasans e Canudos: a história reconstruída. Salvador: EDUFBA, 2008. v. 01. 200p
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NASCIMENTO, J. C. Memória e história do integralismo no interior da Bahia: o povoado de Itapuhy (Sul da Bahia, 1935-1936). In: VII Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória e Política, 2007, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do VII Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória e Política. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007. v. 1.
João Batista Vicente do Nascimento	Resumos publicados em anais de congressos	NASCIMENTO, João B. V. Gestão participativa e remuneração variável: uma análise na perspectiva dos gestores e cooperados da Cooperativa de Catadores Recicla Conquista. In: Publicação de Resumos de Dissertação, 2008, vitória da Conquista - Ba. Publicação de Resumos de Dissertação, 2008.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
João Batista Vicente do Nascimento	Apresentações de Trabalho	NASCIMENTO, João B. V. . Neoliberalismo e intervencionismo estatal: uma abordagem sobre a crise do capitalismo financeiro contemporâneo. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
	Apresentações de Trabalho	NASCIMENTO, João B. V. ; OLIVEIRA, J. S. . A Influência da Coluna Prestes na Vida Social e Política de Caetité(1926). 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
João Reis Novaes	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NOVAES, J. R. . História e Literatura: a trajetória de um chefe político em Tocaia Grande. In: VI Encontro Estadual de História/Povos indígenas, africanidades e diversidade cultural: produção do conhecimento e ensino, 2012, Ilhéus. Anais do VI Encontro de História: VI Encontro Estadual de História/Povos indígenas, africanidades e diversidade cultural: produção do conhecimento e ensino, 2012.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NOVAES, J. R. ; Alex Guimarães ; ALVES, D. P. L. ; MOREIRA, J. G. ; FLORES, P. L. P . RAINHAS DO LAR?: GÊNERO E EMPREENDEDORISMO NO RAMO DE PENSIONATOS EM VITÓRIA DA CONQUISTA. In: IX COLÓQUIO NACIONAL E II INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DAS CIÊNCIAS NA ATUALIDADE, 2011, Vitória da Conquista. DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DAS CIÊNCIAS NA ATUALIDADE, 2011.
	Apresentações de Trabalho	NOVAES, J. R. História e Literatura: a trajetória de um chefe político em Tocaia Grande. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
Leandro Ferreira de Jesus	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	JESUS, L. F. Integração de mídias na prática pedagógica: um projeto de ação em Iuiú-BA. In: I Seminário Acadêmico Interdisciplinar e II Seminário Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2013, Caetité-BA. Ensino, Pesquisa e Extensão: Experiências e Produção de Saberes na Universidade, 2013.
	Resumos publicados em anais de congressos	JESUS, L. F. Integração de mídias na prática pedagógica: um projeto de ação em Iuiú-BA. In: I Seminário Acadêmico Interdisciplinar e II Seminário Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2013, Caetité-BA. I Seminário Acadêmico Interdisciplinar e II Seminário Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2013.
	Apresentações de Trabalho	JESUS, L. F. Integração de mídias na prática pedagógica: um projeto de ação em Iuiú-BA. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
Luciana Oliveira Correia	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	Correia, Luciana Oliveira . O Programa de Iniciação à Docência Enquanto Maneira de Fomentar o Ensino Como Pesquisa no Curso de História. In: VII Congresso Iberoamericano de Docência Universitária: ensino superior, 2012, Porto. Ensino Superior: inovação e qualidade na docência. Porto, Portugal: CIIIE, 2012. p. 3083-3095.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	CORREIA, L. O. . Repensando o Estágio supervisionado em História: o que faz um historiador na escola de educação básica. In: II Colóquio de Práticas Pedagógicas Inovadoras na Universidade, 2011, Salvador. II Colóquio de Práticas Pedagógicas inovadoras na Universidade, 2011.
	Artigos completos publicados em periódicos	CORREIA, L. O. . AMÉRICA EN LOS MANUALES ESCOLARES ESPAÑOLES DE HISTORIA (1900-1940) : TRAYECTORIA DE UNA INVESTIGACIÓN. Revista HISTEDBR On-line, v. 1, p. 14-24, 2009.





# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
Lielva Azevedo Aguiar	Resumos expandidos publicados em anais de congressos	AGUIAR, L. A. 'A minha carta quase parece uma resposta': Possibilidades de Pesquisa nas Correspondências da Família Teixeira (segunda metade do século XIX - 1960). In: VI Encontro Estadual de História e XXIII Ciclo de Estudos Históricos: Povos Indígenas, Africanidades e Diversidade Cultural, 2012, Ilhéus - BA. Anais do VI Encontro Estadual de História e XXIII Ciclo de Estudos Históricos: Povos Indígenas, Africanidades e Diversidade Cultural., 2012.
	Resumos publicados em anais de congressos	AGUIAR, L. A. "Agora um pouco da política sertaneja": A trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924). In: Arquivo-Escola, 2011, Caetité. Arquivo-Escola, 2011.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	AGUIAR, L. A. ENTRE O SERTÃO E A CAPITAL: CAETITÉ NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.. In: III Simpósio ILB. Itinerários da Pesquisa Histórica: Métodos, fontes e Campos temáticos, 2010, Mariana/ MG. Anais do III Simpósio ILB, 2010.
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro	Livros publicados/organizados ou edições	RIBEIRO, Márcia Cristina Lacerda. Mosaico clássico: variações acerca do mundo antigo. 1. ed. Salvador: UFBA, 2012. v. 1. 316pp.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	RIBEIRO, Márcia Cristina Lacerda . Íon: a dimensão política subliminar na tragédia de Eurípedes. In: IV Conferência Internacional de História Econômica & VI Encontro de Pós Graduação em História Econômica, 2012, São Paulo. IV Conferência Internacional de História Econômica & VI Encontro de Pós Graduação em História Econômica, 2012.
	Artigos completos publicados em periódicos	RIBEIRO, Márcia Cristina Lacerda . Electra e Orestes: reconhecimento e espaço na tragédia grega. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 20, p. 251-276, 2010.
Marcos Profeta Ribeiro	Livros publicados/organizados ou edições	RIBEIRO, M. P. MULHERES e poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901-1927). 1. ed. São Paulo: Alameda, 2012. 228p.
	Livros publicados/organizados ou edições	PIRES, M. F. N. (Org.); MARQUES, Z. M. (Org.) ; RIBEIRO, M. P. (Org.) . História e memória: estudos sobre os sertões baianos. 1. ed. Salvador: Eduneb, 2012. v. 1. 268p.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	RIBEIRO, M. P. Mulheres: poderes herdados, poderes inventados. Alto Sertão da Bahia, 1895-1946.. In: I Seminário do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagens: os sertões da Bahia (GPCSL/CNPq), 2011. I Seminário do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Língua, 2011.
Maria Auxiliadora Ribeiro Ledo	Livros publicados/organizados ou edições	LEDO, M. A. R. (Org.) . Antes que desapareçam... Cuidados com a saúde, culinária, cantigas e brincadeiras infantis em Caetité. 2º. ed. Caetité-BA: COOPEC, 2005. v. 200. 144p .
	Demais tipos de produção técnica	LEDO, M. A. R. . REDE UNEB 2000. 2004. (Curso de curta duração ministrado/Outra).
	Livros publicados/organizados ou edições	LEDO, M. A. R. (Org.) . Antes que desapareçam... cantigas e brincadeiras infantis. 01. ed. Caetité-BA: Coopec, 1998. v. 200. 82p .
Maria Lúcia P. S. Nogueira	Artigos completos publicados em periódicos	NOGUEIRA, M. L. P. S. NOGUEIRA, R. H. P. NOGUEIRA, M. L. P. S. DIREITO, HISTÓRIA E LITERATURA: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS A PARTIR DA OBRA DE JOÃO GUMES. Interfaces Científicas Direito, v. 01, p. 9-26, 2012.



# UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
Maria Lúcia P. S. Nogueira	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NOGUEIRA, M. L. P. S. ; NOGUEIRA, Roberto Henrique Pôrto . Direito, História e Literatura: reflexões a partir da obra de João Gumes. In: XXI ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI/UFU, 2012, Uberlândia. Anais do XXI ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI/UFU. Florianópolis: Fundação Boiteaux, 2012. v. 1. p. 1-35.
	Capítulos de livros publicados	NOGUEIRA, M. L. P. S. História e literatura: algumas reflexões. In: Marcelo Flório; Roberto Coelho Barreiro Filho; Yvone Dias Avelino. (Org.). Olhares Cruzados: cidade, história, arte e mídia. 1ed.Curitiba: CRV, 2011, v. 1, p. 151-159.
Maria Sigmar C. Passos	Resumos publicados em anais de congressos	PASSOS, Mª Sigmar Coutinho . A Formação do Professor de História: reflexões sobre o Estágio Supervisionado. In: XXV Simpósio Nacional de História:História e Ética, 2009, Fortaleza. história e Ética: Simpósios Temáticos e Resumos, 2009.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	PASSOS, Mª Sigmar Coutinho . Fotografia e Ensino de História:aproximando o olhar. In: IV Encontro Anpuh- Bahia, 2008, Vitória da Conquista. Anais Eletrônicos IV Encontro Estadual de História ANPUH-BA, 2008.
	Artigos completos publicados em periódicos	LIMA Jr., Arnaud Soares de ; PASSOS, Mª Sigmar Coutinho . Reflexões sobre a concepção de tecnologia nas políticas educacionais brasileiras: o caso da Bahia. Educação e Cultura Contemporânea, v. 4, p. 01-194, 2007.
Nivaldo Osvaldo Dutra	Trabalhos técnicos	FONSECA, Humberto J. ; DUTRA, N. O. O Quinto Império: Profecia e Política na Defesa de Pe. Vieira Diante do Tribunal do Santo Ofício . 2012.
	Trabalhos técnicos	NOGUEIRA, Maria Lucia Porto S. ; DUTRA, N. O. . História e Literatura: algumas reflexões . 2012.
	Apresentações de Trabalho	DUTRA, N. O. . Mangazeiros ou Quilombolas: histórias, Memórias e Identidades dos Negros do Mangal/Barro Vermelho ( Urubu de Cima-Sec. XVIII-XXI-BA). 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
Paulo Henrique Duque Santos	Apresentações de Trabalho	SANTOS, P. H. D. . Preservação da memória histórica. 2012. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
	Resumos publicados em anais de congressos	SANTOS, P. H. D. Manifestações modernizadoras no alto sertão baiano - Caetité (1910-1920). In: Projeto Arquivo-Escola: preservação de documentos históricos, 2011, Caetité. Projeto Arquivo-Escola: preservação de documentos históricos, 2011.
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	SANTOS, P. H. D. . Manifestações modernizadoras no alto sertão baiano - Caetité (1910-1920). In: VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura, 2010, Aracaju. VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura. Aracaju, 2010
Rosemária Joazeiro Pinto de Sousa	Apresentações de Trabalho	SOUSA, R. J. P. A ORDEM DOS TEMPLÁRIOS COM ÊNFASE NO GRÃO MESTRADO DE JACQUES DEMOLAY. 2013. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
	Apresentações de Trabalho	SOUSA, R. J. P. UM POUCO DE NÓS, UM POUCO DE ÁFRICA. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
	Resumos publicados em anais de congressos	SOUSA, R. J. P. . NEGROS DOS PÉS VERMELHOS: RACISMO E PRECONCEITO NO SERTÃO DA BAHIA - CAETITÉ. In: IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH-BA HISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS., 2008, VITÓRIA DA CONQUISTA. HISTÓRIA: SUJEITOS, SABERES E PRÁTICAS, 2008.



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Departamento de Ciências Humanas - DCH

Colegiado do Curso de História

Campus VI – Caetité

DOCENTE	TIPO DE PRODUÇÃO	PUBLICAÇÃO
Zezito Rodrigues da Siva	Capítulos de livros publicados	SILVA, Z. R. PINA, P. K. C. Dom Manuel Reymundo de Mello (1915-1925): a Territorialização da Fé Católica. In: Zélia Malheiro Marques, Manivalva Nunes Fernandes, Maria de Fátima Novaes Pires. (Org.). 100 anos de fé e missão nas terras sagradas do sertão - Bahia. 1ed.Salvador - Bahia: EDUNEB, 2013, v. 1, p. 71-84.
	Apresentações de Trabalho	SILVA, Z. R. Arquivos, acervos, patrimônio e a preservação da memória histórica. 2011. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
	Trabalhos completos publicados em anais de congressos	NOVAES, M. F. P. ; SILVA, Z. R. SILVA, Z. R. O ALTO SERTÃO: UMA COMUNIDADE SERTANEJA NO LIMAR DO SÉCULO XX. In: I SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE CIDADES, 2002, CAETITÉ-BA. I SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE CIDADES.

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/>

### 3.12.1. Regime de Trabalho e Plano de Carreira

O trabalho docente da Universidade do Estado da Bahia é regido pela Lei nº 8.352/02 e pelo Estatuto do Magistério, Cap. V, Art. 16 a 21.

Pela citada lei, o professor pode ter sua carga horária de trabalho, assim distribuída:

- Professor de 20 horas: tempo mínimo e máximo em sala de aula, oito e dez horas semanais, respectivamente.
- Professor de 40 horas: tempo mínimo e máximo em sala de aula, doze e dezesseis horas semanais, respectivamente.
- Professor D.E.: cumprimento da mesma carga horária do professor de 40 horas, caso não esteja desenvolvendo atividades de projetos de pesquisa. Esta carga horária ainda poderá ser reduzida para o mínimo de oito horas semanais, se comprovado a realização de pesquisa ou extensão, liberação a critério do Departamento que o professor está vinculado.

Os professores ingressam no quadro de docentes da Universidade através de concurso público, nas condições prescritas pelo Estatuto do Magistério, em seu capítulo IV, artigos 9 a 10, o que é fielmente seguido pela UNEB.